



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc
LPq 2: EDUCAÇÃO, PRÁTICA PEDAGÓGICA E
FORMAÇÃO DO EDUCADOR



RITA DE CÁSSIA CHAGAS CARVALHO

***O QUE QUER UMA MULHER? CONSTITUIÇÃO DE PESQUISADORA
EM TEMPOS E ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS***



Reading Woman – Pierre-Auguste Renoir-1900

SALVADOR
2025

RITA DE CÁSSIA CHAGAS CARVALHO

***O QUE QUER UMA MULHER? CONSTITUIÇÃO DE PESQUISADORA
EM TEMPOS E ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), na LPq 2 Educação, *Práxis* Pedagógica e Formação do Educador, com vinculação ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representações Sociais (Geppe-rs) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas

SALVADOR
2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB: 5/918

C331q Carvalho, Rita de Cássia Chagas

O que quer uma mulher? Constituição de pesquisadora em tempos e espaços universitários / Rita de Cássia Chagas Carvalho .– Salvador, 2025.

233 f. : il.

Orientadora: Maria de Lourdes Soares Ornellas.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Campus. 2025.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Ensino Profissional - Bahia. 2. . I. Ornellas, Maria de Lourdes Soares. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

CDD:371.425098142

FOLHA DE APROVAÇÃO

O QUE QUER UMA MULHER? CONSTITUIÇÃO DE PESQUISADORA EM TEMPOS E ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS

RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, em 17 de dezembro de 2025, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas Farias
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Psicologia da Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Documento assinado digitalmente



ELIANA DE JESUS MENEZES
Data: 26/12/2025 21:44:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

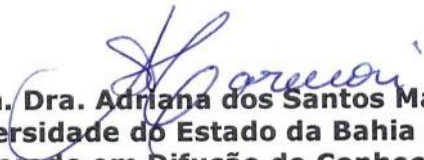
Profa. Dra. Eliana de Jesus Menezes
Universidade Federal de Sergipe - UFS
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Documento assinado digitalmente



JULIANA TASSARA BERNI
Data: 08/01/2026 17:02:46-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Juliana Tassara Berni
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Doutorado em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil



Profa. Dra. Adriana dos Santos Marmori Lima
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

À minha avó **Adalgisa Sampaio** (in memoriam),
Foi contigo que aprendi que o saber também mora nas cozinhas,
nos quintais, nas conversas demoradas de fim de tarde.
De ti herdei o gosto pelas perguntas, a coragem de sonhar e a fé
de quem planta, mesmo sem saber se o solo é fértil.
Hoje, cada palavra que escrevo é uma forma de continuar teu
gesto: semear o que nasce da alma.

Ao meu pai **José Carvalho** (in memoriam), farol de todas as rotas,
presença que o tempo não apaga.
Foi em teu silêncio que aprendi o valor da palavra, e em teu olhar,
a coragem de seguir quando o mar parecia maior do que eu.
De ti herdei a vontade de aprender, o amor pelos livros e a certeza
de que o estudo é o único barco que nunca naufraga.
A cada página escrita, senti tua mão me guiando, firme e paciente,
como quem ensina o caminho do vento.
Esta tese é também tua, feita de tua luz, de tua ausência e da
promessa que te fiz: continuar navegando, mesmo quando as
ondas cansam.

AGRADECIMENTOS

“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.”
(Gonzaguinha,1982).

Uma tese é o resultado de uma longa viagem, permeada por inúmeros desafios, tristezas, perdas, incertezas, alegrias e muitos percalços até chegar ao destino. Mas, apesar de ser uma viagem, em grande parte solitária, à qual qualquer pesquisadora está destinada, ela traz os contributos de várias “tantas pessoas”, indispensáveis para encontrar o melhor rumo em cada momento da jornada. De porto em porto, enfrentando tempestades e riscos de naufrágio, navegar por este mar chamado *Tese* só foi possível com o apoio, energia e força de várias presenças visíveis e invisíveis, a quem dedico especialmente este projeto de vida. Se cada maré me conduziu por caminhos incertos, foi a presença dessas pessoas que manteve o leme firme, lembrando-me que o destino é apenas uma parte da travessia e que o mais bonito está no percurso compartilhado.

A **Deus, aos Orixás e à espiritualidade** que me guia, pela dádiva da vida e por me consentir realizar tantos sonhos nesta existência. Gratidão por me permitir errar, aprender e crescer; por tanto entendimento e tolerância; pelo infinito amor; por suas vozes invisíveis que não me deixaram desistir. Nas horas mais silenciosas, quando o cansaço me cobria como bruma, senti a força ancestral que me sustentava. Foram eles que, no sopro do vento, no som das águas, lembraram-me que fé também é movimento, e que cada oração lançada ao mar é uma vela que se ergue na direção do possível.

Aos meus filhos **Giovana, Matheus e Bernardo**, por estarem sempre na torcida das minhas conquistas. A vocês, o meu amor maior. Foram a bússola em meio às tempestades, o farol nas noites em que a escrita parecia se perder. Cada sorriso, cada gesto de carinho, cada silêncio falante me lembrou que o amor é o verdadeiro norte de todas as travessias.

A **Maria**, minha neta, raio de luz, esperança e alegria em minha existência. Amor incondicional que renova o fôlego e acende o sentido do caminhar. Sua presença é como o sol que rompe o nevoeiro, promessa de que a vida continua florescendo, mesmo quando a pesquisa parece árida. Em cada traço de ternura, reencontro a doçura da vida que pulsa para além das páginas.

À minha avó **Adalgisa Sampaio** (in memoriam), admiradora sempre das minhas conquistas. Mulher forte e “curiosa” das coisas da vida, tenho um tanto dela em mim. Foi

inspiração para o meu encantamento com o objeto de pesquisa: Mulher. Em suas mãos firmes e palavras simples aprendi que o saber não está apenas nos livros, mas nos gestos cotidianos, nas histórias contadas à beira da vida. Trago dela o dom de olhar o mundo com espanto e coragem, a coragem de quem planta sementes mesmo quando o terreno parece árido.

Aos meus pais, **Zenaide Carvalho e José Carvalho** (in memoriam), dedico estas palavras com um coração transbordante de gratidão. Cada passo que dou em direção ao conhecimento é um tributo ao amor e ao sacrifício que vocês fizeram por mim. E especialmente ao meu pai... Sua presença era como um farol, iluminando os caminhos que antes pareciam sombrios e incertos. Lembro-me das suas palavras encorajadoras, sempre me dizendo que o aprendizado era a chave para abrir portas que eu nem sabia que existiam. Você, papai, não apenas me proporcionou ler e a escrever, mas também me mostrou a importância de sonhar, de buscar, de nunca desistir. A saudade é profunda, mas em cada conquista, em cada novo aprendizado, sinto que você está ao meu lado, guiando-me com seu amor eterno. Obrigada, papai, por cada sacrifício, por cada ensinamento. A sua memória vive em mim, e prometo continuar trilhando os caminhos que você tão carinhosamente me ajudou a descobrir. Que as águas do tempo levem minha gratidão até você, e que o amor continue sendo o porto que nos liga além da distância.

Ao meu afeto, amor da vida e para a vida, **Adilson Ferreira**, por sua paciência e incentivo. Agradeço por ser meu amor, minha paz e meu porto seguro. Foi ao seu lado que aprendi que amar é também permitir-se ancorar e, ao mesmo tempo, lançar-se ao mar. Sua presença discreta e firme foi o abrigo em meio aos temporais da escrita, lembrando-me sempre que o amor verdadeiro é o que sustenta o silêncio e celebra a travessia.

À **Profa. Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas**, agradeço pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação tão importantes. Orientação exemplar pautada por um elevado e rigoroso nível científico, um interesse permanente e fecundo, uma visão crítica e oportuna, um empenho inexecutável e saudavelmente exigente, os quais contribuíram para enriquecer a escrita realizada. Obrigada por acreditar em mim. Tenho certeza de que não chegaria ao destino previsto sem o seu apoio. Você foi e está sendo muito mais que orientadora: para mim será sempre mestra e amiga. Sua escuta generosa foi o leme que manteve esta embarcação em curso. Nos momentos de dúvida, sua palavra firme foi bússola. Nas horas de cansaço, seu olhar confiante foi vento nas velas. A travessia teria sido impossível sem a sua presença serena e ética, que transformou a orientação em um verdadeiro ato de partilha e construção.

Aos membros da banca examinadora, **Profª Dra. Adriana dos Santos Marmorini Lima, Profª Dra. Eliana de Jesus Menezes, Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza, Profª Dra. Juliana Tassara Berni**, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta tese, minha admiração e gratidão. Suas leituras generosas, olhares críticos e gestos de escuta trouxeram novos ventos a este barco. Cada contribuição é um farol aceso no horizonte, permitindo-me enxergar novas rotas e entender que o saber é, sempre, uma construção coletiva.

Aos **colegas do doutorado** que compartilharam comigo tantos momentos de aprendizado e angústia. Foram companheiros de jornada, remadores incansáveis quando o mar se tornava denso. Entre risos e cansaços, descobrimos que a travessia é menos pesada quando partilhada.

Aos colegas do **Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representações Sociais (Geppe-rs)**, pelas trocas, pela escuta e pelas oportunidades de crescimento e aprendizado. Cada encontro foi um porto de acolhimento e reflexão, onde pude aprender e escutar que o pensamento é mais fértil quando cultivado em grupo.

À amiga **Dra. Adriana dos Santos Marmorini Lima**, agradeço pela parceria que ultrapassa o trabalho e alcança o cuidado cotidiano. Sua amizade, sempre firme e delicada, foi presença importante nos momentos de dúvida e também nos de conquista. Obrigada pelo incentivo constante, pela confiança no que faço e por perceber os ritmos deste percurso, que às vezes exigiu silêncio e recolhimento. Levo comigo a força de uma amiga que apoia, escuta e acredita.

Aos meus amigos **Rosimare Lima, Daniele Pitanga, Caio Coelho e Eliane Pacheco**, agradeço por desejarem sempre o meu melhor e por me enxergarem com tanto respeito, como pessoa e como profissional. A presença de vocês trouxe leveza nos dias difíceis e alegria nos dias de fôlego. Obrigada pela irmandade que sustenta, acolhe e celebra junto.

À amiga **Dra. Gabriela Sousa Rêgo Pimentel** (in memoriam), pelas falas cuidadosas que me ajudaram a seguir firme, pelas orientações que sempre chegaram na hora certa, pelo abraço fraterno que amparou tantos dias difíceis e pela escuta generosa que nunca faltou. Sou grata por ter caminhado com alguém que orientou, acolheu e fez rir na medida exata.

Aos **amigos da vida** e aos **companheiros de trabalho**, obrigada por estarem, por me sustentarem, por me lembrarem quem sou quando o mar parecia me engolir. Vocês foram o sopro de humanidade entre as ondas acadêmicas, lembrando-me que o saber sem afeto perde o rumo. Um especial agradecimento a **Serafim Nossa**, por suas contribuições no designer.

Aos **professores do PPGEduC** pelo compromisso de fortalecer nossos conhecimentos em prol de uma educação de qualidade. Cada disciplina, cada debate, cada leitura foi um vento que impulsionou o barco da pesquisa em movimento.

Aos **técnicos do setor administrativo do PPGEduC**, sempre solícitos e cordiais, obrigada por serem o motor silencioso que mantém o navio da universidade em movimento.

Aos **sujeitos da pesquisa** da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I, mulheres professoras pesquisadoras, por compartilharem suas experiências na construção deste novo conhecimento. Sem vocês, este trabalho não seria possível. Meu respeito e gratidão. Cada uma constituiu uma estrela nesse mar noturno da pesquisa, iluminando caminhos e me mostrando que o feminino se escreve também nos gestos de coragem e escuta. Vocês me ensinaram que o saber nasce da vida e que cada fala é uma onda de sentido que nunca deixa de ecoar.

Para não concluir, àqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta tese, o meu sincero agradecimento. Ninguém vence sozinho... obrigada por cada presença/ausência, por cada gesto, por cada palavra bem dita e mal dita.

Se cheguei até aqui, foi porque muitas mãos sustentaram este barco. A cada uma delas, dedico o meu amor e a certeza de que nenhum porto se alcança só, bem como uma tese não se atraca em solitário.

Que este mar, agora mais calmo, leve consigo o eco de todos os nomes que fizeram parte desta travessia, pois, no fim, uma tese é uma embarcação coletiva movida pelo sopro da esperança e pelo desejo de continuar navegando e pesquisando no encanto do novo desejante. E que, ao tocar outras margens, este barco ainda carregue a memória dos que o impulsionaram, lembrando que cada conquista é também feita de mãos que seguram, de vozes que amparam e de presenças que iluminam o caminho. Que as próximas rotas encontrem ventos favoráveis e que o desejo que sustenta esta viagem siga abrindo horizontes.

“Perdi muito tempo até aprender que não se guarda palavras, ou você as fala, as escreve, ou elas te sufocam.”

Clarice Lispector

Resumo

A pesquisa doutoral intitulada “*O que quer uma mulher? Constituição de pesquisadora em tempos e espaços universitários*” tem como objeto mulher pesquisadora subjetivada na universidade e parte do problema: em quais contextos uma mulher se constitui como pesquisadora nos tempos e espaços universitários e quais as implicações presentificadas na subjetivação da sua condição feminina? Para responder a essa questão, traçou-se como objetivo geral investigar os desafios enfrentados pela mulher na construção da trajetória de pesquisadora na universidade, seus enfrentamentos, conquistas e as formas pelas quais as relações de poder atravessam a sua porção feminina. Como objetivos específicos: identificar as barreiras estruturais advindas das relações de poder enfrentadas no cotidiano do espaço acadêmico pela mulher pesquisadora e que impactam sua atuação; escutar de que modo a universidade contribui para a constituição da mulher pesquisadora na perspectiva de romper com a lógica dicotômica entre o masculino e o feminino; e explorar as experiências subjetivas da mulher pesquisadora, refletindo sobre seus múltiplos papéis e influências na produção do saber e do conhecimento no contexto universitário, considerando espaços e tempos de prazer e desprazer. A estrutura da pesquisa foi sustentada por uma escuta epistemológica inspirada nos escritos da psicanálise freudiana e lacaniana, aliada a uma metodologia de natureza qualitativa, assentada no tripé: lócus, sujeitos e dispositivos. O *lócus* da pesquisa foi a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I – Salvador. As participantes foram três professoras pesquisadoras, selecionadas pelo critério do desejo de participar. Embora o foco desta investigação esteja na constituição da mulher pesquisadora na universidade, as participantes do estudo são professoras pesquisadoras. Essa delimitação diz respeito ao recorte empírico e não implica uma discussão específica sobre o campo da docência, que aqui não configura categoria de análise. Os dispositivos de colheita utilizados foram a entrevista semiestruturada (Ornellas, 2019, 2011) e o desenho (Trinca, 2013, 2020; Aiello Vaisberg, 1991, 1999), aplicados como vias de expressão simbólica do discurso. O material produzido passou por leitura descritiva e escuta analítica, sendo posteriormente analisado à luz da Análise de Discurso francesa e brasileira (Pêcheux, 2009, 1988; Orlandi, 2015, 2003, 2007, 1999, 1998). A análise dos desenhos, articulada às entrevistas, possibilitou detectar o dito, o não dito e o interdito manifestos nas cores, formas e composições das produções gráficas. Os discursos manifestos e latentes inscritos nas falas e nos traços das participantes revelaram as tensões entre o ser mulher e o ser pesquisadora no espaço acadêmico. A análise evidenciou que a universidade opera simultaneamente como campo de legitimação e de silenciamento, constituindo-se em território de deslocamentos identitários, resistências e reinvenções. Os achados apontam que a constituição da mulher pesquisadora é atravessada por múltiplas vicissitudes, em que o prazer e o desprazer coexistem na travessia entre o desejo de saber e as exigências institucionais. (In)conclui-se que ser pesquisadora é sustentar-se no entre, na tensão entre o reconhecimento e a falta, elaborando cotidianamente a própria possibilidade de ex-sistir e produzir conhecimento em um espaço marcado por uma ambiência que testa uma *inexistência-leza* e a desigualdade de gênero na ciência.

Palavras-chave: mulher pesquisadora; feminilidade; pesquisa; universidade; psicanálise & educação.

Résumé

La recherche doctorale intitulée « Que veut une femme ? La construction de la chercheuse dans l'espace et le temps universitaires » s'intéresse à la subjectivation de la chercheuse au sein de l'université et aborde la question suivante : dans quels contextes une femme se constitue-t-elle en tant que chercheuse dans l'espace et le temps universitaires, et quelles sont les implications pour la subjectivation de sa condition féminine ? Pour y répondre, l'objectif général était d'étudier les défis rencontrés par les femmes dans la construction de leur parcours de chercheuse à l'université, leurs confrontations, leurs réussites et la manière dont les rapports de pouvoir imprègnent leur expérience féminine. Les objectifs spécifiques étaient les suivants : identifier les barrières structurelles issues des rapports de pouvoir auxquels les chercheuses sont confrontées quotidiennement dans l'espace académique et qui ont un impact sur leur performance ; comprendre comment l'université contribue à la construction de la chercheuse dans une perspective de rupture avec la logique dichotomique entre masculin et féminin ; et explorer les expériences subjectives de la chercheuse, en réfléchissant à ses multiples rôles et influences dans la production du savoir et l'apprentissage dans le contexte universitaire, en considérant les espaces et les moments de plaisir et de déplaisir. La structure de la recherche s'appuyait sur une écoute épistémologique inspirée des écrits de la psychanalyse freudienne et lacanienne, combinée à une méthodologie qualitative articulée autour du triptyque : lieu, sujets et dispositifs. Le lieu de recherche était l'Université d'État de Bahia (UNEB), Campus I – Salvador. Les participantes étaient trois professeures-chercheuses, sélectionnées sur la base de leur volonté de participer. Bien que cette étude porte sur la place de la chercheuse à l'université, les participantes sont des professeures-chercheuses. Cette délimitation se rapporte au champ empirique et n'implique aucune discussion spécifique sur le domaine de l'enseignement, qui n'est pas ici analysé. Les dispositifs de collecte de données utilisés étaient l'entretien semi-directif (Ornellas, 2019, 2011) et le dessin (Trinca, 2013, 2020; Aiello Vaisberg, 1991, 1999), employés comme moyens d'expression symbolique du discours. Le corpus produit a fait l'objet d'une lecture descriptive et d'une écoute analytique, puis a été analysé à la lumière de l'analyse du discours française et brésilienne (Pêcheux, 2009, 1988; Orlandi, 2015, 2003, 2007, 1999, 1998). L'analyse des dessins, articulée avec les entretiens, a permis de déceler le dit, le non-dit et l'interdit qui se manifestent dans les couleurs, les formes et les compositions des productions graphiques. Les discours manifestes et latents inscrits dans les paroles et les traits des participantes ont révélé les tensions liées au fait d'être une femme et une chercheuse dans l'espace universitaire. L'analyse a montré que l'université fonctionne simultanément comme un champ de légitimation et de mise sous silence, se constituant comme un territoire de transformations identitaires, de résistance et de réinventions. Les résultats indiquent que la construction de la chercheuse est traversée par de multiples vicissitudes, où plaisir et déplaisir coexistent dans le parcours entre le désir de savoir et les exigences institutionnelles. Il apparaît ainsi qu'être chercheuse signifie se maintenir dans l'entre-deux, dans la tension entre reconnaissance et manque, en élaborant quotidiennement la possibilité même d'exister et de produire du savoir dans un espace marqué par un environnement qui met à l'épreuve une inexistence – la faiblesse et l'inégalité de genre en science.

Mots-clés : femme chercheuse ; féminité ; recherche ; université ; psychanalyse et éducation.

Resumen

La investigación doctoral titulada “¿Qué quiere una mujer? La constitución de la investigadora en los espacios y tiempos universitarios” se centra en la subjetivación de la investigadora en la universidad y aborda el siguiente problema: ¿en qué contextos se constituye una mujer como investigadora en los espacios y tiempos universitarios, y cuáles son las implicaciones para la subjetivación de su condición femenina? Para responder a esta pregunta, el objetivo general fue investigar los desafíos que enfrentan las mujeres al construir su trayectoria investigadora en la universidad, sus confrontaciones, logros y las formas en que las relaciones de poder impregnan su experiencia femenina. Los objetivos específicos incluyeron: identificar las barreras estructurales derivadas de las relaciones de poder que enfrentan diariamente las investigadoras en el ámbito académico y que impactan su desempeño; comprender cómo la universidad contribuye a la constitución de la investigadora desde la perspectiva de romper con la lógica dicotómica entre masculino y femenino; y explorar las experiencias subjetivas de la investigadora, reflexionando sobre sus múltiples roles e influencias en la producción de conocimiento y aprendizaje en el contexto universitario, considerando espacios y momentos de placer y displacer. La estructura de la investigación se fundamentó en una escucha epistemológica inspirada en los escritos del psicoanálisis freudiano y lacaniano, combinada con una metodología cualitativa basada en el tríode: lugar, sujetos e instrumentos. El lugar de la investigación fue la Universidad Estatal de Bahía (UNEB), Campus I – Salvador. Las participantes fueron tres profesoras investigadoras, seleccionadas por su deseo de participar. Si bien el enfoque de esta investigación radica en la constitución de la investigadora en la universidad, las participantes son profesoras investigadoras. Esta delimitación se refiere al alcance empírico y no implica una discusión específica sobre el ámbito de la docencia, que no constituye una categoría de análisis en este estudio. Los instrumentos de recolección de datos utilizados fueron la entrevista semiestructurada (Ornellas, 2019 2011) y el dibujo (Trinca, 2013, 2020; Aiello Vaisberg, 1991, 1999), aplicados como medios de expresión simbólica del discurso. El material producido fue sometido a lectura descriptiva y escucha analítica, y posteriormente analizado a la luz del Análisis del Discurso francés y brasileño (Pêcheux, 2009,1988; Orlandi, 2015, 2003, 2007,1999,1998). El análisis de los dibujos, articulado con las entrevistas, permitió detectar lo dicho, lo no dicho y lo prohibido, manifestados en los colores, las formas y las composiciones de las producciones gráficas. Los discursos manifiestos y latentes inscritos en el habla y los trazos de las participantes revelaron las tensiones entre ser mujer e investigadora en el ámbito académico. El análisis mostró que la universidad opera simultáneamente como un campo de legitimación y silenciamiento, constituyéndose como un territorio de cambios de identidad, resistencia y reinenciones. Los hallazgos indican que la constitución de la mujer investigadora está atravesada por múltiples vicisitudes, en las que el placer y el displacer coexisten en el camino entre el deseo de saber y las exigencias institucionales. Se concluye que ser investigadora implica mantenerse en la ambigüedad, en la tensión entre el reconocimiento y la carencia, elaborando a diario la posibilidad misma de existir y producir conocimiento en un espacio marcado por un entorno que pone a prueba la inexistencia, la debilidad y la desigualdad de género en la ciencia.

Palabras clave: mujer investigador; feminidad; investigación; universidad; psicoanálisis y educación.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Teorias e constructos abordados na pesquisa	38
Quadro 2 - Pesquisas científicas encontradas com o descritor “Mulheres Pesquisadoras”, – CAPES (2020-2024).....	52
Quadro 3 – Perfil biográfico dos sujeitos da pesquisa.....	60
Quadro 4 - Mapa das Marés de Sentido.....	192
Quadro 5- Derivas do dizer: perguntas que não pedem resposta.....	195

Lista de Figuras

Figura 1 - Fita de Moebius	116
Figura 2 - Fotografia do desenho elaborado por Tetis.....	116
Figura 3 - Fotografia do desenho elaborado por Eurinome.....	182
Figura 4 - Fotografia do desenho elaborado por Galateia.....	186

Lista de Abreviaturas e Siglas

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

MPEJA - Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DEDC I - Departamento de Educação do Campus I

PPGEduc - Pós-graduação Stricto Sensu do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

GESTEC - Programa Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação

SESEB - Superintendência de Ensino Superior da Bahia

CETEB - Centro de Educação Técnica da Bahia

FAMESF - Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco

FFPA - Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas

FFPJ - Faculdade de Formação de Professores de Jacobina

FFPSA - Faculdade de Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus

FFCLC - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité

FFCLJ - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro

TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

RBMC - Rede Brasileira de Mulheres Cientistas

Lista de Mapas

Mapa 1- Multicampia UNEB	55
Mapa 2 – Docentes UNEB	56
Mapa 3 – Gestão de Pessoas UNEB.....	56

SUMÁRIO

PRÓLOGO: ENTRE TEMPO(S) E ESPAÇOS EM MARES(S) DA TRAVESSIA.....	18
PORTO I - NAVEGAR É PRECISO, PESQUISAR É ARRISCAR-SE: NOTAS INTRODUTÓRIAS EM BUSCA DO OBJETO.....	27
PORTO II - BÚSSOLA METODOLÓGICA: NO RUMO QUE FALTA E MOVE	43
2.1 PERSPECTIVA DA ROTA: RUMO A PESQUISA QUALITATIVA	44
2.2 CORRENTE DE SENTIDO E NÃO-SENTIDO: O MÉTODO CLÍNICO PSICANALÍTICO COMO ÉTICA DE FALA E ESCUTA.....	48
2.3 NAVEGAÇÃO: MAPAS EM BUSCA DO ESTADO DO CONHECIMENTO	50
2.4 DESTINO À VISTA: UNIVERSIDADE COMO O LÓCUS DA PESQUISA	53
2.5 TRIPULAÇÃO: SUJEITOS DA PESQUISA	57
2.6 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO: DISPOSITIVOS DE PESQUISA	60
2.6.1 Entrevista semiestruturada a bordo	60
2.6.2 Desenho, título e história em terra.....	65
2.7 ALÉM -MARES: ANÁLISE DE DISCURSOS	68
2.8 COLHEITA DISCURSIVA NO CAMPO EMPIRÍCO	71
2.8.1 Desenvolvimento do corpus: entrevista e desenho com título e história	72
PORTO III- TRAVESSIA DA MULHER: MAIS AINDA, DA PESQUISA E DA CIÊNCIA.....	75
3.1 MULHER NA HISTÓRIA: VIAGEM DE PRAZER E DESPRAZER	76
3.2 MULHER NO BALANÇO DA PSICANÁLISE: DESBRAVANDO O “DARK CONTINENTE” (FREUD) E “A MULHER NÃO EXISTE” (LACAN)	83
3.3 MULHER NA CIÊNCIA: AFLUÊNCIAS NO ENFRENTAMENTO, RESISTÊNCIA E CONQUISTA	93
3.3.1 Breve histórico da mulher na ciência: afluições no enfrentamento.....	94
3.3.2 A Influência das Redes de Apoio: resistência e conquista	98
3.4 FEMINILIDADE PERDIDA: TORNAR-SE MULHER, O DESPERTAR PARA UMA NOVA ROTA	100
PORTO IV - MARÉ DE SABERES: DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE.....	107
4.1 PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO IM(POSSIVEL)?	108
4.2 PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA: TRIÁDE INFINITAMENTE MOEBIANA	114
PORTO V - COSTEANDO O INDIZÍVEL: DISCURSOS DESVELADOS, DESENHOS EXPRESSIVOS.....

5.1 NAVEGAR É ESCUTAR: ENTRE O DITO, NÃO DITO, INTERDITOS, DESENHOS QUE SE REVELAM	122
5.1.1 Deslegitimação epistêmica do saber feminino.....	126
5.1.2 Relações de poder e silenciamento	136
5.1.3 Feminilidade além da norma.....	145
5.1.4 A universidade como espaço de deslocamentos identitários.....	154
5.1.5 Multiplicidade de papéis e tensões entre vida pessoal e acadêmica.....	164
5.1.6 Derivas traçadas: o discurso que se revela nos desenhos.....	174
5.1.6.1 Sujeito da pesquisa : Tétis.....	172
5.1.6.2. Sujeito da pesquisa :Eurinome.....	177
5.1.6.3 Sujeito da pesquisa:Galateia	181
5.2 CARTOGRAFIA DAS MARÉS: TRAÇOS , SENTIDOS E MARCAÇÕES	190
5.3 RESTO DO DIZER: PERGUNTAS QUE NÃO PEDEM RESPOSTA	194
PORTO VI: (IN)CONCLUSÕES: O QUE ACASO SE DESTINA?.....	199
REFERÊNCIAS.....	211
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	224
APÊNDICE 2 - DESENHO-TÍTULO- HISTÓRIA.....	226
ANEXO 1.....	224
ANEXO 2.....	229

PRÓLOGO: ENTRE TEMPO(S) E ESPAÇOS EM MARES(S) DA TRAVESSIA

“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
 “Navegar é preciso; viver não é preciso.”
 Quero para mim o espírito desta frase, transformada
 A forma para a casar com o que eu sou: Viver não
 É necessário; o que é necessário é criar. “
 (Fernando Pessoa)

“*Navegar é preciso, viver não é preciso*” (Pompeu, 106-48 a.C.). O mar é rememorado na literatura há longa data, essa célebre frase, empregada por um general romano, imortalizou-se tempos depois em um poema de Fernando Pessoa. Era pronunciada aos marinheiros que, tomados pelo medo, recusavam-se a navegar durante a guerra. Capturando à primeira parte do verso, navegar é uma tarefa muito parecida com o ato de viver, com o movimento de se fazer sujeito, já que ambas exploram um espaço que, a princípio, é desconhecido, mas que, na maioria das vezes, revela fabulosas histórias, experiências e aventuras únicas, que também me escrevem.

Essa citação evoca a ideia de que a busca pelo conhecimento e a construção intelectual não são pontos de chegada, mas movimentos contínuos, gestos que sustentam o sujeito em meio às incertezas e imprecisões da vida. Essa tensão ressoa profundamente na minha trajetória de mulher na universidade, que entre desafios e expectativas sociais muitas vezes precisei redesenhar rotas e reconfigurar ambições. Sou um barco em mim mesma, um barco carregado navegando pela travessia. Se conseguir levar esta “carga” ao porto mais próximo, minha vida e o que nela se escreveu não terá sido em vão.

Na psicanálise, a subjetividade ocupa um lugar central, articulando-se à construção da identidade e ao reconhecimento do desejo. Nesse contexto, a mulher pesquisadora é frequentemente convocada a navegar em um mar de expectativas, tanto externas, impostas pelos discursos sociais, quanto internas, ligadas ao seu próprio desejo de se afirmar no espaço acadêmico. Essa travessia exige habilidade e resiliência, pois implica lidar com a pressão de buscar reconhecimento em um ambiente que, historicamente, tem minimizado as contribuições femininas.

A frase de Pompeu me convida a refletir sobre a importância da travessia no vasto oceano do conhecimento, enquanto reconheço que o viver, com suas incertezas e desvios, não é um caminho linear. Para mim, mulher professora pesquisadora, essa travessia é simultaneamente luta e conquista, um processo contínuo de busca e afirmação e de invenção de si em um espaço que, apesar das marés adversas, também oferece oportunidades de

transformação e criação. A psicanálise me oferece instrumentos de escuta e leitura que possibilitam escutar essas dinâmicas, permitindo reconhecer a complexidade do ser mulher na academia, com suas contradições, silêncios e potências.

Ao navegar na construção de uma tese, cujo objeto é “mulher pesquisadora subjetivada na universidade”, trago, na trama, a fala implícita que atravessa meu percurso investigativo, da construção de minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Nesse movimento, surgem sempre questionamentos sobre o antes e o depois, sobre o que éramos e o que nos tornamos. São fios que tecemos na escrita da vida, entre sentimentos, experiências, perdas, conquistas, retrocessos, avanços e escolhas. A escrita faz-me reconhecer como alguém capaz de se modificar no próprio ato de escrever, no instante em que o pensamento se torna ideia e a ideia se clarifica, ou se complexifica em significantes. Como no dizer de Lispector “Ainda bem que tudo que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim” (Lispector, 1998, p. 29).

A citação de Clarice Lispector evoca uma reflexão sobre minha constituição de sujeito e a busca por uma voz que me pertença, especialmente no contexto de ser mulher professora pesquisadora na universidade. Para mim, o ato de escrever e pesquisar ultrapassa a simples produção de conhecimento; é um modo de reconhecer o que me atravessa, de inscrever minhas marcas e percursos. Há em mim uma inquietude constante, a sensação de que algo busca ser dito, de que há um saber ainda por emergir, e é essa pulsação que me move à criação. Enquanto escrevente, enfrento também os desafios dessa travessia: como a luta contra preconceitos, a necessidade de me afirmar em um ambiente ainda marcado por estruturas masculinas e a tensão entre o rigor acadêmico e o desejo de escrever de um modo mais ético e sensível, compatível com o que compreendo como justo.

Na citação de Lispector, percebo uma conexão íntima entre o que se escreve e o que se torna. Em minha trajetória, isso significa reconhecer a importância de trazer minhas experiências e minha singularidade ao ato de pesquisar. Na universidade, encontro um mar de vozes múltiplas e dissonantes que fazem da pesquisa um espaço de escuta e de encontro. Cada mulher carrega uma história, um modo próprio de habitar o saber e de reinventar o mundo. Essa citação me inspira a reconhecer-me autora de minhas narrativas acadêmicas, encorajando-me a explorar e expressar singularidades. Escrever, no sentido do dizer de Lispector, vai além de ser apenas uma tarefa acadêmica: é forma de resistência e de construção de um espaço em que a voz da mulher possa ser escutada.

Desde que me tornei pesquisadora, minha vida se transformou em um mergulho contínuo entre a universidade e os desafios do cotidiano. Carrego comigo uma bagagem feita de experiências, lutas e descobertas. Ser mulher em um ambiente acadêmico é, sem dúvida,

uma jornada multifacetada. Minha constituição é marcada por diferentes papéis: mãe, professora pesquisadora, mulher com filhos adultos, e, mais recentemente, uma mulher que enfrenta a ausência de um pai amado. Quando olho para trás, vejo como o tempo deixou marcas na minha história. Os espaços institucionais em que trabalhei foram, algumas vezes, campos de batalha, em que a luta pela igualdade de gênero e reconhecimento profissional ainda é necessária. Ser mulher na academia significa não apenas ter que afirmar meu fazer, mas também lidar com a sobrecarga afetiva que vem com os desafios diários advindo dos meus diversos papéis. O tempo parece escasso, e penso no autocuidado, que por vezes, fica em segundo plano. A pressão para ser uma mãe presente, uma professora pesquisadora dedicada e, ainda, uma mulher que busca desejo, torna-se avassaladora.

Porém, ainda bem que Beauvoir me alerta, “Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite [...]” (Beauvoir, 1949/2009, p. 10). Desde a infância, o conceito de liberdade sempre habitou meus pensamentos e sentimentos. Lembro-me de momentos em que olhava pela janela e sonhava com um mundo sem barreiras, onde pudesse ser quem realmente sou. Entretanto, hoje compreendo que essa liberdade¹ era muito mais do que um desejo de ir além das paredes que me cercavam. Era, como diria Freud, o movimento de tornar consciente o que me habitava sem nome. Desde cedo, essa liberdade representou a necessidade de reconhecimento do meu lugar no mundo, um lugar que se tece entre o dito e o não dito, entre o que se cala e o que escapa pela palavra.

Em muitos momentos, vi minha subjetividade devastada pelas contingências da vida, pela história que me atravessa. A letra de Simone de Beauvoir ressoa profundamente em mim, como um mantra que ecoa em minha busca incessante por um espaço onde minha subjetividade possa florescer. Para mim, essa liberdade não é apenas a ausência de amarras externas, mas uma travessia interna, uma análise viva, em ebulição, onde a escuta de mim mesma se torna possibilidade de (re)encontro com meu desejo.

Cresci em um ambiente onde as expectativas eram, em certa medida, densas e silenciosas, tecidas por moldes e desejos que não eram meus. A pressão para me encaixar em

¹ Na psicanálise, o conceito de liberdade não se confunde com autonomia ou ausência de limites, mas se inscreve como um efeito de saber sobre o próprio desejo. Para Freud (1933), o sujeito se torna mais livre à medida que reconhece as forças inconscientes que o determinam, a liberdade é, assim, uma conquista do trabalho analítico, não um estado natural. Lacan (1959-1960), ao retomar essa perspectiva, desloca a liberdade para o campo ético: ser livre é consentir no próprio desejo, reconhecendo-se atravessado pela falta e pela linguagem. A travessia da análise, portanto, é um exercício de liberdade, pois permite ao sujeito fazer-se responsável pelo que o habita, reinscrevendo-se no laço social de modo singular. Nessa direção, a liberdade evocada no prólogo não é idealizada, mas pulsante, uma liberdade em construção, que emerge do entrelaçamento entre palavra e inconsciente, entre o desejo e o lugar que se ocupa no mundo.

moldes pré-estabelecidos me fazia sentir como se estivesse presa em uma caixa, e cada tentativa de expressão era silenciada por mim para não entrar em embate com o outro. Com o tempo, percebi que essa busca por liberdade estava intrinsecamente ligada ao reconhecimento do meu lugar no mundo, uma necessidade quase vital.

Hoje apreendo, com Lacan, que a liberdade não é ausência de falta, mas a possibilidade de consentir no próprio desejo. A liberdade que eu tanto almejava era, na verdade, o espelho da minha luta por identidade e pertencimento, uma tentativa de fazer existir, pela palavra, o sujeito que se inscreve entre o querer e o poder ser, de fazer-se responsável pelo que o habita.²

Então, “[...] agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular no muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho”. (Barros, 2008, p.60). Eu deveria ter pulado mais muros, explorado, descoberto o sabor da goiaba, mas as limitações me impediram. Hoje, pulo os muros em busca do meu lugar, do autoconhecimento. Pulo os muros da sociedade, das expectativas e dos condicionamentos. A cada salto, busco não apenas o autoconhecimento, mas também a liberdade de ser quem realmente sou. Isso significa desafiar as expectativas sociais e me permitir errar, aprender e crescer. Pular muros é uma metáfora poderosa para mim; é a ação de ir além do que me foi ensinado, de questionar normas e, principalmente, de reconectar-me com o que me constitui.

A liberdade, para mim, se manifesta na capacidade de ser autêntica, de viver de acordo com meus próprios valores e desejos, com ética e respeito ao outro. Isso não significa que a travessia é fácil. Muitas vezes, o medo do julgamento alheio e a insegurança em relação a minhas escolhas ainda me assombram. No entanto, a cada dia, me esforço para abraçar essa liberdade e entender que o reconhecimento de minha subjetividade é um passo fundamental nesse processo.

A busca por liberdade também me ensinou a importância da comunidade e do pertencimento. Aprendi que, embora a liberdade seja uma jornada individual, ela se enriquece quando compartilhada com outros que também buscam seus espaços. A conexão com aqueles que entendem nossas lutas e aspirações torna a jornada mais significativa. É nesse espaço de troca que encontro encorajamento e inspiração para continuar pulando muros, desafiando limitações e escrevendo minha própria história.

² A expressão **fazer-se responsável pelo que o habita** traduz, em termos poéticos, a ética proposta por Lacan em *A ética da psicanálise* (1959-1960), quando afirma que “[...] a única coisa de que se pode ser culpado [...] é de ter cedido do próprio desejo” (Lacan, 1988, p. 382). Nessa perspectiva, a liberdade não é ausência de determinação, mas assunção ética do desejo que constitui o sujeito.

Ao refletir sobre esses aspectos, percebo que a liberdade é um estado de espírito que requer constante cultivo. É um lembrete de que, embora o caminho possa ter obstáculos, a persistência em buscar meu lugar no mundo vale cada esforço. Portanto, sigo em frente, pulando muros, explorando novas possibilidades e permitindo que minha subjetividade se expresse ainda que não toda. Afinal, como Beauvoir nos convida a refletir, não devemos permitir que nada nos limites ou nos defina. A liberdade é, antes de tudo, uma escolha consciente de ser quem somos, em toda a nossa complexidade, beleza e graça.

A minha reflexão sobre a infância e sobre a minha própria constituição revela como, desde cedo, explorar limites esteve ligado à busca por pertencimento. A imagem de pular muros, presente tanto na infância quanto na vida adulta, atravessa a minha história como gesto de transgressão e como desejo de alcançar novas experiências e aprendizados. Na infância, pular o muro do vizinho para catar goiabas fazia parte do meu modo de me lançar ao mundo: um movimento de curiosidade e de desejo, mesmo quando implicava risco ou a ultrapassagem de barreiras. Era uma ação simples, mas carregada de aventura, que expressava o impulso infantil de explorar o que estava além do que me era dado.

Entretanto, a frase, “Mas não havia vizinho” introduz, para mim, um deslocamento importante nessa cena. Ela aponta para algo que ultrapassa o ato físico de pular muros e me faz pensar na ausência de limites claros ou, ainda, em uma certa solidão na busca por conexão. O espaço vazio, onde não há um vizinho que pudesse ocupar o lugar de referência ou de desejo, passa a simbolizar um sentimento de desamparo e, ao mesmo tempo, a procura por um lugar de escuta. Nesse sentido, essa imagem também se articula com a minha trajetória como mulher pesquisadora, marcada pela busca por espaços em que eu possa ser ouvida e reconhecida, inclusive nas produções acadêmicas.

Minha infância foi um mosaico de brincadeiras, descobertas e aprendizados. Lembro-me de correr pelo quintal, com o vento no rosto e a liberdade pulsando em meu peito. Cada dia era uma nova aventura, a imaginação não conhecia limites. Mas, ao olhar para trás, percebo que aqueles momentos de diversão foram muito mais do que simples passatempos; eles foram os primeiros passos na formação da minha porção mulher.

Minha avó materna, Adalgisa Sampaio, apelidada de Sindazinha, uma mulher autodidata e à frente de seu tempo, sempre foi uma fonte de inspiração para mim. Ela me ensinou que o conhecimento não tem limites, que podemos aprender e crescer em qualquer lugar e a qualquer momento. Suas histórias encorajadoras, permeadas de determinação, ecoavam em minha mente enquanto eu brincava, me incentivando a sonhar grande e a buscar sempre mais. As conversas com ela, sentadas à mesa enorme da cozinha, me soavam como

lições de vida. Ela me contava sobre suas próprias aventuras, os desafios que enfrentou e como, com esforço e paixão, superou cada um deles. Penso hoje que cada palavra de minha vó, me fez perceber que a força feminina é um legado que devemos honrar e cultivar. Assim, essas memórias se entrelaçam com as minhas experiências de infância, formando uma base um tanto sólida para a mulher que sou hoje.

Hoje, quando olho para a minha porção mulher, vejo a continuidade de uma história que começou muito antes de mim. Sinto-me grata por ter recebido essa avó que me mostrou o valor da autodisciplina e da curiosidade. Essa conexão com ela permitiu-me entender que a infância, com todas as suas brincadeiras e fantasias revelam um capítulo fundamental na construção da minha identidade e na celebração que carrego comigo da força feminina.

No lugar e posição de mulher professora pesquisadora, estou intrinsecamente ligada a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Sou egressa do curso de Pedagogia do programa Rede Uneb 2000, sou mestre em Educação pelo Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) -UNEB e sou professora assistente há 22 anos do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Campus XXIV – Xique-Xique - Bahia.

Foi na UNEB que mergulhei no universo da educação e me apaixonei pelo movimento do saber. Desde os primeiros dias, percebi que ser professora era mais do que transmitir conteúdos, mas imprimir discursividades; era uma oportunidade de inspirar e fazer o outro pensar. Cada aula, cada interação com os alunos, era um convite para explorar novas ideias e desafiar as convenções. Ao longo dos anos, minha paixão pela pesquisa floresceu. Fui em busca de responder perguntas que me inquietavam, e foi nesse contexto que me encontrei e me aproximei com a psicanálise. Estudar esse campo do saber e no doutorado a Psicanálise & Educação me permitiu aprofundar a percepção das nuances da mente humana e seus entrelaces com a educação.

A mulher professora pesquisadora que sou hoje, com todas as versões de mim mesma que já existiram, mostra uma experiência intersubjetiva, marcada por lutas, conquistas e uma incessante busca de não apenas escutar o significado, mas também o significante. Quando me vejo inserida no ambiente acadêmico, percebo que cada dia é uma nova oportunidade de me afirmar como mulher pesquisadora. A universidade, com seus corredores que cheiram conhecimento de diversos matizes, é ao mesmo tempo um espaço de acolhimento e uma arena de disputas. Como mulher, enfrento preconceitos e desafios os quais não observo ocorrer com meus colegas homens. A luta pela igualdade de gênero, pelo reconhecimento do meu trabalho e dos diversos papéis que nós mulheres vivenciamos é um aspecto constante da minha trajetória.

A vida pessoal e profissional revela-se um jogo de malabares, o que exige de mim a luta contínua para me afirmar a cada tempo e espaço no contexto universitário.

Eu sou mãe de filhos adultos, e essa experiência mostrou minha constituição em um estilo que eu nunca poderia imaginar. Quando eles eram pequenos, eu dedicava meu tempo a brincar, ensinar e ser a figura de apoio que eles precisavam. Agora, à medida que eles seguem seus próprios caminhos, sinto uma mistura de orgulho e solidão. A maternidade me ensinou sobre amor incondicional, mas também sobre a necessidade de busca constante de espaço para mim mesma.

No ano de 2024 ocorreu a perda de meu pai e esse acontecimento adicionou uma nova e complexa camada a essa teia de responsabilidades e emoções, os quais considero, uma das experiências mais difíceis que enfrentei. Ele sempre admirou minha trajetória acadêmica e minha paixão pelos livros, talvez herdada da mesma paixão que me transmitiu. O cheiro do papel em seu escritório de trabalho é uma memória afetiva de infância. Sua ausência deixou um vazio que me paralisou por um tempo. A escrita da minha tese, que antes fluía, tornou-se uma tarefa desafiadora e dolorosa.

A tristeza e a saudade tornaram-se companheiras constantes, dificultando a fluidez das formações discursivas. A psicanálise de Freud e Lacan me ofereceram um espaço de reflexão sobre essa dor. Freud fala sobre o luto e a perda, e como essas experiências constituem nossa psique. Para Lacan (1966/1998), a falta é o que nos constitui como sujeitos; é a condição que nos leva a buscar o que nos falta, em um movimento incessante de desejo. A ausência de meu pai não é apenas uma perda, mas uma lembrança constante do que significa amar e ser amada. A elaboração do luto e essa conexão com o passado recente é o que, paradoxalmente, me motivou a continuar e concluir minha pesquisa.

Em meus tempos e espaços vividos enquanto mulher pesquisadora subjetivada no contexto da universidade pública, por vezes me percebo desinvestida, efeito de determinadas relações que atravessam e tensionam meu lugar nesse espaço. A necessidade de cuidar de mim mesma as vezes é ofuscada pelas demandas do trabalho e da pesquisa. Sinto a pressão de atender às expectativas, tanto dentro quanto fora da academia. Porém, aprendi a valorizar os momentos de alegria e renovação. A risada de uma amiga, uma conversa com os filhos, uma viagem inesperada ou simplesmente um tempo para ler um bom livro ou namorar, são antídotos para a rotina desgastante.

A mulher que sou hoje é um reflexo de todas essas experiências. Sou uma pesquisadora apaixonada, que busca incessantemente respostas e novos saberes, mas também sou uma mulher que sente, ama e busca se conectar com o outro. A dualidade entre minha vida pessoal e

profissional é hoje um aspecto que aceito com mais leveza. A busca por uma formação acadêmica de referência e pelo bem-estar pessoal são caminhos que podem se entrelaçar, mas também podem, em momentos, divergir. Acredito que ser mulher, mãe e professora pesquisadora não é apenas uma questão de equidade, cada ofício é único, mas é possível enodar os três.

Hoje, a continuação da metáfora de pular muros transforma-se em um processo de autoconhecimento e liberdade, tal como dito. Essa busca por um lugar, percebo que é, como estar a procura por um espaço onde me sinta verdadeiramente eu mesma, onde possa expressar minha individualidade sem medo de julgamento. Esse espaço ideal é aquele em que a minha singularidade pode ser celebrada e onde a diversidade de perspectivas enriquece o ambiente acadêmico. Mas este, é um caminho de desafios, pois exige que se enfrente medos, inseguranças e a necessidade de me desprender de normas sociais que muitas vezes limitam a liberdade pessoal. Vejo, minha trajetória na UNEB, como uma afirmação de vida.

Cada desafio enfrentado me fortalece e cada conquista me lembra do poder que tenho como mulher pesquisadora. Estou aqui, presente e disposta a continuar essa jornada, aprendendo a cuidar de mim mesma enquanto busco inscrever meus gestos no mundo acadêmico e na vida das pessoas que me cercam.

Dessa forma, pular muros, hoje, é desejar sempre desafiar convenções, romper expectativas e refinar a essência do meu ser. A liberdade de ser implica em aceitar a própria constituição, com todas as suas nuances, e isso é frequentemente um processo doloroso e libertador ao mesmo tempo. Esse movimento de buscar o próprio lugar no mundo é uma jornada que muitos atravessam, marcada por períodos de solidão, descoberta e de resistência.

A metáfora do muro também pode ser compreendida como a representação das barreiras que cada sujeito constrói ou que lhe são impostas pelos aparelhos ideológicos do Estado, e que nos marcam profundamente. Esses muros podem ser subjetivos, sociais ou culturais, e transpor cada um deles exige coragem e determinação. A liberdade de ser, portanto, não se reduz à conquista de um espaço físico, mas implica a construção de um espaço psicossocial em que seja possível viver e trabalhar com dignidade.

Essa travessia não se encerra no gesto de ultrapassar barreiras externas; ela se desdobra em uma jornada contínua de exploração de quem somos, de nossas crenças, valores e dos papéis que ocupamos na sociedade. É nesse movimento que se produz uma escuta de nossos desejos, permitindo que possamos realizá-los em parte, considerando que somos sujeitos da falta. Assim, a narrativa de pular muros e buscar goiabas representa, para mim, um desejo de liberdade, de autenticidade, de conexão e de tomada de decisão, atos necessários à condição humana.

Embora a liberdade não se constitua como o foco da minha proposta de pesquisa, mencionei aqui, por acreditar que tornar-se humano é um gesto que se faz na travessia da jornada. Ainda que este conceito ofereça ambiguidade, opto pela condição de liberdade humana que se desvela na ideia de que “[...] o homem está condenado a ser livre [...]”, a fazer escolhas, como afirma Sartre (1973, p.204). Ou como nas palavras cantadas do poeta Gonzaguinha: “Somos nós que fazemos a vida, como der ou quiser ou puder”. E assim como Gonzaguinha, nas minhas itinerâncias pessoais e formativas, “[...] a pergunta roda e a cabeça agita, mas fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita” (Gonzaguinha, 1982). Dessa forma, sinto-me como aquela que chegou até esta fase de minha existência, fazendo a vida. Fiz a vida como quis, como deu, como pude, e continuo fazendo, mesmo que tenha enfrentado pedras no meio da caminhada.

Não há experiências isoladas em uma travessia, mesmo quando o mar não segue brando, ela se faz acompanhada de interlocuções em busca de respostas, “[.] e sem saber daquilo que é passado, o presente fica sempre mais difícil de entender”. (Gonzaguinha, 1984). O ser humano é histórico, finito, limitado, inconcluso, mas movido pelos processos inconscientes. É um ser que, movido pelo desejo de tornar-se humano, se confronta continuamente com o risco da desumanização. “Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre” (Beauvoir, 1949/2009). É nesse gesto de liberdade que este prólogo se ancora. Minhas subjetivações emergem, mas guardo-as um tanto, para mim, para minha análise e para as verdades à luz da aletheia. Se esta travessia já se anuncia no prólogo, é justamente aqui que reconheço o impulso que me move, um impulso que se renova no próprio ato de seguir, mesmo quando as águas ainda não revelam todos os seus contornos.

PORTO I - NAVEGAR É PRECISO, PESQUISAR É ARRISCAR-SE: NOTAS INTRODUTÓRIAS EM BUSCA DO OBJETO

Quando o mar se abre diante do desconhecido, é o desejo quem lança a âncora e o medo quem ensina a remar. Toda travessia do saber começa assim: entre o abismo e o horizonte. (Rita Carvalho,2025)

Viver no lugar e posição de mulher não é tarefa fácil! Viver no lugar e posição de mulher que produz ciência, mais difícil ainda. Em muitos momentos somos abatidas pela sobrecarga de uma tripla jornada, excesso de trabalho e pelas frustrações profissionais e pessoais que o dia a dia ocasionam, o que pode nos causar desânimo e baixa produtividade. Porém, resistindo, permanecemos na luta reiterando a escolha que um dia fizemos.

Apesar das dificuldades, somos nós, mulheres das universidades que buscamos diariamente no *locus* do trabalho (a universidade) dar significado às nossas escolhas, executando a escuta de nós mesmas e das possíveis pessoas que estão a nossa volta e a submissão de papéis sociais e culturais que (ainda) acreditam no potencial da Psicanálise & Educação³. Mulheres que têm muito a dizer sobre seu *savoir-faire*! “Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável [...]” Lacan (1975-1976/2007, p 59).

Ao falar sobre o *savoir-faire*, Lacan mostra a complexidade desse conceito que ultrapassa a habilidade técnica e se apresenta como uma arte, sugerindo que a forma como o sujeito executa as suas competências é tão importante quanto a competência em si. Isto nos faz pensar sobre a relação da técnica e da criatividade, observando que uma ação tem seu valor para além da execução, na sensibilidade e no contexto que é realizada.

A ideia de que o *savoir-faire* é um artifício indica também que existe uma dimensão de elaboração, de construção consciente e transcende a estética nas ações humanas. Essa construção envolve um entendimento não apenas das regras e normas que regem uma área específica, mas também a capacidade de transcender essas normas de maneira inovadora e eficaz. Portanto, o *savoir-faire* se torna uma expressão singular da identidade de quem o pratica, refletindo suas experiências, valores e visão de mundo.

³ A psicanálise foi inicialmente desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX. É uma abordagem teórica e prática que se concentra no estudo do inconsciente e na percepção dos processos psíquicos que influenciam o comportamento humano. Aplicada a educação, oferece uma perspectiva única sobre o desenvolvimento emocional e cognitivo do sujeito, bem como sobre a dinâmica entre educadores e educandos.

No contexto das mulheres, essa citação pode ser um conceito referente. As mulheres frequentemente são educadas a submissão de papéis sociais e culturais, o que limita o seu *savoir-faire* tanto no campo pessoal quanto no profissional. Ao reconhecer o *savoir-faire* como uma arte, é possível valorizar as maneiras únicas pelas quais elas têm se afirmado, muitas vezes desafiando as expectativas e criando novas formas de se expressar e se posicionar na sociedade. Assim, a citação de Lacan nos convida a reconhecer e valorizar não apenas as habilidades, mas a forma como essas habilidades são manifestadas e contextualizadas, especialmente no discurso feminino.

Autoras como Simone de Beauvoir (1949/2009) em: “O Segundo Sexo” argumenta que a mulher, historicamente relegada ao espaço privado, desenvolveu um *savoir-faire* que se adapta às exigências de sua realidade. Esse saber, embora muitas vezes invisibilizado, é fundamental para entender a contribuição feminina na sociedade. As mulheres têm utilizado suas vozes para reivindicar espaços e direitos, mostrando que o *savoir-faire* vai além de dominar o fazer e se torna uma forma de expressão de suas identidades.

Inseridas na complexa trama que é a educação brasileira, mulheres professoras pesquisadoras, sujeitos de sua ação acadêmica, são desafiadas cotidianamente a refletirem sobre o seu fazer, pois como afirma Freire (2014, p.32): “[...] faz parte da própria natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.” Assim, é necessário entender os acontecimentos cotidianos como pistas que favorecem a escuta do processo no qual estamos inseridas e, conseqüentemente, o processo formativo pelo qual experienciamos.

Fazer a escolha aqui na proposta, pelo objeto de pesquisa: **mulher pesquisadora subjetivada na universidade**, vem do princípio de fazer parte desse universo (mulher/pesquisadora), o que acredito tornou melhor a escuta da escrita sobre a temática. Escolhemos objetos de pesquisa por afinidades, e por trazermos em nossa memória, leituras e experiências vividas que estão presentes na corporeidade, conforme afirma Messeder (2016,p.26): “[...] é preciso recuperar a corporeidade do(a) pesquisador(a), e, sobretudo, saber os limites e os potenciais que os marcadores sociais incrustados em nossa pele impõem em nosso trabalho de campo.”

Nesse contexto, a proposta de aportar nos estudos acerca da mulher na tese intitulada **“O que quer uma mulher?: constituição de pesquisadora em tempos e espaços universitários”**, que entre tantas labutas faz ciência, tem seu enraizamento na busca pessoal do “Conhece-te a ti mesmo”⁴, foi impulsionado pelos estudos da Psicanálise & Educação, e mais

⁴ Grifo nosso. Atribuída ao filósofo grego Sócrates (479-399 a.C.), a frase “conhece-te a ti mesmo” é, na verdade, a inscrição que se via na entrada do Oráculo de Delfos.

além, de que pensar nessa perspectiva, não deixa dúvidas que somos exatamente esse sujeito mulher, que entre tantas, faz ciência e faz a família se movimentar dentre as diferentes tarefas que necessita assumir. Enquanto pesquisadora, vivo/experencio na pele/corpo, o mesmo que as mulheres que vivem a labuta cotidiana de sair de casa para produzir conhecimentos na academia.

O encontro com a psicanálise há dez anos, tornou-se um espaço de aprender essencial na minha formação pessoal/profissional. Não que tenha sido o “*vade-mécum*”, que irá sanar com as instabilidades intrínsecas ao panorama educativo, capaz de transformar e/ou ensinar quem quer que seja, como escreve Lajonquière (1993). Entretanto, fascinante e singular, a psicanálise abriu outro território de investigação, um modo a mais de olhar a realidade, que veio a somar a minha porção pesquisadora.

Afinal, *O que quer uma mulher?* Essa pergunta foi dita inicialmente por Freud, no século XIX, segundo Kramer (2008), biógrafo de Freud, ela originou-se, das reflexões do pai da psicanálise sobre uma de suas pacientes: Ida Bauer (Caso Dora). Também, registra Peter Gay, que em uma carta a Marie Bonaparte, Freud ainda se indaga, no final de sua vida: O que quer a mulher? [*Was will das Weib?*] (Gay, 2012, p. 504). Em 1932, em uma conferência que discutia exatamente sobre o feminino, Freud cita a frase ao relatar um caso clínico com uma de suas analisandas, Marie Bonaparte (sobrinha bisneta de Napoleão).

A indagação, tão simples e tão complexa, já foi tema de diversos filmes, livros, peças, sempre suscitando discussões interessantes e acaloradas que colocam muitas vírgulas e nenhum ponto final ao assunto. Aqui, propomos pensar em possibilidades de respostas (não definitivas) para essa pergunta, pois compreendemos que a psicanálise & educação se dispõem em meios a solo frutífero para tal discussão. Como bem explica Kehl (2016, p. 29),

Hoje, uma leitura pós-freudiana poderia interpretar as indagações feitas pelas primeiras analisandas da história da psicanálise como uma tentativa de saber não apenas "o que é ser mulher?", mas também, e principalmente- o que um sujeito pode se tornar; sendo (também) mulher?

A citação acima, destaca uma perspectiva pós-freudiana que amplia a discussão sobre a identidade feminina na psicanálise. Ao sugerir que as indagações das primeiras analisandas vão além da simples definição de ser mulher, enfatizando a busca por uma escuta do que significa ser um sujeito em formação, incluindo a possibilidade de ser mulher.

Essa perspectiva rejeita uma visão estática e restrita de feminilidade e propõe uma visão flexível, onde ser mulher é parte da subjetividade do sujeito. Além disso, essa leitura pode ser interpretada como crítica a uma leitura binária de narrações tradicionais, que frequentemente reduzem a experiência de ser mulher a um estereótipo ou a um papel social. Reconhecer que a

identidade é um processo em constante evolução, advinda das potencialidades e transformações que cada sujeito vivencia ao longo da existência e que buscar entender através da psicanálise o que um sujeito pode se tornar.

Assim, entendemos que a contemporaneidade proporcionou espaços muito mais vastos e variados para a constituição dos sujeitos do que os períodos anteriores. Serge André, que introduziu o artigo indefinido “uma” na pergunta de Freud, dando a um de seus livros o título *O que quer uma mulher?*⁵, defende o culto à mulher como mistério, bem como seu outro lado da moeda, o ódio à mulher como mistificação só servem “[...] para alimentar o desconhecimento do que constitui a verdadeira questão da feminilidade, pois postulam, todas as duas, que a mulher é como um esconderijo que dissimularia alguma coisa” (André, 1998, p. 11).

O uso do artigo indefinido por Serge André, evidencia a complexidade e a singularidade do desejo feminino, destacando que não há uma resposta única ou universal para a questão, mas sim que cada mulher pode ter suas próprias vontades e necessidades. Isso abre espaço para a diversidade de experiências e interpretações do que pode significar o desejo feminino.

O desejo de pesquisar essa temática ultrapassa a motivação de produzir uma pesquisa acadêmica, pois se inscreve no campo do desejo e da subjetividade enquanto mulher e pesquisadora em construção. Trata-se de um percurso que carrega as marcas do próprio processo formativo, constituído em grande parte no *lócus* da pesquisa, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse sentido, a compreensão sobre o que nos constitui fundamenta-se na concepção de que, quando o sujeito se torna ativo em seu processo de constituição, torna-se capaz de criar modos de compreender a si mesmo e o meio que o cerca, abrindo possibilidades de modificação da realidade em que vive. Freud (1996), em *Lembranças encobridoras*, afirma que nossas lembranças estão envoltas de emoções e sentimentos.

A vida não começa a ser reproduzida pela memória como uma cadeia coerente de eventos antes do sexto ou sétimo ano, e para muitos somente após o décimo ano de idade. Mas a partir deste ponto também se estabelece uma relação constante entre o significado psíquico de uma experiência e sua retenção pela memória. Aquilo que parece importante, por seus efeitos imediatos ou subsequentes, é notado; aquilo que se considera dispensável é esquecido. Quando sou capaz de recordar um evento que se passou há muito tempo, encontro no fato desta preservação da memória uma prova de que ele provocou em mim uma forte impressão naquele momento. (Freud, 1996, p. 3).

Percebemos na citação acima, como a formação da memória tem uma relação com nossa percepção do tempo e da experiência, ressaltando o quanto as marcas dos eventos significativos são refletidas na retenção da memória, priorizando o que é relevante para a formação da identidade e do aprendizado. Nossa memória não se limita a registros passivos, mas também a

⁵ Grifo nosso

reflexos de nosso estado emocional, na escuta de quem somos. Assim, entender o que quer uma mulher pesquisadora, qual o seu desejo, quais as suas dores, quais os enfiamentos na sua trajetória, faz parte do processo que organiza a historicidade do sujeito mulher, onde esta, pode (re)organizar pensamentos, através do diálogo entre tempo-espaço presente e tempo-espaço passado em busca de fazer submergir as cenas vividas e escondidas no inconsciente, como na obra “Reading Woman, do pintor francês Pierre-Auguste Renoir -1900”, que retrata uma mulher absorvedora em um livro, capturando um momento de tranquilidade e introspecção.

A obra é característica do estilo impressionista, com suas pinceladas soltas e uso de cores em tons sombrios, que conferem ao nosso imaginário o desejo de ler. A mulher na pintura, embora pareça solitária em sua leitura, pode ser vista ao meu olhar, como um símbolo da busca por conhecimento e da busca intelectual.

Essa representação pode ser conectada à figura da mulher pesquisadora na universidade, que muitas vezes enfrenta desafios e preconceitos em um ambiente historicamente dominado por homens. A subjetividade da mulher pesquisadora na universidade é uma questão complexa. Ela é constantemente desafiada a equilibrar as expectativas sociais e acadêmicas, muitas vezes lidando com a invisibilidade de suas contribuições. A busca por reconhecimento e igualdade de oportunidades é uma luta que ecoa na contemporaneidade, refletindo as tensões entre o desejo de autonomia e as pressões sociais.

A figura da mulher, na tela de Pierre-Auguste Renoir, a meu ver, é realista e contemporânea, abordando o universo do feminino, onde não evidencia apenas o belo, mas e para além o poder e a força da mulher que sentada em uma cadeira se entrega a leitura com uma leveza nas formas. É uma mulher que se apresenta de pés descalços, parece dotada de sensualidade e desejante em ler o que está escrito no livro. Mostra tranquilidade e vitalidade, do seu lugar e posição na existência.

Assim como a mulher em *Reading Woman*, que se concentra em seu livro, uma mulher pesquisadora busca o conhecimento, mas também pode navegar por um espaço que frequentemente não reconhece suas lutas e realizações. Essa imagem, impregnada de silêncio e introspecção, evoca mais do que o gesto de aprender: anuncia a presença de um desejo de saber.

Na leitura e na pesquisa, o movimento da mulher não se restringe ao domínio do conhecimento, entendido aqui como aprendizagem, acúmulo e transmissão de conteúdos, mas toca uma outra dimensão, mais profunda e singular: a do saber, tal como entendido pela Psicanálise. Enquanto o conhecimento pertence ao campo do racional, do visível e do mensurável, o saber se enraíza na experiência subjetiva, naquilo que o sujeito não sabe que sabe, mas que o move.

Freud (1915/1996, p. 75) já havia indicado que o inconsciente é constituído por esse saber que escapa ao sujeito: “Tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente.” Nesse sentido, o saber inconsciente designa o conjunto de determinações simbólicas que regem a vida de um sujeito, mas que lhe escapam, produzindo efeitos nas escolhas, nas palavras e nos modos de existir. Ele atua à revelia do eu, interferindo em suas posições diante do mundo, inclusive no trabalho e na pesquisa.

Lacan retoma e amplia essa formulação, distinguindo *savoir* e *connaissance* (saber e conhecimento), com essa distinção, afirma o saber inconsciente como um fundamento para a psicanálise. O conhecimento, situado no registro imaginário, refere-se à apreensão racional e objetiva da realidade; o saber, ao contrário, pertence ao registro do inconsciente e manifesta-se como uma forma de verdade meio-dita, cifrada na linguagem. Como afirma: “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-1956/1988, p. 139).

O saber, portanto, não é uma posse do sujeito; ele se inscreve no campo do Outro. Como afirma Lacan (1969-1970/1992), “[...] o inconsciente não se articula em primeira pessoa e, para tal, arma-se desse ou daquele de meus enunciados sobre o fato de que sua mensagem, o sujeito a recebe do outro sob forma invertida” (p. 61). Essa formulação evidencia que o sujeito não é o mestre do que diz: o saber que o atravessa é efeito da linguagem, e sua mensagem, aquilo que o constitui, retorna a ele a partir do campo do Outro.

Essa sede de saber que emerge na infância reaparece, de outros modos, na trajetória acadêmica. Uma mulher pesquisadora, como a leitora silenciosa de *Reading Woman*, busca o conhecimento, mas é atravessada por um saber que não domina, um saber inconsciente que a impele a perguntar, duvidar, insistir. Se o conhecimento pode ser ensinado e acumulado, o saber, ao contrário, é vivido; ele se produz no encontro entre linguagem, desejo e falta.

Desse modo, o ato de pesquisar não é apenas a busca por respostas objetivas, mas também um movimento subjetivo de elaboração, em que o não saber se converte em motor do pensamento. Uma mulher pesquisadora, tal como a figura de *Reading Woman*, habita o espaço entre o dito e o indizível, entre o que se aprende e o que se descobre de si mesma nesse processo. O que a move, no fundo, é o mesmo que funda o sujeito do inconsciente: um desejo de saber que jamais se satisfaz, mas que mantém viva a travessia do pensamento.

O que quer uma mulher? de hoje, toma sua forma assumindo as esferas coletivas e sociais e individuais e sociais. Reprodução, erotismo, família, profissão, posições que lhes são

exigidas de perguntas e respostas. Uma nova época que traz novos sintomas e a incidência do não-todo no laço social que se manifesta por modalidades diversas. Surge a angústia, inibição, culpa e sentimentos de falta de realização, entre a vida afetiva e a carreira profissional, entre cada uma das inúmeras possibilidades de existência. E ainda, quais são as consequências de viver numa sociedade na qual o masculino é sempre regra e o feminino exceção? Se até nossa diversidade segue esse modelo, de que isso impacta o tornar-se mulher? O quanto essa dimensão não inscrita na lógica fálica impacta nossos movimentos identitários? Essas questões fazem parte do processo de subjetividade da mulher contemporânea. Cabe à psicanálise & educação, então, propor discutir essa dimensão feminina, entendendo como ela se organiza de forma individual e coletiva.

Nesse sentido, pesquisar sobre mulheres que produzem conhecimento e saber no universo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I revelou a priori, como têm se configurado as produções acadêmicas na UNEB, bem como as marcas históricas de um fazer científico majoritariamente masculino. Ao longo da história da humanidade, muitas descobertas foram realizadas sob a ótica dos homens, negligenciando a participação feminina e suas contribuições. Dessa forma, o mundo da ciência estruturou-se sobre bases quase exclusivamente masculinas, ora excluindo as mulheres, ora inviabilizando suas produções por meio de discursos e práticas nada neutros. Soihet (1989) lembra que a presença da mulher na ciência, foi construída em meio a relações de poder, “[...] na qual se evidenciam as iniciativas e as estratégias de resistência das mulheres” Soihet (1989, p. 283).

A citação acima, conforme mencionado por Soihet (1989, p. 283), fala sobre a emancipação das mulheres que é significativa, um movimento em ações e táticas para enfrentar a opressão e as desigualdades sociais. Isso pode assumir diferentes formas, seja organizando-se dentro de grupos sociais ou engajando-se em movimentos políticos e culturais. Também reflete a adaptabilidade e a inovatividade das mulheres em contextos difíceis e, além disso, mesmo em situações adversas, elas tentam encontrar um caminho para manter sua voz e presença na sociedade. As ações mencionadas, acenam para o fato de que as mulheres não são simplesmente vítimas passivas das circunstâncias, mas trabalham ativamente para criar suas próprias histórias e buscar direitos e reconhecimento. Isso é fundamental para entender a luta feminista e as diferentes formas de empoderamento das mulheres ao longo do tempo.

Durante muito tempo, salvo raras exceções, as mulheres foram impedidas de desenvolver pesquisa, pois não podiam frequentar instituições de ensino, seu destino era cuidar da casa, dos filhos e do companheiro. Destacamos que as universidades, embora estabelecidas

no século XII, apenas começaram a admitir efetivamente mulheres no quadro de alunas e professoras na virada dos séculos XIX e XX (Schiebinger, 2001).

No Brasil, iniciativas de liberação das mulheres tiveram lugar. Desde o primeiro protesto de Nísia Floresta, na década de 1830, manifestam-se com mais força insatisfações femininas. Constitui-se aqui, igualmente, uma imprensa feminina, cujo primeiro periódico, *Jornal das Senhoras*, data de 1852. Algumas mais moderadas nas suas reivindicações enfatizavam a importância da educação da mulher, lembrando o seu papel de mãe, ou por uma "questão de requinte espiritual". Outras mais incisivas defendiam-na como recurso para o alcance da independência econômica, também, acentuando a relevância dos direitos civis e políticos, chegando algumas a defender o divórcio (Soihet, 2002, p. 12).

Na citação de Soihet (2002), observamos um destaque importante na história da mulher no Brasil, demonstrando que desde o início do século XIX, as mulheres começaram a se organizar e expressar suas insatisfações em relação à posição na sociedade. O protesto de Nisia Floresta, pioneira na luta por direitos, traz resistência contra a opressão feminina, em defesa de educação como um meio fundamental para a emancipação das mulheres, no âmbito pessoal e profissional.

A autora, ao mencionar a imprensa feminina, ressalta a importância da comunicação e troca de ideias entre as mulheres em diferentes abordagens de reivindicações, educação, independência econômica, direitos civis, desafios a normas sociais profundamente enraizadas. A citação encapsula um momento significativo para as mulheres, evidenciando que mesmo com diferentes abordagens, existia um objetivo comum: a busca por igualdade e reconhecimento dentro da sociedade.

Apesar da recente institucionalização da ciência brasileira, foi na década de 1980 e em 1990, que as mulheres brasileiras aumentaram sua participação nesse campo. A mudança na universidade brasileira em termos de atendimento feminino foi evidente. Ao contrário de várias décadas, elas (mulheres), agora representam a maioria dos cursos de graduação e pós-graduação no país. O acesso à universidade é um dos pontos de chegada dessas lutas. No Brasil, diversos indicadores mostram que as mulheres estão nos mais diferentes níveis de ensino. Não é diferente nos mestrados e doutorados, dominados pela presença das mulheres. Segundo dados da CAPES (2004), dos 407 mil alunos de mestrado e doutorado no Brasil, 224 mil são mulheres. Elas representam uma maioria significativa, totalizando 55% dos matriculados em cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

De acordo com o relatório "Progress Toward Gender Equality in Research & Innovation – 2020", publicado pela Elsevier, o Brasil é o terceiro país com maior presença feminina na ciência, atrás apenas de Argentina e Portugal. As mulheres hoje são 49%, um salto significativo em relação a 2002, quando eram 38%. Os dados do relatório são referentes a 2022. No mundo,

a participação feminina é de 41%. Em 2002, era 21%. Apesar do crescimento, a disparidade ainda é evidente entre pesquisadores mais experientes. Entre pessoas nos primeiros cinco anos de carreira, as mulheres são 45%. De 6 a 10 anos, a quantidade é 42% e, de 11 a 15, 39%. De 16 a 20, 36%. E com mais de 21 anos dedicados à pesquisa científica, 27%. Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 70,3% das bolsas de pesquisa na UNEB são direcionadas a mulheres (UNEB/PPG, 2004).

Nesse contexto, emerge o problema de pesquisa: **Em quais contextos uma mulher se constitui como pesquisadora nos tempos e espaços universitários e quais as implicações presentificadas na subjetivação da sua condição feminina?**

Para que possamos responder à questão central, traçamos os seguintes objetivos:

1 – Objetivo Geral:

- Investigar os desafios enfrentados pela mulher na construção da trajetória de pesquisadora na universidade, os enfrentamentos, conquistas e como as relações de poder atravessam a sua porção feminina;

2 – Objetivos Específicos:

- Identificar as barreiras estruturais advindas das relações de poder, enfrentadas no cotidiano do espaço acadêmico pela mulher pesquisadora que podem impactar na sua atuação como pesquisadora;
- Escutar de que modo a universidade contribui na constituição da mulher pesquisadora, na perspectiva de romper com a lógica da dicotomia entre o masculino e o feminino;
- Explorar as experiências subjetivas da mulher pesquisadora, refletindo sobre seus múltiplos papéis e influência na produção do saber e conhecimento no contexto da Universidade, considerando espaços e tempos de prazer e desprazer.

Nesta pesquisa, a opção por entrevistar professoras pesquisadoras decorre do contexto específico em que o saber acadêmico é produzido. As professoras universitárias ocupam um lugar onde ensino, pesquisa e extensão coexistem, o que as torna interlocutoras privilegiadas para pensar a constituição da mulher como pesquisadora. No entanto, é importante ressaltar que a docência, embora presente em seus percursos, não constitui aqui um eixo analítico. Trata-se de um recorte empírico que permite visibilizar mulheres que exercem a pesquisa de modo sistemático na universidade.

Assim, quando me refiro às participantes como “professoras pesquisadoras”, delimito o grupo que compõe o estudo. Já quando desenvolvo as análises sobre desejo, saber, subjetivação

e práticas de pesquisa, trabalho com a categoria mais ampla de “mulher pesquisadora”. Essa distinção impede que o tema da docência seja tomado como objeto, o que não corresponde ao escopo desta tese, e assegura que o foco permaneça na constituição subjetiva das mulheres no exercício da pesquisa acadêmica.

Dessa forma, a tese não pretende discutir a docência ou os fundamentos da formação docente. A presença do termo “professora” refere-se à posição institucional das participantes, não à construção de um debate teórico sobre o ensino. A análise centra-se na produção de saber, nos deslocamentos subjetivos e nas condições simbólicas que atravessam a experiência de ser mulher e pesquisadora na universidade contemporânea.

Segundo Nóvoa (1995, p. 26), os momentos de reflexão retrospectiva acerca dos percursos pessoais e profissionais, são momentos em que cada um de nós produz a nossa vida, o que para pesquisadores é também produzir a profissão.

[...] identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Para tanto, vale observar que “a construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (Nóvoa, 1992, p. 16).

Tudo o que resgatamos quando investimos na tessitura e reflexão da nossa trajetória educativa e pessoal pode, portanto, revelar o porquê de nossas escolhas por um ou outro caminho acadêmico. Neste sentido, escutar as nuances da mulher que constrói pesquisa e como as relações de poder interferem nessa construção, traz possibilidades aos sujeitos da pesquisa entenderem para além da competência técnico-metodológica, a relevância de aspectos subjetivos no seu exercício profissional.

Freud (1974), corrobora com a afirmação acima, evidenciando que existe uma linha tênue entre dizer se o que teve importância maior para nós e que nos influenciou foram as ciências que nos eram ensinadas ou a personalidade de nossos mestres, como dito em sua frase: “É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (Freud, 1974, p. 284).

Prossegue dizendo: “Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada” (Freud, 1974, p. 248). Na proporção em que analisamos aquilo que vivemos, temos a oportunidade de re(significar) a nossa trajetória e as marcas que ficaram guardadas por tanto tempo e sem, aparentemente, nenhum valor.

Para alcance dos objetivos temos como base inicial uma construção teórico-epistemológica, alicerçada na Psicanálise. É uma pesquisa de **Abordagem qualitativa** (Goodoy, 1995; Minayo 2003; Gatti e André 2011) e está assentada no tripé: sujeitos, lócus e dispositivos.

Nesta pesquisa, a escolha por mulheres pesquisadoras como sujeitos informacionais, deve-se sobretudo, sobre a urgência em saber como estas mulheres se sentem e se relacionam no espaço da universidade, uma instância pública com notório reconhecimento social e institucional. Geralmente, em conversas informais, escutamos relatos dessas mulheres pesquisadoras sobre uma série de desafios que mostram as desigualdades de gênero presentes na academia. Muitas delas mencionam a dificuldade em conciliar as demandas profissionais com as responsabilidades familiares. A tripla jornada é uma realidade comum para muitas pessoas, especialmente mulheres. Conciliar trabalho e família é um tema recorrente nas discussões sobre vida pessoal e profissional.

Nessa perspectiva, é importante considerar que a entrada das mulheres na ciência, esfera pública, necessariamente, não as tem desobrigado das responsabilidades com o cuidado da casa e filhos, já que persiste a tradicional divisão sexual do trabalho. Desse modo, a mulher-mãe-pesquisadora, se depara com uma jornada excessiva, na qual precisa dar conta das exigências da vida acadêmica e das responsabilidades familiares. (Silva; Ribeiro, 2014, p. 460).

Considera-se a universidade, muitas vezes, como um espaço elitizado e privilegiado na sociedade, de modo que os efeitos das políticas do Estado, em confluência com o sistema de produção neoliberal, parecem ressoar nas diferentes relações que se estabelecem no cotidiano profissional, familiar e social. Nesse contexto, tendem a se evidenciar diferenças entre os sujeitos, entre os grupos e também entre as próprias mulheres, conforme os lugares que ocupam. Observam-se, ainda, nuances de invisibilidade e de não reconhecimento das contribuições femininas. Do mesmo modo, a escassez de modelos femininos visíveis em posições de liderança pode colaborar para a manutenção de estereótipos de gênero, o que, em alguma medida, dificulta a ascensão das mulheres em suas trajetórias profissionais. Em relação a modelos femininos em posição de liderança, a gestão da UNEB hoje é feita por duas mulheres, que são pesquisadoras, a saber:

As professoras Adriana dos Santos Marmori Lima e Dayse Lago de Miranda, foram eleitas com 3.330 votos (39,4%) da comunidade acadêmica da UNEB, no dia 5 de outubro de 2020. Pela primeira vez, em seus 38 anos de institucionalização, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) tem mulheres eleitas pela comunidade acadêmica e empossadas, simultaneamente, para os cargos da Reitoria e da Vice-Reitoria. (Ascom/Uneb, 2022)

A Comissão Eleitoral tornou público o ato de proclamação do resultado das Eleições Diretas para os Cargos de Reitora e Vice-Reitora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), confirmando a vitória da chapa “Uma UNEB, Muitas Vozes”, composta

pelas professoras Adriana dos Santos Marmori Lima, reeleita reitora, e Dayse Lago de Miranda, reeleita vice-reitora, para o quadriênio 2026–2029.[...] a chapa única venceu as eleições com o percentual de 93,68%, dos 9.881 votos válidos. (Ascom/Uneb, 2025)

Visando alcançar os objetivos propostos neste estudo e dialogar com as questões levantadas, a elaboração teórica tornou-se essencial para a discussão do objeto de investigação apresentado. Este estudo, ao centrar-se em um eixo estruturante, busca aprofundar a análise e a apreensão do tema em questão: mulher pesquisadora subjetivada no contexto da universidade pública. O Quadro 1 referencia a teorização e os constructos abordados na pesquisa.

Quadro 1 – Teorias e constructos abordados na pesquisa

Mulher	Beauvoir (1990), Schiebinger (2001), Priore (2004)
Feminilidade	Freud (1996,2016,1980), Lacan (1985,2005,1988), Molina (2011)
Desejo e Sujeito	Lacan (1985, 1964,1962,1998), Freud (1930, 1900,1912,1920,1927), Ornellas (2017,2019)
Psicanálise e Educação	Kupfer (2010, 2013,1995), Lajonquière (1993), Millot (1987), Ornellas (2018, 2019), Voltolini (2011).
Pesquisa e Universidade	Serralha e Comin (2013)
Análise de Discurso	Pêcheux (1988,2009), Orlandi (1998,1999,2015,2007)
Metodologia	Ludke e André (2014), Minayo (2003,2004,2010)

Fonte: Elaborado pela autora.

Na perspectiva do sujeito atravessado por afetos, emoção, corpo e subjetividade, a relevância de pesquisar sobre uma mulher pesquisadora subjetivada vai além da valorização da história feminina. Trata-se de reconhecer, em suas trajetórias, o movimento de constituição de si, suas lutas diárias, conquistas e silêncios, numa espécie de reencontro com o que as constitui como mulheres e como produtoras de saber.

Em um tempo tão desafiador, essa investigação busca também contribuir para que possam redimensionar suas experiências de formação, questionando os processos sociais e pessoais que marcam suas inserções na realidade. É um convite à construção de modos de viver e pesquisar comprometidos com o bem-estar, consigo mesmas, com o outro e com o mundo.

Os dispositivos de colheita⁶ aplicados foram a entrevista semiestruturada e o desenho.

A análise foi fundamentada nos princípios teóricos da Análise de Discurso de orientação pecheuxtiana (Pêcheux, 2009,1988; Orlandi, 2015,2003,1999,1998,2007) e inspirada no método clínico psicanalítico, entendido aqui como uma ética de escuta e interpretação. Essa perspectiva busca revelar o que se inscreve entre o dito e o não dito, incluindo silêncios e interditos, nuances que atravessam as falas dos sujeitos e permitem acessar sentidos que escapam à consciência.

A tese está dividida em um Prólogo e seis Portos, inspirada na metáfora da viagem marítima que aqui se apresenta como uma forma de explorar as experiências humanas em sua complexidade. A navegação funciona como analogia do percurso subjetivo e acadêmico, permitindo refletir sobre o movimento da vida, os desafios enfrentados e as transformações que se produzem ao longo do caminho.

Na metáfora da viagem marítima, o barco representa o sujeito em sua jornada, o mar simboliza o ambiente externo, repleto de incertezas, tempestades e calmarias que podem ser vistas como as adversidades e oportunidades da trajetória. A escolha do destino pode ser interpretada como os objetivos e aspirações que cada um busca alcançar. O percurso do barco pode ser influenciado por ventos e correntes de ar que representam os fatores externos, a exemplo das relações sociais, que podem moldam as experiências e decisões. Por outro lado, a habilidade do marinheiro em navegar, ajustar velas e tomar decisões críticas reflete a resiliência e adaptabilidade necessárias para enfrentar os desafios.

O ponto de partida e de chegada é simbolizado pelo cais(porto), um espaço de transição e reflexão, é a representação da conexão entre o lugar terrestre e o marítimo, um contexto em que os navegantes preparam sua jornada ou retornam após uma aventura. Para além disso, o cais pode simbolizar segurança e estabilidade, um porto seguro onde se pode descansar e reabastecer antes de enfrentar as incertezas do mar. Ele também pode ser visto como um espaço de encontro, onde as interações com outros viajantes e comunidades acontecem, refletindo a importância das relações humanas e das experiências compartilhadas.

⁶ Nesta tese opta-se pelo termo **colheita**, em vez de **coleta**, por entender que a produção do material empírico nesta pesquisa não se reduz a um ato técnico de extração de dados, mas se constitui como gesto interpretativo e implicado. Colher remete ao tempo do amadurecimento, ao gesto sensível de quem se inclina sobre o vivido para dele extrair sentidos, sem violentar sua singularidade. Supõe tempo, espera e escuta, movimentos afinados ao método clínico psicanalítico (fala e escuta) e à ética da psicanálise, na qual o sentido não é capturado, mas produzido na relação. Diferentemente de coleta, termo associado à neutralidade e ao distanciamento do pesquisador, colheita expressa o cuidado com o dizer do sujeito e o reconhecimento de que a palavra é fruto de um processo de maturação simbólica, que requer disponibilidade e sensibilidade diante do que se apresenta.

Porto I, “NAVEGAR É PRECISO, PESQUISAR É ARRISCAR-SE: NOTAS INTRODUTÓRIAS EM BUSCA DO OBJETO”, introduz a discussão sobre os desafios enfrentados por mulheres que são pesquisadoras nas universidades, evidenciando a luta diuturnamente para descobrir significado em suas escolhas profissionais e pessoais. Destaca a complexidade do *savoir-faire*, um conceito que vai além das habilidades técnicas e envolve a expressão da identidade feminina, refletindo as experiências e valores de cada mulher. Menciona Simone de Beauvoir e sua argumentação sobre como as mulheres desenvolveram um saber que é essencial para entender suas contribuições à sociedade. Situa a pesquisa proposta na experiência de mulheres pesquisadoras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), abordando suas trajetórias e a interação entre suas identidades femininas e acadêmicas. Reflete sobre a importância da psicanálise na escuta das experiências femininas e propõe investigar as relações de poder masculinas que atravessam a condição das mulheres no ambiente universitário. Menciona dados que mostram a crescente presença feminina nas universidades e na pesquisa científica, mas também destaca as desigualdades que persistem, como a dificuldade de conciliar responsabilidades familiares e acadêmicas.

Porto II, “BÚSSOLA METODOLÓGICA: NO RUMO QUE FALTA E MOVE”, trazemos uma abordagem sobre o processo de pesquisa que envolve várias etapas, desde a formulação do problema até a análise dos dispositivos coletados. Nessa tese, escolhemos a pesquisa qualitativa, pois se destaca por explorar as complexidades das relações humanas e sociais, enfatizando a singularidade de cada campo de estudo e a necessidade de metodologias adaptadas, e por ser voltada a questões que não podem ser reduzidas a números, focando no universo de significados, valores e crenças. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é o campo da pesquisa, destacando-se pela sua trajetória na educação superior e pela inclusão social, através de políticas afirmativas. A UNEB, com uma ampla presença em diversas regiões da Bahia, tem o compromisso de formar sujeitos e promover o desenvolvimento humano e social.

A pesquisa considera a subjetividade dos sujeitos, influenciada por suas relações sociais e pela linguagem. O foco está em escutar a complexidade do sujeito, que é visto como um fenômeno em constante mudança. O grupo de interlocutoras foi constituído por mulheres pesquisadoras que aceitaram participar da escuta analítica, movidas pelo desejo de partilhar suas experiências e contextos sociais. Os principais dispositivos de colheita de informações incluíram entrevistas semiestruturadas e desenhos. As entrevistas permitiram uma interação mais livre e aprofundada, enquanto o desenho serviu como uma forma de expressão subjetiva,

revelando aspectos manifestos e latentes da experiência das pesquisadoras (sujeitos da pesquisa).

Porto III, “TRAVESSIA DA MULHER: MAIS AINDA DA PESQUISA E DA CIÊNCIA”, trata-se de uma narrativa sobre mulher pesquisadora, explorando a complexidade da sua história e identidade, ressaltando a importância de suas experiências e contribuições. Abarca questões como corpo, sexualidade, violência e subjetividade, refletindo sobre o impacto de uma sociedade patriarcal que historicamente subestimou seu papel. O estudo visa entender como a mulher, ao longo da história, se move de uma posição subalterna para uma de protagonismo. A trajetória feminina na história acadêmica é marcada por ambivalências de prazer e desprazer, em que contribuições significativas foram frequentemente minimizadas. As mulheres, por muito tempo, foram invisibilizadas, vivendo sob a opressão patriarcal e sem acesso a direitos básicos, como educação e trabalho. Movimentos sociais e eventos históricos, como guerras e revoluções, impactaram suas vidas, gerando transformações sociais que desafiaram normas tradicionais. Abordamos o tema da feminilidade, a partir da psicanálise, que revela a complexidade do desejo e da identidade. Freud e Lacan oferecem reflexões sobre a sexualidade feminina, utilizando conceitos como "continente negro" e a afirmação de que "a mulher não existe", para explorar as construções sociais que cercam a feminilidade.

O texto destaca a importância da inclusão das mulheres na academia e na produção do conhecimento, enfatizando que a diversidade de experiências que enriquece a pesquisa.

Porto IV, “MARÉ DE SABERES: DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE”, traz considerações sobre a intersecção entre a psicanálise & educação no âmbito universitário. Argumentamos sobre a pesquisa acadêmica produzida por mulheres. Destacamos os desafios enfrentados pelas mulheres na pesquisa e propomos que a psicanálise pode oferecer uma lente valiosa para melhor entender essas experiências. Abordamos a relação entre psicanálise & educação como uma jornada que navega pelas complexidades da subjetividade e das dinâmicas sociais.

O texto se propõe a fazer uma breve análise sobre o pensamento freudiano a respeito da educação, desde um otimismo inicial até uma perspectiva mais crítica e de certa forma pessimista. Discute também, a crescente presença da psicanálise nas universidades brasileiras, contrariando percepções limitadas que a vinculam apenas ao consultório.

Porto V – “COSTEANDO O INDIZÍVEL: DISCURSOS DESVELADOS, DESENHOS EXPRESSIVOS”, trata de um porto em que as entrevistas e produções simbólicas das participantes foram interpretadas à luz da Análise de Discurso de orientação pecheuxiana, inspirada também nos fundamentos do método clínico psicanalítico. Essa abordagem busca

analisar os significados que se produzem entre o dito e o não dito, atentando aos silêncios, hesitações e interditos que atravessam o dizer. A construção do corpus e a utilização dos dispositivos de escuta, entrevistas e desenhos, permitiram apreender as experiências e percepções das mulheres pesquisadoras no contexto acadêmico, entendendo a análise como um movimento de leitura e escuta dos sentidos que emergem nas tramas discursivas.

Porto VI, “(IN)CONCLUSÕES: O QUE ACASO SE DESTINA?” marca um porto que não é final, um porto que continua a se inscrever e simboliza o retorno da viajante ao ponto de partida, agora transformada pelo percurso. Essa etapa não representa um fim, mas um tempo de recolhimento e reflexão, em que os sentidos produzidos ao longo da travessia se entrelaçam, abrindo espaço para novos começos. Nesse porto, a escrita se faz gesto de escuta e de criação, reconhecendo que toda travessia é também inacabamento. Assim, apresenta-se como lugar de chegada e, simultaneamente, de partida, propõe uma escrita que não conclui, mas reinscreve o vivido, reconhecendo que o saber e o sujeito permanecem em constante movimento, onde a escuta retorna ao silêncio, e o que foi dito encontra o que ainda está por dizer.

PORTO II - BÚSSOLA METODOLÓGICA: RUMO AO QUE FALTA E MOVE

Sou um barco em travessia, guiado por ventos que não domino. A bússola que me orienta não mede distâncias apenas escuta o movimento das marés que me habitam (Rita Carvalho).

A travessia exige um ponto de orientação. É na rota traçada por esta bússola metodológica que o percurso da pesquisa se afirma, não como mapa fechado, mas como deslocamento em meio às marés da linguagem e da experiência. Investigar, aqui, é deixar-se conduzir por movimentos que ultrapassam a linearidade do caminho científico, acolhendo o imprevisto, o silêncio e as marcas que emergem no encontro com o outro. Assim como o navegante lê os ventos e os astros para não perder o rumo, uma pesquisadora lê sinais, gestos, pausas, palavras, imagens que desenharam a travessia do sujeito e dão direção ao seu percurso investigativo.

A metodologia desta tese se constrói como gesto, implicação e discursividade. Não se trata de aplicar uma técnica, mas de sustentar uma postura de abertura diante do campo simbólico e humano que se apresenta. A bússola, neste contexto, não serve para fixar rotas, mas para orientar a deriva, permitindo que o sentido se construa no próprio ato de pesquisar. A escuta, o olhar e o afeto são instrumentos que guiam essa viagem, produzindo um saber que nasce do encontro; saber que não se impõe, mas se faz com o outro, no ritmo de sua própria fala e de seus silêncios.

O percurso metodológico delineado neste porto se ancora na sensibilidade da escuta e na leitura atenta das narrativas e das imagens das mulheres pesquisadoras. A investigação toma forma na medida em que as vozes emergem e se entrelaçam, produzindo fragmentos de sentido que se movimentam como ondas em constante transformação. O rigor está em manter o olhar atento, sem capturar o que escapa; em sustentar o espaço para que o não dito encontre expressão. É nesse entre: entre o visível e o invisível, o audível e o silenciado, que o saber se escreve, não como verdade definitiva, mas como travessia em curso.

Nessa direção, a bússola metodológica rumo ao que falta e move, aponta não para um destino fixo, mas para o modo de caminhar. Cada decisão, cada dispositivo, cada gesto de escuta compõe o traçado de uma rota singular, que se faz e refaz a cada encontro. A pesquisa, entendida como experiência, é também deslocamento da própria pesquisadora, que se reconhece parte daquilo que investiga. Assim, o método se transforma em viagem: uma travessia que exige

cuidado, presença e escuta, bússola viva que orienta o percurso em meio às incertezas do mar simbólico onde o sujeito se constitui.

2.1 PERSPECTIVA DA ROTA: RUMO A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa é vista como um apanhado de ações que apontam para novas descobertas e aprofundamento de estudos em uma área específica, consistindo em um processo metodológico de investigação, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar possíveis respostas para um problema.

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz (Gil, 2002, p. 17)

Definida como um procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas que são propostos (Gil, 2008), as pesquisas desenvolvem-se por um processo composto de várias etapas, desde a formulação do problema, o campo empírico, a colheita de dados e a análise em busca de resultados. Nesse contexto, a pesquisa não busca oferecer respostas conclusivas, mas sustentar a pergunta que a move: *o que quer uma mulher?* Reconhecendo que, na perspectiva psicanalítica, essa é uma questão que não cessa de se inscrever. A mulher não é uma essência a ser desvelada, mas uma posição no discurso, atravessada pelo inconsciente e, portanto, marcada pela falta e pela possibilidade de invenção. Assim, mais do que explicar ou transformar uma realidade social, política ou cultural, este trabalho se orienta pela escuta das formas singulares de enunciação em que o feminino se diz, se silencia e se reinscreve na experiência de ser pesquisadora.

Traçando o percurso de construção da presente pesquisa, realizou-se inicialmente uma revisão da literatura, a partir de leituras de livros e artigos científicos de autores que abordam a temática. Em seguida, para a realização e concretização do campo empírico, procedeu-se à seleção dos dispositivos. Desse modo, a escolha da metodologia e dos dispositivos de colheita constitui um processo norteador para a obtenção das descobertas. Assim, optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que esta possibilita compreender as relações sociais a partir dos pontos de vista das pessoas envolvidas no fenômeno estudado (Godoy, 1995).

O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) foi um dos primeiros a criticar o uso da metodologia das ciências naturais pelas ciências sociais, em função da diferença fundamental entre os objetos de estudos das mesmas. Nas primeiras, os cientistas lidam com objetos externos passíveis de serem conhecidos de forma objetiva, enquanto nas ciências sociais lidam com emoções, valores, subjetividades. Esta diferença se traduz em diferenças nos objetivos e nos métodos de pesquisa. Para

Dilthey, os fatos sociais não são suscetíveis de quantificação, já que cada um deles tem um sentido próprio, diferente dos demais, e isso torna necessário que cada caso concreto seja compreendido em sua singularidade (Goldenberg, 1997, p. 18).

No caso da pesquisa qualitativa, entendemos que ela nos traz várias possibilidades de estudar os fatos que abrangem as subjetivações do humano e suas complexas relações psicossociais. Nesse aspecto, a abordagem qualitativa opõe-se a um modelo padrão de pesquisa para todas as ciências, visto que cada ciência tem sua especificidade de acordo com cada caso a ser estudado, o que pressupõe uma metodologia própria (Goldenberg, 1997).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2003, p. 21)

Minayo (2003, p. 21), postula que as pesquisas qualitativas trabalham com questões muito particulares, preocupando com realidades que não podem ou não deveriam ser expressas numericamente, destaca a essência da pesquisa qualitativa nas ciências sociais, ressaltando sua capacidade de explorar e perceber aspectos complexos da existência humana que não são facilmente mensuráveis. A autora, afirma que o trabalho de campo permite a aproximação entre o pesquisador e a realidade a qual deseja estudar, e também, a interação com os atores presentes nessa realidade. Aponta ainda para a importância do contexto e dos processos sociais na formação das experiências individuais.

A citação de Minayo (2003), também aponta para considerar a importância do contexto e dos processos sociais na formação das experiências individuais. Quando se reconhecem esses elementos, não podemos reduzi-los a simples operacionalização de variáveis, mas, de acordo com a autora, as ciências sociais necessitam de abordagens que valorizem a complexidade e a subjetividade da vida social.

De acordo com Gatti e André (2011), as pesquisas qualitativas se constituíram em modalidades investigativas que se consolidaram por corresponder ao desafio de entender os aspectos “formadores e formantes” do humano. Em uma pesquisa qualitativa, o pesquisador busca interpretar os fatos, buscar respostas, entender os fenômenos pela sua descrição e interpretação. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa envolve de forma ativa tanto o pesquisador, quanto os pesquisados.

Dessa forma, observamos que a construção da pesquisa qualitativa, possibilita o entendimento das transformações do campo social na esfera da educação, no aporte de escutar

o que se alcança em uma realidade mais aproximada das formas do sujeito representar as suas experiências.

[...]o objetivo é investigar opiniões, percepções, representações, emoções e sentimentos de professores, alunos, gestores escolares, pais de alunos, sobre um determinado tema ou questão. Aqui podem ser localizados aos estudos na linha sócio-histórica, que trabalham com as categorias sentido e significado, atividade e consciência, necessidades e motivos, estudos fundamentados na teoria das representações sociais, investigações sobre o processo de constituição de identidade do sujeito, com fundamento na Psicologia Social, na Sociologia das profissões ou na Psicanálise. André e Gatti (2010, p. 35)

Nesse sentido do que André e Gatti (2010, p.35) exprimem, compreendemos que a pesquisa qualitativa é um campo fértil para o estudo aqui proposto, já que a mesma tem uma centralidade na linguagem, nos fazendo refletir sobre a perspectiva que tudo que é dito, é dito para alguém em algum lugar, de algum lugar ou para algum lugar. Dessa forma, obter interpretações admissíveis no universo de narrações, é para o pesquisador um desafio. Por esse olhar, a pesquisa qualitativa procura acolher as diversas formas de relatos, em um tempo de transição de paradigmas na ciência, o dominante e o emergente, como disse Santos (2008), cujo conhecimento se torna parte integrante da produção sociocultural em sociedades que intervêm de forma crescente sobre si mesmas, como vemos a seguir:

Em resumo, à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais estas aproximam-se das humanidades [...] A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também profundamente transformadas (Santos, 2008, p. 69-70).

Santos (2008), faz uma reflexão por uma perspectiva interessante sobre a interconexão entre diferentes áreas do conhecimento. Essa fusão pode levar a uma reavaliação das humanidades, que, historicamente, foram vistas segmentadas das ciências mais exatas. Evidencia uma abertura de espaço para novas formas de conhecimento que refletem a complexidade da experiência humana em um mundo cada vez mais interconectado. Para além, nos faz refletir sobre como o conhecimento não pode ser compartimentalizado, visto que, os desafios globais exigem uma abordagem holística, colaborativa e abrangente do saber. A transformação das humanidades pode, ser vista não só apenas como algo a se adaptar, mas como uma oportunidade de revitalizar e inovar no entendimento da condição humana.

A abordagem qualitativa, também é defendida por André e Gatti (2010) no sentido de trazer uma visão diferente da análise dos fenômenos, ou seja, é imprescindível buscar componentes diversos que uma situação de pesquisa provoca, isso junto a interação dos sujeitos da pesquisa. Conforme defendem André e Gatti, (2010, p. 9):

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de

aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas.

Nesse mesmo sentido, Ornellas (2011, p 25) nos diz que:

[...] nomeia-se pesquisa qualitativa o modo de pesquisa que revela resultados não alcançados pelo modo da pesquisa quantitativa. A escolha se dá pela natureza do problema de pesquisa, é uma modalidade bem aplicada, também, com a intenção de revelar afetos, emoções e sentimentos que são difíceis de obter através de métodos convencionais.

A partir dessa perspectiva, e ainda seguindo Ornellas (2011, p. 25), a pesquisa qualitativa orienta-se para a percepção de aspectos da vida social que dependem da interpretação e da explicação da dinâmica das relações humanas. Em diálogo com essa escuta, Ornellas (2019, p. 141) acrescenta que:

Para a construção teórica, tentaremos seguir os passos da pesquisa qualitativa que, de mãos dadas com algumas formulações da Psicanálise e da Educação, justificam os esforços de pedir a essas duas concepções teóricas que nos revelem algo do que têm a dizer sobre esse objeto.

Essa orientação reforça que a pesquisa qualitativa não se limita a procedimentos, mas envolve uma escuta que articula diferentes campos do saber. É uma escuta que acolhe o que emerge no encontro com o objeto e que permite que nuances venham à tona no movimento da escuta.

Minayo (2010), diz que a abordagem qualitativa remete ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que está vinculado a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Ela, possibilita a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referente ao fenômeno estudado de uma sociedade, tendo-se respeito pela diversidade existente. Assim, Minayo (2010, p. 57) define o método qualitativo como o método,

[...] que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; PARGA NINA et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

Dessa forma, com todas essas características que Minayo (2010), nos traz, entendemos que a pesquisa de cunho qualitativo tem seu principal foco voltado para o indivíduo e para suas relações e interações com o ambiente. Para o pesquisador, conjectura a possibilidade de manter contato direto e prolongado com o *lócus* e a situação que será investigada, num trabalho de campo intenso. Dessa forma, dispomos de um método que se debruça com as formas de autoconhecimento, de percepção do mundo, de comunicação, e de noção dos problemas

humanos. É um método, segundo Bogdan e Biklen (1994), em que o pesquisador interpreta o mundo com base nas interações, assim como constrói significados através de interações e partilha de experiências.

2.2 CORRENTE DE SENTIDO E NÃO-SENTIDO: O MÉTODO CLÍNICO PSICANALÍTICO COMO ÉTICA DE FALA E ESCUTA

Navegar exige bússola, mas também silêncio; o silêncio que escuta o que se move sob a superfície. O percurso metodológico desta pesquisa ancora-se na inspiração do método clínico psicanalítico, entendido aqui nesta tese, não como técnica terapêutica, mas como manejo de conhecimento. Esse método, inaugurado por Freud e reelaborado por Lacan, sustenta-se em uma ética: a ética da escuta, que acolhe o sujeito em sua divisão, em sua fala e em seus silêncios. Nesse horizonte, o método se estrutura na escuta e na interpretação do sujeito do desejo. Como explica Rosa (2004, p. 341), “[...] o método em psicanálise é a escuta e interpretação do sujeito do desejo, em que o saber está no sujeito, um saber que ele não sabe que tem e que se produz na relação que será chamada transferencial”. Tal concepção amplia a percepção da escuta como gesto ético e situacional, em que o conhecimento não se antecipa nem se impõe, mas se constrói na relação entre pesquisador e sujeito.

Assumir o clínico como estilo de conhecer é afirmar que a investigação não se limita ao catálogo de discursos, mas se compromete com o ato de escutar e com a responsabilidade de interpretar sem domesticar. É aqui que a metodologia deixa de ser roteiro e se torna posição ética: escutar o que comparece e o que falha, sustentar a falta sem preenchê-la com teorias apaziguadoras. Como lembra Nasio (1999, p.49), “A escuta capta o inconsciente do outro em seu próprio silêncio. A escuta capta o outro em seu próprio silêncio”.

O método clínico, na tradição psicanalítica, nasce da experiência da escuta. Freud (1912/1974), ao formular a regra da atenção flutuante⁷, indica que o analista e, por extensão, o pesquisador que se apoia nesse gesto, deve escutar sem selecionar, sem buscar antecipadamente o sentido, deixando-se conduzir pelas correntes do discurso. Essa atitude não é passividade, mas abertura ao imprevisto, ao que emerge do inconsciente como fragmento de verdade. No plano da pesquisa, atenção flutuante significa suspender hierarquias de relevância prévias e deixar que o corpus faça sintoma. A análise não extrai informações; ela acompanha os

⁷ O termo *atenção flutuante* foi introduzido por Freud (1912/2010) para designar a atitude do analista de escutar sem privilegiar nenhum elemento do discurso, mantendo-se aberto ao inesperado e às associações do sujeito.

deslizamentos, observa as repetições teimosas e reconhece que, muitas vezes, é o detalhe mínimo, quase um lapso, que abre o campo de inteligibilidade. Como afirma Freud (1912/2010, p.149), “[...] ela consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma ‘atenção flutuante’”.

Lacan (1959-1960/1998), ao retomar Freud, amplia o método clínico e o inscreve em uma ética do desejo. O inconsciente, afirma Lacan, é estruturado como linguagem; por isso, o trabalho clínico não se funda na revelação de conteúdos ocultos, mas na escuta das formas de dizer e nos deslizamentos de significantes que fazem surgir o sujeito em sua divisão. O método clínico é, assim, um modo de escuta e pode ser que acolhe o que falta, o que hesita, o que se repete. Escutar é acompanhar o sujeito na travessia de seus próprios significantes. Para nossa travessia, isso implica desconfiar do “já entendido” e priorizar o modo como o enunciado se constrói e se rompe. O foco desloca-se do “o que quer dizer” para “o que faz o dizer”: onde insiste, onde tropeça, onde corta. A ética do desejo, aqui, é a recusa de colar sentidos prontos ao outro. Como escreve Lacan (1964/1998, p.488), “[...] o inconsciente é o discurso do Outro”.

Nasio (1999) destaca que a clínica é, antes de tudo, um *lócus* de escuta. O psicanalista ou o pesquisador inspirado nesse método ocupa um lugar ético, não de domínio sobre o outro, mas de implicação sensível com o discurso. Escutar é permitir que o inconsciente se manifeste, reconhecendo que o saber não está no sujeito, mas entre o sujeito e o Outro, no espaço simbólico que a fala inaugura.

Akhtar (2019) oferece uma contribuição singular ao pensar a escuta psicanalítica como uma experiência compartilhada e criadora de sentido. Para o autor, “[...] todo o material analítico (incluindo transferência e contratransferência) é coconstruído, e a escuta analítica é um processo compartilhado” (p. 39). Nessa mesma direção, sustenta que “A análise não é simplesmente um método de descoberta do oculto; é principalmente um processo de criação de significado” (p. 40). Essas formulações deslocam a ideia de escuta como técnica para situá-la como método epistemológico: um modo de conhecer que se faz no entre, entre o sujeito e o outro, entre o dito e o não dito. Esse gesto de escuta implica ruptura com o já sabido, abrindo espaço para novos sentidos e interpretações. Tal movimento ecoa nas travessias desta pesquisa, em que a fala das mulheres pesquisadoras é tomada como campo de emergência do sentido. A escuta, portanto, não busca fechar as brechas, mas faz delas método: é nelas que a subjetividade se revela, tensa entre história, instituição e desejo.

Nessa corrente de sentidos e não-sentidos, o método clínico psicanalítico constitui-se como bússola epistemológica da pesquisa: orienta a escuta, legitima a atenção e convoca a pesquisadora a implicar-se no que escuta. Escutar, aqui, é um modo de conhecer, um modo de

estar diante do sujeito, acompanhando o que se diz e o que se cala, o que se mostra e o que se esconde. A bússola não aponta um porto final; ela sustenta o rumo. O método clínico, tomado como ética, autoriza a não conclusão e o caráter aberto do saber que se produz: um saber situado na cena da fala, provisório e, justamente por isso, ético consigo mesmo. Essa perspectiva de escuta e inacabamento também se estende à própria produção científica, pois o método clínico não se restringe ao campo terapêutico, mas inspira uma forma de pesquisa que reconhece a incompletude e o atravessamento do sujeito em seu *savoir-faire*, um saber-fazer com o não-sabido, com o que escapa à razão e exige invenção. Como observa Diniz (2011, p. 12):

Ao operar com o método clínico, devemos considerar que esta perspectiva permite apreender, ainda que parcialmente, os movimentos que perpassam a construção de um conhecimento, estando, em parte, a serviço de crenças e valores, e de fantasias nem sempre conscientes *a priori*, e que a verdade científica é sempre parcial, incompleta, inacabada e não total como o pensamento humano anseia tão profundamente (Diniz, 2011, p. 12).

Nesse sentido, o gesto de escutar se estende também à própria pesquisadora, que se percebe atravessada por afetos, pressupostos e desejos, um lugar de implicação que, longe de comprometer o rigor, o aprofunda, pois reinscreve a dimensão subjetiva como parte da produção de conhecimento.

Assim, esta tese adota o método clínico psicanalítico como ética de escuta: uma forma de produção de conhecimento fundada na palavra, no silêncio e na relação com o outro. A escuta é o gesto que move esta corrente, um movimento contínuo, fluido, que não busca chegar a um porto fixo, mas escutar os fluxos e refluxos de sentido que constituem o sujeito e suas narrativas. Nessa escuta das entrevistas, incluem-se também os desenhos, tomados como dispositivos sensíveis que ampliam o campo da palavra e permitem que o indizível encontre outras formas de inscrição, traço, cor, forma e ausência, em que o inconsciente se deixa entrever. Ao afirmar a escuta como eixo, relacionamos método e responsabilidade: não há clínica, nem pesquisa, sem cuidado com a cena de enunciação. O compromisso é não capturar a fala, não estetizar o sofrimento, não domesticar o indizível, mas sustentar o espaço onde algo possa advir. E talvez seja essa a referente bússola deste percurso: a disposição ética de deixar que o mar da linguagem conduza a travessia, sabendo que cada onda, dita ou silenciada, traz em si o traço do sujeito e o desejo de existir na palavra.

2.3 NAVEGAÇÃO: MAPAS EM BUSCA DO ESTADO DO CONHECIMENTO

A demarcação do objeto de pesquisa brota da necessidade de tornar íntimo algo que nos é desconhecido. Assim, é imperativo trazer o que já foi produzido, para que possamos traçar os

caminhos que poderemos percorrer. Nesse contexto, a prática de buscar o estado da arte/conhecimento possibilita a efetivação do mapeamento das publicações que contribuirão para dar continuidade à investigação, ciente que permite obter análise do que tem se referenciado nas produções acadêmicas, assim como apontar possíveis caminhos para prosseguir com futuras pesquisas, fornecendo novos subsídios de estudos e oferecendo um leque de possibilidades.

Para entender a importância desse processo de construção, de pesquisadora na universidade, realizamos um levantamento em publicações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de artigos e teses que dialogam com a temática tratada neste trabalho. Romanowsky e Ens (2006, p. 40), nos diz que “um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando”.

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (Romanowsky; Ens, 2006, p. 39).

Prosseguindo com o estudo em relação às mulheres pesquisadoras na universidade, organizamos uma busca inicial por meio da pesquisa tipo estado da arte/conhecimento, nas produções científicas brasileiras limitadas ao recorte temporal de 2020 a 2024, e que se reportassem em algum momento aos descritores preestabelecidos: mulheres pesquisadoras; mulheres pesquisadoras na universidade.

Desse modo, utilizou-se como referência para o levantamento dos dados as bases científicas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). De caráter bibliográfico, a pesquisa tipo estado da arte/conhecimento, que tem por objetivo mapear e/ou investigar inúmeros campos do conhecimento que serão objetos de análise de acordo com suas produções.

Os resultados da investigação foram demonstrados em quadros seguindo a ordem das indicações: Tipo (Tese ou Dissertação), Autoria, Ano de publicação, Título e as Palavras-chave do resumo. Iniciando pela busca ao descritor “Mulheres Pesquisadoras”, foram localizadas três publicações, sendo duas teses e uma dissertações. Com o descritor “mulheres pesquisadoras na universidade”, não encontramos nenhuma publicação.

Esses estudos mostraram-se inquietantes e motivadores para continuar a complexa investigação acerca da constituição do pesquisador e os possíveis atravessamentos em sua atuação profissional.

Quadro 2 - Pesquisas científicas encontradas com o descritor “Mulheres Pesquisadoras”, – CAPES (2020-2024)

N.º	TIPO	AUTORIA	ANO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
1	Tese	CUNHA, Rocelly Dayane Teotonio da	2021	Ciência e gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em psicologia	Psicologia; Excelência Científica; Gênero; Cotidiano
2	Dissertação	BOARIN, Paula Vitoria Galesi Abdala	2020	Os desafios estratégicos da internacionalização de mulheres pesquisadoras no contexto brasileiro	Estratégias de Internacionalização de Pesquisadoras; Barreiras Pesquisadoras Brasileiras na Internacionalização; Facilitadores da internacionalização de Pesquisadoras Brasileiras
3	Tese	BARROS, Suzane Carvalho da Vitoria	2020	Mulheres pesquisadoras: estereótipos de gênero, desenvolvimento profissional e conciliação trabalho-família	Estereótipos de gênero; escolha acadêmica; escolha profissional; interface trabalho-família; desenvolvimento profissional; desenvolvimento na carreira

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, em novembro de 2022.

Ao analisarmos os resumos das publicações, observamos que esses achados pertencem a diferentes campos do conhecimento, não se enquadrando diretamente no campo da educação. Em geral, as três primeiras pesquisas mencionam a desigualdade e a representatividade de gênero no Ensino Superior por meio da atuação da mulher na pesquisa de diferentes áreas; apresentam questões relacionadas às relações de poder e as barreiras enfrentadas.

As pesquisas analisadas mostram que a participação das mulheres na pesquisa nem sempre é bem vista pelo seu campo de estudo e no ambiente social que se encontram, e que ideias tateis de machismo e subalternidade ainda estão presentes, advindos da relação de poder. Tal como retratam algumas pesquisas, em que a mulher está integrada, se torna um processo árduo com alto nível de estresse. Alguns estudos a respeito da mulher na pesquisa na universidade indicam que, por mais qualificadas que sejam, algumas desistem de prosseguir em decorrência das adversidades encontradas durante o percurso, a exemplo da maternidade e da conciliação com a vida profissional.

2.4 DESTINO À VISTA: UNIVERSIDADE COMO O LÓCUS DA PESQUISA

Lócus é o campo de pesquisa onde o pesquisador busca o conhecimento, ou seja, o que existe, mesmo que ainda não seja conhecido. Assim, investigar requer do pesquisador um olhar atento e uma escuta flutuante à sua área de trabalho, observando e imerso nos lócus da pesquisa. Um movimento que envolve colheita de dados, na qual revendo e explorando essas informações pode-se abrir mão das ideias iniciais e desenvolver novos estudos.

O espaço da pesquisa é a Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Departamento de Educação do Campus I (DEDC I), Departamento de Ciências da Vida (DCV), Pós-graduação Stricto Sensu do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), Programa Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). Para tanto, buscamos junto ao órgão responsável na Instituição (UNEB) mapear as informações para que estivessem mais atuais possíveis.

A escolha por sujeitos que atuam como pesquisadoras em diferentes áreas do conhecimento é importante pois, trouxe perspectivas únicas e experiências variadas que enriqueceram a análise, permitindo capturar a complexidade das questões relacionadas a subjetividade e a constituição feminina no contexto acadêmico. Além de que, essa intersecção de saberes, pode revelar como diferentes áreas abordam questões de gênero, poder e subjetividade. Quando incluímos mulheres de áreas diversas, objetivamos afastar uma abordagem monolítica, buscando uma apreensão mais abrangente das dinâmicas de gênero na academia.

Dessa forma, a diversidade de sujeitos que compõem esta pesquisa constitui uma escolha intencional de estilo e método, voltada a desconstruir estereótipos associados a áreas específicas do conhecimento. Tal diversidade evidencia como essas mulheres desafiam expectativas tradicionais e afirmam sua presença em campos historicamente marcados pelo

masculino. Mais do que uma questão de representatividade, essa composição plural revela-se uma estratégia epistemológica e ética, fundamental para a construção de uma pesquisa mais densa e significativa, especialmente no contexto dinâmico e múltiplo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

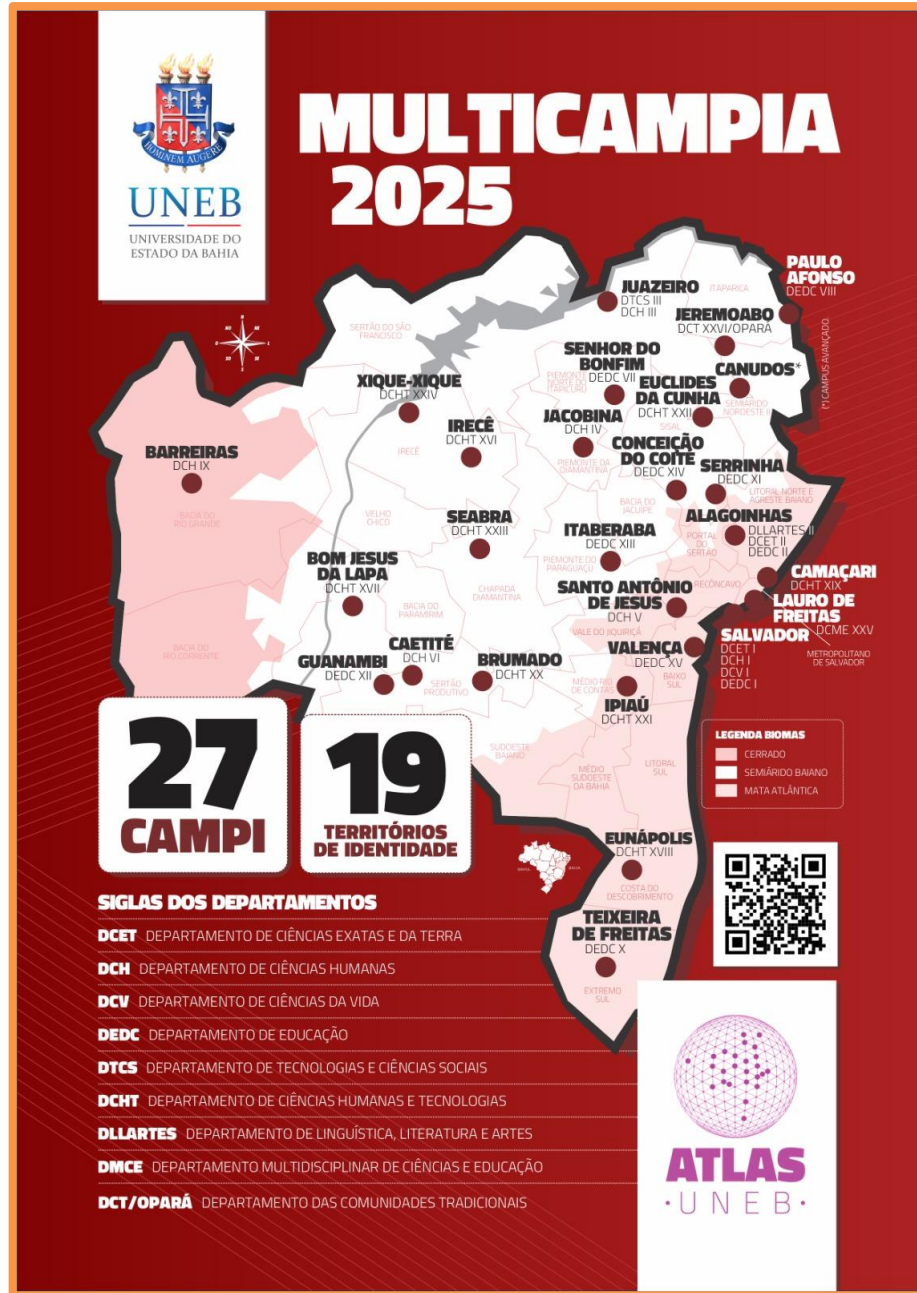
A Universidade do Estado da Bahia foi criada em 1983 pela Lei Delegada número 66/83, que substituiu a Superintendência de Ensino Superior da Bahia (SESEB), que agregavam o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEB), a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF), a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas (FFPA), a Faculdade de Formação de Professores de Jacobina (FFPJ), a Faculdade de Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus (FFPSA), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité (FFCLC) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro (FFCLJ).

O Decreto número 92.937, de 17 de julho de 1986, autorizou o funcionamento da UNEB de acordo com o parecer administrativo da Secretaria da Educação Superior. Decreto na 92.937, de 17 de julho de 1986. A UNEB é a maior instituição pública de ensino superior do estado e está presente em todas as regiões baianas. Sua história está integrada à trajetória da educação superior da Bahia, a partir da segunda metade do século XX.

A partir de 1983, o aniversário da UNEB passa a ser comemorado no dia 1º de junho, com a sua institucionalização como Universidade multicampi e multiterritorial. Desde então, a UNEB consolidou a sua atuação social na interiorização da educação superior, na formação de professores para a educação básica e na inclusão social, com a adoção de políticas de ações afirmativas, destacando-se como a primeira Universidade do Brasil a implementar, por deliberação própria, o sistema de cotas para negros e negras e, posteriormente, para indígenas. Essas políticas, que se tornaram princípios institucionais, contribuíram decisivamente para o seu reconhecimento e legitimidade perante a sociedade baiana, que tem nesta Universidade uma referência de instituição comprometida com a formação cidadã e com o desenvolvimento humano e social.

A UNEB possui 31 departamentos instalados em 27 campi: um campus sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em importantes municípios baianos (Mapa 1), em 19 territórios de identidade, com 26.931 discentes de graduação, 5.331 discentes de pós graduação, 2.240 docentes (Mapa 2) e 1.264 técnicos administrativos (Mapa 3). Cabe ressaltar que do quadro de docentes, 1.286 são mulheres (PGDP, 2025).

Mapa 1- Multicampia (Fonte/Portal UNEB)



Fonte: Portal UNEB

Mapa 2 – Docentes



Fonte: Portal UNEB

Mapa 3 – Gestão de Pessoas



Fonte: Portal UNEB

2.5 TRIPULAÇÃO: SUJEITOS DA PESQUISA

Diversos pensadores e filosofias apreenderam e ainda detém o olhar sobre as possibilidades de pensar o sujeito. Não obstante, é a partir da psicanálise defendido por Freud e da releitura feita por Lacan, que se lança um olhar bastante diferenciado e inquietante do que é ser sujeito. O sujeito, para a psicanálise, é aquele que se constitui na relação com o Outro através da linguagem, é um sujeito narrador de si e do mundo. Segundo Ornellas (2018, p. 47),

[...] o sujeito é o sujeito do desejo, no inconsciente é que se manifesta nas suas formações, ou seja, através dos sonhos, sintomas, enganos, esquecimentos, lapsos, atos falhos etc. o saber do inconsciente escapa ao sujeito, quando ele fala. O inconsciente é também o discurso do Outro.

Considerando-se a posição da autora (Ornellas, 2018), o sujeito não é tão meramente uma máquina de pensar, mas é fenômeno, mudança, processo e tempo. Um eu que é fluxo do falante e de um processo de relação - perspectiva diretamente oposta e que rompe com uma visão metafísica do eu. O sujeito perde o status de substâncias mental e material (fixas, eternas) e passa a ser fenômeno (mutável, finito). O foco de interesse migra do processo de conhecer para o sujeito que conhece, colocando em evidência a subjetividade e destacando o saber e a produção do conhecimento. Para além da mera explicação da realidade, o conhecimento passa a ser visto como um trabalho de interpretação e de atribuição de sentidos que leva a marca da pesquisadora.

Para a pesquisa, selecionei **mulheres pesquisadoras** vinculadas a três departamentos do Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sendo o **critério de inclusão orientado pela ordem do desejo**, entendido aqui como o movimento de interesse e disponibilidade subjetiva das participantes em integrar o estudo. Foram enviados convites apresentando os objetivos da pesquisa a dez professoras com **título de doutora**, atuantes em **áreas distintas do conhecimento**, de modo a contemplar diferentes perspectivas sobre a experiência de ser mulher pesquisadora na universidade. A definição do número de participantes considerou os princípios da pesquisa qualitativa, em que o critério de escolha não se pauta pela representatividade numérica, mas pela profundidade e pela relevância das experiências narradas (Minayo, 2004), como diz a seguir:

Numa abordagem qualitativa, definida a população, busca-se um critério de representatividade numérica que possibilite a generalização dos conceitos teóricos que se quer testar. Numa busca qualitativa, preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação. Seu critério portanto não é numérico. (Minayo, 2004, p.57)

Após a constituição do grupo de participantes, no momento de aplicação dos dispositivos, solicitei às colaboradoras a formalização do aceite por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), reafirmando o caráter ético e voluntário da participação.

Para preservar a identidade das participantes e, simultaneamente, inscrever suas narrativas na metáfora marítima que atravessa esta tese, as entrevistadas foram nomeadas com figuras femininas do mar da mitologia grega: **Tétis**⁸, **Eurínome**⁹ e **Galateia**¹⁰. Essas divindades simbolizam diferentes modos de navegar o fazer e o ser pesquisadora: a sabedoria reflexiva de Tétis, a racionalidade estruturante de Eurínome e a voz insurgente de Galateia. Cada nome espelha o modo singular como o feminino emerge em seus discursos, ora como cuidado, ora como ordem, ora como resistência, compondo, juntas, o vasto mar da experiência feminina na universidade.

Tétis, Nereida metamórfica e guardiã dos seus, é a que conhece todas as formas da água: afeto, correnteza e vórtice. Representa uma mulher que se reinventa para proteger o que importa, que maneja a temperatura das marés internas para acolher e, quando necessário, interpelar o destino. Tétis evoca a maturidade que não abdica do cuidado: firme no timão, sabe a hora de avançar e a hora de abrigar o barco em porto seguro. É o arquétipo da constância que não se confunde com inércia, da delicadeza que não cede ao silenciamento. A entrevistada que inspira essa figura fala a partir de um lugar de experiência, serenidade e autoconhecimento. Reconhece as tensões do percurso acadêmico, mas navega entre elas com sabedoria, transformando a prática docente em objeto de reflexão e pesquisa. Sua fala é implicada e afetiva, e revela a consciência de quem compreende o valor do processo mais do que do resultado. Como Tétis, sustenta o curso das águas mesmo em meio às tempestades, fazendo da reflexão um gesto político e do cuidado, um modo de resistência.

⁸ **Tétis**. – Nereida filha de Nereu e Dóris, pertencente à geração das divindades marinhas anteriores aos deuses olímpicos. Era considerada uma das protetoras do mar e mãe de Aquiles, o herói da *Ilíada*. Tétis possuía o dom da metamorfose e o poder de proteger os navegantes, sendo associada à sabedoria e ao cuidado (Grimal, 2005, p. 444).

⁹ **Eurínome** – Divindade primordial do oceano, filha de Oceano e Tétis. Segundo a tradição órfica, foi ela quem dançou sobre as águas do caos e deu forma ao mundo, criando todas as coisas a partir de seu movimento. Representa o princípio feminino da criação e a harmonia que surge do movimento das águas. (Grimal, 2005, p. 159.)

¹⁰ **Galateia** – Nereida celebrada por sua beleza e leveza marinha. é filha de Nereu e de uma divindade marítima. Segundo o mito, foi amada pelo ciclope Polifemo e associada à doçura e à fluidez das águas. Em algumas versões, torna-se símbolo da voz e da autonomia diante da força bruta, escapando de seu opressor (Grimal, 2005, p. 180).

Eurínome, divindade primordial das águas, é aquela que dança sobre o mar e organiza o caos. Sua imagem convoca o princípio ordenador: uma mulher que concebe formas, institui ritmos e encontra, na arquitetura do movimento, o sentido do fazer. Em Eurínome, o mar torna-se pauta e compasso; o planejamento emerge como coreografia do pensamento; a criação, como harmonia entre partes. Representa a força estruturante da razão que se abre ao vivido, uma mulher que cria, organiza e mantém a ordem sem perder o fluxo. A narrativa associada a Eurínome é marcada pela racionalidade, pelo rigor técnico e pelo olhar organizador sobre o mundo acadêmico. A entrevistada fala da universidade como estrutura e da mulher como aquela que planeja e sustenta. Seu discurso se ancora na disciplina, na responsabilidade e na busca por coerência institucional, mas sem negar o afeto e a dedicação. Como Eurínome, ela dá forma ao indizível, traduz o caos em projeto, o trabalho em dança e constrói, com precisão e sensibilidade, o gesto criador que mantém a universidade em movimento.

Galateia é a Nereida da voz e da consciência, a que emerge das profundezas para enunciar. Representa uma mulher que não consente o apagamento, que responde ao assédio do olhar com palavra precisa, que marca interrupções e devolve a fala ao seu lugar. É o arquétipo da resistência luminosa: aquela que transforma o rumor das marés em discurso firme e o silêncio imposto em enunciação crítica. A participante associada a Galateia afirma-se como mulher pesquisadora que enfrenta as correntes da desigualdade com coragem e clareza. Sua fala é incisiva, lúcida e combativa, marcando o lugar da mulher que fala e se faz escutar. Ela confronta o machismo e o racismo institucionais com ironia e inteligência, sem abdicar da ética ou da escuta. Galateia simboliza essa presença que não se curva: uma pesquisadora que usa a palavra como força de existência, que faz do dizer um ato político e transforma a experiência em consciência de si e do mundo.

Essas três divindades gregas, Tétis, Eurínome e Galateia, não apenas nomeiam as participantes, mas compõem um mapa de navegação simbólica dos modos de ser e produzir conhecimento na universidade que se aproximam dos sujeitos da pesquisa. Tétis traz a proteção que pensa e a escuta que sustenta; Eurínome, a ordem que cria e harmoniza; Galateia, a voz que rompe o silêncio e funda presença. Juntas, desenham a carta de um mar em travessia, onde o saber se faz de fluxo e forma, de cuidado e estrutura, de palavra e resistência, e onde cada pesquisa é também um exercício de pilotagem entre tormentas e calmarias, rumo a recomeços sempre possíveis.

Em seguida, o Quadro 3, que sintetiza o perfil biográfico das participantes e permite perceber o lugar de onde cada uma fala, compondo o campo simbólico e discursivo da pesquisa.

Quadro 3 – Perfil biográfico dos sujeitos da pesquisa

Sujeito	Graduação	Doutorado	Área de atuação
Tétis	Pedagogia	Educação	Educação
Eurínome	Administração	Educação	Educação
Galateia	Ciências Biológicas	Medicina e Saúde	Educação

Fonte: Elaborado pela autora

Escutar a constituição do sujeito é reconhecer que se move em marés imprevisíveis, muito além de ações específicas ou de gestos isolados no tempo. No horizonte desta pesquisa, a provocação não é apenas descrever o que se vê, mas escutar o que se anuncia nas entrelinhas, os fluxos que atravessam cada sujeito, oriundo de diferentes territórios do saber, e que se (re)fazem na travessia entre o vivido e o dito, o não dito, os silêncios e os interditos. A constituição de cada sujeito, assim como a do próprio saber, revela-se singular, mas nunca solitária: é tecida por correntes históricas, sociais e simbólicas que a excedem. Reconhecer essa complexidade é aceitar que toda leitura é sempre parcial, provisória e inacabada, como o mar, que nunca cessa de se refazer nas bordas do mundo e nas profundezas oceânicas do indizível.

2.6 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO: DISPOSITIVOS DE PESQUISA

Optou-se por utilizar, como dispositivos de pesquisa, a entrevista semiestruturada (Ornellas, 2011) e os desenhos (Trinca, 2013, 2020; Aiello Vaisberg, 1991, 1999).

Após o aceite e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deu-se início à etapa da colheita. Os dispositivos para esta etapa foram, portanto, entrevista semiestruturada e desenho com título e história, formando um elemento fundante que propiciou a fala individual e a expressão gráfica com vistas a metodologia da colheita das informações sobre o objeto de pesquisa.

2.6.1 Entrevista semiestruturada a bordo

Entre os pontos que fizeram parte do planejamento para colheita, para que pudéssemos atingir os objetivos pretendidos, estão, a adequação da sequência de perguntas e a elaboração de roteiro de entrevista. Entendemos que a entrevista, está na direção de algum lugar, guiada pelo objetivo da pesquisa. Para as autoras Fraser e Gondim (2004, p. 139), a entrevista é considerada como uma “[...] forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e

signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca”.

A entrevista, segundo Yin (2010), é uma das fontes de evidências mais importantes para o estudo de caso, sendo considerada essencial como meio de obter informações, pois grande parte das entrevistas abordam assuntos humanos ou atitudinais. Para Manzini (2003, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Segundo o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A entrevista semiestruturada desempenha um papel fundamental na colheita de dados qualitativos, fornecendo insights detalhados e contextualizados sobre fenômenos complexos, atitudes, comportamentos e experiências. A capacidade de adaptar o roteiro de perguntas em tempo real e aprofundar questões específicas durante a entrevista a torna uma ferramenta valiosa para a escuta aprofundada de diferentes realidades e contextos.

A concordância do sujeito em colaborar na pesquisa já explicita sua intencionalidade de ser escutado e considerado verdadeiro no que diz, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, havendo uma relação dialógica, levando-se em conta que ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador. Nessa perspectiva, Ornellas (2011) assinala que, no momento da entrevista, o entrevistador e o entrevistado constroem relações. O entrevistado, ao falar, dirige suas imagens, angústias, sonhos, desejos e utopias para o entrevistador escutar. E sinaliza: “este lugar se torna um espaço sagrado, onde a relação transferencial pode ou não se contrapor à relação de poder” (Ornellas, 2011, p. 46).

De acordo com Ornellas (2011), a entrevista não estruturada ou em profundidade é também nomeada de aberta, pelo fato da fala do entrevistado se aproximar da regra fundamental da Associação Livre, e a escuta do entrevistador buscar uma atenção flutuante. A autora afirma que:

A (Entre)vista pode ser simbolizada por esse lugar fugidio que se posiciona entre olhos, ou seja, esse lugar que não impede de ver, mas contribui para que o sujeito pesquisador busque sua (entre)vista, mesmo sabendo que se encontra na impossibilidade de ver o sujeito todo, porque há um entre que se limita, separa e deixa escapar. O entre é esse lugar mesmo fugidio, posição em se apresentam duas realidades diferenciadas (Ornellas, 2011, p.32).

A escolha por aplicar a entrevista semiestruturada, se deu a partir do entendimento que esta possibilita o desenvolvimento de uma relação intersubjetiva entre entrevistador-intervistado, através das correspondências verbais e não-verbais que se constituem neste lugar

de interação, permite uma melhor apreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais. Nesse sentido, Ornellas (2011, p. 19), nos afirma que, “Escutar a fala do entrevistado parece abrir uma porta singular para chegar “as vitrines”, para olhar o que brilha e o que embaça os contornos e entornos, as cores frias e quentes, as formas visíveis e invisíveis da palavra falada.”

A entrevista semiestruturada foi um dispositivo de pesquisa valioso para a colheita, pois permitiu um entendimento mais profundo das percepções, experiências e sentimentos das participantes. Esse foi, o primeiro dispositivo de colheita de informações utilizado mediado por um roteiro previamente construído (Apêndice 1).

Ao elaborar o roteiro de perguntas para a entrevista semiestruturada, demandamos levar em consideração diferentes aspectos, a exemplo de clareza, objetividade, sequência lógica e abordagem dos temas. Alinhamos as perguntas com os objetivos específicos da pesquisa, dessa forma, permitiu que a colheita das informações se tornasse relevantes e proporcionassem espaço para a expressão genuína dos sujeitos entrevistados. Além disso, flexibilizamos para adaptações durante a entrevista e consideramos o contexto do participante, como adicionar perguntas durante a conversa (o que foi feito em muitos momentos), dependendo das respostas das entrevistadas. Essa flexibilidade foi essencial, pois permitiu seguir por caminhos inesperados que emergiram durante as entrevistas, assim, capturar nuances, detalhes, significados e significantes que uma abordagem rígida não permitiria. Nesse sentido Ornellas (2011, p. 27) contribui nesse percurso, ao expor que:

Colocar os significantes da fala e da escuta na entrevista, enquanto processo de investigação científica, significa, também, não ter dúvidas sobre os fios imaginários circulando entre o par entrevistador e entrevistado e, assim, tenta-se, neste escrito, amarrar e desatar os fios inteiros, também quebrados, do material teórico a ser tecido.

Essa fala de Ornellas (2011), destaca a importância da comunicação na entrevista. A fala e a escuta não são apenas ferramentas, mas elementos fundamentais que criam uma rede de significados entre o entrevistador e o entrevistado. Os “fios imaginários” simbolizam a conexão e a dinâmica que se estabelecem durante a conversa, e no caso de algumas entrevistadas, dias após a conversa, a autora foi procurada por uma participante para um diálogo a mais. Cada palavra e cada escuta influenciaram a escuta mútua do objeto pesquisado. O ato de “amarrar os fios” sugere que o trabalho de análise e interpretação exige cuidado, atenção aos aspectos evidentes e estruturados da conversa, mas também sensibilidade às nuances e rupturas que emergiram. Para além disso, reconheceu-se que não se tratava apenas de colher informações, mas de manter um comprometimento ético com a escuta e uma consciência das

interpretações, reconhecendo que a subjetividade desempenha papel crucial na construção desta pesquisa.

Nesse processo, reconhecem-se limitações e desafios éticos, como o fato de que os sujeitos podem sentir-se desconfortáveis ao abordar determinados temas. Assim, manteve-se atenção constante a qualquer questão que pudesse gerar incômodo às participantes, buscando-se agir de maneira sensível e responsável. Houve a necessidade de lidar de forma cuidadosa com questões que poderiam ser sensíveis, respeitando o bem-estar emocional das participantes. No momento da entrevista semiestruturada, foi essencial estabelecer um ambiente propício para a comunicação, garantindo que as entrevistadas se sentissem à vontade e confiantes para compartilhar suas experiências e opiniões. Para isso, valorizou-se empatia, respeito e interesse genuíno pelas entrevistadas, criando um *rapport* que facilitou a interação.

Além disso, mantiveram-se cuidados constantes quanto a possíveis conflitos de interesse ou vieses, buscando-se preservar a imparcialidade e a integridade durante todo o processo de entrevista. Essas limitações e desafios éticos, quando reconhecidos e enfrentados, contribuíram para assegurar a qualidade e a validade dos dados obtidos, fortalecendo o rigor e a confiabilidade do percurso investigativo.

A definição de *rapport* e de confiança foi uma etapa fundamental na entrevista semiestruturada, pois influenciou de forma direta na qualidade e profundidade das informações obtidas. Buscou-se estabelecer um ambiente de confiança e para isso, optou-se pela aplicação de vivências de comunicação não verbal, como contato visual e linguagem corporal receptiva, e demonstrar empatia e sensibilidade às emoções expressas pelas entrevistadas. Além disso, o estabelecimento de *rapport* também envolve a criação de um clima amigável e acolhedor, favorecendo a escuta e a expressão das participantes.

Durante a entrevista semiestruturada, adotou-se uma escuta atenta e empática, compreendendo esse momento como um espaço de acolhimento e de emergência de sentidos, isto, foi importante para promover uma comunicação ativa e empática. Demonstrou-se interesse genuíno pelas falas das entrevistadas, formulando-se perguntas claras e específicas a fim de aprofundar a escuta e validar as emoções e experiências compartilhadas. Foi basilar exercitar a empatia, colocando-se no lugar das entrevistadas e demonstrando sensibilidade às suas necessidades e sentimentos. Desse modo, estabeleceu-se um ambiente de confiança e acolhimento mútuo, condição indispensável para a escuta clínica e para a qualidade do material discursivo colhido.

Vale ressaltar outra questão importante: a flexibilidade e a capacidade de adaptação durante a entrevista, mostraram-se fundamentais para possibilitar a navegação por caminhos

inesperados e aprofundar a escuta às participantes. Essa postura exigiu habilidade para ajustar o roteiro de perguntas de acordo com as respostas e necessidades da entrevistada, permanecendo aberto a novas ideias e perspectivas. Além disso, a adaptação ao estilo de comunicação das entrevistadas e a preocupação em criar um ambiente acolhedor e receptivo favoreceram uma interação mais fluida e produtiva, potencializando a riqueza do material discursivo produzido.

A realização das entrevistas foi feita de forma individual, garantindo um espaço propício para a expressão livre das participantes. Para tanto, escolhemos uma sala tranquila e isolada, utilizamos uma sala de reuniões confortável, da UNEB, requisitada e cedida pela Administração Central, de forma a assegurar um ambiente confortável e acolhedor. O espaço escolhido foi livre de interrupções e distrações, permitindo que tanto a pesquisadora, quanto as entrevistadas se concentrassem no diálogo. O ambiente foi organizado de forma a proporcionar conforto e acolhimento, com a disponibilização de água, café, sequilhos, criando assim uma atmosfera agradável. Ao final de cada entrevista, ofereceu-se um pequeno gesto simbólico de gratidão, uma caneca adornada com a imagem da artista Frida Kahlo, como forma de reconhecimento pela disponibilidade e pela partilha das experiências.

No início de cada sessão, a pesquisadora apresentou-se formalmente, compartilhando informações relevantes sobre o objeto da pesquisa e estabelecendo uma conexão com as participantes. Foram esclarecidos aspectos relacionados à duração prevista da entrevista, que variava entre uma hora e uma hora e meia e comunicou-se que a gravação da conversa seria realizada, sempre assegurando a privacidade e o direito ao anonimato das participantes. Para formalizar esse compromisso, procedeu-se à leitura do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), solicitando a assinatura das participantes, a fim de garantir que estivessem cientes e de acordo com todos os aspectos do processo. Além disso, explicou-se que, ao término da entrevista, daríamos início ao segundo dispositivo metodológico, que consistia em uma atividade de desenho, concebida como parte integrante do percurso investigativo.

Esse contato inicial foi de suma importância para promover um clima de tranquilidade. Todas as participantes expressaram, antecipadamente, o quanto era relevante uma pesquisa com essa temática. Esse processo de preparação para a entrevista (*rapport*), a apresentação da pesquisadora, o ambiente e a justificativa do objeto de pesquisa foram cruciais, pois ajudaram a estabelecer uma relação de confiança entre entrevistadora e entrevistada, o que foi fundamental para que estas se sentissem confortáveis e dispostas a compartilhar opiniões e experiências. Também foi importante a gravação da entrevista, pois além de assegurar a precisão dos dados colhidos, também contribuiu para que a pesquisadora pudesse se concentrar na interação com a participante, sem a preocupação de anotar cada detalhe. O respeito pelo

anonimato foi outro aspecto essencial, pois garantiu que as participantes se sentissem seguras ao expor suas ideias e experiências sem medo de repercussões.

As entrevistas duraram aproximadamente uma hora, mas sem limite estabelecido para concluir. O tempo dedicado a ouvir o sujeito da pesquisa é um fator crucial que pode influenciar a qualidade e profundidade das informações colhidas. O tempo pré-estabelecido foi suficiente para que as entrevistadas se sentissem confortáveis e pudessem refletir sobre suas respostas e compartilhar percepções.

. Escutar que cada sujeito traz em si as marcas das suas experiências, crenças e emoções, que tecem suas visões de mundo, foi essencial para o êxito da colheita. A escuta em campo, foi conduzida com sensibilidade e abertura, permitindo ajustes no roteiro conforme as demandas e os gestos de cada fala, de modo a acolher a singularidade de cada percurso. O tempo, espaço e acolhimento entrelaçaram-se como elementos que ampliaram a qualidade das entrevistas e reafirmaram o compromisso ético do processo.

2.6.2 Desenho, título e história em terra

Um outro dispositivo aplicado e que fez parte da colheita, foi o Desenho com Título e História, utilizado a partir da consigna: **“Desafios postos a mulher na construção da produção científica na universidade, os enfrentamos, lutas, conquistas e como as relações de poder atravessam a sua porção feminina”**. É fundamental ver toda criação gráfica como uma expressão subjetiva, um processo que inscreve o desejo em diálogo com a repressão que esse desejo provoca, e entendemos que a partir dessa interação, o produto final emerge. Além disso, as criações gráficas têm a vantagem de possibilitar que o espectador testemunhe o desenvolvimento diante de si, assim como os movimentos do sujeito em relação às suas criações e à presença da pesquisadora. “A arte de representar com o lápis e o papel um tema real, simbólico e imaginário expressa o traçado, risco, esboço e *gestalt* que o sujeito, de forma manifesta e latente, enuncia sua produção” (Ornellas, 2008, p. 29).

A criação de imagens é uma forma de comunicação de afetos, convidando o criador a interagir com a imagem, como uma espécie de linguagem. Como fãs de arte, facilmente nos deixamos levar por esta linguagem, mas como psicanalistas somos frequentemente incumbidos de adotar esta linguagem e códigos de comunicação e tentar encontrar significados e significantes. Assim como os sonhos, temos imagens que às vezes parecem condensadas, distorcidas ou desconexas, mas que podem adquirir significado com base em modelos de escuta específicos, em busca de sentidos.

Sobre o desenho como dispositivo de colheita, diz Ornellas (2016, p. 26): “[...] o desenho é uma produção significativa cujo estatuto de imagem pede uma escuta, tal como a palavra. Para a psicanálise, o desenho é uma escrita e tem, portanto, uma função de palavra, um caráter singular, único no simbólico do sujeito.” Quando utilizado com nuances psicanalíticas, o dispositivo de Desenho, possibilita ter acesso a imaginários coletivos, como também ao que circula no ambiente social, em termos de crenças compartilhadas.

A análise deste processo dinâmico pode ser obtida respondendo a diversas questões, a exemplo: Como é manuseada a folha de papel? Que tipo de relacionamento o sujeito mulher constrói com o espaço da folha de papel e como o manejo? Está preocupada em ocupar páginas ou parece pseudo-ocupação de todo o papel e dos lápis de cor à sua frente? Existe uma preocupação óbvia em não deixar espaço, como se tivesse medo de espaço em branco, ou, pelo contrário, está limitado a um espaço na página? Que parte da folha ela não ocupa? Os desenhos são coloridos ou mais escuros?

O dispositivo de Desenho, quando abalizado e em consonância com referencial teórico devidamente especificado, mostra-se um mediador dialógico fecundo na produção de material investigativo em pesquisas. Assim, o desenho pode ser a expressão relacional entre o sujeito e o mundo, agregando elementos inconscientes do sujeito, que podem favorecer, em especial, a expressão das produções subjetivas. É bom salientar que o desenho em si não pode ser considerado como um resultado pronto. O desenho é uma espécie de palco onde o inconsciente pode ser revelado, permitindo que o sujeito faça suas apresentações e projeções.

Utilizamos o desenho, pois compreendemos como uma abordagem inovadora para ajudar a capturar as vivências cotidianas dos sujeitos. Ao aplicarmos após a entrevista, buscou-se enriquecer a escuta das narrativas a partir do visual, visto que, podem refletir estados emocionais, relações interpessoais e a dinâmica do ambiente acadêmico. O uso desse dispositivo, enriqueceu a pesquisa ao proporcionar uma nova dimensão de expressão e apreensão das vivências cotidianas na universidade. Assim, com o intuito de alinhar as informações fornecidas pelas participantes da pesquisa ao objeto de estudo, o desenho foi um dispositivo de investigação que ajudou a interpretar a realidade do sujeito, utilizando traços que não foram expressos verbalmente. Sobre isso, Paim (2020, p. 116) afirma que:

O desenho é um diagnóstico que vem sendo trabalhado, e tem se mostrado, em algumas pesquisas como um dispositivo de grande valia, junto a outros, para coleta de dados, contribuindo, portanto, como uma forma de complementar aos demais dispositivos. Trata-se de um instrumento expressivo e não objetivo que torna capaz o sujeito de expressar aspectos de sua subjetividade.

A técnica do desenho como dispositivo, transcende a comunicação verbal, em uma forma de expressão mais livre e autêntica. Ao utilizar o desenho, os sujeitos podem acessar

conteúdos emocionais, revelar afetos e desejos que podem estar reprimidos e não reconhecidos. Também, os símbolos e imagens que emergem do processo de desenho podem ser interpretados e analisados, oferecendo insights sobre a subjetividade do sujeito. Elementos como a escolha de cores, as formas e temas podem permitir uma percepção mais rica e nuançada do mundo interno do sujeito da pesquisa.

Após comunicar às participantes que haveria um tempo de até trinta minutos para a execução do dispositivo, apresentou-se a consigna (Apêndice 2) e foram disponibilizados os materiais necessários para a atividade. Ofereceu-se uma variedade de 48 cores de lápis de cera a óleo e uma folha de papel Canson, proporcionando às participantes liberdade de expressão e criação no desenvolvimento da proposta.

Utilizou-se o desenho livre, como abordagem metodológica, por valorizar a espontaneidade e a liberdade criativa. Nesse contexto, não se buscou a perfeição, mas sim a vivência do momento e a fluidez das ideias, permitindo que cada gesto expressivo emergisse de forma singular. Essa perspectiva livre, pode proporcionar liberar a mente de padrões rígidos e pré-estabelecidos, convidando à descoberta de novas possibilidades, significados¹¹ e significantes.

Ao utilizar o desenho livre, estabeleceu-se um tempo de trinta minutos para realização da atividade. Solicitou-se às entrevistadas que criassem uma pequena história com título, que descreveria o desenho, sugerindo que fosse composta de um a dois parágrafos que emergisse após o processo de desenhar. Essa narrativa, construída a partir de cores e formas expressas, evidenciou o potencial do desenho como um importante dispositivo de pesquisa, por possibilitar que as participantes acessassem aspectos de sua subjetividade. O desenho, assim, configurou-se não apenas como estímulo à criatividade, mas também como forma de comunicação aberta, capaz de revelar sentidos latentes e favorecer a emergência do simbólico.

Dessa forma, ao concluir a jornada pelo mundo do desenho livre, tornou-se evidente que cada cor, cada traço e cada história se entrelaçam em um tecido vibrante de experiências, significados e significantes. Uma floresta mágica, com seu coelho curioso e amigos encantados, que não é apenas uma representação visual, mas um convite à reflexão sobre as próprias descobertas e aventuras. Nesse espaço da pesquisa, onde a perfeição não é um objetivo, mas a liberdade de ser, revelaram-se a criatividade e os testemunhos de que, ao desenhar, não apenas

¹¹ O termo *significante* remonta à linguística de Ferdinand de Saussure (1916/1975), que define o signo linguístico como a articulação entre um *significante* (a forma sonora ou material) e um *significado* (o conceito ou ideia associada). Na psicanálise lacaniana, o *significante* adquire primazia sobre o *significado*: é o elemento que estrutura o inconsciente e determina os efeitos de sentido no sujeito. Assim, o *significado* não é fixo, mas se desloca incessantemente sob o deslizamento dos *significantes* na cadeia simbólica (Lacan, 1957/1998).

se produzem imagens, mas também se tecem narrativas, narrativas que conectam o sujeito à sua própria subjetividade e ampliam as possibilidades de sentido.

2.7 ALÉM -MARES: ANÁLISE DE DISCURSOS

A proposta de análise das entrevistas é inspirada na análise de discurso francesa e brasileira (Pêcheux, 1988 e Orlandi, 1996). A análise foi baseada nos fundamentos teóricos da Análise de Discurso com o intuito de se desvelar entre o dito e o não dito, silêncios, entrelinhas que permeiam as falas dos sujeitos. A Análise de Discurso de vertente francesa é uma proposta interdisciplinar por Pêcheux.

A Análise de Discurso emergiu na época do estruturalismo, porém, na sua história, temos estudos preliminares a partir do século XIX, com estudos de texto, em sua materialidade linguística, em M. Bréal, com sua semântica histórica. No século XX surgiram os estudos dos formalistas russos (anos 1920-1930), que já pressentiam no texto uma estrutura. Na análise de discurso, os conceitos fundamentais incluem a relação entre discurso e linguagem, o não dito, o interdito e o silêncio. Esses elementos são essenciais para entender como o discurso opera e como o significado é construído e transmitido através da linguagem e seus silêncios.

É com a obra “Análise automática do discurso” (1969/1988) que Michel Pêcheux dá início à AD, a qual vem questionar a epistemologia das ciências da linguagem que, ao definir como objeto de estudo a língua, deixa em suspenso o sujeito e a História, que Pêcheux vê como marca fundamental na produção dos sentidos. A obra supracitada trouxe para o centro das discussões, questões fundamentais sobre o texto, a leitura e o sentido. Nela se ligam todos os fios constitutivos de um objeto, à época, radicalmente novo: o discurso, que é diferente de texto, se diferencia do esquema elementar de comunicação, é diferente da noção de fala e de enunciado, pois coloca o linguístico em articulação com a História.

O discurso, desde a sua fundação, é pensado como sendo um processo determinado pelo tecido histórico-social que o constitui. Para a concepção desse novo objeto, Pêcheux funde, em seu projeto teórico metodológico, a língua, o sujeito e a História. Daí a necessidade de a AD organizar seu quadro teórico em torno do que Pêcheux vem chamar de tríplice entente: Saussure, Marx e Freud. Saussure (relido por Pêcheux), Marx (relido por Althusser) e Freud (relido por Lacan). Uma teoria semântica da Linguística, para explicar os processos de enunciação, uma teoria marxista da História, para explicar os fenômenos das formações socioideológicas e uma Teoria do Sujeito, para explicar a relação do sujeito com o simbólico.

A relação entre discurso e linguagem é central para a análise de discurso, pois a linguagem é o meio através do qual o discurso é transmitido. Entender como a linguagem é utilizada para construir significados e representações é crucial para a interpretação do discurso em seu contexto social e cultural.

O não dito e o interdito referem-se às lacunas, silêncios e tabus no discurso. São elementos que podem revelar tanto quanto o que é explicitamente enunciado, pois apontam para o que é considerado proibido, inapropriado ou simplesmente não articulado, mas ainda presente de forma implícita. O silêncio é um componente significativo no discurso, podendo assumir diferentes formas e significados. Pode indicar uma pausa, uma ponderação, uma recusa ou até mesmo uma estratégia de comunicação. Na análise de discurso, o silêncio é interpretado como um elemento ativo na produção de significados e na construção de relações de poder. Orlandi (2007), diz que o silêncio tanto quanto a palavra tem suas condições de produção.

Ao analisar o discurso, o silêncio assume um papel crucial como elemento de análise. Enquanto o texto falado revela informações, o silêncio pode transmitir significados igualmente importantes, assim, escutar a natureza do silêncio em uma conversa ou texto é essencial para uma análise abrangente e precisa. O uso do silêncio, seja intencional ou não, pode revelar pistas sobre a intenção do falante, as emoções subjacentes e até mesmo o contexto sociocultural em que a comunicação ocorre. Orlandi afirma que "A hipótese de que partimos é que o silêncio é a condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço 'diferencial' da significação: lugar que permite à linguagem significar" (Orlandi, 1995, p.70).

O interdito é essencial e formador do discurso pois se pudéssemos expressar tudo, não teríamos nada a comunicar: a existência de uma enunciação ou um enunciado completo que dissesse tudo o que há para dizer, após essa enunciação não haveria mais nada a dizer. Dessa forma, se existisse de uma enunciação completa seria a morte da linguagem. Deste modo, para que o campo do dizível continue aberto é necessário que não se diga tudo e que a linguagem seja carregada também de um não dizer, de um interdito ao dizer, do equívoco, da falta. Portanto, o interdito é um impedimento estrutural e estruturante ao dizer completo, impedindo que se diga tudo, e, por isso mesmo, permitindo que se diga algo. O dizer é sempre faltante, é sempre meio-dito, dito no meio, dito pela metade: interdito.

Para Pêcheux (2009, p. 82), o termo discurso implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos de A e B. Segundo o autor:

Um discurso não apresenta na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível que se poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis,

e que essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os sintomas pertinentes do processo de produção dominante que rege o discurso submetido á análise (Pêcheux, 2009, p. 105).

A análise de discurso francesa é uma forma de problematizar as diferentes visões e leituras de mundo dos sujeitos sociais, articulando linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto histórico/ideológico e pelo inconsciente (Pêcheux, 2009). De acordo com Garcia (2003, p. 127),

Do ponto de vista da Análise do Discurso, a linguagem tem na incompletude um de seus fundamentos: tudo não pode ser dito, e o que pode ser dito pode não sê-lo de qualquer maneira. A este princípio constitutivo da linguagem, e cerne do conceito de formação discursiva, corresponde o impossível da língua, o qual se inscreve no real da língua.

Este autor nos conduz ao pensamento de que a linguagem tem como característica a incompletude, ou seja, nem tudo pode ser dito, sendo esse o seu princípio constitutivo. Dessa forma, para descobrir as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso deve relacionar a linguagem à sua exterioridade. Em decorrência, de forma oposta a linguística, não se trabalha com a língua fechada em si mesma, mas com o discurso. Pautada em Pêcheux, Orlandi (1999), afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, o sujeito é interpelado pela ideologia, dessa forma a língua faz sentido.

Ao romper com a noção de língua enquanto sistema ou estrutura, Pêcheux (1988) postula que ela é a materialidade do discurso que carrega a ideologia em si, a qual interpela e constitui o indivíduo em sujeito. Para desenvolver as noções de sujeito e sentido, essenciais para entender o discurso, o teórico expressa inquietude diante da vinculação do significado a uma concepção estruturalista e crítica. Ele direciona suas críticas a vertentes teóricas, como a semântica estrutural, que tendem a buscar uma homogeneização semântica, ignorando elementos do ato enunciativo e, conseqüentemente, apagando a ideologia e a história.

Sobre discurso, Maingueneau (2005, p.15) diz que é “[...] uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Segundo o autor, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso se constitui na relação polêmica com outro. O sujeito é um espaço cortado por discursos e a língua um processo semântico e histórico.

A respeito do conceito de enunciado, este não se reduz ao de signo linguístico, visto que língua e enunciado não estão no mesmo patamar de existência. Nesse sentido, um enunciado pode ser além de palavras ou frases, símbolos, imagens, gráficos, organogramas, desenhos, etc.

É como “[...] um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo no discurso” (Foucault, 1995, p. 90).

Henry (2007), sinaliza que é justamente para romper com a concepção tradicional da linguagem que Pêcheux fez intervir o discurso e tentou elaborar teoricamente, conceitualmente e empiricamente uma concepção original sobre este. Ainda nessa perspectiva, nos diz Orlandi (2015) que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, isso, significa com homens falando, produzindo sentidos não apenas como sujeitos individuais, mas enquanto membros de uma sociedade. Orlandi (2015), diz ainda que nesse sentido, em que se considera o homem na sua historicidade, deve-se considerar os processos e condições de produção da linguagem, a análise da relação estabelecida pela língua, por quem diz e onde se diz. Sobre isto, Pêcheux (1988), nos afirma:

[...] diremos que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes (Pêcheux, 1988, p. 160- 161).

Ainda nessa direção, Brandão (2012), diz que a linguagem como discurso não é neutra, inocente, mas um modo de produção social, uma articulação entre os fenômenos linguísticos e os processos ideológicos. O pesquisador deve estar preparado, considerando que o sujeito é capaz de nos oferecer elementos únicos da sua trajetória que somente ele dispõe, já que nos apresenta esses elementos em uma dimensão subjetiva. É a possibilidade de o sujeito ouvir o que sua fala diz, por meio da escrita, e se reconhecer nela, na expressão de sentimentos, no lembrar e experimentar novamente as marcas que o constituíram, no intuito de resgatar-se. Sendo assim, esses elementos não podem ser desprezados.

Em Análise de Discurso, a metodologia de análise não consiste em uma interpretação horizontal, ou seja, em extensão, do princípio ao final do texto tentando saber o que o próprio diz, uma vez que qualquer discurso é incompleto. Mas, realiza-se uma análise em profundidade, que é possibilitada pelo batimento descrição-interpretação, onde se verifica, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. Ou seja, o investigador utiliza-se de dada teoria, ou melhor, de procedimentos teóricos que subsidiarão a análise de acordo com a abordagem da pesquisa, observando o objeto.

2.8 COLHEITA DISCURSIVA NO CAMPO EMPIRÍCO

Ao decorrer deste subcapítulo, vamos tratar da colheita discursiva no campo empírico, uma intersecção entre teoria e prática que tem como objetivo proporcionar uma melhor apreensão do objeto de pesquisa a partir das narrativas que refletiram sobre a pergunta inicial, o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo. A colheita representou um momento crucial na pesquisa, a partir de uma abordagem qualitativa, a qual permitiu que as narrativas das entrevistadas e os desenhos se tornassem central na construção do conhecimento.

Nesse sentido, a colheita não se deu apenas como um procedimento técnico, mas como uma prática reflexiva que envolveu escuta atenta e empatia, oportunizando acessar experiências vividas e os significados que as entrevistadas atribuíram a elas. Esses dados, foram colhidos de maneira cuidadosa e nos ofereceu um panorama rico e diversificado, iluminando questões complexas e multifacetadas.

Ainda, a colheita discursiva permitiu escutar as dinâmicas da mulher pesquisadora subjetivada no contexto da universidade pública. Suas histórias contadas, não apenas foram relatos pessoais, mas também reflexos de contextos históricos, sociais e políticos mais amplos. Ao analisarmos suas narrativas e desenhos, buscamos não apenas entender o que foi dito, mas o não dito e o interdito, e como essas narrativas foram construídas, considerando os fatores que influenciaram essa construção. Assim, essa colheita se tornou um elemento fundamental para a produção do conhecimento do é relevante, sensível e representativo das vozes dos sujeitos que compõem o objeto de estudo.

2.8.1 Desenvolvimento do corpus: entrevista e desenho com título e história

Construir um corpus de pesquisa é um dos aspectos fundamentais para a pesquisa qualitativa, servindo como base para a colheita e análise dos discursos. Essa construção, envolveu a seleção e organização a partir dos dispositivos escolhidos: entrevista semiestruturada e desenho, que nos ofereceram diferentes perspectivas e profundidade às informações colhidas. Segundo Bauer e Aarts (2002), o corpus de uma pesquisa é composto pelos materiais identificados como fontes importantes para que o pesquisador possa fundamentar seu texto, adequado ao caráter científico necessário à sua análise. A palavra corpus é de origem latina, e significa corpo; no contexto acadêmico, corpus é o conjunto de documentos sobre determinado tema.

A imersão no campo de pesquisa se deu a partir de março de 2025, após o aceite das participantes da pesquisa e a obtenção do consentimento. Inicialmente, houve um contato com as pesquisadoras para agendar a data da execução da colheita, um momento crucial que exigiu

planejamento de todos os detalhes. Escolher o local e preparar o ambiente, pois um espaço adequado pode influenciar a qualidade das respostas fornecidas pelas participantes e após, iniciamos o processo de aplicação dos dispositivos.

Os sujeitos que contribuíram com a realização deste estudo são três docentes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mulheres, doutoras e professoras pesquisadoras, com idade variando entre 56 e 62 anos. Essa diversidade etária e de áreas de atuação (uma participante da área de Pedagogia, uma da área de Administração e uma da área de Ciências Biológicas), enriquece o corpus de pesquisa.

Colocar-se disponível para ouvir atentamente as participantes da pesquisa, refletiu no respeito e interesse pelo gesto dessas mulheres, que demonstraram disposição em compartilhar suas experiências e perspectivas acerca da temática em análise. O desenho, enquanto forma de expressão livre e prática comunicativa, desempenhou um papel importante ao possibilitar que as participantes externalizassem suas subjetividades e vivências de maneira visual. Articulado à entrevista, esse dispositivo favoreceu um diálogo mais aprofundado e reflexivo, no qual emergiram nuances simbólicas, ideológicas e históricas que ampliaram a percepção sobre o modo como cada mulher se constitui como sujeito pesquisador no espaço universitário.

Essas narrativas (escritas e visuais), constituídas por vivências e percepções, formaram o *corpus* fundamental da pesquisa, oferecendo uma rica tapeçaria de significados e significantes que iluminaram a experiência da mulher pesquisadora no contexto universitário. A escolha de utilizar o desenho e a entrevista não foi meramente metodológica, mas uma estratégia intencional que visou atender aos objetivos da pesquisa de maneira mais abrangente e multifacetada.

Através da aplicação do dispositivo de desenho, as participantes tiveram a oportunidade de explorar e expressar aspectos de sua subjetividade, que muitas vezes ficam ocultos nas narrativas verbais tradicionais. Esse tipo de dispositivo permite que as emoções sejam capturadas de forma mais visceral e imediata. Souza (2011, p.211), reflete sobre esse dispositivo, expondo que:

Ao interpretar desenhos nos valem dos significados dos símbolos derivados da psicanálise, dos folclores, dos estudos dos sonhos, dos mitos e das fantasias. Estes símbolos funcionam como engates a partir dos quais o inconsciente se vale para alcançar o caminho da consciência e, disfarçadamente, encontrar uma forma de expressão. Devemos também estar atentos aos mecanismos de deslocamento e condensação, além de uma vasta gama de tratamentos possíveis dados a estes símbolos para a formação de um desenho final.

O autor acima, aborda a complexidade da interpretação de desenhos, evidenciando a importância dos símbolos que se originam de diversas fontes e podem ser vistos como

ferramenta que o inconsciente utiliza para se comunicar e expressar sentimentos e/ou pensamentos que podem não ser facilmente acessíveis à consciência. Ao mencionar os mecanismos de deslocamento e condensação, traz à tona conceitos psicanalíticos que são fundamentais para entender como os conteúdos do inconsciente podem ser transformados em representações visuais.

Contudo, as entrevistas também proporcionaram um espaço de reflexão crítica e construção de significados, visto que, permitiram as participantes articularem experiências em um diálogo estruturado. Dessa forma, a combinação desses dois dispositivos metodológicos, não apenas enriqueceram a colheita, mas também revelaram conhecimentos sobre a condição da mulher pesquisadora, destacando os desafios, as conquistas, os enfrentamentos e a complexidades que elas enfrentam no ambiente acadêmico. Essa abordagem holística contribuiu para o um maior entendimento da subjetividade feminina na pesquisa, trazendo uma discussão contemporânea sobre a mulher no contexto da universidade pública.

PORTO III– TRAVESSIA DA MULHER: MAIS AINDA, DA PESQUISA E DA CIÊNCIA.

“A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos” (Priore, 2004, p. 58).

Investigar a mulher na construção da pesquisa é escutar implicações possíveis da constituição subjetiva que nos remete a importância das falas, escritas e ações dos sujeitos da pesquisa. É pensar a mulher que transcende o que para ela foi traçado por uma sociedade machista, que de subalterna chega ao poder público, de coadjuvante a protagonista. Dessa forma, a epígrafe de Kupfer (2013), evidencia como a linguagem desvela as marcas adesivadas na história do sujeito.

A história dessa busca deixa marcas, inscrições, que o sujeito carrega quando se manifesta vez por outra nas fraturas da linguagem. Ele é feito dessas marcas, dessas inscrições originárias que dão o rumo e a direção do que ele vier a realizar em sua vida. Essas marcas também dão o rumo da busca por objetos que venham a resolver seus paradoxos, que lhe permitiram obter a ilusão da satisfação plena, que preenchem a falta com que iniciou necessariamente seu percurso subjetivo. (Kupfer, 2013, p. 125).

Nessa pesquisa, pensamos os dispositivos de colheita (entrevistas e desenhos) no sentido de aplicar instrumentos que favoreçam a escuta desse sujeito Mulher, que fala à revelia do eu, provocando um processo de subjetivação. O processo de construção da pesquisa, sob o olhar da psicanálise & educação não é visto aqui como um campo específico, mas como lugar de atravessamento que constitui e escuta a vida do sujeito, permite utilizar os saberes psicanalíticos para entender uma Mulher implicada em suas escolhas e angústias, imersa na complexidade da sua vida pessoal e profissional.

Nesse cenário, a presente pesquisa emerge para retomar o enfoque de estudo com um olhar sobre a importância da mulher que produz pesquisa. Da formação da mulher que está além de um currículo formal, que perpassa pelas experiências vividas durante toda a vida, que deixam marcas conscientes e inconscientes, nela mesma e no outro(a). Essas marcas compreendem a dimensão subjetiva do ser Mulher Pesquisadora, pois desvelam a relação única existente entre o sujeito e os locais em que ele viveu, as pessoas que passaram por sua vida, as conquistas e os desgostos que por ele foram vivenciados, a sua visão e a sua relação com o mundo.

Estas experiências são o avesso de qualquer imediatismo. Elas se constituem a partir de um processo vagaroso de gestação e amadurecimento das práticas existenciais, que conduzem a uma escuta mais refinada das coisas e do cotidiano, ao saber. Para a Psicanálise, o saber é da

ordem de uma elaboração pessoal e subjetiva, de algo a ser estabelecido e tecido pelo sujeito. Este saber que trabalha o sujeito e no sujeito, à sua revelia, interfere nas suas posições diante das diversas situações da vida, interferindo também no trabalho. A relação de um sujeito com o saber, além de agrupar os aspectos objetivos (conhecimento) presentes nos processos educativos e socioculturais, supõe, também, aspectos subjetivos. A mulher, historicamente é associada a papéis tradicionais e subestimada em sua capacidade intelectual, o que de certa forma, limita suas oportunidades de ascensão na carreira acadêmica.

Diversas universidades e instituições acadêmicas têm implementado políticas e programas para promover a equidade de gênero. Isso inclui a adoção de metas de contratação de mulheres em cargos de liderança, iniciativas para combater o assédio sexual e a discriminação de gênero, além de políticas de licença parental e flexibilidade no trabalho. Essas medidas visam criar um ambiente um tanto inclusivo para mulheres na academia, buscando quebrar as barreiras existentes e promover o avanço profissional da mulher pesquisadora na universidade.

3.1 MULHER NA HISTÓRIA: VIAGEM DE PRAZER E DESPRAZER

Desde o início da civilização, mulheres participam ativamente na construção do conhecimento, mesmo que, muitas vezes, suas contribuições tenham sido minimizadas e/ou esquecidas ao passar do tempo. O espaço que uma mulher ocupa na história acadêmica é um contexto que merece ser tratado de uma forma intensa e que abarque a sua complexidade e a riqueza de conhecimentos, pois é de extrema importância para que possamos nos entender enquanto sujeitos históricos.

A metáfora da "viagem de prazer e desprazer" fala sobre a dualidade das experiências femininas na academia, refletindo tanto as alegrias e conquistas quanto os desafios e sofrimentos enfrentados. Aqui visamos contextualizar, em suma, o tema mulher na sua historicidade e sua inclusão no processo de formação profissional. Então, quando voltamos no tempo por vários séculos assistiremos a história e a luta das mulheres para conquistar seu lugar na sociedade.

A figura da mulher, ao longo do processo histórico e por muito tempo, permanece invisível para os olhos da sociedade, diz Perrot (2017, p. 170), que: “[...] da História, muitas vezes a mulher é excluída”. O papel das mulheres durante anos marcou a submissão ao patriarcado, e a construção de sua identidade vem através de grandes barreiras sociais, culturais

e políticas em vários movimentos de busca de ascensão social, desde o Brasil colonial até os dias atuais.

Em tempos remotos, e por muitos séculos, mulheres eram colocadas em uma posição subalterna, com uma vida reclusa e submissas à autoridade paterna. Este era responsável por escolher com quem sua filha deveria se casar, e após o casamento, o lugar social da mulher era de obediência ao marido e de submissão às suas vontades. A submissão das mulheres equivalia a uma forma de servidão, principalmente devido à completa dependência econômica. Mulheres eram criadas e educadas com o intuito de se casarem, cuidarem da casa, terem filhos e serem obedientes aos maridos, sendo-lhes proibido exercer qualquer profissão.

Na classe social mais baixa, contribuía para o sustento da família trabalhando como costureiras, lavadeiras ou domésticas. Mesmo não recebendo salário, muitas vezes ganhavam comida e roupas em troca de seus serviços, aliviando assim o fardo financeiro da família. Algumas, por conta da miséria, se viam obrigadas a se prostituir. O poder absoluto do pai sobre a família constituía a base da sociedade patriarcal. Mulheres tinham responsabilidades, mas não possuíam direitos, sendo consideradas incapazes e impedidas de ter acesso à educação e cultura. A honra das mulheres, especialmente no período antes do casamento, dependia da preservação de sua virgindade.

Durante o século XVII, ocorreram vários eventos e movimentos sociais que moldaram a realidade das mulheres. A Guerra dos Trinta Anos, a Revolução Inglesa e a Contrarreforma Católica foram alguns dos acontecimentos que influenciaram diretamente a vida das mulheres, seja pela ausência dos homens no contexto das guerras, seja pelas transformações sociais e religiosas que impactaram suas vidas cotidianas e possibilidades de atuação na sociedade.

Nesse século, o casamento era considerado o principal anseio das mulheres, sendo uma instituição central na vida social e econômica, e o seu papel era centrado na figura da mãe, esposa e dona de casa, responsável por manter a ordem e o bem-estar dentro do lar, cuidando das tarefas domésticas e da criação dos filhos. O matrimônio era uma perspectiva de fortalecer laços entre famílias e garantir a transmissão de propriedades e bens. Esperava-se das mulheres casadas o apoio aos seus maridos em suas atividades comerciais ou agrícolas, contribuindo assim para o sustento da família. Até este momento, elas não conseguiram alcançar nenhum papel político, econômico, social e educacional na sociedade.

As expectativas sociais em relação à condição feminina no casamento, no século XVII eram fortemente influenciadas pela tradição e pela religião, e tinham como uma obrigação fazer o que a igreja determinava. Delas, era esperado obediência aos maridos e uma dedicação exclusiva a criação dos filhos a vida doméstica, como também cumprir regras rígidas de

comportamento que eram impostas pela sociedade. Nessa época, o adultério era considerado um grave delito, passível de punição severa, e as mulheres que fugiam às normas estabelecidas eram frequentemente estigmatizadas e marginalizadas pela comunidade.

A condição feminina no período abrangia diversas tarefas, mas muitas vezes não eram vistas por suas ajudas, nem isto era considerado trabalho. Elas estavam presentes nas atividades de cultivar, ajudando no crescimento de comida e cuidado dos bichos. Além disso, também faziam trabalhos manuais, criando tecidos, rendas e outros itens feitos à mão. Algumas trabalhavam como servas e empregadas, dando ajuda nas casas de famílias ricas. Embora esse trabalho fosse importante para a economia e o andar da sociedade, essas funções eram muitas vezes vistas como menos importantes e valiosas, mostrando os limites que foram postos à condição feminina na época.

A Igreja, uma das principais instituições formadoras da época e que interferia em todas as relações familiares, identificava a mulher como símbolo do pecado e, dessa forma, difundia a teoria da desigualdade em relação a homens e mulheres, sendo, assim, uma das principais responsáveis pelo aprisionamento ou tentativa de aprisionamento da sexualidade feminina. Uma das primeiras vertentes de análise para se entender a figura feminina perante esse contexto social foi, sem dúvida, o discurso eclesiástico:

Era preciso enfeiar o corpo para castigá-lo. Os vícios e as “fervenças da carne”, ou seja, o desejo erótico tinha como alvo o que a Igreja considerava ser “barro, lodo e sangue imundo”. Onde tudo era feio porque pecado. Isso, porque a mulher – a velha amiga da serpente e do Diabo – era considerada, nesses tempos, como um veículo de perdição da saúde e da alma dos homens. “Aquela bem aparecida”, sinônimo no século XVII para formosa, era a pior! (Del Priore, 2011, p. 29).

As representações culturais da mulher no século XVII variavam de acordo com a perspectiva dos artistas e escritores da época. Uma grande parte das obras de arte ao pintar uma mulher, a retratavam como alguém frágil e submissa que seguia as normas sociais enraizadas da época. Entretanto, também podemos encontrar obras que desafiaram essas representações, apresentando mulheres fortes e independentes, em pinturas, esculturas e textos literários que destacaram a força, a inteligência e a determinação das mulheres. Essas expressões artísticas e literárias ofereceram um panorama rico e multifacetado da condição feminina no referido século.

Sobre a educação das mulheres no século citado acima, era limitada, com poucas oportunidades de acesso ao conhecimento formal, apenas as jovens de famílias nobres frequentavam escolas para aprender a ler, escrever e realizar tarefas domésticas, mas não tinham acesso ao currículo completo. Poucas mulheres tinham a sorte de ter tutores particulares para estudar literatura, música e poesia e as mulheres comuns, em sua maioria, recebiam educação

informal em casa, focada em habilidades práticas para a vida doméstica, e o acesso ao conhecimento científico e filosófico era praticamente inexistente para as mulheres neste período.

Algumas mulheres conquistaram destaque por suas realizações e contribuições excepcionais no século XVII. Dentre essas mulheres, Adelina, nascida no Maranhão, era filha e escravizada do mesmo senhor, que promete alforriá-la junto com a mãe ao completar dezessete anos de idade, mas, volta atrás e recua na decisão (Del Priore, 2004). Trabalhou desde a adolescência pelas ruas da cidade, carregada com tabuleiros de charutos para venda, tendo a oportunidade de assistir os discursos libertários promovidos por estudantes. Essa condição serve para alimentar sua repulsa à sociedade escravista, aproximando-a cada vez mais, da causa abolicionista.

Outro exemplo é Artemisia Gentileschi, uma renomada pintora italiana que desafiou as normas de gênero ao criar obras de arte poderosas e realistas. De acordo com Soares (1996, p. 67), na Bahia, em 1835, ganhadeiras foram acusadas de participar da revolta do Malês, atuando no fornecimento de bebidas e participando das conspirações. Dentre elas, estava Luiza Mahin, suspeita de se envolver em outros planos de insurreições de escravizados. Outra importante liderança feminina foi Aqultune da dinastia Nlanza. Uma princesa guerreira e dirigente política congoleza, que atuou, no século XVII, na linha de frente na batalha de Mbwila, liderando cerca de 10 mil combatentes.

Outra figura notável é Maria Sibylla Merian, uma naturalista e ilustradora que fez importantes descobertas no campo da entomologia e botânica. Também, Sor Juana Inés de la Cruz, uma poetisa e filósofa mexicana, desafiou as restrições impostas às mulheres em seu tempo, destacando-se como uma das maiores intelectuais do período. Essas mulheres notáveis do século XVII deixaram um legado duradouro em suas respectivas áreas de atuação, demonstrando a capacidade e determinação das mulheres em desafiar os limites impostos pela sociedade da época.

O século XVIII, conhecido como o período do Iluminismo, marcou transformações significativas nas estruturas sociais, políticas e culturais da Europa e das Américas. Nesse contexto, o papel da mulher foi profundamente influenciado pelas ideias iluministas, que promoviam a razão, a educação e a igualdade, mas, ao mesmo tempo, mantinham as mulheres em posições subalternas na maioria das sociedades.

Os ideais de feminilidade predominantes no século XVIII reforçavam a crença na inferioridade intelectual e social das mulheres em relação aos homens. A delicadeza, a modéstia e a obediência eram consideradas virtudes essenciais para a condição feminina, que eram

desencorajadas de buscar conhecimento ou participar ativamente na esfera pública. A sociedade da época as valorizavam como esposa e mãe, relegando-a a um papel secundário e limitando suas possibilidades de realização individual e profissional. Todavia, a educação das mulheres nessa época, começou a ser discutida de forma mais intensa. Embora o acesso à educação formal ainda fosse limitado, algumas mulheres da aristocracia e da burguesia começaram a receber instrução em áreas como literatura, música e, em alguns casos, ciências

A resistência a esses ideais foi fundamental para o avanço da luta por igualdade de gênero. Mulheres, como a exemplo de Mary Wollstonecraft, defendia a importância da educação feminina como um meio para alcançar a igualdade entre os sexos e a emancipação. Wollstonecraft (2016), em sua obra "Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher", argumentou que a educação era fundamental para que mulheres pudessem desempenhar um papel ativo na sociedade.

A partir do século XVIII, as escolas técnicas, destinadas a educar mulheres, aparecem. No entanto, as alterações não foram feitas, pois o papel da mulher estava marcado para seguir o caminho da religião, proibição, limpeza, saúde da família, cuidar do companheiro, da casa, dos filhos e desprovidas de tempo para os prazeres da vida e para os seus desejos. Este século foi marcado pela passagem do Iluminismo, da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, que mostraram aos homens e, principalmente, às mulheres, outros modos de existência. Com a virada da modernidade, as possibilidades se alargam.

As sociedades patriarcais persistiram ao longo do tempo, mesmo no contexto da sociedade industrial. Contudo, nas sociedades industriais, há uma separação entre o contexto que se refere ao trabalho do contexto doméstico. As famílias multigeracionais foram gradualmente desaparecendo, dando lugar à família nuclear composta por pai, mãe e filhos. Embora o poder patriarcal ainda estivesse presente na família, mulheres das classes populares passaram a se inserir no trabalho fabril. Durante os séculos XVIII e XIX, mães saem dos seus lares para trabalharem nas fábricas, isto, trouxe sérias consequências para a vida das crianças. A desestruturação dos laços familiares nas classes trabalhadoras, juntamente com os vícios provenientes do ambiente de trabalho promíscuo, contribuiu para o aumento dos conflitos sociais.

Até o século XIX, a educação limitava-se a um número mínimo para meninas e máximo para meninos. A missão de vida era aprender a ler e escrever, e, em seguida, as quatro operações da matemática, para, ao final, adquirir conhecimentos de costura, bordado, limpeza e cuidados. A educação voltava-se apenas em cuidar da casa, do companheiro e ser mãe. Deve-

se notar que, até aquele momento, a condição feminina passava por treinamento focada no trabalho doméstico e sem qualquer formação profissional.

Este século trouxe incompatibilidade entre liberdade e convenções sociais, sendo, respectivamente, reservadas para o domínio privado e o espaço público. A ausência de identificação com o arcabouço simbólico legado das gerações passadas e os embates motivados pelos novos valores causou na sociedade moderna um “forte sentimento de desamparo e responsabilidade diante do destino pessoal; sentimento que facilmente se transforma em culpa neurótica pela impossibilidade de cumprir com os ideais contraditórios que orientam esse destino” (Kehl, 2016, p. 28), sentimentos que não são, de certa forma, muito diferentes dos que estão presentes nos processos identitários da atualidade.

Manifestações feministas surgem durante o século XIX no Brasil, onde promovem o voto, a educação das mulheres e a entrada ao mercado de trabalho. Alves e Pitanguy (1995, p. 74) enfatizam que o feminismo se constrói “[...]a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de recriação [...]”.

O movimento feminista passou por quatro momentos de grande importância em sua história, ocorridos em 1830, 1870, 1920 e 1970 (Duarte, 2003). O primeiro momento, em 1830, mulheres levantaram a bandeira e lutaram pelo direito à educação, a ler e a escrever, que até então eram direitos apenas do sexo masculino. Duarte (2003, p. 153) afirma que “[...] foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para a si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras [...]”.

Essas mulheres, entre muitas outras, desempenharam papéis cruciais na história do Brasil, desde a religiosidade até a luta por direitos e liberdade. Suas vidas e contribuições são essenciais para entender a formação da sociedade brasileira e o avanço dos direitos das mulheres ao longo do tempo. Dentre elas, destacamos a "Musa da Independência", Maria Quitéria, que se vestiu de homem para lutar na Guerra da Independência do Brasil. Sua coragem e determinação a tornaram uma heroína nacional, simbolizando a luta pela liberdade e pelos direitos das mulheres. Joaquina Rita Ferreira, conhecida como "Mãe de Todos os Negros", foi uma importante ativista abolicionista e participou da luta pela libertação dos escravizados, e também foi uma figura central na luta pela educação de pessoas negras.

A luta pela educação das mulheres e pelo direito ao voto tomou conta do movimento feminista nos anos 70. Até aquele momento, mulheres não eram vistas e reconhecidas como deveriam. Dessa forma, não gozavam do direito ao trabalho com remuneração e independência e o direito ao voto (Duarte, 2003). No entanto, a década de 1920 foi considerada particularmente

importante para o movimento feminista. As mulheres lutavam pelo reconhecimento, estudos decentes, trabalho pago e sua independência. Grupos e lideranças feministas começaram a se destacar nos jornais e na imprensa. Também, não poderíamos deixar de citar Cecília Meireles, que, embora sua produção literária tenha ocorrido principalmente no século XX, Cecília Meireles foi influenciada por movimentos do século XIX. Poeta, professora e jornalista, ela se destacou por sua defesa dos direitos das mulheres e pela educação.

Os anos 1970 trouxeram com eles a chamada “Segunda Onda” do movimento feminista, que foi estimulada pelos movimentos estudantis franceses de maio de 1968, manifestações que representaram as intensas transformações políticas, culturais e atitudinais que ocorriam no mundo. Segundo Costa (2009), enquanto a Primeira Onda feminista pregava o igualitarismo entre homens e mulheres, a Segunda Onda propunha uma posição de diferença radical entre identidade feminina e masculina, interessava-se pela psicologia e buscava dar voz às experiências intersubjetivas das mulheres: “A mulher seria assim o ‘diferente’, o ‘outro’ na relação com a linguagem e significado” (Costa, 2009, p. 5).

Enfim, em 1970. Segundo Duarte (2003, p. 165), esse foi “[...] o momento da onda mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal [...]”. A ascensão da mulher aos poucos foi conquistando diversos espaços sociais, destacando-se sua entrada na escola ainda que tardia e com uma formação direcionada para cuidados domésticos e da família. Gradualmente e com apoios legais, foi garantido o direito de ser instruída nos diferentes níveis de ensino, incluindo a profissionalização da docência.

Mulheres lutam por visibilidade, melhores condições de trabalho e espaço em posições políticas. Temas como aborto, casamento, turno duplo, prostituição e mulheres na política, são frequentemente discutidas nos jornais do Brasil e do mundo. E, não esquecendo do fato, importantíssimo, ocorrido durante o movimento feminista: O dia 08 de março é declarado como Dia Internacional da Mulher, por iniciativa da ONU, e a partir daí passa a ser comemorado mundialmente (Duarte, 2003).

Mesmo que, o mundo vislumbrasse possibilidades, à figura da mulher ainda era relegada à domesticidade e à domesticação, processo responsável pela criação do mito do mistério feminino, muito forte até hoje em nossa sociedade. Os homens anteviam a amplitude das forças recalçadas na mulher pela educação repressora, que a moldava exclusivamente como mãe e esposa, negando sua complexidade de sujeito. Se a complexidade feminina é percebida como uma ameaça à ordem social das coisas, isso não significa que o desejo desapareça, mas que se desloque para outros modos de expressão. Quando interditado, o desejo se disfarça, se converte,

se reinscreve no corpo e na palavra, produzindo manifestações que escapam ao controle consciente. Assim, mulheres manifestavam diversos sintomas físicos, anemias, prisões de ventre, fobias, paralisias, consequências de uma luta cotidiana para controlar os próprios impulsos quando esses não se encaixavam na ordem familiar vigente. Foi por essa via que Freud teve acesso às mulheres que foram consideradas como histéricas, cuja criativa atividade mental não conseguia um modo de expressão e acabava se convertendo em sintoma. A mulher foi a gênese da clínica psicanalítica (Kehl, 2016).

Com uma imagem de uma nova figura feminina em múltiplas instâncias sociais, a luta pela obtenção de direitos e pelo reconhecimento como ser social foi ganhando espaço no decorrer dos anos. Mesmo que ainda haja uma história de luta que não findou, hoje, um número considerável de mulheres investem na sua formação acadêmica e desenvolvem funções tanto na docência, como na gestão de instituições de ensino municipais, estaduais e federais.

3.2 MULHER NO BALANÇO DA PSICANÁLISE: DESBRAVANDO O “DARK CONTINENTE” (FREUD) E “A MULHER NÃO EXISTE” (LACAN)

A psicanálise, como um campo de estudo, sempre procurou entender os meandros da psique humana. Entre suas contribuições mais significativas, destacam-se as ideias de Sigmund Freud e Jacques Lacan, que abordam questões fundamentais sobre o inconsciente, a sexualidade e a identidade. Este texto explora as noções de "dark continent", propostas por Freud, e a afirmação lacaniana de que "a mulher não existe", buscando desvelar as complexidades do desejo, da subjetividade e das construções sociais que cercam a feminilidade.

Os estudos sobre mulher e feminilidade são frequentes, mas incapazes de conferir discurso homogêneo, o que os mantém como tema obscuro, contraditório e mediado de diferentes teorias. A psicanálise é uma dessas teorias que contribui com a discussão sobre a condição feminina. A psicanálise nasceu em meio a pacientes mulheres. Freud aborda o tema ora de forma direta, ora de forma indireta, mas principiou seus estudos escutando o mistério feminino. Em seu texto de 1926, Freud usa a expressão “dark continente” (continente negro) para se referir à sexualidade feminina, enfatizando seu caráter de mistério para a psicanálise. Em seu texto “A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial” (1926/2014), Freud cita:

[...] o verdadeiro membro sexual feminino não tem nela papel nenhum — a criança ainda não o descobriu. Toda a ênfase cai sobre o membro masculino, todo o interesse se volta para a questão de saber se ele está presente ou não. Sabemos menos sobre a

vida sexual da menina pequena do que sobre a do menino. Não precisamos nos envergonhar por essa diferença; afinal, também a vida sexual da mulher adulta é um dark continent [continente escuro] para a psicologia. Mas notamos que a garota sente muito a falta de um membro igual em valor àquele masculino, considerando-se inferior por causa disso, e que essa “inveja do pênis” dá a origem a toda uma série de reações caracteristicamente femininas (p. 32)

"A mulher é o continente negro da psicanálise" (Freud, 1926/2014, pág. 242), tal frase tornando-se um célebre dito freudiano. Talvez por ato falho, Freud nos dê pista de que seu conhecimento sobre mulher e feminino trata de uma mulher específica. Uma mulher que é colocada como inferior aos homens por sua própria constituição sexual, a falta fálica. O que atribui um papel social bem demarcado: a passividade, a maternidade e sua pouca aptidão para a cena pública, assim como para a sublimação.

Freud, em suas obras, frequentemente se referiu à psique humana como um “dark continent”, uma metáfora que sugere a vastidão e a complexidade do inconsciente. Em "A Interpretação dos Sonhos" (1900/1976), argumenta que o inconsciente é um reservatório de desejos reprimidos e conflitos não resolvidos, que se manifestam em sonhos e atos falhos. Essa ideia é fundamental para entender a dinâmica do desejo e da identidade, pois revela que há uma parte da psique que permanece oculta, moldando nossos comportamentos e experiências.

O "dark continent" também pode ser visto como uma alusão à exploração da sexualidade. Freud acreditava que a sexualidade era um componente central da experiência humana, muitas vezes relegada ao silêncio e à repressão. Suas teorias sobre a sexualidade infantil e o complexo de Édipo ilustram como esses elementos desempenham um papel importante na formação da identidade e nas relações interpessoais. A exploração desse "continente" sombrio é essencial para entender a condição humana e dos traumas que a acompanham.

A partir dos textos “Sobre a Sexualidade Feminina” (1931/2018) e “Feminilidade” (1933/1996), percebemos que não é por acaso que até hoje a temática do feminino, mais próximo às mulheres do que aos homens, na maioria das vezes, se faz tão presente nos círculos psicanalíticos; já que foram elas, as mulheres, que sensibilizaram Freud dos seus sofrimentos até então pouco pesquisados. Apesar de não ter demonstrado interesse pelo movimento feminista que já existia em sua época, representado principalmente pelas sufragistas, Freud foi extremamente sensível ao sofrimento psíquico das mulheres, porém, em suas elaborações teóricas, não pôde evitar alguns comentários que seriam interpretados como machistas, preconceituosos e limitados à concepção social de sua época.

É fato que a psicanálise proporcionou à humanidade certa libertação de amarras morais e intelectuais fortemente construídas, como a ideia de um ser humano consciente e dono de si.

Na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/2006) inicia a reflexão sobre o feminino ao afirmar, referindo-se às transformações da adolescência, que:

O desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos. Nelas, em geral, a tendência ao recalçamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva (Freud, 1905/2006, p. 207).

Freud, na citação acima, traz uma perspectiva de que existe uma diferença de gênero na formação da sexualidade. Ao dizer que as meninas experienciam um recalçamento sexual mais intenso e precoce que os meninos, isso pode reverberar nas normas sociais e culturais que atribuem regras a expressão da sexualidade feminina. A exemplo de quando temos sentimentos depreciativos, que podem ser interpretados como resultados das expectativas que a sociedade historicamente imputa às mulheres, quanto a sua sexualidade. A ideia de que as meninas tendem a preferir formas passivas de expressão sexual também levanta questões sobre a construção da feminilidade e do papel que a cultura desempenha na formação das identidades de gênero.

É fundamental refletirmos como a psicanálise começa o seu pensamento sobre o feminino; como um semblante criado por meio das relações de identificação. A relação do feminino à passividade é, portanto, o ponto de partida para pensar nesta divisão subjetiva inerente às concepções de masculino e feminino como significantes que querem dizer algo para além da diferença biológica. Seu postulado é que o significante de um dos sexos predomine no sujeito, pois o significante do outro foi reprimido ao inconsciente.

Freud sempre hesitou em face do problema da feminilidade, este “continente obscuro”, como ele mesmo o chama, salientando assim o caráter inacabado das suas explorações sobre a questão. A teoria de Freud sobre mulher pode ser vista em dois momentos: um inicial, no qual desenvolve os “Os estudos sobre a histeria” (Freud, 1892/1996) e que marca o princípio da trajetória da psicanálise; e um momento posterior, no qual fala sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, desvelando novas teorias sobre o Complexo de Édipo, a escolha de objeto e sua relação para com ele. Traz a questão da inveja do pênis como característica feminina, assim como a beleza e a sedução sendo usadas como meio de superar sua falta fálica.

Sobre as consequências da inveja do pênis, ele expõe como um possível sentimento de falta, uma espécie de cicatriz advinda de um complexo de inferioridade anatômica. Caso esta sensação não seja elaborada, a menina pode situar-se como um homem. Em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905/2006) escreveu que a vida sexual dos homens “[...] somente, se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres, ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade” (p. 152).

A diferença na constituição do superego entre homens e mulheres é um dos pontos mais complexos da teoria freudiana. Em seus escritos de 1916/2015, ao analisar a personagem Lady Macbeth, Freud já indica a presença de um sentimento de culpa que emerge nas mulheres após o êxito do desejo, revelando a tensão entre realização e interdito. Posteriormente, em 1933/1996, ao discutir a feminilidade, ele aponta que o superego nas mulheres não se forma com a mesma rigidez observada nos homens, uma vez que o vínculo edípiano com o pai não se dissolve da mesma maneira. Sendo o superego o herdeiro do complexo de Édipo, sua constituição permanece atravessada por essa relação, o que desloca o modo de inscrição da culpa e da lei na subjetividade feminina.

Para além disso, a ligação primeira à mãe não é absolutamente superada, visto que uma mulher permanece em dificuldade de ultrapassar as fases pré-genitais da libido e seus objetos incestuosos. O medo da perda de amor, substituto da angústia de castração nas mulheres, mantém-nas, em certa medida, dependentes das instâncias parentais e pouco autônomas moralmente. A menina não teme a castração, por já ser castrada. Enquanto no menino o Superego se forma pela introjeção da autoridade paterna, na menina são fatores externos que marcam, como a Educação, a intimidação e o temor de não ser mais amada. O fracasso condicionado à severidade do superego, e obter o que se deseja poderia produzir uma satisfação insuportável.

Nos seus últimos artigos, de 1931/2018, Freud continua persistindo na seguinte questão: “Como fazer para saber um pouco mais sobre as mulheres”? A partir deste ponto, retoma os efeitos do complexo de castração na mulher, e do reconhecimento de que a menina é protagonista ativa da fantasia de sedução. Joan Riviere (1929/2005, p. 303), por meio de um caso clínico, formula a tese de que “[...] aquelas mulheres que desejam a masculinidade podem revestir-se da máscara de feminilidade para afastar a angústia e a vingança dos homens”. Freud, em “O sonho da Bela Açougueira” (1900/1976), discorre sobre a problemática do desejo e o estatuto da identificação histórica: um desejo de desejo insatisfeito, e no “Caso Dora” (1905 [1901]/2016), aborda sobre o rechaço do corpo feminino e a parceria fundamental da histórica com o pai.

Em 1932, Freud escreve seu último artigo sobre a feminilidade, retomando seus escritos anteriores: “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925/1974) e “Sobre a sexualidade feminina” (1931/2018). A última obra do pai da psicanálise sobre o feminino aparece então, finalmente, de forma mais madura em 1933/1996: sua conferência intitulada “A Feminilidade”. Nela, ele destaca que, embora quando se conheça uma pessoa, uma das primeiras perguntas que se imagina a respeito do desconhecido é se está

falando com um homem ou com uma mulher, caracteres femininos e masculinos acompanham todos os seres humanos; mesmo quando tais caracteres são vistos do âmbito da concretude biológica:

[...] partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. E então se lhes pede familiarizarem-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas... a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia (Freud, 1933/1996, p. 115).

Nesse texto, Freud levanta a questão da bissexualidade, pois anatomicamente um indivíduo não é totalmente macho nem totalmente fêmea, somente os produtos sexuais são unívocos: espermatozoide e óvulo. Repensa suas posições anteriores sobre o desenvolvimento psicosexual da mulher, salientando ainda mais o papel do complexo de castração. Freud afirma que as mulheres são a exceção, pois, a pergunta “o que quer uma mulher?”, é uma questão impactante.

Em Lacan, trazemos dois momentos pontuais em relação às questões da feminilidade. Embora tenha seguido a lógica fálica de Freud ele soube ir além, ao enfrentar o insuportável da questão feminina. Ao se debruçar sobre a premissa fálica, Lacan evidencia que o falo não é sinônimo do órgão genital masculino e na verdade alude a uma falta no psiquismo em torno do qual tanto o homem quanto a mulher se constituem. Afirma que não há inscrição inconsciente que situe o sujeito diante dos enigmas inerentes ao tornar-se homem ou ao tornar-se mulher. Alguma chave para tais enigmas será extraída do Outro, da cultura e da sociedade; contudo, são construções singulares que dependem de uma interpretação.

Jaques Lacan faz uma releitura das ideias de Freud e introduz um conceito no qual “a mulher não existe”. Não que de fato, deva ser interpretado literalmente, mas uma crítica a questões de como a mulher vinha sendo concebida na cultura geral e na psicanálise, pois, para Lacan, a identidade da mulher é construída em relação ao Outro, não podendo ser reduzida a uma definição ou essência fixa.

Em seu seminário "A Ética da Psicanálise", Lacan (1959-1960 /1988), argumenta que a mulher é o que falta na estrutura do desejo masculino. Essa falta é fundamental para a dinâmica do desejo e da subjetividade. Uma mulher, nesse contexto, não é um objeto de desejo que pode ser totalmente entendido ou possuído; em vez disso, ela representa um elemento de falta que impulsiona o desejo masculino. Esse movimento de falta e desejo é central para entender das relações de gênero e da construção da identidade. Nesse contexto, Lacan (1959-1960 /1988) nos diz:

Ocorre que a mulher idealizada, a Dama, que está na posição do Outro e do objeto, coloca de repente, brutalmente, no lugar sabiamente construído por significantes requintados, em sua crueza, o vazio de uma coisa que se revela ser a coisa, a sua, aquela que se encontra no âmago de si mesma em seu vazio cruel. Essa Coisa, da qual alguns de vocês pressentiram a função em sua relação com a sublimação, é de alguma maneira desvelada com uma potência insistente e cruel (p. 200).

Ao afirmar que “A mulher não existe”, Lacan, reafirma que no inconsciente não há registro da diferença sexual e que a mulher representa a alteridade para os sujeitos de ambos os sexos, pois no que pesem os avanços da ciência, os humanos ainda nascem de uma mulher. “A mulher não existe”, dá lugar ao feminino em curto-circuito com o feminismo, informando-nos sobre o quê do gozo não está sob o estatuto do falo, excede a lógica da castração e designa um campo de satisfação positivado, deslocalizado, impossível de nomear. Trata-se do que apenas se pode experimentar com o corpo que não se é e não se tem, ao qual nos enlaçamos sintomaticamente, inventando um modo de compor uma vida, o que não se define como algo inefável.

Essa frase, “A mulher não existe”, que pode parecer paradoxal ou de certa forma provocativa, não significa um sentido literal da não existência das mulheres, mas a ideia de que não existe uma essência feminina ou uma definição unívoca de mulher que se encaixa em todas as mulheres. Essa ideia se conecta com o Complexo de Édipo de Freud (1900/1976), que revela como a subjetividade humana é construída a partir do desejo, da falta e das múltiplas possibilidades de identificação. No contexto de Édipo, Freud mostra que não há um caminho único para a constituição do sujeito; o desejo é sempre marcado pela singularidade. Lacan amplia essa lógica ao afirmar que “A Mulher”, entendida como um ideal absoluto ou uma categoria universal, não existe porque cada mulher é única e pode ser o que quiser. Não há um modelo ou uma norma que abarque todas as formas de vivenciar o feminino.

Essa visão traz uma ruptura com as limitações impostas por construções simbólicas e culturais que tentam reduzir o feminino a papéis pré-definidos. Ao afirmar que “A mulher não existe”, Lacan reconhece que o feminino é múltiplo, diversos e fluido, escapando às tentativas de ser capturado por uma única definição. Nesse contexto, essa frase celebra a liberdade das mulheres de serem quem são, de construírem suas próprias identidades e de se reinventarem constantemente. A mulher não existe como um ideal fixo porque ela é, acima de tudo, um espaço de possibilidades infinitas. O conceito de mulher é uma construção social e simbólica e não uma entidade fixa e universal como o homem. Em seu escrito, “Mais, Ainda” (1972-1973/1985), Lacan afirma,

É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico - eu disse dito-, o sexo corporal, o sexo da mulher - eu disse da mulher, embora justamente não exista a

mulher, a mulher não é toda - o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo (p. 15).

Um homem, isto não é outra coisa senão um significante. Um homem procura uma mulher - isto vai lhes parecer curioso - a título do que se situa pelo discurso, pois, se o que aqui coloco é verdadeiro, isto é, que a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso (pág. 46).

É isto o que define a ... a o quê? - a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher pois - já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? - por sua essência ela não é toda (p. 98).

Lacan institui uma equivalência entre o falo e a mulher, retira o falo de sua função imaginária (imagem do pênis) para os dois sexos, situando-o como estilo. As relações entre os sexos estarão condicionadas à função do falo, organizadas em torno de “ser” e de “ter”. Lacan (1972-1973/1985) define como especificidade no processo de estruturação feminina, a consequente falta de um significante capaz de nomear a mulher, a partir desse lugar. Ao longo de seus estudos, propõe entender a sexualidade em termos de posições, feminina e masculina, restando a todo ser falante ocupar uma dessas duas posições, as quais não se encontram necessariamente vinculadas ao sexo biológico. Na lógica lacaniana, “ser falante” (*parlêtre*) designa todo sujeito constituído na e pela linguagem; por isso, não há neutralidade estrutural: qualquer sujeito, independentemente de seu corpo, é interpelado por essa partilha e se inscreve em um desses dois modos de se relacionar com o falo e com o gozo. Embora formulada nesse quadro binário, essa perspectiva abre espaço para pensarmos, a partir do discurso, como novas configurações de gênero e de posição subjetiva podem se inscrever na contemporaneidade. Nesse sentido, Kehl (2016, p. 28-29), nos fala,

A Mulher, universal transcendente ao conjunto de todas as mulheres. Assim como não existe O Homem também - mas esta segunda miragem, sustentada pelo significante fálico, parece encontrar uma ressonância imaginária que o conjunto das mulheres nunca será capaz de produzir. Talvez por isso, cem anos atrás, algumas mulheres tenham fundado junto com Freud a psicanálise ao se indagar sobre seu desejo diante daquele médico raro, tentando colocar em palavras a confusão sobre o que é ser mulher. A indagação também poderia ser entendida (como Freud a fez, mais tarde) assim: tornar-se uma mulher? No entanto a resposta a esta pergunta estaria condicionada ainda ao pressuposto, bastante generalizado no pensamento oitocentista, de que A Mulher precede a existência particular de cada uma das mulheres.

Em “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” (Lacan, 1966/1998), encontramos em Lacan formulações sobre o gozo feminino, quando diz que “o parceiro de gozo da histérica é o amante castrado ou um homem morto”. No escrito teoriza sobre as posições subjetivas de mulher e homem enquanto modos de gozo. É uma teorização de difícil apreensão, já que o próprio conceito de gozo surge para dar conta de uma insuficiência na própria linguagem.

Gozo é um conceito feminino, entendido pela psicanálise, que foi criado por Jacques Lacan, aparecendo pela primeira vez em 1959-1960, no Seminário 7, “A ética em Psicanálise”. Entretanto, utilizando a própria máxima do teórico, que se propunha, em sua obra, “um retorno a Freud”, faz-se necessário observar quais formulações do criador da psicanálise influenciaram Lacan a elaborar esse conceito. Está relacionado a um tipo particular de satisfação, cuja principal referência é um ganho primário dos sintomas, ou seja, é indissociável. O gozo é uma espécie de tentativa de eliminar o espaço entre o objeto e o traço mnêmico que ele deixa ao qual retornamos alucinatoriamente; como se fosse possível uma sutura na posição subjetiva. Onde se goza é onde está o excesso, o inominável, o traumático.

Freud (1905/1995) descreve os sentimentos de ambivalência ligados ao conceito, tratando o recalque como impedimento para o gozo completo. Em “Chistes e sua relação com o inconsciente” (1905/1995, o recalque aparece como o poder que dificulta tanto à mulher quanto ao homem o gozo da obscenidade não encoberta.

No decorrer de seus escritos, Lacan vai empurrar os limites conceituais da posição feminina avançando no sentido de que, assinalar a mulher ultrapassa entender, evidencia os limites da palavra e demarca a incompletude do saber. Ela não está toda na função fálica, que seu gozo, quando ela o experimenta, é um gozo êxtimo, em excesso, já que não existe um significante que represente. Assim, à mulher, encarnação do Outro absoluto, tudo pode ser-lhe imputado, pois o feminino como expressão do real escapa a tudo que se possa ser dito sobre ela e seu gozo permanece fora da linguagem e da dialética falocêntrica.

Em seu escrito, “O Despertar da Primavera”, Lacan (2003), esclarece que, seguramente em função das críticas das feministas, não se trata de que as mulheres "não existam", muito menos de uma degradação da existência feminina, mas que “[...] somente a máscara existiria no lugar vazio em que coloca a mulher”, como lemos a seguir:

De minha parte, leio nisso o que recusei expressamente àqueles que só se autorizam de falar dentre os mortos: ou seja, dizer-lhes que em meio aos Nomes-do-Pai existe o do Homem mascarado. Mas o Pai tem tantos e tantos que não há um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência. Ou seja, a aparência [semblant] por excelência. E "Homem mascarado" o diz nada mal. Pois, como saber o que ele é, se está mascarado, e se não usa uma máscara de mulher - no caso, o ator? Somente a máscara ex-sistiria no lugar de vazio em que coloco A mulher. No que não digo que não existam mulheres (Lacan, 2003, p. 559).

Lacan assim elucida a problemática peculiar da condição feminina frente aos efeitos de forclusão do significante da mulher no inconsciente, ao mesmo tempo em que afirma que uma mulher só existe mascarada, apresentando, por outra parte, um modo de solução. No “Seminário 20”, Lacan (1972-1973/1985, p. 99) indica o problema ao feminino nos seguintes termos: “Não

há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras, e temos mesmo que dizer que se há algo de que elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto [...]”.

A citação sugere uma reflexão sobre a construção da identidade feminina e o papel da linguagem na formação da subjetividade da mulher. A afirmação de que "não há mulher senão excluída pela natureza das coisas" aponta para a ideia de que a feminilidade não é uma essência natural, mas sim uma construção social que é mediada pela linguagem e pelos significados culturais atribuídos a ela.

Essa perspectiva ressoa com o conceito lacaniano de que a mulher é muitas vezes definida em relação ao homem, e que sua identidade é marcada por uma falta que a posiciona como "outro" no discurso patriarcal. A exclusão mencionada pode ser vista como um reflexo das limitações impostas pela linguagem que frequentemente não consegue capturar a complexidade da experiência feminina. A linguagem, enquanto sistema simbólico, é muitas vezes dominada por narrativas masculinas, marginalizando assim as vozes e as experiências da mulher.

Quando a citação menciona que "[...] elas mesmas se lamentam bastante por hora [...]" sobre essa exclusão, isso indica uma consciência crítica das mulheres em relação à sua posição na sociedade e à forma como são representadas. Esse lamento pode ser interpretado como um reconhecimento das dificuldades enfrentadas na busca por uma voz própria e na tentativa de reivindicar espaços significativos na narrativa social.

As ideias de Freud e Lacan se entrelaçam em suas abordagens sobre a sexualidade e a identidade. As duas teorias não reconhecem a sexualidade como uma experiência unidimensional, mas como um campo complexo onde repressões, desejos e construções sociais interagem. O continente negro (dark continente) citado por Freud, acena para a necessidade de explorar os aspectos que estão ocultos na psique. A afirmativa de Lacan sobre “a mulher não existe”, destaca a impossibilidade de uma definição fixa sobre ela.

Esses entrecortes, implicam de maneira significativa para os estudos de gênero e para escutar a subjetividade feminina. A coibição da sexualidade nas mulheres, de acordo com o que Freud discute, pode ser vista como uma forma de controle social que coloca limites a autonomia e a expressão do corpo feminino. Além disso, a crítica lacaniana a construção da feminilidade, evidencia a necessidade de desafiar as narrativas que perpetuam a exclusão e a marginalização.

Freud e Lacan sublinha a complexidade da sexualidade e da identidade, aspectos que são especialmente relevantes para a percepção do papel da mulher pesquisadora nas universidades. Freud, ao referir-se à sexualidade como um "continente obscuro", sugere que existem dimensões ocultas e inexploradas na psique humana que influenciam comportamentos

e identidades. Essa ideia de que há camadas profundas a serem desvendadas pode se relacionar com as experiências das mulheres no ambiente acadêmico, onde muitas vezes enfrentam desafios que não são imediatamente visíveis ou reconhecidos.

Por sua vez, Lacan, ao afirmar que não há uma definição fixa da feminilidade, desafia as normas rígidas que frequentemente limitam a identidade feminina. Essa perspectiva abre espaço para que as mulheres pesquisadoras se vejam como agentes de mudança, capazes de moldar suas identidades e trajetórias acadêmicas de acordo com suas experiências únicas. A impossibilidade de uma definição estável da feminilidade reflete a diversidade de vivências e a pluralidade de vozes que as mulheres trazem para a pesquisa.

Lacan aponta a importância dos semblantes que podem recobrir o vazio da mulher que não existe, quando ela só pode existir a partir de uma máscara. Percebe-se por que Lacan não manteve a formulação da mulher como objeto, que pode se prestar a realizar a fantasia masculina, como sua última palavra sobre a mulher. Em 1975 dirá, inclusive, que ele nunca disse que a mulher é um objeto para o homem, mas algo que ele não sabe jamais lidar.

Freud busca narrar a natureza da mulher, mas admite o conteúdo fragmentário e incompleto sobre o tema, para ele não há outra forma de acompanhar a mulher, senão pela poesia ou pela própria experiência de vida. Lacan também se vê diante deste impasse, contudo, é neste ponto que ele formula o seu pensamento: há algo na mulher que é inominável, um furo que faz com que ela experimente aquilo que escapa a qualquer tipo de formalidade discursiva, esburaca a língua e faz sobressaltar um além da escuta.

A relação entre as ideias de Freud e Lacan pode ser utilizada para explorar novas formas de subjetividade que transcendem as limitações impostas por normas de gênero. A psicanálise, ao confrontar as dinâmicas de poder e as estruturas sociais, pode contribuir para a construção de uma identidade feminina mais autêntica e plural.

Nesse sentido, a experiência da mulher pesquisadora não pode ser reduzida a estereótipos simplistas ou a expectativas sociais tradicionais. Em vez disso, é um campo complexo onde interagem questões de gênero, poder, e a busca por reconhecimento e espaço nas instituições acadêmicas. Além disso, essa complexidade pode levar a uma reavaliação dos critérios de avaliação e valorização da pesquisa, promovendo um ambiente mais inclusivo e representativo.

As teorias de Freud e Lacan e a experiência da mulher pesquisadora revelam a necessidade de uma reflexão crítica constante sobre as estruturas acadêmicas e sociais que podem influenciar a identidade e a atuação das mulheres na ciência, reconhecendo sua pluralidade e as barreiras que ainda precisam ser superadas.

3.3 MULHER NA CIÊNCIA: AFLUÊNCIAS NO ENFRENTAMENTO, RESISTÊNCIA E CONQUISTA

A presença das mulheres na ciência é um fenômeno que, embora tenha se intensificado nas últimas décadas, ainda enfrenta diversos desafios e barreiras. Historicamente, mulheres foram excluídas de muitas áreas do conhecimento, sendo frequentemente relegadas a papéis secundários. No entanto, a luta pela equidade de gênero tem promovido mudanças significativas, permitindo que muitas mulheres se destacassem em campos científicos.

Na verdade eu estou bem aborrecida de ser uma mulher: precisaria de outra alma, ou outro sexo, ou outro século. Devia ter nascido mulher espartana ou romana, ou ao menos homem francês. [...] Meu espírito e meu coração acham em toda parte as entravas da opinião, os ferros dos preconceitos, e toda minha força esgota-se em vão a sacudir minhas correntes. Ó liberdade, ídolo das almas fortes, alimento das virtudes, você é para mim só um nome! (Jeanne-Marie Roland (1754-1793).

A menção à exclusão histórica das mulheres e aos papéis secundários que frequentemente ocupavam ressalta a necessidade de reconhecimento e valorização das contribuições femininas no campo científico. Além disso, a luta por equidade de gênero é apresentada como um fator crucial para a promoção de mudanças significativas, permitindo que mulheres se destaquem em diversas áreas do conhecimento. Essa luta não só beneficia as mulheres, mas enriquece a ciência como um todo, trazendo novas perspectivas e soluções.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres na ciência são multifacetadas e incluem na maioria das vezes, discriminação de gênero, estereótipos e a falta de apoio institucional. Estudos mostram que mulheres são frequentemente sub-representadas em áreas como engenharia e física, o que limita suas oportunidades de avanço.

Nessa perspectiva, é importante considerar que a entrada das mulheres na ciência, esfera pública, necessariamente, não as tem desobrigado das responsabilidades com o cuidado da casa e filhos, já que persiste a tradicional divisão sexual do trabalho. Desse modo, a mulher-mãe-pesquisadora, se depara com uma jornada excessiva, na qual precisa dar conta das exigências da vida acadêmica e das responsabilidades familiares (Silva; Ribeiro, 2014, p. 460).

Dessa forma, mulheres com o ideal de mulher atarefada, que dá conta de lidar com ambientes diversos, ainda precisa lidar com a cobrança para que seja eficiente nestes ambientes. Para os homens, o fato de não existir, ou ser substancialmente menor esse tipo de cobrança, existe uma dedicação maior às atividades acadêmicas sem que haja uma perda familiar considerável. Além disso, a dupla jornada de trabalho, que inclui tanto as responsabilidades profissionais quanto as domésticas, pode prejudicar o desempenho e a permanência das mulheres em carreiras científicas. A superação dessas barreiras é essencial para garantir um ambiente mais inclusivo e equitativo.

3.3.1 Breve histórico da mulher na ciência: fluências no enfrentamento

Mulheres têm uma longa história de contribuição para a ciência, embora suas realizações frequentemente tenham sido ignoradas ou atribuídas a homens. Desde Hipatia de Alexandria, no século IV, até Marie Curie, que se tornou a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel, as contribuições femininas foram importantes para o desenvolvimento de várias áreas científicas. Apesar disso, a persistente desigualdade de gênero resultou em um sub-reconhecimento dessas figuras históricas. A luta pela visibilidade e valorização das cientistas é uma questão central no debate sobre a presença feminina na ciência. Historicamente, os nomes de inúmeras mulheres foram subestimados, negligenciados e por vezes esquecidos, mesmo que suas contribuições tenham sido revolucionárias.

A pergunta categórica é saber porque se conhece tão poucas mulheres cientistas e não por que tão poucas mulheres foram grandes cientistas. Não faltam mulheres cientistas na História, mas foram esquecidas. Ou talvez, como argumenta Sartori (2006), as mulheres dominaram saberes e práticas que não foram considerados como científicos. É o caso da medicina, por exemplo, na qual as mulheres, através dos séculos e das civilizações, sempre fizeram curativos, administraram remédios, descobriram plantas medicinais. Pode-se falar de uma medicina doméstica que era tão eficaz quanto à medicina oficial.

Nesse contexto, quando se fala na presença da mulher na história da ciência é importante lembrar que a história das mulheres é uma história recente, construída em meio a relações de poder, como Colling nos lembra,

[...] desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e história das mulheres desenvolveu-se à sua margem. Ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino (Colling, 2004, p. 13).

Ao traçarmos um breve histórico sobre a presença de mulheres na Ciência, é importante iniciar com a matemática neoplatônica Hipátia (370-415), que se destacou como uma estrela feminina, quase solitária em uma galáxia masculina, ao longo da história da Ciência, tanto no mundo antigo, medieval, quanto nos primeiros séculos da era moderna (Chassot, 2003).

[...] devido às circunstâncias históricas que cercaram sua morte, no ocaso do Império Romano, divide a sociedade em duas partes: aqueles que a vêem como um oráculo de luz e os que têm nela uma emissária das trevas. Qualquer que seja a leitura, Hipácia representa o início de um quase vácuo feminino nas produções da Ciência por cerca de 1.500 anos (Chassot, 2003, p. 14).

Hipátia, cientista brilhante, mulher de coragem, foi uma das primeiras mulheres a se destacar nos campos de estudos da matemática e filosofia, ocorrendo em um período de transição, marcado pelo declínio do Império Romano e surgimento do cristianismo, período voltado em grande parte para a hostilização da ciência e o pensamento racional. Sua morte foi cercada por circunstâncias trágicas e violentas. Esse vácuo feminino do qual Chassot (2003) fala, destaca um período de notável exclusão das mulheres em muitas áreas do conhecimento que se estende até o Renascimento. Essa lacuna não foi apenas um calar das vozes femininas, mas uma redução da diversidade de perspectivas de enriquecimento do campo científico.

O Renascimento (séc. XIV ao séc. XVII), foi um movimento cultural, artístico e político, surgido na Itália no século XIV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa. Inspirado nos valores da Antiguidade Clássica e gerado pelas modificações econômicas e sociais ocorridas na Baixa Idade Média, o Renascimento reformulou a vida medieval e deu início à Idade Moderna. Marcou uma transição significativa da Idade Média para a Modernidade, caracterizada por uma descoberta conhecimento clássico e valorização da observação empírica, como vemos a seguir:

O Renascimento foi um movimento cultural, econômico e político, cujo limiar está na Baixa Idade Média, por volta do século XII, consolidando-se no século XV e se estendendo até o século XVII por toda a Europa. Manifestou-se primeiramente na região italiana da Toscana, tendo como principais centros as cidades de Florença e Siena, de onde se difundiu para o resto da península Itálica e depois para praticamente todos os países da Europa Ocidental. Consistiu numa tomada de posição que atingiu os espíritos e sentimentos religiosos e leigos de toda uma época. Com inspiração nos valores da Antiguidade Clássica, gerada pelas modificações estruturais da sociedade, resultou na reformulação total da vida medieval, dando início à Idade Moderna (Filho e Amaral, 2022, p. 7).

Nos dizeres de Filho e Amaral (2022), observamos o quanto o Renascimento trouxe uma ruptura significativa com tradições anteriores. Novas formas de pensar e ver o mundo, promovendo um espírito de curiosidade, inovação e questionamento. Isso, podemos ver em áreas como a ciência, onde as figuras como Copérnico¹² e Galileu¹³ desafiaram concepções tradicionais do universo.

Ao longo do período do Renascimento, as mulheres ainda encontravam barreiras significativas na produção do conhecimento, no entanto, parecem ter conseguido quebrar algumas em campos como a ciência e a natureza, a exemplo de Maria Sibylla Merian 1647-

¹² Em 1533, o matemático e astrônomo polonês Nicolau Copérnico publicara sua grande obra - Sobre as Revoluções dos Corpos Celestes - defendendo a teoria de que a Terra se move em torno do Sol (Geocentrismo) e não o contrário (Heliocentrismo).

¹³ Galileu Galilei foi um importante cientista do Renascimento que deixou importantes contribuições para diferentes áreas do conhecimento, como a Matemática, a Astronomia e a Física. Ele ficou marcado por fazer observações astronômicas e por defender o modelo copernicano, que afirma que o Sol é o centro do Universo e que os planetas giram ao seu redor.

1717, naturalista, artista e exploradora, nascida na cidade de Frankfurt, Alemanha que começou a destacar-se desde jovem pelo interesse pela natureza. Assim, efetuou observações sobre a vida dos insetos e desenhou aquarelas impressionantemente detalhadas de suas metamorfoses. Suas ilustrações não eram apenas artisticamente impressionantes, mas também cientificamente rigorosas, contribuindo significativamente para entender a biologia dos insetos.

Nesse sentido, por muito tempo, a ciência foi considerada uma atividade árdua, rigorosa e lógica, aparentemente incompatível com o universo feminino, frequentemente retratado como meigo, frágil e emotivo. Essa ideia não apenas marginalizava as mulheres, como também trazia limitações do que se compreende enquanto capacidades humanas, que são mais diversas e complexas. A exclusão das mulheres da ciência teve consequências profundas e duradouras, além de perpetuar a ideia de que a ciência era um domínio masculino. O reconhecimento tardio de figuras como Hipátia, pode ser visto como um lembrete poderoso da importância de garantir que as vozes sejam ouvidas e valorizadas.

Entre os laureados em um universo de quase 500 nomes premiados nas áreas das Ciências há 12 mulheres [dos 174 premiados em Física, há duas mulheres laureadas, ambas divididas com homens; dos 148 em Química, três são mulheres, sendo que em 1964 uma o recebeu sozinha; dos 178 em Medicina ou Fisiologia, sete são mulheres, sendo que apenas em uma (1983) oportunidade foi obtido sozinha. Além destas 12 mulheres laureadas, há outras 20 premiadas: nove em Literatura e 11 na Paz. O Prêmio Nobel de Economia – o único mais recente, pois começou em 1969 – ainda não agraciou a nenhuma mulher (Chassot, 2003, p. 7).

Iniciando no século XX, a outorga do Prêmio Nobel (1901), passa a ser um dos indicadores para a Ciência e continua significando prestígio científico social e econômico. Nesse sentido, surge outro nome da física polonesa Marie Curie (1867-1934), que recebeu dois Prêmios Nobel de Ciência, o Nobel de Física em 1903 pela descoberta do Polônio e do Rádium e pela contribuição no avanço da química (Chassot, 2003). Primeira mulher graduada em Física pela Sorbonne e um ano depois se formou também em Matemática. Casada com Pierre Curie, trabalhou com o marido em pesquisas que os levaram à descoberta da radioatividade. O primeiro Prêmio Nobel em 1903 foi dividido com ele, porém não lhe foi dado sem resistências. Diziam que ele apenas a apresentou como parceira de pesquisa como sinal de seu amor. No entanto após a morte de Pierre, Marie continuou pesquisando incessantemente, provando à comunidade científica seu valor e sua capacidade. Recebeu pela segunda vez o Prêmio Nobel, em 1911, agora em Química, por ter isolado o rádio. Foi a primeira mulher a lecionar na Universidade da Sorbonne.

Para fazer menção às cientistas brasileiras, trazemos o livro “Pioneiras da ciência no Brasil”, de Hildete Pereira de Melo e Ligia Maria C. S. Rodrigues, de 2006, que se configura como uma estratégia de visibilização de mulheres que produziram ciência no século XX. Para

tanto, as autoras apresentam a biografia de 19 mulheres que foram pioneiras na difusão e desenvolvimento da ciência no Brasil. Ao tecerem as narrativas que compõem o livro, as autoras discutem alguns dos acontecimentos, tais como incentivos familiares, possibilidade de estudar em outros países, casamento com colegas cientistas importantes, companheiros de outras profissões que apoiaram a carreira, situação econômica favorável, influências culturais europeias, entre outros, que se configuraram nas condições de possibilidade para a participação dessas mulheres na ciência.

A construção historiográfica da ciência frequentemente revela a presença de mulheres invisíveis, que, embora tenham contribuído de maneira significativa em diversos campos de atuação não lhes foram atribuídos o necessário reconhecimento por suas produções ímpares. No período de 1901 a 2021, o prêmio Nobel foi concedido a 885 homens, 25 organizações e 58 mulheres. Apenas vinte e três delas ganharam o Prêmio máximo da Academia Sueca nas áreas de Física, Química, Medicina ou Filosofia.

Embora as áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM, na sigla em inglês) sejam amplamente consideradas fundamentais para as economias nacionais, até o momento, a maioria dos países, independentemente do seu nível de desenvolvimento, não alcançou a igualdade de gênero nas áreas de STEM. 33,3% é a porcentagem média global de pesquisadoras e apenas 35% de todos os estudantes das áreas de STEM são mulheres. 30% dos países com dados disponíveis sobre a proporção nacional de pesquisadoras atingiram a paridade em 2016 (UNESCO, 2025).

É perceptível que ainda em 2025, a disparidade de gênero no campo de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)¹⁴, continua sendo uma realidade alarmante. Observamos uma sub-representação feminina nesses setores e compreendemos que isso representa uma perda de potencial humano e diversidade de ideias no campo científico.

É preocupante que em pleno séc. XXI, muitos países, independente do seu grau de desenvolvimento, ainda não avançaram na igualdade de gênero no âmbito do STEM. Nesse contexto, sugere-se que as barreiras à participação das mulheres na geração do conhecimento são profundas e diversificadas, enraizadas em normas culturais, preconceitos de gênero e estruturas institucionais que perpetuam a desigualdade. Essa estagnação traz a superfície um indicativo de que, apesar dos avanços em outras áreas, a equidade de gênero nas ciências ainda é um desafio a ser enfrentado.

¹⁴ A sigla STEM vem de Science, Technology, Engineering and Maths (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e, em poucas palavras, trata-se de uma abordagem educacional prática e interdisciplinar. Esse modelo educacional surgiu nos Estados Unidos como uma resposta à crescente necessidade de profissionais qualificados nessas áreas e rapidamente se expandiu para diversos países. Essa abordagem rompe com o ensino tradicional ao combinar teoria e prática, formando profissionais mais qualificados para um mercado cada vez mais tecnológico e estimulando habilidades como criatividade, pensamento crítico e trabalho em equipe.

3.3.2 Influência das Redes de Apoio: resistência e conquista

Reconhecer a importância da diversidade de gênero na ciência reverbera em organizações e redes de apoio dedicadas a dar suporte a mulheres em diferentes campos científicos. Nesse contexto, surgem várias redes e organizações dedicadas a apoiar mulheres em diferentes campos científicos, configurando-se como iniciativas fundamentais para o enfrentamento de barreiras históricas vivenciadas por essas mulheres, com o objetivo de promover um ambiente mais inclusivo e equitativo nos espaços em que trabalham, estudam e se debruçam sobre a pesquisa e a produção do conhecimento em áreas diversas.

Essas redes também desempenham um papel importante na defesa de políticas que promovam a igualdade de gênero nas instituições de pesquisa e ensino. Tabak (2002, pág. 49), argumenta "[...] que é muito mais difícil para a mulher seguir uma carreira científica numa sociedade ainda de caráter patriarcal e em que as instituições sociais capazes de facilitar o trabalho da mulher ainda são uma aspiração a conquistar."

O fenômeno conhecido como “teto de vidro” é um reflexo claro dessa disparidade, mostrando como mulheres ainda enfrentam barreiras invisíveis, mesmo quando suas qualificações são equiparáveis às dos homens. O termo teto de vidro (glass ceiling) foi cunhado por Marilyn Loden, em 1978, durante um discurso nos Estados Unidos, para indicar simbolicamente uma barreira sutil e transparente, mas forte o suficiente para evitar a passagem das mulheres aos níveis hierárquicos mais elevados nas organizações onde trabalham (Carvalho Neto, Tanure, & Andrade, 2010).

Na busca por combater a disparidade de gênero no meio científico, as redes de apoio surgem como iniciativas que reúnem grupos de cientistas dedicados a avaliar padrões que dificultam o trabalho de mulheres e de outros grupos sub-representados, fortalecendo-se a partir do coletivo. Elas funcionam como plataformas para a troca de informações sobre boas práticas, desafios enfrentados e soluções que podem ser implementadas em diferentes contextos. Além disso, muitas dessas organizações estabelecem parcerias com instituições acadêmicas e governamentais, visando ao desenvolvimento de políticas que incentivem a inclusão e o reconhecimento das mulheres na ciência.

Duas iniciativas pioneiras fundamentaram a discussão a respeito de problemas específicos da carreira de mulheres nas ciências. A primeira foi a formação do Gender Working Group da Comissão para Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento das Nações Unidas

(Uncstd)¹⁵, em 1993, que levou à criação do Gender Advisory Board (GAB), em 1995, como um comitê permanente. A segunda foi a criação do Helsinki Group on Gender Equality in Research and Innovation, em 1999, pela Comissão Europeia, um comitê consultivo com representantes de todos os países membros. Após três meses de discussão, o grupo revelou algo que ninguém havia apontado antes: que a produção científica estava coletando mais evidências para homens, favorecendo-os em detrimento das mulheres.

Para a pesquisadora, a coleção de pesquisas produzidas sobre Ciência e gênero mostra que o sistema de produção de conhecimento é fortemente atrelado a um modelo masculino. Moema Guedes, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), vai além. Para ela, há uma desvalorização das ciências consideradas femininas, aquelas majoritariamente ocupadas por mulheres: “Eu acho que é mais fácil fazer Ciências Humanas quando você é mulher, temos mais exemplos de mulheres inspiradoras e incríveis que vieram antes de nós. Mas também acho que implica nessa visão meritocrática científica de um positivismo. A gente coloca outras disciplinas, como as exatas e de saúde, como mais científicas. Devemos começar a rechaçar a visão de que as áreas STEM são mais ciência, ou são mais objetivas, ou mais importantes” (Abreu, 2020, p. 6).

Percebemos que a fala acima traz uma crítica fundamental sobre a forma como o conhecimento científico está estruturado, dessa forma evidencia um viés de gênero que permeia áreas diversas do saber. A autora assinala que o sistema de produção do conhecimento ainda está de certa forma alicerçado em um modelo masculino, e isto pode levar a marginalização de áreas que são predominantemente ocupadas por mulheres, a exemplo das Ciências Humanas. Ao fazer a observação que “[...] é mais fácil fazer Ciências Humanas quando você é mulher [...]”, nos faz pensar que apesar de ainda existirem barreiras, há um reconhecimento e uma valorização maior das contribuições da mulher nessas áreas. A crítica da autora, na citação acima, nos convida a refletir sobre a diversidade de saberes e a necessidade de reavaliar o que consideramos ciência, ressaltando que todas as áreas do conhecimento apresentam seu valor e relevância, independente do gênero que predomina nelas.

Outra importante rede de apoio é a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC), criada com o objetivo de fortalecer a presença da mulher nas ciências e promover a igualdade de gênero, atuando em áreas diversas, como promoção de eventos, cursos e workshops com objetivo de capacitar mulheres e meninas para adentrarem a carreira científica e aumentar a visibilidade destas cientistas, na quebra de estereótipos e preconceitos que por ventura ainda persistirem.

¹⁵ Este comitê, criado em 1995, foi o resultado do trabalho do Gender Working Group da Comissão para Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento das Nações Unidas (Uncstd), que já havia iniciado a discussão sobre a temática em 1993. O GAB se tornou um comitê permanente, com o objetivo de acompanhar e promover a inclusão de gênero na ciência e tecnologia.

Outra iniciativa significativa é o Women in Science Project, que desde 2006, a Academia Brasileira de Ciências, em parceria com a L'Oréal e a Unesco, premia anualmente com uma Bolsa Auxílio Grant jovens doutoras brasileiras com projetos científicos de alto mérito a serem desenvolvidos durante 12 meses em instituições nacionais. Este projeto oferece diversas oportunidades de mentoria, onde mulheres mais experientes podem orientar jovens cientistas em suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

O networking proporcionado por essas redes é crucial, pois permite que as participantes compartilhem experiências, recursos e conhecimentos, criando um senso de comunidade que pode ser muito encorajador. Desde sua criação, o programa investiu mais de R\$ 6 milhões e impactou mais de 130 cientistas brasileiras, com sete laureadas premiadas internacionalmente. “Queremos empoderar mulheres brasileiras a liderarem as descobertas científicas do amanhã” (Garcia, 2025, p. 1).

Para além de iniciativas formais, como os exemplos acima, sabemos que existem a presença de grupos informais e coletivos que se reúnem em eventos, conferências e redes sociais para discutir questões importantes, compartilhar conquistas e apoiar umas às outras, através de fóruns on-line e redes sociais, mulheres de diferentes partes do mundo se conectam e estabelecem colaborações que podem contribuir para a mudança estrutural nas ciências .

Essa busca por um ambiente mais inclusivo, onde as vozes femininas ecoem e sejam valorizadas e respeitadas, podem promover a equidade e diversidade em todas as áreas da produção do conhecimento. O fortalecimento das redes de mulheres na ciência é, portanto, um passo crucial na luta por um ambiente científico mais justo e representativo.

3.4 FEMINILIDADE PERDIDA: TORNAR-SE MULHER, O DESPERTAR PARA UMA NOVA ROTA

A feminilidade é um conceito complexo na psicanálise, que explora como as mulheres se constituem, se identificam e expressam sua sexualidade e identidade de gênero. Dessa forma, enfrentar as questões relacionadas à feminilidade implica em tentar abordar o que é considerado impossível de ser dito, tal como Freud fez. Os poetas, segundo ele, tinham conhecimento sobre o feminino. Para Lacan (1965/2003, p. 205), o escritor “[...] celebra as taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível”.

Tanto Freud quanto Lacan se esforçaram em descrever o indescritível, em dizer o indizível. Quando tentamos abordar o indizível ligado à figura da mulher, ressaltamos as marcas do que jamais se completa, que está em eterno movimento de construção e reconstrução. A

contribuição aqui se dá no sentido de salientar a feminilidade na mulher pesquisadora, articulada às vertentes de desejo.

Na Psicanálise, quando nos referimos ao feminino, discutimos a ideia de se tornar mulher, pois seguimos o ensinamento de Freud de que a anatomia não define o destino. Ou seja, não é o fato de nascer homem ou mulher que determina a identidade de gênero, pois a sexualidade vai além dos órgãos sexuais. Nesse contexto, abre-se a possibilidade de entender sobre o processo de se construir enquanto mulher, que passa por algo além do ‘ser mulher’, passa pela construção de um lugar feminino. “A feminilidade, da qual Freud faz o objeto de sua conferência, se apresenta assim como um vir-a-ser e não como um ser.” (André, 1986, p. 191).

Freud (1993), assinala, em vários momentos de sua obra, a questão da feminilidade como uma incógnita, um empecilho à teoria da psicanálise. Isso, principalmente pelo fato de não ter obtido resposta para o seu questionamento: o que quer uma mulher? Ao escrever para Fliess, Freud (1886-1889/1996), diz que a arte dá aos artistas a chave para penetrar nos corações femininos, enquanto nós permanecemos constrangidos, em face da estranha fechadura que consiste nestes corações e somos obrigados a nos torturar, para lhes descobrir a chave.

Em sua conferência sobre “A feminilidade”, Freud (1993/1996), afirma que as mulheres são a exceção, pois, a pergunta “O que quer uma mulher?”, é uma questão impactante, tal como a questão sobre o pai, “O que é um pai?”, que ele tentava responder de maneira universal. Nesse texto o autor reflete a posição feminina, feminilidade e a mulher, e humildemente admite que não pode concluir o suficiente sobre o tema. Talvez por isso, ao longo do tempo o enigma da feminilidade, o que é a mulher e o que é ser mulher assola indagações na cabeça de muitos.

No mesmo texto, Freud também questiona a prática comum de associar características mentais como passivas ao feminino e ativas ao masculino, sugerindo que a verdadeira essência da masculinidade e feminilidade transcende a anatomia e pode estar relacionada à psicologia, “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia. Estaria, quem sabe, nos domínios da psicologia?” (Freud, 1933/1996, p.141). Questionamento que ele mesmo responde:

[...] a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Sem dúvida, a explicação deve provir de outras fontes e só pode vir quando houvermos aprendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos. Disto nada sabemos, conquanto a existência de dois sexos seja uma característica muito surpreendente da vida orgânica, que a distingue nitidamente da natureza inanimada. (Freud, 1933/1996, p.78).

Durante esse caminho, a questão da impossibilidade esteve sempre presente ao tentar definir de forma anatômica o que é característico do feminino e do masculino, bem como ao tentar encontrar uma representação visual: "isso é homem" ou "isso é mulher". Freud, apesar

de suas tentativas, não conseguiu ignorar essa impossibilidade. E não o fez completamente. Ao longo de suas pesquisas psicanalíticas, quanto mais nos aprofundamos, mais percebemos a presença constante dessa impossibilidade, a partir da qual singularidades possíveis podem surgir de maneira única, não submetidas a um modelo predefinido (imagens e 'maneiras de agir'), mas sim a uma lei, ao desejo, à linguagem e ao gozo, como proposto por Lacan.

Dessa forma, é justamente essa aposta nessa impossibilidade que abre caminho para possibilidades. “De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma.” (Freud, 1933/1996, p. 79).

Lacan, fala do feminino como um modo que o sujeito opera, um lugar de criação literária, um furo. Este furo que Lacan (1972-1973/1985), aponta como lugar de criação literária é também o lugar de encontro com o feminino. Nos escritos: “Mais, Ainda” (1972-1973/1985), afirma que que o feminino é o “não todo”, e que “há homens que lá estão tanto quanto as mulheres”. Na visão da psicanálise, o masculino e o feminino se constroem na discursividade do sujeito e não são meramente consequências anatômicas. Nesse debate em torno da questão da feminilidade na psicanálise, podemos dizer que Lacan dá um salto quando postula, para além do impasse da sexualidade feminina concebida a partir da ideia da inveja do pênis, a existência de um gozo a-mais.

Os principais pontos dessa discussão podemos encontrar no “Seminário XX, Mais Ainda” (1972-1973/1985), onde Lacan propõe o desenvolvimento das fórmulas de sexuação para pensar como se constitui a "não relação sexual", ou seja, a relação entre o sujeito do inconsciente e o gozo do Outro, ou a relação entre o simbólico, o masculino, e o Outro que não se pode nomear, o feminino. Apesar de muitos debates sobre esta proposta e da importância dos escritos de Lacan a respeito de uma elaboração sobre o outro gozo, originado na necessidade de conceber o registro do real e, como implicação, o desenvolvimento da tese sobre o feminino, o impasse continua.

Lacan, traz a concepção do registro do real, no “Seminário VII, A Ética da Psicanálise” (1959-1960/1988), de uma exterioridade só possível de alcançar pelo esforço de uma transgressão. Uma tentativa de aproximação do sujeito do inconsciente com o campo do real, fazendo uma sobreposição da sexualidade à linguagem, mais precisamente, o gozo do corpo, no que este se relaciona com o Outro, ao significante. Para tanto propõe o que veio a designar como a sua única invenção no campo da psicanálise, o conceito de objeto.

O objeto em questão torna-se resultado da inserção na linguagem, da separação que possibilita o surgimento do sujeito. Segundo Lacan, o sujeito surge a partir da introdução inicial

de um significante e constrói uma representação de si mesmo, enquanto eu, a partir do outro, a representação de um corpo próprio (1959-1960/1988). É o que Lacan aponta com o texto “O Estádio do Espelho” (1949/1998), como formador da função do eu. Não sendo especular ou apreensível na imagem, o objeto a faz referência à falta. Lacan afirma que a falta só pode ser apreensível através do simbólico, pois não existe no real. Além disso, a tentativa de preenchê-la envolve o simbólico e o imaginário. Lacan também enfatiza a irredutibilidade dessa deficiência radical na própria estrutura do sujeito. A função de causa de desejo do objeto é assumida nesse posicionamento. Na medida em que ele é sobre, Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido. O objeto a “[...] é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia” (1962-1963/2005, p. 179).

Lacan (1972-1973/1985), identifica a lógica da falta de um significante adequado para nomear uma mulher como um ponto específico no processo de estruturação da mulher. O que torna um corpo legível pelos sentidos do outro é sua vida. E o corpo é mais fácil de ler quanto mais organizado e dentro dos marcadores. Esse corpo é reconhecido por seus significados. Seu significado é definido pelas palavras que o discurso social colocou em seu corpo.

É possível assim, apreender que tornar-se mulher é algo que passa pelo além do “ser mulher”, pois é justamente, pela construção de um lugar feminino, ou do engajamento no discurso histórico, e ao sintoma, que essa constituição pode ou não, se apresentar. Entretanto, diferentemente do discurso histórico, a lógica do feminino encontra-se não na relação com uma impossibilidade direcionada ao outro, mas sim, na relação com um gozo Outro, inominável, que coloca a mulher como sendo “não- toda”, e por assim o ser, estabelece uma relação suplementar com o gozo fálico (Lacan, 1972-1973/1985).

Contudo, “[...] não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá, não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais.” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 100). Há um gozo dela, dessa ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada, a não ser que o experimenta - isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. “E isso não acontece com todas elas [...]” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 100).

Em síntese, poderíamos dizer, que é admissível pensar o tornar-se mulher como um destino. Além disso, se para a psicanálise as sexualidades masculina e feminina são fundamentalmente díspares, é possível pensar que, como não é imaginável estabelecer uma equação entre as duas, a feminilidade também representa uma atitude do sujeito, que traz consigo essa marca que impulsiona ao movimento, é claudicante, pulsa. E por assim o ser, furta-

se às palavras e ao todo significativo que preenche. Uma ausência-presença que balança, move e dança, saltando ao vazio ecoando (im)possibilidades.

Durante muito tempo, a ciência foi vista como um domínio reservado aos homens, apesar de algumas mulheres terem desempenhado papéis significativos em seu avanço, muitas vezes sem o devido reconhecimento. Diferentes iniciativas globais têm estimulado a presença feminina na ciência, ressaltando a importância de criar e apoiar modelos que valorizem a diversidade e reconheçam o papel das mulheres na comunidade científica. No Brasil, diversas políticas públicas implementadas nos últimos dez anos com o objetivo de promover a igualdade de gênero têm impulsionado a participação das mulheres no campo científico.

Ao longo da história, as mulheres têm sido frequentemente invisibilizadas e excluídas dos espaços de produção do conhecimento. Muitas vezes, seus feitos e contribuições foram atribuídos a homens, perpetuando a ideia de que as mulheres não têm capacidade intelectual para participar ativamente neste processo. No entanto, é fundamental reconhecer que as mulheres sempre estiveram presentes na produção do conhecimento, mesmo que de forma silenciada e marginalizada.

Para que a produção do conhecimento seja verdadeiramente inclusiva e diversificada, é necessário desconstruir os estereótipos de gênero que permeiam a academia. A feminilidade não deve ser vista como um obstáculo para a participação das mulheres no campo acadêmico, mas sim como uma força que enriquece e amplia as perspectivas e abordagens de pesquisa. Valorizar a diversidade de experiências e saberes é essencial para promover uma produção do conhecimento mais plural e representativa.

As práticas dominantes do conhecimento excluem as mulheres da pesquisa científica; negam-lhes autoridade epistêmica; desprezam os conhecimentos produzidos por elas, produzem teorias sobre mulheres representando-as como inferiores; produzem teorias sociais que tornam as atividades e interesses das mulheres invisíveis e produzem ciência e tecnologia que não consideram pessoas em posições subordinadas, ou que reforçam hierarquias sociais.

As mulheres desempenham um papel fundamental na construção e disseminação do conhecimento em diversas áreas do saber. Seja na ciência, na filosofia, na literatura ou em qualquer outro campo, elas têm contribuído de maneira significativa para o avanço do conhecimento humano.

Apesar dos obstáculos e dificuldades ainda encontrados, muitas estudantes e docentes se empenham em fazer da pesquisa uma ferramenta para questionar e discutir o papel da mulher. E em uma sociedade onde as vozes femininas são frequentemente silenciadas ou subestimadas,

a pesquisa acadêmica assume um papel crucial na ampliação da representatividade e na divulgação das contribuições das mulheres em diversas áreas.

Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 2021, 54% dos estudantes em cursos de pós-graduação stricto sensu são mulheres. Dos 405 mil alunos de mestrado e doutorado no Brasil, 221 mil são mulheres. Também são elas que lideram o número de bolsas no país. Em 2020, as pesquisadoras representavam 58% do total de bolsistas stricto sensu.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) aponta um cenário similar ao da CAPES: entre 2020 e 2021, bolsistas de doutorado se dividem meio a meio, 50% são mulheres; já no mestrado, as pesquisadoras correspondem a 52%. A proporção de mulheres entre os autores do total de publicações aumentou de 38% para 49% de 2002 a 2022. O Brasil se destaca por seu crescimento nesse aspecto, figurando entre os três países com maior representação feminina entre os autores em um grupo de 18 países e a União Europeia, como aponta este relatório. Já em 2020, o relatório “The Researcher Journey Through a Gender Lens”, publicado pela Elsevier, indicou que Portugal, Brasil e Argentina apresentaram desempenho expressivo em termos de participação feminina entre os autores ativos.

As mulheres trazem uma perspectiva única para o estudo de diferentes áreas do conhecimento. Elas frequentemente abordam problemas com uma sensibilidade e empatia diferentes, levando a novas descobertas e soluções inovadoras. Sua presença em cargos de liderança nas universidades, centros de pesquisa e empresas promove a inclusão e a diversidade, enriquecendo o debate e ampliando o escopo da pesquisa científica.

A busca por igualdade de gênero na produção do conhecimento é fundamental para a construção de um futuro mais justo e equitativo. A inclusão de mulheres em todos os níveis da academia, desde a graduação até a liderança, é essencial para a diversidade de ideias e a riqueza do debate científico. A valorização do trabalho das mulheres na ciência é crucial para o desenvolvimento da sociedade como um todo. As contribuições femininas são imprescindíveis para o avanço da pesquisa, a inovação e o progresso da humanidade.

Há uma ampla gama de formas de expressar a feminilidade, que vão além de estereótipos e papéis de gênero rígidos. Nesse sentido, entendemos que conjugar ciência e feminilidade não se configura como uma tarefa fácil, já que são dois mundos estruturados na dicotomia dos espaços sociais a serem ocupados pelos sujeitos, que precisam romper com essa lógica binária que estrutura o pensamento moderno da percepção da feminilidade em visões estreitas e estereotipadas.

Podemos suscitar, a partir da escuta de que o tornar-se mulher é um processo com muitas nuances particulares e subjetivas, é preciso se construir e desenvolver a partir de suas próprias movimentações entre atividade e passividade, assim, tornando-se mulher. Que, conhecer e tornar visível a trajetória de mulheres no mundo da ciência é fundamental para o desenvolvimento de ações e estratégias que visem à participação equitativa entre mulheres e homens na produção do conhecimento. Que, há uma riqueza de formas de expressar a feminilidade, que transcendem papéis de gênero rígidos, no enfrentamento às estruturas de poder e desigualdade de gênero enraizadas na ciência, que possam promover mudanças estruturais e culturais nas universidades e centros de pesquisa.

A travessia que agora se anuncia desloca-se do território da constituição feminina para o espaço mais amplo em que o saber se produz e se legitima: a universidade. É nesse lugar de encontros, contradições e disputas simbólicas que a psicanálise e a educação se aproximam, abrindo brechas para escutar como o sujeito se constitui no ato de pesquisar. As margens teóricas que até aqui sustentaram o percurso tornam-se agora margem de diálogo, convocando novas leituras sobre o desejo, o saber e o fazer acadêmico. A partir deste ponto, o percurso se reinventa, não para concluir o caminho, mas para ampliar o horizonte, permitindo que o mar da linguagem encontre o porto onde a escuta, a formação e o conhecimento se entrelaçam

PORTO IV - MARÉ DE SABERES: DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Este capítulo propõe dialogar sobre a intersecção entre a psicanálise, a educação e a experiência da mulher pesquisadora na universidade, evidenciando como essas três esferas podem conversar e enriquecer mutuamente. A pesquisa acadêmica, por sua natureza, não é apenas um exercício intelectual, mas também, um espaço onde a subjetividade e as vivências pessoais se entrelaçam com a produção de conhecimento.

Nesse contexto acadêmico, frequentemente é permeado por estruturas de poder e dinâmicas de gênero que possivelmente apresentam desafios únicos para a mulheres que se dedicam a pesquisa, como as barreiras institucionais, expectativas sociais, normas de gênero, entre outras situações. Esse cenário em que as pesquisadoras se encontram e muitas vezes se veem como navegantes em um labirinto de preconceitos e limitações que podem afetar suas trajetórias profissional e sua autoestima.

A psicanálise, com sua abordagem sobre a subjetividade e os processos de formação do eu, oferta uma lente valiosa para melhor entender as experiências vividas por estas pesquisadoras, podendo possibilitar explorar as motivações intrínsecas que impulsionam as mulheres na construção da carreira acadêmica, bem como entender experiências de alienação, insegurança e resistência que podem acompanhar suas jornadas. A psicanálise nos convida a refletir sobre essas dinâmicas emocionais que permeiam a vida acadêmica dessas mulheres e permite uma escuta mais rica das interações no ambiente acadêmico de pesquisa.

Dessa forma, nos propomos com essa escrita, iluminar as nuances femininas no contexto acadêmico, considerando as implicações para a educação e a pesquisa, incluindo as percepções do papel da mulher na ciência e nas humanidades, bem como essas percepções podem ser desafiadas e reformuladas.

Através do diálogo entre psicanálise & educação e pesquisa, aspiramos não apenas escutar as dificuldades enfrentadas, mas também identificar caminhos para mudanças, contribuindo para a (re)construção de um futuro acadêmico mais justo e representativo, onde a diversidade de vozes e experiências seja valorizada e integrada ao conhecimento produzido na universidade. Esperamos que estas reflexões que aqui são apresentadas inspirem novas práticas e políticas que promovam a equidade e a inclusão, favorecendo um ambiente onde todas as pesquisadoras possam florescer e frutificar.

4.1 PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO IM(POSSIVEL)?

A relação entre a psicanálise & educação tem sido objeto de análise entre teóricos, educadores e psicanalistas. Aqui, comparamos essa relação como uma viagem de barco por mares distantes, onde cada onda, cada correnteza e cada porto representa um aspecto do processo desse relacionamento. Imaginemos um barco que zarpou em uma jornada navegando muitas vezes em águas turbulentas da formação e do conhecimento. Ao longo dessa viagem, o mar pode apresentar calmarias onde a produção do conhecimento flui naturalmente, mas também tempestades, que simbolizam as questões da subjetividade do sujeito. Assim a psicanálise pode atuar como um farol, iluminando essas tempestades internas e ajudando o sujeito a escutar suas próprias motivações e bloqueios.

Sobre a relação de Freud com a educação, as narrativas históricas abordam, como ponto de partida, as diversas direções de estudos que veiculam a teoria e a prática psicanalítica com a educação. Essas narrativas costumeiramente seguem uma perspectiva historiográfica de inspiração hegeliana, narrando o tema em termos ordenadamente cronológicos e estabelecendo demarcações, transposições e estados na relação entre Freud e a educação.

Embora essa perspectiva historiográfica de inspiração hegeliana organize o percurso de Freud em etapas sucessivas e aparentemente progressivas, tal leitura apresenta limites quando confrontada com a lógica própria da psicanálise. O pensamento freudiano não se desenvolve de forma linear, nem por superações definitivas, mas por deslocamentos, retornos e reformulações constantes, atravessados pelo inconsciente e pelas contingências clínicas. Assim, as divisões em “momentos” devem ser compreendidas como construções analíticas, úteis para fins de exposição, mas insuficientes para apreender a complexidade e as contradições que marcam a relação de Freud com a educação.

Mesmo ciente dos limites de uma leitura linear, é possível recorrer a essa organização como um modo de tornar visíveis certos deslocamentos no pensamento freudiano. Nesse registro, a relação de Freud com a educação pode ser dividida em três momentos, a partir das evidências presentes em algumas de suas obras. O primeiro momento caracterizado por seu otimismo sobre a educação, corresponde à obra “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898/1996). Nessa obra, Freud transmite a hipótese de que as perturbações mentais derivariam da repressão moral da sociedade sobre a sexualidade. Sustentado nesta premissa, Freud presumiu logicamente que a solução se reservaria a um trabalho de reforma da moralidade como causa das doenças. Para tanto, Freud diz que para atacar a moral seria necessário operar a reforma sobre seu agente fundamental, a educação e seus educadores. Isto é, se a educação

escolar ou familiar é a mediadora da moral que reprime a sexualidade, ela também poderia vir a se constituir como a medida profilática das doenças.

O momento seguinte está sob a insígnia de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1976), estendido até o ano de 1915 em “Reflexões para os tempos de guerra e de morte” (Freud, 1915/1996), passando antes pelo ano de 1907, “O esclarecimento sexual das crianças” (Freud, 1906-1908/1980) e 1908 com “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (Freud, 1908/1976). Nesses escritos, Freud versa sobre a base insustentável da primeira hipótese, e formula a ideia de que a sexualidade incidia em pulsões parciais (socialmente perversas) atuantes no corpo infantil, e que devido a sua natureza e magnitude, a moral sexual é deslocada à condição de protetora do sujeito e da sociedade contra as pulsões sexuais perturbadoras.

Deste modo, assinala a esperança de Freud em ordenar a educação de um modo que a sexualidade pudesse ser tratada abertamente em sua realidade, no anseio de não dar vazão às construções fantásticas e primitivas sobre ela, dando o máximo de sua presteza, a fim de encaminhar seus excessos de acordo com as utilidades culturais, por meio da sublimação. Trata-se de um período chamado de realista, sendo possível indagar a retomada desta perspectiva no ano de 1927 em “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927-1931/1996). A diferença é que nesta obra, Freud não critica as mitologias acerca da sexualidade propriamente, mas insiste na educação não religiosa ou educação para a realidade como possibilidade de operar no âmbito da realidade do desejo, assim como nos trabalhos supracitados tenta trabalhar no interior da realidade das pulsões parciais.

O terceiro momento, atribuído a sua segunda tópica do aparelho psíquico, Freud avalia intensamente pessimista sobre as potencialidades profiláticas e sublimatórias da educação concernente às doenças nervosas e o mal-estar geral da civilização. Essa fase teria sido desperta na obra “Além do princípio do prazer” (Freud, 1856-1939/2016) quando da formulação do conceito de pulsão de morte, atingindo seu cume em “Análise terminável e interminável” de 1937 (Freud, 1937/1996), quando diz que educar é uma operação impossível, ao lado de governar e psicanalisar.

O quadro geral da segunda tópica concernente às implicações psicanalíticas sobre a educação, sugeriria teorizações pessimistas da parte de Freud porque sob a égide da pulsão de morte de caráter orgânicos, o psiquismo humano se mostrava muito pouco influenciado pela cultura comparado às inclinações de seus próprios fins primários, que ao invés de inclinar-se verdadeiramente para a vida, se o fim último é o retorno ao inanimado ou a autodestruição. Portanto, as duas primeiras hipóteses foram consideradas muito ingênuas, na medida em que, a

pulsão de morte traz à tona o caráter autodestrutivo da humanidade (Freud, 1996). Millot (1987), versa sobre os três momentos:

A expressão do otimismo freudiano está explícita em sua preocupação em promover melhoras na vida em sociedade, típico de uma subjetividade humanista e reformista, que encontra na liberalização dos costumes e na diminuição dos rigores da moral uma esperança na luta contra as neuroses. Entretanto, o espírito otimista do “pai” da psicanálise foi sendo sucumbido aos poucos cujo cume foi atingido quando da constatação de uma força inefável no humano, a pulsão de morte (Millot, 1987, p. 30).

Millot (1987), fala sobre o otimismo freudiano e sua evolução ao longo do tempo traz uma rica base para uma reflexão crítica sobre a psicanálise e suas implicações na sociedade, visto que, ao longo de sua obra Freud manifestou uma crença na capacidade humana de se transformar e evoluir, de maneira especial através da escuta de seus próprios desejos e conflitos internos. Essa ideia reformista e humanista é central para a psicanálise. A citação destaca uma transição significativa no pensamento freudiano que começa a se confrontar com a complexidade e ambivalência da psique humana.

A pulsão de morte que Freud introduziu em seus escritos, representa uma força inefável e muitas vezes autodestrutiva que desafia a visão otimista de uma humanidade capaz de se superar. Conforme Millot (1987) cita, existe uma interseção entre a psicanálise freudiana e a educação, sendo esta um campo fértil para análise crítica. Sendo a educação um espaço de formação e desenvolvimento humano, que pode ser vista tanto como um meio de promover o otimismo e a transformação social quanto como um reflexo das tensões intrínsecas da psique humana.

Desse modo, o ponto de interseção entre as três hipóteses é o sujeito que na visão de Freud deverá modular o ideal, ou seu otimismo, realismo e pessimismo, entre seu uso e sua suspensão, guiado pela psicanálise, pois ao falar em educação Freud se refere à infância. Nesse período o psiquismo não está totalmente constituído, portanto carente de ideais, insígnias, para guiar sua sexualidade em certas direções. Contudo, uma injeção exagerada de ideais educativos por parte do educador pode gerar um grau prejudicial de alienação subjetiva. Sobre isso, Freud oscilou muito, sendo quase impossível propor qualquer determinação e finalização. É diferente do que se pode pensar, Freud nunca abandonou a esperança profilática atribuída ao sujeito que educa e sua educação. Nesse sentido Kupfer (1995) diz:

[...] se as ideias incompatíveis são quase sempre de natureza sexual, e se são julgadas insuportáveis pelas normas da civilização que proclamavam um eu, então o que haveria de insuportável na sexualidade? A pergunta freudiana irá conduzi-lo, a seguir, à Educação, interrogando-a sobre o seu papel na condenação da sexualidade (Kupfer, 1995, p. 36)

A citação acima toca em questões que refletem a referência da educação, questionando o papel das instituições educacionais na formação de atitudes. A educação, muitas vezes,

desempenha função de controle social, moldando as percepções e comportamentos, assim, entender as dinâmicas da construção social da identidade desafia normas que podem ser obsoletas ou prejudiciais.

Nesse sentido, a educação não se restringe a transmissão de conteúdo, mas se transforma em um processo de autodescoberta e crescimento pessoal. Essa viagem se torna oportunidade de aprendizado, onde cada uma e cada um é incentivado a explorar suas próprias águas internas. Capitãs que guiam nas águas complexas de suas emoções, sem ignorar a tempestade relacional da psicanálise & educação. Uma jornada conjunta, onde os sujeitos, juntos, enfrentam os mares da psique humana, em busca não apenas do conhecimento, mas também do desenvolvimento humano, emocional e a formação das identidades saudáveis e resilientes.

A presença da psicanálise na educação não se traduz em programas ou técnicas voltadas à promoção do bem-estar, mas em uma ética do olhar e da escuta que reconhece o sujeito em sua singularidade e em seu sofrimento. Mais do que propor práticas, trata-se de sustentar um espaço de palavra em que educadores e educandos possam se implicar naquilo que os atravessa, reconhecendo os limites do saber e a importância do desejo que habita o ato educativo. Assim, a psicanálise não se aplica à educação: ela a atravessa, convidando a pensar o cuidado e a escuta como dimensões constitutivas da experiência formativa.

Nesse contexto, a interseção entre a psicanálise e a educação nos convida a uma abordagem mais holística e crítica do processo educativo, ao reconhecer a complexidade da psique humana e a dualidade entre otimismo e tensão. Mais do que pensar em sistemas educacionais ideais, a psicanálise convida a interrogar o que se produz nas relações que atravessam o espaço educativo. O foco desloca-se da busca por excelência ou completude para o reconhecimento de que o ato de educar envolve sujeitos marcados pela falta, pelo desejo e pelo inconsciente. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano não se realiza pela via da normatização, mas pela possibilidade de acolher o que escapa, o mal-estar, o conflito, a diferença, como parte constitutiva do processo educativo.

Essa visão mais abrangente pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e capazes de enfrentar os desafios da sociedade contemporânea. Sobre essa perspectiva, evidenciamos a fala de Voltolini (2011, p. 18).

Dentro dos termos dessa reforma educacional, Freud faz incursões significativas, em particular abordando o tema sempre espinhoso da educação sexual das crianças. Pelo menos em dois de seus artigos, “O esclarecimento sexual das crianças” e “Sobre as teorias sexuais das crianças”, a educação sexual é tomada em análise e o assunto é desenvolvido em seus eixos fundamentais. Os problemas levantados nesses artigos são bastante conhecidos nos dias de hoje pelo público em geral, uma vez que foram incorporados, após várias reformas educacionais, pelo discurso pedagógico, que, a pretexto de tornar-se mais democrático, incluiu o tema da educação sexual no

currículo escolar. Questões como constrangimento dos educadores para tratar do assunto, suas dúvidas quanto à pertinência e a justa medida desse diálogo, bem como os encaminhamentos derivados da reflexão sobre eles, pertencem hoje ao currículo formativo de qualquer educador.

Percebemos que Freud chegou à conclusão de que o sistema educacional, em termos gerais, teria responsabilidade familiar, social e escolar pela origem das psiconeuroses¹⁶, desde que fosse considerada a forma como tratava a sexualidade. Seu olhar voltou-se às atitudes educacionais diante desse tema, identificando na moral civilizada um agente direto de formação e na propagação do sofrimento psíquico.

Dessa forma, seguindo o exemplo do contraveneno da picada da serpente, caberia à educação a reforma de sua própria pedagogia, vislumbrando uma via direta para a moral sexual mais liberta, pois atuaria na raiz do problema: a própria educação e o educador, com suas relações com a sexualidade. Nesse sentido, Voltolini (2011, p. 18), corrobora:

De certo modo, cumpre ressaltar, a educação sonhada por Freud se tornou realidade, mas sem que com ela chegasse a imaginada diminuição do adoecimento neurótico. Entre pais e filhos já é possível, em comparação com a época vitoriana em que Freud viveu, maior amplitude no diálogo sobre a sexualidade. Quase nenhum pai, em que pesem suas dificuldades neuróticas particulares que condicionam e limitam sua habilidade para abordar o assunto, defende a ideia de um silenciamento diante das questões sobre sexo apresentadas pelo pequeno curioso.

Ainda sobre sexualidade, Kupfer (2010, p. 39), expõe,

Entenda-se bem o que Freud quer dizer com sexual. Em seu pensamento, sexual não se confunde com genital. A sexualidade genital refere-se precisamente à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sensuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato como corpo da mãe. A amamentação, nesse sentido, é entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona.

Freud em sua obra, propõe um conceito de sexual que vai além da mera atividade sexual genital, mas a sexualidade como uma força vital que permeia diversas experiências humanas e não se limita apenas à cópula ou ao prazer sexual em sentido restrito. Nessa perspectiva, a sexualidade abrange uma gama de comportamentos e sentimentos que se manifestam desde a infância, incluindo a exploração do próprio corpo e a interação com o corpo da mãe. Freud nos convida a olhar além da sexualidade como mero aspecto físico, destacando que as experiências e interações humanas são permeadas por significados e significantes, um ato de educar.

¹⁶ O conceito de psicose é elaborado por Freud ao se reportar “as vicissitudes da enfermidade de um indivíduo às experiências de seus ancestrais, fomos longe demais; esquecemos que entre a concepção e a maturidade de um indivíduo há um longo e importante período da vida – sua infância –, no qual se pode adquirir os germes da enfermidade posterior. Isso é o que ocorre efetivamente com uma psicose. Sua verdadeira etiologia deve ser encontrada nas experiências infantis, e mais uma vez – exclusivamente – em impressões referentes à vida sexual. Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças...” (Freud, 1894/1990, p. 307)

Entretanto, a aplicação dos princípios psicanalíticos na educação não é isenta de desafios. Em “O triunfo da religião”, Lacan (1974/2005, p. 59) afirma que “[...] é preciso de fato certa educação para que os homens consigam se suportar”. Na citação, o autor não se refere certamente à educação escolar, mas sim, à educação no seu sentido mais genuíno, que se inicia no ato de tornar o pequeno ser que nasce um “ser humano”, “húmus da linguagem”, por ela aparelhado e emparelhado (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48), e que o segue por toda a vida, nas constantes regulações de gozo que a linguagem opera na relação do sujeito com o outro (semelhante) e com o grande Outro (A).

Lacan, destaca que a educação não pode ser vista apenas como um processo de transmissão de conhecimento, mas precisa considerar o sujeito em sua totalidade, incluindo suas experiências subjetivas. O educador deve ser também um analista, capaz de ouvir o que não é dito, é o que refletimos a partir do dito de Freire (1996, p. 68-69):

Para me resguardar das artimanhas da ideologia não posso nem devo me fechar aos outros nem tampouco me enclausurar no ciclo de minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade. No fundo, a atitude correra de quem não se sente dono da verdade nem tampouco objeto acomodado do discurso alheio que lhe é autoritariamente feito. Atitude correra de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e a ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratemplos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apeiam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

Contudo, ao reconhecer a singularidade de cada sujeito, a psicanálise pode oferecer ferramentas para uma educação mais inclusiva e sensível às necessidades. Em síntese, a relação entre psicanálise & educação, embora complexa, não é impossível, pois na vastidão dos mares da educação, onde as ondas do saber se encontram com as correntezas das subjetividades em um barco chamado conhecimento, com suas velas e anseios, flutuando entre os recifes do inconsciente e as praias da cognição. Traçando rotas e apurando a escuta para que possamos entrelaçar experiências e reverberar em um oceano de possibilidades, onde o sujeito possa ter acesso a uma educação que torne possível o estabelecimento de laços, sem se sustentar, para tanto, em vias normalizadoras.

4.2 PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA: TRÍADE INFINITAMENTE MOEBIANA.

As afinidades entre psicanálise e universidade não são recentes. Logo no início da prática clínica de Freud, a psicanálise está interligada ao ambiente universitário, trazendo à tona questões sobre ensino e pesquisa. Transcorridos mais de um século do trabalho inaugural de Freud: “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?” (1919/2010) persistimos a nos interrogar sobre pertinência, importância e lugar da psicanálise no ambiente universitário, para além das instituições de formação psicanalítica.

No contexto universitário, empregamos quase indistintamente ensino e formação, o que, na nossa visão, estabelece uma diminuição considerável do papel que a formação universitária pode ou poderia proporcionar ao estudante. Esta formação, mais que uma atividade conteudista, carece incluir pesquisa e extensão como eixos estruturantes do percurso acadêmico para minimamente diferenciar-se de uma escola de terceiro grau. Percebemos uma crescente presença de docentes/pesquisadores psicanalistas nas universidades brasileiras, lutando com uma realidade anterior quando ainda prevalecia um posicionamento refratário à aproximação da psicanálise ao ambiente universitário. A produção do conhecimento pela psicanálise no ambiente acadêmico vem sendo reconhecido, inclusive pelas instâncias reguladoras de pesquisa no Brasil, sendo objeto de investigação científica, com produção acadêmica qualificada, por meio de artigos, livros, teses, etc. Projetos de mestrado e doutorado que trazem como objeto de pesquisa, a psicanálise, sua clínica e conexões com outros campos, fazem parte do cotidiano de alguns cursos universitários. Porém, ainda, no contexto da produção de conhecimento, deparamo-nos muitas vezes com uma tentativa conservadora e cartesiana de adaptação das pesquisas a um modelo universal de ciência. Sobre isso Ornellas (2019, p. 25) nos alerta:

A imagem social da Psicanálise ainda é bastante estereotipada em nosso meio. Associamos a Psicanálise com o divã, com a figura do analista e do paciente, com o trabalho de consultório geralmente longo. Essa ideia correspondeu, por muito tempo, à prática na área limitada exclusivamente ao consultório. As combinações possíveis entre Psicanálise e antropologia, Psicanálise e arte, Psicanálise e epistemologia, Psicanálise e Educação e até Psicanálise e religião têm alcançado uma notável efervescência e pertinência intelectual. Nota-se, hoje, que no interior das universidades, nos diversos círculos analíticos – lugares autodefinidos em torno do saber freudiano/laciano – não se pode desconhecer a busca desses centros de estudo para desvelar o domínio desse conhecimento, Pergunta-se – Será que a Psicanálise tem algo a dizer em relação à instituição escolar? É essa inquietação que nos incita a convidar a Psicanálise para um encontro com a relação educativa.

A reflexão de Ornellas (2019), traz à tona a percepção limitada que muitos ainda têm sobre a psicanálise no ambiente universitário. Uma visão que ignora a rica complexidade e a versatilidade da psicanálise. A autora, evidencia que é necessário expandir os horizontes da

psicanálise, permitindo que suas teorias e práticas sejam aplicadas a contextos diversos, incluindo a educação. Esse chamado é de maneira especial importante em tempos em que se busca abordagens para encarar desafios educacionais contemporâneos. Entendemos que a psicanálise pode trazer insights sobre a subjetividade dos sujeitos e sobre as emoções que permeiam o processo de produção do conhecimento e as relações de poder que podem se estabelecer no ambiente acadêmico.

Nesse movimento, a universidade é um espaço não apenas de produção de conhecimento, mas, também, lugar de construir identidades, desafiar preconceitos e promover o pensamento crítico. A pesquisa por sua vez, é um pilar fundamental da universidade, e a inserção da Psicanálise nesse contexto pode abrir novas estradas de investigação. No texto “Psicanálise e Teoria da libido” (1923/2011), em um trecho intitulado “Caráter da psicanálise como ciência empírica”, Freud diz:

A psicanálise não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender o mundo como um todo e depois, quando completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções. Ela se atém aos fatos do seu âmbito de trabalho, busca solucionar os problemas imediatos trazidos pela observação, segue tateando com base na experiência, está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias. Tal como a física e a química, ela tolera muito bem que seus principais conceitos sejam vagos e seus pressupostos sejam provisórios, e espera uma maior precisão deles como resultado do trabalho futuro (p. 301).

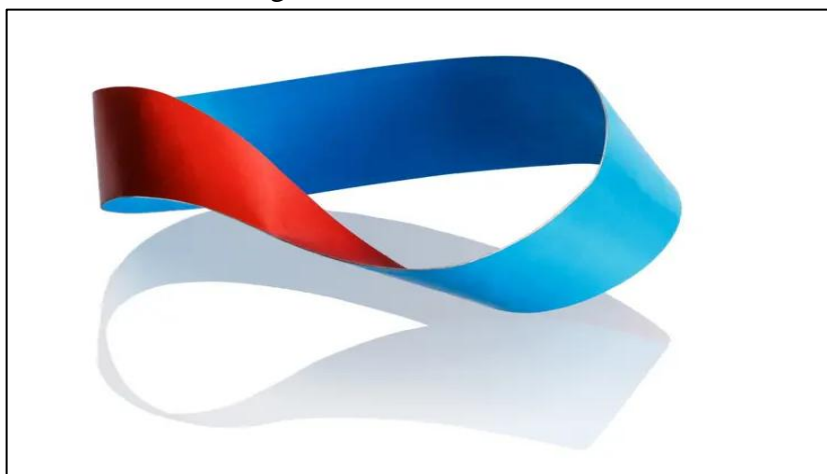
A psicanálise nessa visão freudiana é descrita como dinâmica, que está em constantes evolução e adaptação, flexível na percepção da subjetividade humana. A ideia de incompletude da psicanálise reflete que o conhecimento é um processo em constante construção. Assim, trazemos a fita de Moebius¹⁷ para que nesse contexto nos mobilize a ideia de que Psicanálise & Educação são processos contínuos e interligados, onde o conhecimento não é linear, mas espaços curvos que se retroalimentam.

Como a superfície da fita, onde não existe um começo e um final determinados, A Psicanálise e a Educação na universidade podem se entrelaçar de maneira a criar um ciclo interminável de aprendizado e descobertas. Ornellas (2019, p. 31), enfatiza sobre essa articulação citada acima:

Articular Psicanálise e Educação tomando de empréstimo a fita de Moebius (figura 1) pode possibilitar entender de que não se trata de operar os dois saberes como se um fosse dentro e outro fora, mas urge que esse manejo seja metaforizado pela topologia da fita, considerando que, após a torção em uma das extremidades, observa-se não haver dentro e fora e, sim, uma continuidade, conforme a figura abaixo:

¹⁷ Idealizada pelo matemático alemão August Fernand Möbius, no século 19, a fita de Möbius (ou faixa de Möbius) é uma forma não-orientável. Isso quer dizer que não existe “lado de dentro” ou “lado de fora”, pois ambos são o mesmo lado.

Figura 1– Fita de Moebius



Fonte: Adaptada pela autora

Retornando a inicial desse subcapítulo, referindo-nos ao texto de Freud, “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?” (1919/2010), o qual ele inicia as discussões psicanálise e universidade, Freud debate sobre o ponto de vista do seu ensino sob duas perspectivas: o da psicanálise e o das universidades. Sobre o primeiro, Freud diz que “[...] sua inclusão no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir da universidade, sem prejuízo para sua formação” (p. 378), reafirmando, em seguida, as condições de formação do analista que incluem ensino, pesquisa, supervisão e a experiência da própria análise: “Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos” (p. 378).

Sobre segundo ponto de vista, o da universidade, Freud traz sobre a importância da psicanálise na formação médica (na época, tratava-se da inserção da psicanálise nos cursos de medicina), isso por conta do espaço existente em relação ao conhecimento dos fatores psíquicos nas enfermidades e seus tratamentos. A ausência de exposição à psicanálise, nos cursos médicos, acarretaria deficiência do profissional no futuro, segundo Freud. Além disso, a psicanálise poderia cumprir função propedêutica para a formação em psiquiatria.

Expandindo e trazendo uma justificativa sobre a presença da psicanálise na universidade, diz: “Ao investigar os processos psíquicos e as funções intelectuais, a psicanálise segue um método próprio, cuja aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião” (p.380). Freud idealiza uma consequência fertilizante do pensamento psicanalítico sobre diversos campos, estabelecendo relação entre eles.

Assim, a psicanálise pode estar presente na formação universitária nos campos das ciências, das artes, da saúde ou das humanidades, admitindo que pesquisadores de diferentes domínios do conhecimento aprendam sobre e com a psicanálise (Coutinho et al, 2013). Ou, nas palavras do próprio Freud (1919/2010b), “A fecundação dessas outras disciplinas pela psicanálise certamente contribuirá para forjar um vínculo mais sólido entre a medicina e os ramos de saber da filosofia e das artes, no sentido de uma *universitas literarum*” (p. 380-38). A defesa de Freud dizia respeito ao ensino e à difusão da psicanálise. Na época, a universidade ainda não era um lugar de produção científica tal como hoje, tendo em vista que a pesquisa é o significante privilegiado nesse ambiente.

Sobre a inserção da psicanálise no contexto universitário, particularmente no âmbito da visão de lacaniana traz concepções controversas e polêmicas. Para Freud (1957/1998), não seria possível um mero ensino profissional, mas uma transmissão. O ensino da psicanálise, diz Lacan (1964/1998), “[...] só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho” (p.242). Há aí uma crítica ao saber científico, transmitido de forma universalizante, hegemônico na universidade, e cujo modelo epistêmico é a ciência cartesiana, atualizada com o positivismo comtiano. O que Lacan propõe, traz para a universidade parte de outro referencial epistemológico, não-cartesiano, a possibilidade de escuta do que se ensina é um desejo de saber e esse desejo só pode ser escutado como falta no saber, para que cada um possa fazer sua produção, marcando um estilo próprio.

No entanto, apesar das impossibilidades da relação entre Psicanálise & Educação, pontuamos que é uma relação que vem desde 1927 com o livro de Deodato de Moraes, “A psicanálise na educação”. Em 1928, Porto-Carrero começa um curso sobre psicanálise aplicada à educação, lançando livros sobre a temática. No entendimento de Bortoloti e Cunha (2013), essas obras enfatizam a ideia de que uma educação orientada pela psicanálise seria importante na formação de indivíduos saudáveis. Devemos destacar ainda a obra de Arthur Ramos, psiquiatra que desde o início de sua carreira faz articulações entre psicanálise & educação, com ideias inovadoras sobre a educação de crianças com déficit intelectual e problemas emocionais. Ele escreve um livro em 1934, intitulado “Educação e Psicanálise” com o objetivo de demonstrar validade e eficácia da psicanálise no campo da educação escolar, além de enfatizar a necessidade da formação dos educadores orientados por este referencial (Sircilli, 2006).

Se refletirmos no desenho dos quatro discursos, sugeridos por Lacan (1969-1970/1992), o discurso histórico seria aquele que provoca o campo científico, balizador da experiência de produção de saber a partir da interrogação do que está estabelecido, dos significantes mestres

que se apresentam. O espírito do pesquisador se mantém na medida em que puder interrogar o significativo mestre e desafiá-lo a produzir saber. De acordo com Ornellas (2019, p. 40):

Matar o mestre é uma lição que precisa ser ressignificada. É possível operar a construção da escola à luz de uma visão psicanalítica do sujeito. Como também é possível perceber que somente numa escola que se pretenda flexível e aberta à própria contestação a Psicanálise pode pedir licença para entrar.

Nesse encontro da Psicanálise com a Educação na universidade podemos conjecturar que a Psicanálise constituiria como o sujeito recalcitrante da universidade, ou seja, aquele que é persistente, que refuta as exigências do pesquisador/pesquisa colocando para estes outras questões, interrogando-o, fazendo com que ele se questione, o que o leva também a correr riscos. Ela seria aquela que interroga a ciência e os modos de fazer pesquisa, mas também que se interroga a si próprio. A psicanálise desde sua gênese já anuncia estes debates. Essa práxis questiona a ordem disciplinar cartesiana. A psicanálise pode ter um efeito fecundador, mas também pode alargar seus parâmetros e se beneficiar de outros saberes, tal como fez Freud, e Lacan. A universidade pode ser um local propício a esses encontros, permitindo um intenso intercâmbio interdisciplinar. Lugar em que a psicanálise se reinventa por meio de investigações que interroguem sua teoria e suas práticas e abre-se um viés infinito que desafia as convenções e promove um espaço de reflexão crítica.

PORTO V - COSTEANDO O INDIZÍVEL: DISCURSOS DESVELADOS, DESENHOS EXPRESSIVOS

Este Porto V, traz como desígnio apresentar a análise dos discursos, falas e desenhos com história e título produzidos no contexto desta pesquisa, tomando como material empírico as entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres que produzem conhecimento no espaço acadêmico, bem como os desenhos por elas concebido e as narrativas construídas a partir desses desenhos.

A perspectiva teórica que sustenta a leitura e a interpretação desse material é inspirada na articulação entre a Análise de Discurso de linha francesa e brasileira e a Psicanálise, especialmente a de orientação freudiana e lacaniana. Essa escolha não é meramente metodológica, mas epistemológica, pois, compreendemos que a linguagem constitui o sujeito e que este não é transparente nem plenamente consciente de seus dizeres.

De acordo com a Análise de Discurso francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux e outros autores já citados nesta pesquisa, o discurso é atravessado pela ideologia, pela memória

discursiva e por posições enunciativas que excedem a intenção individual. O sujeito de Pêcheux, ou seja, o sujeito do discurso, é afetado pela língua e pela história para que ele se constitua e produza sentidos. Desse modo, ele sofre os efeitos do simbólico e do imaginário, porque é assujeitado à língua e à história. O sujeito da enunciação não é originário nem estável; ele é efeito de estruturas simbólicas e de formações discursivas que o precedem e o mediam. Assim, os enunciados das entrevistadas não são tomados como meras expressões de opiniões ou experiências individuais, mas como produções que atualizam sentidos historicamente inscritos na linguagem, na cultura e no contexto ao qual fazem parte. Para o autor:

(...) a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux, 1988, p. 163)

Pêcheux (1988) convida a escutar que o sujeito não é origem do que diz, mas efeito das formações discursivas que o atravessam. Ao ser interpelado pela ideologia, o sujeito se reconhece, ainda que de modo ilusório, como autor do próprio discurso. Essa identificação com a formação discursiva que o domina sustenta uma unidade imaginária do eu, permitindo que o sujeito, quando na verdade reinscreve, em seu dizer, marcas e traços do interdiscurso que o constitui. Nesse movimento, o que se apresenta como voz singular é, ao mesmo tempo, eco e recriação de outros dizeres que circulam no campo social.

Nessa mesma direção, embora por outra via teórica, a Psicanálise também desloca a ideia de um sujeito soberano. Ornellas (2019, p. 54) lembra que “[...] o *sujeito* para a Psicanálise é o *sujeito do desejo*: é no inconsciente que ele se manifesta em suas formações”, como nos sonhos, sintomas, lapsos e atos falhos. “O saber do inconsciente escapa ao sujeito quando ele fala. O inconsciente é também o discurso do Outro”.

A teoria psicanalítica, por sua vez, especialmente a partir das elaborações de Freud e Lacan, aprofunda essa concepção ao situar o sujeito como dividido, atravessado pela linguagem e marcado pela falta. Freud evidencia que há uma dimensão da experiência que escapa ao consciente e que se organiza em diferentes instâncias psíquicas, id, ego e superego¹⁸, indicando

¹⁸ O **id** é a instância psíquica mais primitiva, descrita por Freud como o reservatório pulsional do aparelho psíquico. Regido pelo princípio do prazer, abriga os impulsos inconscientes e busca satisfação imediata, sem considerar as exigências da realidade ou da moral (FREUD, 1923/1996).

O **ego** constitui-se como mediador entre as exigências do id, as imposições do superego e as condições do mundo externo. É a instância da consciência e da razão, mas também do conflito, pois deve equilibrar forças que o excedem (FREUD, 1923/1996).

O **superego** forma-se a partir das identificações com as figuras parentais e com as normas culturais internalizadas. Representa a instância moral e crítica, responsável por impor limites e ideais ao ego, julgando continuamente os

que o eu não sou senhor de sua própria casa. Lacan retoma esse legado ao enfatizar que essa divisão se articula ao desejo e ao discurso do Outro, produzindo um sujeito que nunca coincide plenamente consigo mesmo.

Lacan, ao retomar Freud, aprofunda esse deslocamento ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o sujeito é efeito do significante, constituído na ordem simbólica e atravessado pelo desejo do Outro. Essa perspectiva amplia o campo de análise para além do dito, permitindo escutar o que irrompe nas frestas do discurso, nos silêncios, nas hesitações, nas repetições e nos lapsos.

Nas linhas que se cruzam dessas duas perspectivas, a Análise de Discurso e a Psicanálise, o sujeito é escutado como um ser falante (*parlêtre*¹⁹), inscrito na linguagem, atravessado pela história e marcado pela falta. Essa concepção nos conduz a um modo de escuta que busca os efeitos de sentido que se produzem no dizer e que não se limitam à intencionalidade do sujeito. Trata-se de uma escuta que privilegia os deslocamentos de sentido, os efeitos metafóricos, as contradições internas, as rupturas e os silêncios que constituem o discurso como espaço de produção de subjetividade.

Ao dispositivo das entrevistas se soma o dispositivo desenho e história sobre o desenho, que foi utilizado como estratégia para ampliar as possibilidades de expressão e elaboração por parte dos sujeitos da pesquisa. Estes, ao desenharem a partir de uma consigna (Apêndice 2), atribuindo um título e produzindo uma história sobre o que desenharam, favorece a instauração de um espaço de significação que acolhe o imaginário, o simbólico e o inconsciente, potencializando a emergência de sentidos que, de outro modo, poderiam permanecer recalcados ou silenciados.

Ao propor o desenho, enquanto produção simbólica, entende-se como um significante que provoca o sujeito a se posicionar frente a uma cena, uma imagem ou uma memória, em busca do acesso a formas de significação que escapam à lógica racional e linear da linguagem falada ou escrita. A fala sobre o desenho, por sua vez, pode reinscrever o sujeito em seu próprio discurso, evidenciando os efeitos da linguagem na construção de sua experiência. Esse dispositivo metodológico se aproxima da noção lacaniana de que o sujeito se constitui na relação com ao outro por meio do significante, e também da proposta da Análise de Discurso de que a materialidade discursiva é espaço privilegiado de constituição da subjetividade.

pensamentos e ações do Ego, e, conseqüentemente, buscando incessantemente a perfeição e a conformidade com os padrões ideais estabelecidos. (FREUD, 1923/1996).

¹⁹ "Parlêtre", traduzido como "falasser" em português, é um neologismo criado por Jacques Lacan para designar o sujeito da psicanálise.

A análise que aqui se apresenta, portanto, não se limita à dimensão informativa das falas ou dos desenhos, mas busca escutar como, nesses materiais, emergem os efeitos de sentido que dizem do lugar que essas mulheres ocupam (ou se recusam a ocupar) na universidade, nas relações com o saber, com o corpo, com o prazer e com o desejo. Interessa observar como o sujeito se posiciona no discurso, que sentidos ele reinscreve ou desloca, que silêncios o atravessam, e que marcas de sua história individual e coletiva se fazem escutar nos enunciados.

Ao reunir, Sujeito, Discurso, Enunciado e Imagem neste Porto, proponho uma leitura que acolhe a complexidade da constituição subjetiva. Não se trata de buscar uma verdade oculta por trás do discurso, mas de acompanhar os movimentos de significado e significante que se produzem na linguagem, reconhecendo que o sujeito fala sempre a partir de lugares marcados por faltas, por desejos, por interdições e por possibilidades. A escuta, neste contexto, se abre para os excessos do sentido, para o que escapa à lógica da evidência, para o que se presentifica como resto, aquilo que resiste à nomeação, mas insiste como marca do sujeito na linguagem.

Nesse ponto da travessia investigativa, este Porto representa a etapa em que o navio da pesquisa se aproxima das margens do indizível, aquilo que, embora não possa ser plenamente nomeado, se faz sentir nos gestos do discurso e nos traços da imagem. Ao “costear o indizível”, não se trata de aportar em um saber fechado ou em uma verdade última, mas de percorrer as bordas do sentido e do não-sentido, lugares em que se abrem furos²⁰ na linguagem, onde o dizer encontra seu limite e, justamente aí, permite o surgimento de algo sobre o sujeito.

. Esta é, portanto, a etapa em que a análise empreendida busca por aproximar à pergunta central da pesquisa, bem como ao objetivo geral e aos objetivos específicos propostos no percurso teórico-metodológico. Os discursos aqui analisados foram navegados com atenção aos deslocamentos de sentido, às falas que ressoam mais do que dizem, aos silêncios que insistem. Os desenhos, por sua vez, foram expressivos como formações simbólicas que convocam o sujeito a se inscrever de modo não linear, entre imagens e palavras, entre o dito e o não-dito. A escuta que orienta esta leitura considera os efeitos de subjetivação que emergem nesse entrecruzamento entre discurso, imagem e enunciação, possibilitando uma aproximação ao modo como as mulheres participantes constroem sentidos sobre si, sobre o saber, o corpo, o prazer e o desejo no espaço acadêmico. Esta análise marca, assim, um momento de ancoragem

²⁰O furo na linguagem, em Lacan (2001/2003), refere-se à lacuna estrutural entre o que é dito e o que escapa ao dizer, um ponto de não-sentido que revela o real, isto é, aquilo que não pode ser totalmente simbolizado. Trata-se de uma falta constitutiva da linguagem e do próprio sujeito, que se manifesta em momentos em que o discurso falha e o sentido vacila. Nessas brechas, algo do real pode advir como pas de sens (não-sentido), instaurando o movimento pelo qual o sujeito se reconhece em sua incompletude.

analítica, em que os materiais empíricos passam a responder, em sua complexidade e opacidade, às inquietações que motivaram esta pesquisa.

5.1 NAVEGAR É ESCUTAR: ENTRE O DITO, NÃO DITO, INTERDITOS, DESENHOS QUE SE REVELAM

Ao navegar guiada pelo mapa metodológico desta pesquisa, o momento de transcrição das entrevistas não se apresentou como uma etapa meramente técnica ou secundária, mas como um exercício de escuta e análise. Ao converter a oralidade em palavra escrita, fui conduzida novamente ao corpo vivo da linguagem, às marcas do sujeito que emergem nos intervalos da fala, nas hesitações, nas repetições, nos silêncios, nas pausas, nas entonações e furos. A transcrição das entrevistas, nesse contexto, não apenas reconstrói o que foi dito, mas reinscreve o sentido do dizer, e, com ele, me reaproxima do objeto de estudo que move esta investigação.

Assim, nesse gesto de escutar com atenção flutuante, me vi constantemente convocada a retomar os fundamentos que sustentam esta pesquisa: sua pergunta norteadora, seus objetivos gerais e específicos, e suas inquietações teóricas. Ao revisitar cada fala, me deparei com a complexidade que habita o discurso, aquilo que se diz, o que se evita dizer, o que se diz sem saber que se diz. Assim, fui navegando entre os enunciados e seus silêncios, entre o dito, o não dito, o interdito e aquilo que escapa à palavra, mas que insiste como resto, como sintoma, como marca do sujeito.

Essa escuta foi também atravessada pela presença dos desenhos, outro dispositivo de pesquisa, criados pelas mulheres escutadas, e como estilo legítimo de expressão de sentidos e não sentidos. Longe de serem elementos ilustrativos ou acessórios, os desenhos funcionaram como espaços simbólicos de elaboração, revelando aspectos da experiência que em certa medida não foram nomeados pelas discursividades dos sujeitos da pesquisa. Se a linguagem verbal se mostra por vezes insuficiente para dar conta em certa medida da vivência, o desenho em *poiésis*²¹, com seu caráter não linear, imagético e polissêmico, abriu outras vias de acesso à subjetividade. Nesse sentido, escutar também significou olhar, acolher o que se expressa pelo traço, pela forma, pela cor e pelo gesto criador.

²¹ O termo *poiésis* tem origem no grego *poiēsis*, que significa “fazer”, “criar”, “produzir”. Em Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1984, p. 4), designa o ato de trazer algo do não-ser ao ser, um fazer que introduz no mundo algo que antes não existia. Nesse sentido, a *poiésis* não se reduz à técnica, mas expressa o gesto criador que articula pensamento, ação e sensibilidade.

No movimento em que os discursos foram transcritos, entrevistas escutadas, imagens desenhadas, empreendi uma leitura analítica atenta, em diálogo com a Análise de Discurso, de vertente francesa e brasileira, e as contribuições da psicanálise freudo-lacaniana. Essa leitura não se deu de maneira objetiva ou neutra, mas como uma escuta analítica, implicada, em que o meu olhar também se inscreve como parte do processo de produção de sentido.

O processo analítico está organizado em quatro movimentos que circulam, interagem e compõem a metodologia de análise pensada nesta pesquisa:

Leitura descritiva – Movimento inicial em que o material empírico foi lido na atenção flutuante, com o intuito de familiarizar com o conteúdo, observar o encadeamento das falas, identificar marcas linguísticas recorrentes, pausas, silêncios e hesitações, e mapear possíveis zonas de maior densidade discursiva.

Escuta analítica – Movimento de escuta atenta dos efeitos de sentido e não-sentido produzidos nos enunciados, buscando identificar regularidades, deslizamentos, contradições e rupturas discursivas, adentrando as nuances subjetivantes presentificadas nas falas.

Interlocução teórica – As unidades de análise foram colocadas em diálogo principalmente com autores que fundamentam a Análise de Discurso francesa e brasileira, com aportes da psicanálise (sobretudo Freud e Lacan), bem como com pensadoras dos estudos feministas e de gênero. Esse movimento buscou sustentar teoricamente os sentidos e não-sentidos mobilizados no dizer das entrevistadas, permitindo que os discursos tensionassem os conceitos e vice-versa.

Fala autoral da pesquisadora – Movimento da fala autoral da pesquisadora, em que os efeitos de sentido emergidos nas entrevistas são articulados com a trajetória do objeto de pesquisa, os objetivos do estudo e o campo epistemológico em que se insere. Essa etapa não representa uma síntese conclusiva, mas a construção de uma leitura possível, situada e crítica, que reconhece a incompletude do sentido e a opacidade do sujeito no discurso.

Falar em estilo autoral, enquanto pesquisadora no contexto da universidade, sobre uma temática tão densa e atravessada por questões políticas, históricas e subjetivas: “mulher pesquisadora subjetivada na universidade”, exige de mim, como autora desta tese, não apenas rigor teórico-metodológico, mas, sobretudo, uma escuta ética diante dos discursos analisados.

Essa ética se manifesta no reconhecimento de que minha escuta e minha escrita, estão implicadas com o objeto de pesquisa. Meu lugar de fala como mulher, pesquisadora e sujeito atravessado por saberes e práticas acadêmicas inscreve-se na produção dos sentidos que emergem nesta pesquisa. Não falo de um lugar de exterioridade em relação ao objeto, mas a

partir de uma posição enunciativa que compartilha das mesmas tensões, desafios e deslocamentos que permeiam os discursos das mulheres entrevistadas.

Assumir um estilo autoral é, portanto, afirmar uma escrita comprometida com a singularidade dos dizeres, com os silêncios que os atravessam e com os gestos de escuta que me constituem enquanto mulher pesquisadora. Esta escrita, não se esconde sob a pretensa objetividade da linguagem científica, mas se permite afetar, vacilar e construir sentidos a partir do entrelaçamento entre teoria, experiência e escuta analítica.

Esta tese se construiu na intersecção do discurso, da subjetividade e responsabilidade ética, não uma fala sobre o outro, mas uma escuta e enunciação que se registra no campo das lutas simbólicas pelas quais as mulheres, em seu cotidiano, buscam legitimar suas produções científicas e ocupar os espaços da universidade com sua própria voz.

O percurso metodológico permitiu não apenas identificar recortes discursivos emergentes nos discursos analisados, como também revelar modos de subjetivação atravessados por relações de poder, discursos normativos e experiências singulares, que constituem a mulher pesquisadora no espaço-tempo da universidade. Para Eni Orlandi (1984, p. 14), “[...] os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”, o que reforça que esses recortes não se limitam a fragmentos linguísticos, mas envolvem gestos de interpretação inscritos nas condições de produção do discurso.

Para iniciar o processo analítico, à luz da Análise de Discurso de orientação francesa e brasileira, esses recortes discursivos, tomados aqui como unidades discursivas no sentido proposto por Orlandi (1984, p.14), para quem “[...] por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação” e “[...] um recorte é um fragmento da situação discursiva”, foram retirados das entrevistas no momento da leitura descritiva. Como lembra a autora, “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução”, articulados às condições ideológicas de produção e às relações entre textos que se realizam na cadeia significante e àqueles que, embora não enunciados, são convocados no acontecimento do dizer.

Cada recorte foi colhido pela essência do dito e do dizer; emergiram como lugares de sentido e não-sentido, nos quais o sujeito aparece atravessado por ideologias e pela história, o que tensiona sua posição enunciativa e sua constituição como mulher pesquisadora. É nesse intervalo entre o que se diz e o ato de dizer, nesse respiro em que a palavra vacila e o sujeito se deixa entrever, que se escuta o que Lacan anuncia ao afirmar: “Que se diga fica escondido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, 2001/2003, p. 448).

Nesse processo, foi possível identificar o que Pêcheux e Orlandi reconhecem como formações discursivas, núcleos simbólicos que condensam sentidos e não sentidos e atravessam os dizeres das entrevistadas, suscitando a subjetivação de seus lugares como mulheres pesquisadoras. Diferente de categorias temáticas, as formações discursivas não são previamente nomeadas, mas emergem da escuta atenta ao modo como certos termos, expressões e imagens se repetem, deslizam metonimicamente ou se deslocam no discurso, produzindo efeitos de sentido que extrapolam o que está diretamente enunciado e ressoam, nas falas, como significantes.

As formações discursivas, segundo Orlandi (2003), possibilitam entender como os sentidos se produzem na relação entre sujeito e linguagem, já que “[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas, elas significam pela história e pela língua [...]. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (p. 32). Entender isto, permite reconhecer que cada fala se inscreve em redes de significação que ultrapassam a intenção individual e se articulam a modos de dizer social e simbolicamente compartilhados.

Assim, as unidades discursivas (falas das mulheres) apresentadas nos subcapítulos seguintes são situadas no interior de uma formação discursiva que a sustenta e a atravessa, orientando a análise que se tece ao longo desta tese. As formações discursivas que emergiram do material empírico serão apresentadas a seguir, compondo o quadro que guia a leitura das análises discursivas. Nesse movimento de escuta e análise, destacam-se as seguintes formações discursivas, emergidas durante as falas dos sujeitos da **entrevista**:

- **Deslegitimação epistêmica do saber feminino.**
- **Relações de poder e silenciamento.**
- **Feminilidade além da norma.**
- **A universidade como espaço de deslocamentos identitários.**
- **Multiplicidade de papéis e tensões entre vida pessoal e acadêmica.**

Essa metodologia de análise propõe uma travessia interpretativa pelas unidades discursivas, guiada pela escuta das vozes que se fizeram presentes na pesquisa, vozes singulares, marcadas por histórias, contextos, afetos e atravessamentos sociais. Navegar por esses discursos ligados a oralidade das entrevistas é, ao mesmo tempo, escutar o que se diz e o que se cala; é reconhecer que há sempre algo que escapa, algo que resiste à captura do significante. Ao considerar o desenho como uma extensão da fala e da escuta (entrevista), é possível ampliar as possibilidades de leitura do sujeito, compreendendo que, muitas vezes, o

indizível se esboça no papel antes de se anunciar pela palavra. Assim, naveguei: entre discursos e silêncios, entre falas e traços, costeando o indizível, esse mar onde o sujeito se inscreve, mesmo quando não se dá inteiramente a ver ou a escutar.

5.1.1 Deslegitimação epistêmica do saber feminino

As unidades discursivas a seguir, emergem do encontro entre a escuta analítica, a leitura descritiva e a interlocução teórica que orientam este percurso investigativo. Nesse movimento, a minha fala autoral entrelaça-se aos dizeres das entrevistadas (Tétis, Eurínome e Galateia), compondo uma tessitura de vozes em que se inscrevem fragmentos de sentido sobre a constituição da mulher pesquisadora e o modo como se produz conhecimento no espaço universitário. A seguir, as unidades discursivas que sustentam a análise da formação discursiva **Deslegitimação epistêmica do saber feminino**, cujos enunciados serão interpretados à luz da escuta clínica psicanalítica e dos atravessamentos teóricos que sustentam esta tese.

Eu vejo ainda que há uma **ode mais à figura masculina com relação à pesquisa**, há uma **valorização mais do professor pesquisador** e algumas áreas mais específicas, por exemplo, eu pesquiso sobre prática pedagógica, sobre meu fazer [...] **é tido como menor, algo ligado ao feminino**, à pedagogia [...] [...] **isso é tido como até coisa de mulherzinha** (Tétis, 2025).

Então, o **tratamento dado às mulheres pesquisadoras em relação aos homens**, entenda, eu não posso dizer que eu tenho dificuldade porque realmente eu nunca passei, graças a Deus, entendeu [...] Eu nunca tive assim a **desconfiança do homem que eu não daria conta**. Em várias instâncias da minha pesquisa (Eurínome, 2025).

Na hora que ela tem que ser feita, eu estou percebendo que existe um problema, porque se eu **preciso marcar que aquilo foi feito por uma mulher**, significa que a **produção feminina, de qualquer jeito, ela é silenciada, ela é apagada** (Galateia, 2025).

A fala da Tétis (2025) enfatiza que no meio acadêmico há uma valorização das pesquisas de professor masculino, na conotação ideológica e cultural que minimiza as produções científicas do feminino, possivelmente porque os cursos de pedagogia em geral são frequentados majoritariamente por mulheres. No entanto, seu discurso pode revelar que, com trajetória na área da pedagogia, a sua produção acerca das práticas pedagógicas do seu *savoir-faire* adquire relevância no campo da produção científica. Há, nesse movimento, uma tensão discursiva entre a posição imposta pelo campo acadêmico, que tende a subalternizar o saber pedagógico por sua associação histórica ao feminino e a posição que a entrevistada ocupa, afirmando a legitimidade de sua pesquisa. Esse embate, pode evidenciar uma dinâmica de forças simbólicas que se movimentam entre a reprodução de hierarquias e a afirmação de um lugar epistêmico próprio.

Tétis, no seu enunciado articula a percepção de uma "ode mais à figura masculina" com a constatação de que sua produção feminina é avaliada como “tido como menor”, “ligado ao feminino”, e até “coisa de mulherzinha”. Essas expressões revelam como o simbólico coletivo organiza hierarquias de valor em torno da produção do saber da mulher, e como o sujeito se vê atravessado por elas, ao mesmo tempo em que resiste.

Essa ambivalência entre a desvalorização social do saber ligado ao feminino e o esforço de legitimação da própria produção revela uma zona de forte densidade discursiva, em que a constituição da mulher como pesquisadora é atravessada por contradições, resistências e deslocamentos simbólicos.

O significante “ode ao masculino” pode revelar a existência de uma hierarquia simbólica em que o saber produzido por homens é celebrado, enquanto o feminino é associado ao “menor”, ao “ligado à pedagogia” e, mais enfaticamente, à “coisa de mulherzinha”. A cadeia significante expressa um lugar de saber que não é reconhecido como científico, mas como extensão do feminino desvalorizado.

A autora Londa Schiebinger (2001), em sua obra “O feminismo mudou a ciência?” propõe uma crítica incisiva à construção histórica da ciência sob uma perspectiva androcêntrica. Para ela, a ciência foi moldada por estruturas que priorizam a experiência masculina, deixando à margem os saberes e práticas das mulheres. Ao investigar como o gênero influencia os rumos da pesquisa científica, Schiebinger (2021) argumenta que a exclusão das mulheres e de seus modos de produzir conhecimento não é acidental, mas constitutiva da lógica moderna da ciência ocidental. Como ela afirma:

[...] a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las (Schiebinger, 2021, p. 37).

A escrita acima, está refletida na fala da entrevistada Tétis, que observa: “há uma ode mais à figura masculina com relação à pesquisa [...] eu pesquiso sobre prática pedagógica [...] é tido como menor, algo ligado ao feminino [...] coisa de mulherzinha.” A entrevistada faz parte de um campo de produção de conhecimento que parece desvalorizar o que é associado ao feminino e essa desvalorização não é pontual, mas sustentada por uma lógica histórica de exclusão epistêmica, tal como denuncia Schiebinger: “A história da ciência tem sido, em muitos aspectos, a história da exclusão sistemática das mulheres e da desvalorização de seus conhecimentos” (Schiebinger, 2001, p. 21).

Ainda na fala de Tétis (2025), ao afirmar que “[...] há uma valoração mais do professor pesquisador em algumas áreas mais específicas [...]” e “[...] a gente vê um incentivo à produção

das suas próprias práticas, a pesquisa sobre a prática pedagógica[...], percebe-se que, mesmo ainda havendo uma certa desvalorização, pois o conhecimento produzido sobre e pelas mulheres continua visto como de menor valor, por versar sobre assuntos tidos como não afeitos ao rigor científico, nem dignos de serem contemplados pela ciência, como o cotidiano, as histórias de família, os gestos e os sonhos, enfim, temas considerados como “[...] coisa de mulherzinha [...]”, entendo que faz sentido sua pesquisa sobre práticas pedagógicas, no que se refere a produção científica. É possível haver no enunciado, um saber situado, produzido a partir da experiência do cotidiano e da prática educativa, que desafia os padrões preponderantes de cientificidade.

Nesse sentido, Donna Haraway (1995), questiona a ficção da neutralidade na ciência moderna, afirmando que todo saber é produzido a partir de um lugar. Em seu texto, “Saberes Localizados”, a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, afirma: “[...] objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (Haraway, 1995, p. 18), ou seja, o lugar de fala, que é um elemento essencial para entender que não existe discurso neutro, há sempre um sujeito do enunciado que é situado. Esse fato se aproxima das contribuições de Eni Orlandi (1992), que propõe, em seu livro “As formas do silêncio”, que o não dito é também constitutivo da linguagem e da produção de sentido: “O silêncio [...] é constitutivo do dizer: ele não é o contrário da linguagem, ele é da linguagem” (Orlandi, 1992, p. 51). Nesse sentido, lugar de fala e silêncio não são opostos, se articulam, um reconhece os marcadores que atravessam a produção do saber, o outro, traz os limites do dizer, evidencia que nem tudo é ou pode ser dito, há sempre o não dito que também produz sentido.

A unidade discursiva de Eurínome (2025), por sua vez, sugere um enunciado marcado por ambivalência. Inicialmente, afirma que não enfrentou dificuldades relacionadas à sua posição de mulher pesquisadora: “[...]eu não posso dizer que eu tenho dificuldade porque realmente eu nunca passei, graças a Deus”. Contudo, à medida que desenvolve sua fala, emerge um elemento revelador: “Eu nunca tive assim a desconfiança do homem que eu não daria conta”. Ao negar a existência de dificuldades, a entrevistada parece buscar se distanciar de um lugar de vitimização ou de fragilidade. No entanto, ao mencionar a “desconfiança do homem”, ela introduz no discurso o traço da desigualdade, ainda que de modo sutil. No enunciado faz referência à “desconfiança do homem”, indicando uma possibilidade de escuta de uma marca recalcada da estrutura de validação científica ainda regulada pelo olhar masculino.

O enunciado de Galateia(2025), apresenta uma posição discursiva crítica e direta. Sua fala explicita o incômodo com a necessidade de destacar o fato de uma produção ser realizada por uma mulher: “[...] porque se eu preciso marcar que aquilo foi feito por uma mulher, significa

que a produção feminina, de qualquer jeito, ela é silenciada, ela é apagada.” Nesse enunciado, a entrevistada reconhece e denuncia a exclusão simbólica da autoria feminina. A exigência de marcar o gênero como uma espécie de exceção ainda se faz presente, questionando que a norma implícita de que o saber legítimo é, por padrão, masculino. Sua formulação aponta para um possível apagamento estrutural, onde a produção das mulheres não apenas é desvalorizada, mas invisibilizada, precisa ser lembrada, destacada, reivindicada.

Esse discurso permite supor uma evidência na tomada de consciência do lugar desigual que o saber feminino pode ainda ocupar na ordem do conhecimento. Ao dizer que a produção é “silenciada e apagada”, a entrevistada atualiza no presente os efeitos de uma história longa de invisibilização das mulheres na ciência, produzindo, assim, um gesto discursivo de resistência.

Ainda, a fala de Galateia (2025), explicita a condição de precisar “marcar” a autoria feminina, afirmando que a “[...] produção feminina [...] é silenciada, [...] apagada”. Aqui, o apagamento simbólico da mulher como sujeito do saber é enunciado com clareza, operando uma crítica direta à exclusão discursiva.

As falas de Tétis, Eurínome e Galateia permitem identificar zonas de densidade discursiva onde se inscrevem sentidos atravessados por desigualdades simbólicas, tensionamentos identitários e experiências subjetivas marcadas pela luta por legitimidade no campo científico. Os enunciados analisados demonstram não apenas o conteúdo das falas, mas também seus modos de enunciação, as pausas, as hesitações, as negações e os deslocamentos, que funcionam como marcas do sujeito em processo de constituição. Cada mulher, a seu modo, revela as estratégias discursivas mobilizadas para afirmar-se como pesquisadora em um espaço que, historicamente, legitimou o saber a partir de parâmetros masculinos. A análise sugere que os dizeres das entrevistadas convocam a formação discursiva: deslegitimação epistêmica do saber feminino. Esta formação emerge como um dos sentidos produzidos na entrevista, pode ser escutada como um processo discursivo e social que desautoriza ou invalida o saber produzido pelas mulheres, negando-lhes o estatuto pleno de produtoras legítimas do conhecimento. Esse fato, se insere em um contexto histórico e institucional marcado por estruturas ainda patriarcais que tentam definir quem pode falar com autoridade científica e acadêmica. Uma mulher, ao ocupar espaços de pesquisa, muitas vezes encontra um cenário onde seu conhecimento é minimizado, relativizado ou questionado em sua validade, o que constitui uma forma de silenciamento simbólico que impacta diretamente sua subjetivação.

Esta formação atravessa os discursos de formas diversas (conforme grifados nos recortes/unidades discursivos²²), mas mantém uma constância simbólica: a inferiorização, invisibilidade, desvalorização ou exclusão do feminino do espaço legítimo da produção científica.

As falas de Tétis, Eurínome e Galateia sugerem que a deslegitimação epistêmica do saber feminino opera como um significante forte, atravessando os sujeitos mesmo quando não é nomeado diretamente. Seja pela negação, pela denúncia ou pela ambivalência, o que se evidencia é a presença de um funcionamento simbólico que tenta regular o reconhecimento da mulher como produtora legítima de conhecimento. Ao escutar os efeitos de sentido que se inscrevem nos deslocamentos, silêncios e contradições do discurso, torna-se possível perceber os movimentos de resistência que se anunciam nas bordas do dizer e nos furos. Essa escuta, atenta ao que se mostra e ao que escapa, permite apreender o discurso da mulher pesquisadora como lugar atravessado por exclusões históricas, mas também como espaço de invenção de sentidos outros, onde se produz deslocamento, ruptura e afirmação no campo do saber.

No que se refere a crítica à hegemonia epistêmica, Boaventura de Sousa Santos, especialmente em sua obra “As epistemologias do Sul”, ao propor uma revalorização dos saberes marginalizados, aponta que os conhecimentos produzidos nas margens, inclusive os de mulheres, povos racializados e comunidades subalternizadas, têm sido sistematicamente silenciados pelo modelo dominante de ciência. Ele escreve: “[...] o Sul é, neste caso, um conceito epistêmico, não geográfico, uma metáfora dos conhecimentos nascidos na luta” (Santos, 2022, p. 51).

A fala da entrevistada Galateia (2025), ressoa fortemente com essa perspectiva ao dizer: “[...]se eu preciso marcar que aquilo foi feito por uma mulher, significa que a produção feminina, de qualquer jeito, ela é silenciada, ela é apagada.” A entrevistada, nesse movimento, parece apontar um posicionamento de alguém que, para existir como produtora de conhecimento, precisa romper o silêncio ao qual seu lugar discursivo foi historicamente relegado. Ao nomear esse apagamento, seu enunciado revela o que Boaventura (2022), nomeia como saber nascido na luta, luta por visibilidade, por autoria e por legitimação.

A interlocução teórica evidencia que a deslegitimação epistêmica do saber feminino não é isolada e nem limitado às experiências de cada mulher entrevistada, mas constitui um

²² Na AD, o *recorte discursivo* é o fragmento da unidade discursiva selecionado pelo analista em função de seu gesto de escuta. Não é segmentação neutra do texto, mas de uma escuta que destaca o ponto em que o discurso trabalha, onde o sentido se condensa, se desloca ou se contradiz. Orlandi (1984, p.14) assim o define: “[...] um recorte é um fragmento da situação discursiva”.

fenômeno histórico, ideológico e simbólico, na tentativa de validar o conhecimento produzido por mulheres. As contribuições dos autores, corroboram para perceber que as falas de Tétis, Eurínome e Galateia estão inseridas em um contexto de disputas, no qual o feminino é diuturnamente alvo de exclusão, mas, porém, lugar de resistência.

No discurso das entrevistadas, a deslegitimação epistêmica do saber feminino se manifesta, algumas vezes, de forma explícita e, outras, em silêncios e hesitações que indicam o peso das resistências institucionais e sociais. A escuta às mulheres conduziu à possibilidade de pensar formas de narrar e de silenciar, reafirmando a percepção de que, ainda no meio acadêmico, os discursos sustentam a ideia de que a produção acadêmica realizada por mulheres é minimizada, sobretudo se estiver vinculada a campos tradicionais femininos ou se carregar marcas de sensibilidade, subjetividade e cuidado. A formação discursiva citada acima é um ferimento simbólico que muitas de nós carregamos na nossa trajetória acadêmica.

Não se trata apenas de escutar que “há uma ode à figura masculina”, como disse Tétis, mas de sentir, no modo como cada mulher fala (ou silencia), a ferida se reabrindo quando vemos nossas pesquisas sendo desconsideradas, quando precisamos marcar nossa presença para não sermos apagadas, traços significativos em uma lógica que insiste em colocar o saber feminino à margem da cientificidade. Essa formação discursiva, que brotou das unidades discursivas, revela-se como um dos muitos fios de uma rede de exclusão simbólica do saber feminino na academia.

Reconheço-me nesses enunciados. As falas escutadas reverberaram em mim, enquanto mulher pesquisadora no contexto da universidade. Escuto o peso das desconfianças, o cansaço por vezes em ter que provar que o que fazemos é ciência, mesmo quando esse *savoir faire* não faz parte da caixinha da neutralidade, da rigidez ou da objetividade que, ao logo dos anos, foram atribuídas ao saber masculino. Cabe salientar que, ao mesmo tempo que sentimos o peso da exclusão, somos resistência. Escutei, nas falas das mulheres, enfrentamentos, contestação e deslocamentos. Reconhecer que ainda existem apagamentos é um ato político, com vistas a refletir: o que quer uma mulher?

Após a análise inicial, novas unidades discursivas emergiram das entrevistas, ampliando o campo da escuta da formação discursiva **Deslegitimação epistêmica do saber feminino**. As vozes das três mulheres continuam a revelar fissuras no modo como o saber é validado na universidade e como o gênero ainda atravessa os regimes de legitimidade científica. Cada fala, em sua singularidade, inscreve um modo de resistência, mas também de exposição às hierarquias simbólicas que estruturam o campo acadêmico, como observa-se a seguir:

[...] **se você não cita autores clássicos** [...] se você não fica **carregando teoria**, às vezes as pessoas **ficam achando, dando risada sobre aquilo**, que é como se **não, não é ciência, pesquisar o seu cotidiano não é ciência, escrever prática não é considerado como ciência** (Tétis, 2025)

[...] **eu acho a mulher mais cuidadosa** nos itens que quer pesquisar, de como quer burilar, de como quer abordar. **Pensa no todo. O homem, eu acho ele mais objetivo.** Não é objetivo pra alcançar o objetivo, mas ele é muito restrito, vamos dizer assim. **Mais uma linha reta, certo? A gente consegue pensar o todo. A gente consegue sair da caixinha e pensar outras coisas** (Eurínome, 2025).

A minha área de pesquisa original [...] **ela é uma área muito competitiva.** Ela é competitiva e ela é competitiva de uma maneira que é muito difícil das outras áreas perceberem. **Eu tenho um amigo, homem, que publica 17 artigos por ano.** E 17 artigos bons, não são 17 artigos qualquer coisa, não. São 17 artigos bons. [...] Isso é **inviável para uma mulher, porque é impossível a gente conseguir fazer só o nosso trabalho** (Galateia, 2025).

Os fragmentos enunciados pelas entrevistadas parecem evidenciar que a deslegitimação epistêmica não se manifesta apenas como exclusão direta do feminino, mas como uma rede de dispositivos simbólicos que operam silenciosamente, instaurando uma lógica de inferiorização e controle. Entre as exigências de filiação teórica reconhecida, os padrões de cientificidade masculinizados e as sobrecargas estruturais que recaem sobre as mulheres, delineia-se o campo discursivo em que a produção de conhecimento é, ainda hoje, filtrada pela medida do masculino.

A fala de Tétis é reveladora nesse sentido. Quando afirma que, ao pesquisar o cotidiano, corre o risco de ser deslegitimada, “[...] as pessoas ficam achando, dando risada sobre aquilo, que é como se não, não é ciência”, ela traz à tona o interdito que sustenta a estrutura epistemológica moderna: a separação entre saber e experiência, entre razão e sensibilidade, entre o público e o privado. O “[...] se você não cita autores clássicos[...]”, gesto discursivo aparentemente técnico, parece traduzir uma pressão simbólica de pertencimento a uma tradição acadêmica. Trata-se menos de uma exigência metodológica e mais de uma operação de sujeição: o sujeito feminino, para ser reconhecido como cientista, deve alinhar-se a uma linhagem de pensamento construída por homens, sobre homens e para homens.

Nesse ponto, o discurso de Tétis se abre ao campo do não-dito: o riso de que ela fala, “[...] dando risada sobre aquilo”, é o riso derrisório do Outro que desautoriza. Lacan, no “Seminário 8: A Transferência”, lembra que certas intervenções “[...] não deixam de provocar algum sorriso derrisório” (Lacan, 1960–1961/2010, p. 165), o que aponta para a função desse riso como gesto de ironia, rechaço e desqualificação. Sugere haver, nessa risada, a marca do escárnio social diante da tentativa de inscrever o feminino como produtor de saber. O enunciado, portanto, denuncia não apenas uma prática institucional, mas o funcionamento de um inconsciente social que ainda se recusa a reconhecer o feminino como lugar de elaboração

teórica. Beauvoir (2016, p. 243) já advertia que: “[...] a baixeza dos homens de hoje que emprestaram uma forma positiva às deficiências femininas: fala-se do instinto das mulheres, de sua intuição, de sua adivinhação, quando fora preciso denunciar-lhe a ausência de lógica, a ignorância obstinada, sua incapacidade em apreender o real”. Esse discurso, transmutado nas formas atuais de avaliação do rigor acadêmico, persiste: hoje, a “ausência de lógica” é substituída pela “falta de rigor”, e o efeito é o mesmo, a desqualificação simbólica.

Nesse contexto, resistir à homogeneização epistêmica é afirmar uma autoria situada, que escreve desde o corpo e desde o vivido. O gesto de Tétis é político e subjetivo: ao nomear o interdito, ela se inscreve no discurso e desloca o campo da ciência, fazendo emergir o saber-experiência que a tradição positivista tentou silenciar. Como pesquisadora, também me vejo atravessada por essa tensão, entre o desejo de dizer o que me constitui e o risco de ser deslegitimada por não caber inteiramente na moldura do que se convencionou chamar de “ciência”.

Habitar o lugar da escuta e da escrita implica suportar a falta de garantias e reconhecer que o saber produzido é sempre parcial, contaminado pelo inconsciente e pelos traços de minha própria história. Não há neutralidade possível quando se escreve a partir de si; há, sim, o esforço ético de sustentar o olhar sobre o que emerge, sem tamponar o que excede o discurso. Nesse sentido, minha presença na pesquisa não é exterior, mas coextensiva ao campo que analiso: sou também atravessada pelas mesmas forças simbólicas que aprisionam e, simultaneamente, pelas brechas que libertam.

A fala de Eurínome amplia a discussão ao tentar reconfigurar a diferença de gênero no fazer científico: “[...] eu acho a mulher mais cuidadosa. A gente consegue pensar o todo. [...] O homem, eu o acho mais objetivo”. À primeira vista, trata-se de uma valorização da sensibilidade feminina; contudo, a escuta analítica permite perceber o retorno do mesmo: o binarismo que, sob nova roupagem, recoloca o homem no lugar do saber racional e a mulher no campo do afeto. O elogio ao “cuidado” é também armadilha simbólica: ao reiterar a diferença como essência, o discurso pode reforçar a estrutura de exclusão.

Do ponto de vista psicanalítico, esse movimento remete ao processo de identificação que sustenta o eu. Freud (2010) observa que o sujeito se constitui a partir das introjeções do olhar e da fala do Outro; logo, uma mulher que fala que “somos mais cuidadosas” repete o significante com que foi nomeada, cuidadora, mediadora, sensível. Trata-se de um enunciado atravessado pela voz do Outro social, que se faz ouvir naquilo que ela acredita ser sua própria fala. O inconsciente, ao inscrever o feminino nesse lugar do cuidado, mantém o laço com a

fantasia de completude alheia: ser para o outro, pensar o outro, cuidar do outro. É nesse ponto que o discurso da entrevistada parece revelar o não-dito do desejo: o desejo de reconhecimento.

Lacan (1972-1973/1985, p.43) lembra que “[...] a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso”, o que significa que há, no feminino, uma margem de indeterminação, um resto que escapa à universalidade do discurso masculino. É nesse resto que se localiza a possibilidade de invenção. Assim, quando Eurínome fala “Pensa no todo” ela talvez não reforce o estereótipo, mas o reverte: pensar o todo, aqui, pode ser lido como a recusa à linearidade fálica, à razão que exclui. Há, portanto, uma ambiguidade fecunda, o mesmo significante que pode aprisionar o feminino também pode ser o lugar de sua criação. O “cuidado”, ressignificado como ética do olhar sensível, abre espaço para uma ciência implicada, encarnada, situada.

Já o enunciado de Galateia desloca o foco da diferença simbólica para a desigualdade estrutural: “Eu tenho um amigo, homem, que publica 17 artigos por ano. [...] Isso é inviável para uma mulher”. O “inviável” marca o ponto de impossibilidade real, não apenas a falta de tempo, mas a condição histórica de uma mulher dividida entre o trabalho, a casa, o cuidado e a culpa. Quando diz “[...] é impossível a gente conseguir fazer só o nosso trabalho”, o sujeito denuncia o não-dito da universidade: o ideal de pesquisador neutro, desincorporado, masculino.

A escuta permite ouvir, sob a queixa, o mal-estar do sujeito que se percebe às margens de um sistema que o convoca à produtividade sem reconhecer seus limites. “A psicanálise é uma cura pela escuta e pela fala. A escuta sem a fala é limitada. Falar sem escutar pode enganar e prejudicar.” (Akhtar, 2013, p. 16). Essa formulação sublinha a dimensão ética do ato de escutar, em que o analista se abre ao que emerge do sujeito para além da palavra consciente. “Tal escuta é direcionada às palavras bem como às comunicações não verbais do paciente” (Akhtar, 2013, p. 52). Nesse território, o dizer revela as tramas inconscientes que sustentam o lugar do sujeito diante do saber e do dever-ser. O impossível, nesse caso, fala de uma economia psíquica marcada pela renúncia: renúncia ao descanso, ao desejo, ao próprio tempo. O sujeito feminino, mediado pela cultura da doação, experimenta a culpa como condição de existência, culpa por não produzir o suficiente, por não cuidar o bastante, por desejar demais.

O discurso de Galateia entrecruza-se ao de Eurínome e Tétis: elas falam, em diferentes registros, do mesmo ponto: o limite imposto ao feminino pela estrutura de poder do saber. Uma fala do riso que desautoriza, outra da diferença que aprisiona, outra da sobrecarga que impede. Entre elas, circula o mesmo significante: impossível. Esse impossível não é obstáculo, mas condição de verdade, o lugar onde o sujeito se confronta com a falta que o constitui.

Nas três falas, o silêncio é também produtor de sentido. Nenhuma das entrevistadas fala abertamente de sofrimento, mas ele se faz ouvir nas hesitações, nos risos, no tom de justificativa. Esse silêncio, longe de ser ausência, é efeito da censura simbólica que interdita o dizer do mal-estar feminino no espaço acadêmico. Como lembra Nasio (2010, p. 23), “Parece-nos bem mais importante detectar o que o discurso esconde e o que o silêncio revela.” O silêncio, portanto, não é simples interrupção da fala, mas material de escuta, ele diz, na sua opacidade, o que o sujeito não pôde simbolizar. Assim, o silêncio das entrevistadas não indica omissão, mas resistência: ao não dizer, elas preservam o que não pode ser traduzido sem perda.

Nasio (2010, p. 142) aprofunda essa ideia ao afirmar que,

[...]o silêncio é um limite que, no coração da palavra, em seu seio, a todo o momento introduz essa palavra num porvir imprevisível. O silêncio que reveste uma característica de defesa não abre a palavra nem a seu além, nem a seu aquém, o que dá no mesmo; ele se constitui e se sabe como um oposto da palavra, como um fechamento protetor desta a todo porvir.

O silêncio, nesse sentido, protege e ameaça a palavra: é o lugar em que o discurso se suspende e o sujeito se revela, ainda que de modo cifrado. Nas entrevistas, esse silêncio se mostra como gesto de resistência e de dor; resistência às formas de deslegitimação e dor por ter de suportar a impossibilidade de dizer tudo. Escutar o silêncio é, assim, escutar o que insiste no inconsciente, o que se anuncia como falta e como desejo.

Essas vozes, quando lidas em conjunto, permite inferir o desenho do mapa das contradições de uma universidade ainda enraizada na lógica fálica do saber universal. Uma mulher pesquisadora é convocada a sustentar uma posição paradoxal: deve ser produtiva, mas não demasiadamente; deve ser sensível, mas sem perder a objetividade; deve citar o cânone, mas buscar originalidade. Esse movimento parece apontar que o sujeito feminino da pesquisa vive sob a égide do “quase”: quase reconhecida, quase legítima, quase igual.

Ao fazer escutar esses enunciados, a análise não busca resolver o impasse, mas desvelar suas camadas. O que emerge é a constituição de um sujeito dividido, que, ao narrar sua condição, reinscreve-se como autora. Foucault (1995) observa que o sujeito que fala se forma no próprio discurso que enuncia; aqui, cada fala é também gesto de resistência e de criação. Ao transformar o silêncio em palavra, essas mulheres deslocam o eixo do saber e instauram outra cena de produção: uma cena em que o feminino não é mais objeto, mas sujeito da linguagem.

A deslegitimação epistêmica do saber feminino, é mais do que uma herança histórica, é uma estrutura discursiva em permanente atualização, sustentada pelo medo da diferença. Contudo, é também nessa diferença que se abre o campo do novo. Quando essas pesquisadoras nomeiam o riso, o cuidado e o impossível, elas introduzem fissuras na linguagem que as aprisionava. Entre o dito e o interdito, inscrevem-se como sujeitos desejantes, e, ao fazê-lo,

fazem da ciência um espaço de travessia: lugar em que o saber se torna experiência e o feminino, potência de criação.

Esta análise não se limita a ser uma leitura do outro, mas também de mim mesma; de nós mulheres pesquisadoras, que escrevemos, ensinamos, aprendemos e, sobretudo resistimos. Reconhecer a existência de algo que nos deslegitima é como identificar as correntes contrárias que tentam desviar nosso barco de rota. É nesse movimento de reconhecer que nos reescrevemos, juntas, ajustando as velas para enfrentar ventos adversos, não pela lógica do enfrentamento por reconhecimento, mas pela firmeza de afirmar que nosso *savoir faire* e a luta por nossa porção mulher pesquisadora têm valor. Seguiremos navegando, mesmo em mares revoltos, sem permitir que nos caem no horizonte da universidade.

Se, até aqui, as vozes analisadas revelaram o esforço de sustentar o próprio saber em meio às correntes que o desautorizam, é preciso agora escutar o que se move sob essas águas: as forças silenciosas do poder que ainda regulam, interditam e forjam o dizer das mulheres na universidade. O que se apresenta como escolha, muitas vezes, é efeito de uma trama de discursos que distribuem lugares e definem quem pode falar e ser ouvido. No horizonte dessa navegação, o silêncio deixa de ser apenas defesa e torna-se também estratégia, modo de sobreviver a estruturas que exigem conformidade e docilidade. A travessia que segue, busca apreender como o poder se infiltra nas relações acadêmicas e subjetivas, produzindo formas sutis de sujeição e autossilenciamento. É nesse terreno, onde o dito e o não dito se cruzam, que emergem as **relações de poder e silenciamento**, espaço em que a mulher pesquisadora negocia, diariamente, sua permanência e sua voz.

5.1.2 Relações de poder e silenciamento

A unidades discursivas a seguir sugerem a complexa tessitura das relações de poder que atravessam o cotidiano acadêmico e, simultaneamente, a maneira como o silenciamento opera no corpo e na linguagem das mulheres pesquisadoras. Em diferentes registros, Tétis, Eurínome e Galateia evidenciam as formas pelas quais o poder se manifesta, ora de modo explícito, pela interrupção da fala e pela invalidação do discurso; ora de modo mais sutil, pela interiorização das hierarquias e pela reprodução de padrões masculinos como condição de pertencimento.

[...] teve uma situação em que um colega [...] **o colega interrompeu a fala da professora** [...] e ele disse, não me senti à vontade, aí a professora disse, **eles não percebem o quanto eles estão sendo machistas**, o homem não percebe, e as vezes **nossos colegas referendam o que os cabras estão fazendo**, os machos, [...] então eu vi assim, eles não percebem que interrompem, eles não percebem que ela fala e que **o cara vai lá para explicar o que ela falou** e quando você fala disso, **você é**

problemática, você é uma pessoa que quer causar, entendeu, você quer ser feminista,[...] (Tétis, 2025).

[...] eu obedeço os limites, obedeço a hierarquia. Vou procurar os membros oficiais. Se tem que passar pelo CEP, a pesquisa passa pelo CEP. Com todas as dificuldades. [...] Talvez também porque o meu universo seja menor, [...]Mas eu não deixo essa questão tomar conta de mim (Eurínome, 2025).

Eu acho que muitas mulheres quando chegam ao poder, elas assumem um papel de homem, por incrível que pareça. Eu acho que elas começam a repetir padrões que são identificados com os padrões masculinos. E acho que ela faz isso para não ser lida como fraca, como incompetente, como não sei o quê, né? [...] Eu acho tão errado, tão errado, né? Eu acho que a gente tem uma maneira de resolver as coisas que pode ser até mais demorada, mas pode ser mais efetiva. Às vezes você precisa de tempo pra maturar certas coisas, pra que as coisas se desenvolvam de uma maneira melhor, né? (Galateia, 2025).

Esses enunciados compõem uma trama discursiva na qual o poder se manifesta menos como estrutura hierárquica e mais como relação dinâmica, que produz efeitos de verdade e de sujeição. Foucault (1995, p. 242) esclarece que “O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre "parceiros" individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros. [...] o poder só existe em ato”. Tal formulação desloca a percepção do poder como posse para concebê-lo como prática que atravessa o campo social e se atualiza nas interações cotidianas. Assim, o poder não se reduz a um dispositivo institucional, mas se atualiza nas práticas discursivas que atravessam o cotidiano, inclusive no espaço acadêmico, onde se algumas vezes define quem pode falar, o que pode ser dito e o que deve ser silenciado. O gesto de interromper a fala da professora, narrado por Tétis, evidencia justamente essa atuação do poder: não como violência explícita, mas como um movimento de regulação simbólica que opera no nível do dizer. A interrupção, sob a aparência banal de uma interação colegial, é o signo de um poder que se exerce na palavra, que se impõe e, ao fazê-lo, produz o silenciamento do outro, sobretudo quando esse outro é uma mulher que ocupa o lugar da autoridade.

Entre as três falas, percebe-se o mesmo fio que costura com suas nuances o poder como linguagem: o poder fala, a mulher é falada. Tétis o sente no corpo da palavra interrompida; Eurínome o reproduz ao “obedecer à hierarquia”; Galateia o observa quando as mulheres “assumem um papel de homem”. São variações do mesmo discurso patriarcal que atravessa o campo universitário e o campo simbólico. Como lembra Pêcheux (1995), o sujeito é sempre atravessado por formações discursivas que delimitam o possível de dizer, o que implica que falar é sempre falar a partir de um lugar e de um limite. Nessa direção, Orlandi (1998, p. 17) afirma “[...] que tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.”. O gesto de Tétis, censurado e rotulado como “problemático”, sugere, portanto, o ponto de fricção entre o desejo

de dizer e as normas de poder que configuram o campo do dizível: para que a palavra feminina seja tolerada, ela precisa ainda modular-se, contornar-se, ajustar-se ao que o discurso hegemônico autoriza.

Em Tétis (2025), o enunciado “[...] você é problemática, você é uma pessoa que quer causar, entendeu, você quer ser feminista”, explicita a operação simbólica que visa neutralizar a palavra feminina: rotular é interditar. Nomear a mulher como “problemática” é devolver-lhe a marca de excesso, um significante historicamente associado à histeria, à emoção e à desrazão. Freud (1915/2010, p. 85) afirma que a essência do recalque “[...] consiste apenas em rejeitar e manter afastada da consciência”, o recalque não é uma destruição, mas um modo de conservar algo em estado de silêncio. Assim, o silenciamento da mulher no espaço acadêmico não anula sua voz, apenas a desloca para uma região onde o dizer é desautorizado. Nesse sentido, o recalque social opera em continuidade com o poder discursivo: o que se tenta calar retorna como murmúrio, ruído ou resistência, fazendo eco àquilo que Orlandi (1998) chama de o movimento dos sentidos no silêncio. O discurso do poder, nesse caso, funciona como operador de recalque social: aquilo que a mulher diz não é negado por seu conteúdo, mas por quem o diz.

Nesse entrelaçamento, o gesto de interromper a fala e o de rotular o discurso feminino como incômodo dialogam com o que Butler (2014, p. 249-274) denomina como o governo da inteligibilidade: “A norma governa a inteligibilidade, permitindo que certos tipos de práticas e ações se tornem reconhecíveis como tais, impondo uma grade de legibilidade no social e definindo os parâmetros do que aparecerá ou não no domínio do social”. Quando Tétis é chamada de “feminista” em tom de censura, o que está em jogo não é apenas a crítica ao conteúdo de sua fala, mas a tentativa de torná-la ininteligível dentro da norma acadêmica que define o que pode ser ouvido e de quem se pode ouvir. Foucault (2012) observa que o mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”. É precisamente nesse limite do dizer, entre o possível e o interdito, que o poder se inscreve no corpo da linguagem, reafirmando, sob novas formas, as fronteiras do reconhecimento.

Já Eurínome (2025) oferece um enunciado de outra natureza. Sua fala “[...] eu obedeco aos limites, obedeco a hierarquia” mostra o modo como o poder é interiorizado, naturalizado e até legitimado pelo próprio sujeito. O “obedecer” é enunciado sem conflito aparente; o silenciamento não vem de fora, mas se instala como defesa, como conformação à ordem. Essa atitude discursiva aproxima-se do que Foucault (2008, p. 143-144) define como governamentalidade:

“[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança”.

Ao mesmo tempo, trata-se de um modo de sujeição que leva o indivíduo a administrar a própria conduta segundo as normas que o dominam. A obediência, nesse caso, não é mera submissão cega, mas racionalização de um pacto simbólico, o preço a pagar pela permanência e pelo reconhecimento em uma estrutura que o sujeito não escolhe, mas da qual depende para existir discursivamente.

O “obedecer” de Eurínome ecoa, de outro modo, o silêncio de Tétis e a adaptação de Galateia. Todas se movem dentro de um mesmo regime de verdade, em que o poder se disfarça de normalidade. Como observa Garcia-Roza (1990, p. 7), “[...] a palavra, juntamente com as condições de sua enunciação, não valia apenas pelo seu sentido manifesto, mas como signo a ser decifrado para que um outro sentido, oculto e misterioso, pudesse emergir [...] palavra portadora da *alétheia*²³, da verdade”. Nesse mesmo movimento, o que se apresenta como obediência revela camadas de sentido em que o poder atua silenciosamente, traduzindo-se em formas sutis de sujeição. Bourdieu (2012, p. 7-8) reconhece, nessa dinâmica, o que denomina violência simbólica, “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Trata-se de uma forma de dominação que se impõe como natural e legítima, operando pela interiorização das categorias do poder. Assim, a obediência de Eurínome não é ingenuidade, mas uma estratégia de sobrevivência discursiva. A mulher que obedece não a se rende apenas ao poder; ela também o reinscreve, garantindo a continuidade de um campo que depende da repetição das mesmas hierarquias, permanência que, paradoxalmente, também assegura a possibilidade de existir dentro dele.

Por sua vez, Galateia (2025) desloca a reflexão para o interior do próprio campo feminino, onde o poder se reinscreve como espelho do patriarcado. Quando afirma que “[...] muitas mulheres quando chegam ao poder, elas assumem um papel de homem”, ela denuncia o processo de reprodução simbólica da masculinidade como forma de sobrevivência. Bourdieu (2012, p. 17) observa que “Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões,

²³ A noção grega de *aletheia*, retomada por Luiz Alfredo Garcia-Roza em *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise* (1990), designa a verdade como desvelamento, aquilo que se mostra ao sair do esquecimento (*lethe*). Diferentemente da concepção moderna de verdade como correspondência, a *aletheia* implica um movimento de revelação e ocultamento, aproximando-se da forma como a psicanálise compreende a verdade: algo que se meio-diz e se revela apenas na falta.

a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação”. Nesse campo, a diferença sexual se transforma em hierarquia, e o poder, em atributo viril. Como destaca o autor, “[...] o mundo social funciona [...] como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina: ser, quando se trata de mulheres, é [...] ser-percebido, e percebido pelo olhar masculino” (Bourdieu, 2012, p. 118). Assim, o poder que as mulheres exercem parece ainda atravessado pelas categorias que as subordinam: para ser ouvida, em certa medida, a mulher precisa vestir a linguagem do homem, reproduzindo, no próprio ato de resistir, o discurso que historicamente a silencia.

A fala de Galateia se liga às de Tétis e Eurínome por uma mesma estrutura de sujeição: mostram que o poder circula, ele não está em um lugar, mas nas relações e nos modos de dizer. Spivak (2010, p. 15) lembra que é “[...] à mulher intelectual que seu apelo final se dirige - a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.”. Nessa direção, pensar o dizer de Galateia é também refletir sobre o próprio ato de enunciar: quando ela observa que as mulheres “assumem um papel de homem”, revela que a fala feminina, para ser reconhecida, ainda precisa negociar com o código do poder, ajustar-se à gramática da dominação. Orlandi (2015) acrescenta que o silêncio é uma forma de sentido: é o que sustenta o dito e o atravessa de modo constitutivo. O silêncio de Tétis, a obediência de Eurínome e a adaptação de Galateia não são opostos da fala, mas suas condições de possibilidade, lugares em que o sujeito feminino se inscreve, mesmo quando parece ausente.

A escuta analítica permite entrever que, nas três unidades discursivas, o poder e o silêncio não são polos opostos, mas forças complementares que estruturam o discurso. O poder se sustenta pelo silêncio, e o silêncio, por sua vez, revela o ponto de resistência onde o sujeito ainda se afirma. Há um silêncio imposto: o da interrupção; um silêncio consentido: o da obediência; e um silêncio reproduzido: o da imitação dos padrões masculinos. Em todos eles, o feminino aparece tensionado entre o desejo de dizer e a necessidade de permanecer.

Nesse ponto, a leitura psicanalítica permite aprofundar o que se entrelaça na superfície das palavras: o silêncio como efeito do recalque e o poder como forma de regulação do desejo. Freud (1915/2010) lembra que o inconsciente não conhece a negação; o recalcado retorna, disfarçado, em forma de sintoma ou de silêncio. O não-dito, portanto, não é ausência, mas presença deslocada, aquilo que insiste em reaparecer. Em Lacan (1964/1998), o sujeito é efeito da linguagem, dividido entre o que diz e o que escapa ao dizer: há sempre um resto, um ponto de não-saber que sustenta o desejo. O silêncio que se escuta em Tétis, Eurínome e Galateia é

também o lugar onde o desejo se abriga, um modo de continuar dizendo, mesmo quando a palavra parece calada.

Ao reconhecer essa tessitura comum, afirma-se que o poder não apenas silencia, mas também produz subjetividade: ele fabrica modos de existir e de falar. Foucault (1987, p. 161), mostra que “[...] o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade”. No contexto universitário, esses rituais ainda se materializam nos mecanismos de legitimação, nas normas de comportamento e na linguagem científica. É por meio deles que a mulher é chamada a ocupar um lugar que não é inteiramente seu e, ao fazê-lo, precisa continuamente negociar sua presença.

Nas falas seguintes, o jogo entre poder e silêncio ganha novas inflexões. Em Tétis, o recolhimento de quem “já foi mais questionadora” e hoje se percebe “no silenciamento” evidencia como o poder é incorporado, tornando-se um modo de autogoverno que acompanha o envelhecer feminino na universidade. Em Eurínome, a recusa do termo “feminista” e a afirmação “sou feminina” marcam o desejo de legitimar-se dentro das normas vigentes, ajustando o discurso à ordem simbólica que distingue delicadeza de força. Já em Galateia, o atravessamento racial tensiona o gênero e revela a complexidade das hierarquias: ser mulher e ser preta expõe uma dupla fronteira, em que o silêncio se torna também estratégia de proteção e de resistência. A escuta analítica dessas vozes mostra que o poder não atua apenas de fora; ele é incorporado, negociado e reencenado nos modos de dizer-se mulher, atravessando corpo, idade e cor, e transformando o silêncio em espaço de negociação entre o desejo e a norma.

Eu já fui mais questionadora, mais no confronto, eu tô muito no silenciamento, muito, muito, eu tenho percebido e às vezes me incomoda, às vezes me incomoda também, mas não é intencional, não é algo assim, quando eu vi já aconteceu, **o silêncio com algumas coisas, mas mesmo me colocando.** Eu acho que até o momento de eu estar me reconhecendo nesse lugar hoje, de estar entrando na terceira idade. [...] **Então, esse lugar de ter mais experiência [...] de uma mulher de mais experiência[...] eu acho que esse lugar me fez e me faz diferente, me faz estar diferente na universidade** (Tétis, 2025).

Eu defendo que a mulher deve assumir tudo. Porque, como eu disse, **eu acho a mulher mais cuidadosa.** Mas também **não pode ser grossa [...]** **Mas eu não sou feminista, eu sou feminina.** Então eu não acho que a gente tem que assumir tudo, não. Mas eu não vejo diferença de cargo. Então, aí eu digo, não depende do gênero. **Depende da competenciabilidade que cidadão tem.** Cidadão, cidadão. **Você tem que procurar o aspecto técnico e como pessoa** (Eurínome, 2025).

Eu sou mulher preta, Rita. Eu sou mulher preta. Não existe mulher preta que não tenha enfrentado preconceito. [...] **Se a posição hierárquica for superior à minha, pode ser que eu não responda na hora, mas a resposta vai vir, com certeza. [...]** **Ao longo do tempo, eu aprendi a me controlar. [...]** **Eu não grito. Eu não xingo. [...]** **Mas eu percebo que quando você usa palavras de baixo calão, a pessoa já usa isso para te botar em uma posição inferior. [...]** **as principais pessoas que precisei botar no lugar delas foram mulheres, não foram homens. Foram mulheres** (Galateia, 2025).

Tétis (2025) anuncia em sua fala uma passagem que ressoa na escuta analítica: “Eu já fui mais questionadora, mais no confronto, eu tô muito no silenciamento, muito, muito[...]” O enunciado traz a marca de uma transformação subjetiva, um deslocamento do confronto para o recolhimento. Não se trata de desistência, mas de elaboração. A mulher que se via como força de resistência começa a se reconhece na pausa, no intervalo do dizer. Essa passagem carrega algo de luto simbólico: um luto pela imagem de si como combatente, pela vitalidade de um tempo em que falar era ainda promessa de mudança. A teoria psicanalítica ensina que o sujeito se constitui justamente nesse entre; entre o que foi e o que ainda pode ser. A palavra de Tétis, rarefeita, parece se recolher para escutar o que resta de si quando o discurso se cansa.

O silêncio que atravessa a fala de Tétis não se apresenta como ausência, mas como gesto de preservação. Sua pausa revela mais do que um limite: ela marca o ponto em que o sujeito se protege do excesso de exposição, como se o próprio corpo sustentasse a palavra em repouso. Em leitura inspirada em Nasio (2010), compreendo que o silêncio não se opõe à palavra, mas a envolve, é sua pele simbólica, superfície sensível que a protege e lhe dá contorno. O autor, contudo, adverte que “O silêncio que reveste uma característica de defesa não abre a palavra nem a seu além, nem a seu aquém; ele se constitui e se sabe como um oposto da palavra, como um fechamento protetor desta a todo porvir” (Nasio, 2010, p. 142). À luz dessa formulação, o silêncio de Tétis pode ser percebido como um modo de defesa simbólica, uma forma de resguardar o sujeito quando o dizer se torna ameaçador. Calar, nesse contexto, não é desistir de falar, mas criar uma borda protetora que permite à palavra reaparecer mais tarde, quando for possível sustentar o que ela carrega.

Eurínome (2025), por sua vez, elabora um discurso ambivalente: “[...] eu não sou feminista, eu sou feminina.” À primeira vista, parece gesto conciliador, embora a escuta deixe entrever um movimento de defesa. O “não sou feminista” pode funcionar como uma barreira simbólica, como se a nomeação ameaçasse o pertencimento ao campo universitário. Nessa recusa, o sujeito tenta manter a coerência com o discurso dominante, ajustando-se ao que Lacan chamaria de “discurso do mestre”, aquele em que o poder se funda na palavra que representa o sujeito e o submete à ordem do significante. Como explica o autor, “[...] é fato, determinado por razões históricas, que essa primeira forma, a que se enuncia a partir desse significante, que representa um sujeito ante outro significante, tem uma importância toda particular na medida em que, entre os quatro discursos, ela se fixará no que iremos enunciar este ano como discurso do mestre” (Lacan, 1969-1970/ 1992, p. 18). Nesse registro, a fala de Eurínome evidencia o modo como o sujeito feminino é capturado pela estrutura que o constitui, buscando afirmar-se sem romper completamente com a lei simbólica. Kristeva (1987), em diálogo com o Seminário

20 de Lacan, descreve o feminino como espaço do “não-todo”, do que escapa à ordem simbólica. O “sou feminina” de Eurínome pode ser escutado como o reconhecimento inconsciente de um limite: uma tentativa de inscrever-se no simbólico sem desafiar sua lei.

A psicanálise, em consonância com Dolto (2010) compreende o corpo como “[...] a encarnação simbólica do sujeito” (p. 22), nele se inscrevendo “[...] as marcas da história inconsciente” (p. 41). O corpo, portanto, é o suporte do não-dito, espaço onde o desejo recalçado se grava e se torna linguagem. Eurínome manifesta esse traço: ao afirmar que “não vê diferença de cargo”, ela parece racionalizar uma igualdade que a universidade proclama em seus ideais, mas que nem sempre alcança a experiência cotidiana das mulheres que nela habitam. É nessa distância entre o que se diz e o que se vive que o silêncio se torna abrigo, um modo de existir sem perder o lugar. A linguagem técnica e neutra, “Depende da competenciabilidade [...]” (Eurínome, 2025), é a máscara simbólica de um campo que exige moderação das mulheres. Na escuta freudo-lacaniana, essa moderação é uma forma de recalque social: a palavra se curva à lei, mas o desejo continua pulsando sob a superfície.

Galateia (2025), faz irromper uma energia própria. “Eu sou mulher preta, Rita. Eu sou mulher preta.” O duplo enunciado parece marcar o retorno insistente do sujeito que reivindica visibilidade. Mas logo ela acrescenta: “Se a posição hierárquica for superior à minha, pode ser que eu não responda na hora.” O silêncio, aqui, é gesto de cálculo, não de submissão. É o que Lacan chamaria de posição do sujeito dividido: entre o desejo de responder e a necessidade de permanecer. A mulher preta que fala conhece o risco da interpretação; sua palavra pode ser lida como afronta. Anzieu (1993), na esteira de Freud e de Lacan, propõe a imagem do eu-pele como envoltório protetor do psiquismo. O silêncio de Galateia opera exatamente assim: como pele simbólica que contém, que protege da invasão do olhar e da violência do julgamento.

O feminino é também o lugar do abismo e da criação: o espaço onde o sentido vacila e o sujeito se reinventa. O dizer de Galateia atravessa esse limiar, entre o que se pode dizer e o que é preciso calar para permanecer. Ela aprendeu a ajustar a voz, não como submissão, mas como estratégia de sobrevivência em um campo discursivo ainda regido pela branquitude e pelo masculino. Como observa Nasio (2010, p. 238), “Uma resposta à palavra vazia, mesmo e sobretudo aprovadora, mostra frequentemente por seus efeitos que ela é bem mais frustrante do que o silêncio.” A escuta analítica reconhece nesse gesto o que Nasio (2010) descreve como intervalo entre duas verdades: o silêncio como respiro do sujeito, como tempo de elaboração antes da palavra possível. Galateia, assim, transforma a contenção em forma de resistência, gesto de quem recusa a palavra vazia para sustentar, no silêncio, a dignidade do dizer.

Nos três relatos, a escuta permite inferir que o poder aparece como aquilo que, ao mesmo tempo, reprime e produz o sujeito. O silêncio imposto, o silêncio consentido e o silêncio reproduzido são modos distintos de inscrição no simbólico. Em termos freudo-lacanianos, cada mulher ocupa uma posição diferente diante do Outro: Tétis, a da renúncia; Eurínome, a da identificação; Galateia, a da diferença. O poder age como significante-mestre que organiza o discurso e define o que é audível. Mas, como ensina Lacan (1959-1960/1988), não há discurso sem resto, e é nesse resto, no não-dito, que o sujeito encontra o espaço para existir.

A escuta analítica revela que o silêncio é falante e também uma forma de resistência. Ele é o tempo do desejo: o intervalo em que o sujeito se escuta antes de falar, em que o inconsciente prepara o que virá à tona. Dolto (2010) e Anzieu (1993) ajudam a entender esse silêncio como envoltório simbólico, proteção, não ausência. O silêncio protege o sujeito do excesso do real, do gozo que ameaça transbordar. O silêncio aqui é a respiração do inconsciente. Essa respiração se percebe nas três vozes: Tétis que respira antes de falar, Eurínome que suspende o conflito, Galateia que inspira força antes de responder.

Como pesquisadora implicada, reconheço em mim ecos das vozes que analisei. Também aprendi a dosar o tom, a escolher o momento, a silenciar para permanecer. A escuta analítica, sustentada pela psicanálise, ensina-me que escutar é atravessar o intervalo, esse espaço entre o dito e o não-dito onde o sujeito se forma e se refaz. O poder e o silêncio, longe de se anularem, sustentam-se mutuamente: o poder desenha os contornos do dizer e o silêncio os desloca, abrindo brechas para o desejo. Escutar o silêncio é escutar o que insiste, o que pulsa sob o interdito, e é nesse entre que a palavra feminina se reinventa como possibilidade de existência simbólica.

Houve momentos em que também precisei calar, obedecer, ajustar o tom da voz para ser ouvida. Percebo, hoje, que o silêncio, em mim, não é ausência, mas gesto de sobrevivência, uma pausa que protege o corpo da exaustão de resistir sempre. A universidade, esse vasto mar de discursos e hierarquias, me ensinou que o poder não se enfrenta apenas pela confrontação, mas pela insistência do dizer. Entre as ondas da norma e as correntes da subjetividade, aprendi que resistir é continuar navegando, mesmo quando a maré parece contrária. Cada fresta por onde a palavra escapa é um modo de permanecer viva, um modo de sustentar o desejo de dizer.

Entre o poder que normatiza e o silêncio que resiste, encontro o lugar de quem se sabe atravessada pelas mesmas forças que escuta. Não há fora do discurso, como também não há fora do desejo. É nesse movimento, por vezes vacilante, por vezes firme, que me reconheço mulher e pesquisadora, sujeito de palavra que habita o limite, que se ergue no interstício, que se refaz ao enunciar. Escutar essas mulheres é, também, escutar-me: entender que o saber nasce

dessa travessia entre o que cala e o que insiste em ser dito. O silêncio, quando acolhido, deixa de ser ausência e se torna margem fecunda, espaço de respiração e de criação.

Essas vozes femininas, entrelaçadas nas tramas do poder e do silêncio, não falam apenas de si, falam por uma experiência coletiva que ressoa em cada gesto de resistência, em cada hesitação e em cada palavra dita. Tétis, Eurínome e Galateia não são apenas nomes simbólicos nesta pesquisa: são presenças que corporificam as formas pelas quais o feminino se mantém existindo, mesmo quando o discurso tenta apagá-lo. Ao escutá-las, reconheço que cada relato faz mover as correntes do discurso, trazendo à superfície sentidos que sempre estiveram em fluxo, mesmo quando pareciam silenciados. A análise dessa formação discursiva reafirma que o saber que nasce das mulheres não é o da imposição, mas o da persistência, um saber que se produz no corpo, na pausa, na escuta e na coragem de dizer, ainda que pelas brechas.

Ao emergir dessas águas, percebo que o silêncio não apenas resiste, mas anuncia outro movimento: o da **feminilidade além da norma**. Se antes o foco recaiu sobre o poder que delimita e o silêncio que resguarda, agora o olhar se desloca para o feminino que escapa, que excede, que se inscreve fora das formas preestabelecidas de ser mulher. Aqui, o que se interroga não é mais apenas o interdito, mas o desejo que transborda, aquilo que, nas palavras de Lacan (1972-1973/1985), faz do feminino o “não-todo” do simbólico. Na continuidade dessa travessia, o desafio é escutar como as mulheres reinventam a si mesmas para além das prescrições de gênero e dos lugares de reconhecimento, afirmando uma existência que não se explica, mas se afirma no ato mesmo de desejar.

5.1.3 Feminilidade além da norma

A feminilidade emerge, nos dizeres das entrevistadas, como um campo de deslocamento e invenção, onde o corpo e o ser-mulher se reinscrevem para além das convenções históricas que os domesticaram. O discurso das pesquisadoras sugere a tensão entre o que foi aprendido como modelo de “mulher comportada”, moldado por regras morais, aparência e modos e o que se torna possível quando o sujeito feminino se autoriza a existir fora dessa lógica. O que está em jogo não é apenas a aparência, mas o modo de habitar o corpo e de significar a diferença. Cada fala desliza entre o desejo de romper com o padrão e a necessidade de ainda se reconhecer nele, compondo uma tessitura que evidencia o processo pelo qual o gênero se produz e se desfaz na repetição das normas, como lembra Butler (2019, p.31): “A construção não apenas toma lugar no tempo, mas é em si um processo temporal que opera pela reiteração de normas; no decurso dessa reiteração, o sexo é produzido e ao mesmo tempo desestabilizado”.

Rita, **eu aprendi que existem formas de ser mulheres**, de sermos mulheres, quando eu começo [...] e ler mais sobre gênero, estudar mais sobre gênero [...] eu **comecei a pensar sobre o que é ser mulher, que até então eu achava que era ter a vagina**, até muito tempo. [...] o ser mulher eu aprendi que você era comportada, então você era a moça casadoira [...] Mas aí eu fui aprendendo e entrando na universidade, vendo esses espaços que ocupa [...] uma mulher trans, ela veio falar sobre o que é ser mulher e uma mulher lésbica que tem uma aparência que é tida como masculina, também uma forma de ser mulher, **então existem formas de ser mulher e a minha forma é essa no mundo** (Tétis, 2025).

Eu acho que a gente tem que preservar a nossa feminilidade. **A gente tem que se arrombar, a gente tem que botar batom, a gente tem que estar com o cabelo arrumado, tem que estar perfumada.** Porque a gente tem que mostrar que nós somos diferentes. [...] Não é por ser uma professora, uma pesquisadora, que a gente tem que andar despojada. **O intelectual não é somente isso.** Acho que a gente tem que ser sim arrumada, estar sempre bem, estar sempre com o cabelo penteado, isso faz parte de qualquer ser (Eurínome, 2025).

Primeiro que **eu não vejo diferença entre ser mulher e ser mulher feminina.** Eu acho que tudo é a mesma coisa. Ser mulher é ser feminina. [...] **Ser feminina, para mim, está muito na maneira como a gente enxerga o mundo e o outro.** Mais do que essa questão da aparência que as pessoas cobram. [...] Às vezes a pessoa é super feminina, super cheirosa, e tal, mas nas ações ela não age com o cuidado, a delicadeza. Eu acho que está muito mais nessas ações, sabe? **O cuidado, a delicadeza, o saber tratar o outro** (Galateia, 2025).

A leitura descritiva unidades discursivas revela três posições enunciativas que se entrecruzam: a da mulher que **aprende a pluralidade do ser-mulher** (Tétis), a que **reafirma o cuidado de si pelo corpo e aparência** (Eurínome), e a que **redefine a feminilidade pelo gesto ético do cuidado e da delicadeza** (Galateia). O feminino, nesse conjunto, não é substância, mas processo, uma categoria discursiva em disputa, cujas fronteiras são constantemente tensionadas. A feminilidade se mostra “além da norma” na medida em que as falas desconstroem o corpo como evidência natural do ser-mulher. Tétis (2025) afirma que achava que ser mulher era ter a vagina, mas desloca essa certeza ao reconhecer formas de ser mulheres. Nessa passagem, o corpo deixa de ser essência e torna-se significativa, um corpo que importa, porque é atravessado por história, cultura e desejo (Butler, 2019,). Essas três vozes, ao se entrelaçarem, compõem um mosaico discursivo em que a mulher pesquisadora se constitui na tensão entre o que herdou e o que reinventa. O corpo, longe de ser simples biologia, é aqui um território de disputa simbólica e política.

A escuta analítica permite perceber o movimento de subversão e reinscrição que atravessa cada enunciação. O que se escuta não é apenas o dito, mas o “entre”, esse intervalo onde o sentido vacila e o sujeito se revela, aquilo que, segundo Orlandi (2007), faz do silêncio parte constitutiva do discurso. A fala de Tétis sobre sua passagem à universidade é um gesto que marca o deslocamento do corpo dócil ao corpo político. Na universidade, ela se vê atravessada por outros corpos, o corpo trans, o corpo lésbico e, nesse encontro, o feminino se faz heterogêneo. A palavra “formas” torna-se significativa de multiplicidade e resistência. Nesse

sentido, Tétis encarna o que podemos escutar como feminilidade, como potência múltipla, expressão que se aproxima da força vital de criação e resistência descrita por Rolnik (2019).

As falas são atravessadas por marcas de ruptura com a lógica fálica, aquela que, segundo Lacan (1972-1973/1985), organiza o discurso do masculino como medida universal. A feminilidade, em Lacan, é **não-toda**, ou seja, não se deixa capturar completamente pela lógica do significante, permanecendo aberta ao indizível. Tétis encarna essa abertura ao afirmar que existem “formas de ser mulheres”, recusando o fechamento identitário. Sua fala é efeito de um deslocamento subjetivo, ela se torna outra no encontro com a diferença, especialmente quando menciona a mulher trans e a mulher lésbica. O feminino, assim, aparece como posição móvel, “ao mais”, como excesso que resiste à nomeação totalizante.

Já Eurínome reinscreve o feminino na aparência, naquilo que Wittig (2006), em crítica à tradição psicanalítica, denominou pensamento heterossexual, um regime de significação que naturaliza a mulher como o “outro” do homem e fixa o feminino na diferença sexual. Ao afirmar que “[...] tem que botar batom [...] tem que estar perfumada”, Eurínome se movimenta dentro dessa norma, mas também a torce: o batom torna-se signo de poder, não de submissão. A fala se organiza num espaço de ambiguidade: ora reforça a norma, ora a dobra sobre si. Esse gesto ambíguo é efeito da posição-sujeito que, segundo Pêcheux (1988), é sempre interpelada pela ideologia, mas também atravessada por falhas e deslocamentos. Assim, no mesmo enunciado em que a norma aparece, algo do sujeito escapa, o “não é somente isso”, sinalizando a fenda por onde o feminino se desnormaliza. Eurínome expressa, nesse movimento, o peso e o risco de sustentar uma feminilidade visível. O “arrumar-se” é também uma armadura, uma forma de permanecer legível no espaço acadêmico ainda atravessado pelo olhar masculino. Butler (2019, p. 16-17) observa:

Pensar o corpo como construído demanda é repensar o significado da construção em si. E, se certas construções parecem constitutivas [...] poderíamos sugerir que os corpos apenas surgem, apenas perduram e apenas vivem dentro das restrições produtivas de certos esquemas de gênero altamente regulatórios.

A partir dessa perspectiva, a feminilidade de Eurínome torna-se estratégia de visibilidade e resistência, um gesto de permanência simbólica em meio aos códigos de um espaço ainda marcado pelo masculino. O corpo, nesse gesto, é significante e não mero ornamento: é o lugar onde o desejo se inscreve e se faz linguagem. O “arrumar-se” transforma-se em ato, em uma forma de enunciação silenciosa que reivindica o direito de existir e de ser vista. Sustentar-se no olhar do Outro não é, aqui, submeter-se, mas devolver o olhar, tensionando-o, fazendo dele campo de afirmação e não de espelhamento. Assim, o corpo torna-

se dizer, não o corpo disciplinado pela norma, mas aquele que a dobra, fazendo do visível um modo de resistência subjetiva.

A voz de Galateia, por sua vez, opera o deslocamento mais radical. Ela afirma: “Ser mulher é ser feminina”, mas imediatamente descola o feminino do corpo visível e o reinscreve no gesto simbólico, “[...] na maneira como a gente enxerga o mundo e o outro”. Nessa formulação, o feminino não é atributo natural, mas posição subjetiva que se constitui na relação com o Outro. Freud (1914/1996) já apontava que o eu se forma por identificação, a partir das marcas do outro que o antecede; Lacan (1958-1959/2016), ao retomar essa noção, situa o sujeito como efeito do desejo do Outro, isto é, como ser atravessado pela linguagem e pelo olhar. Galateia sustenta, assim, a feminilidade não como aparência, mas como modo de relação e de escuta, uma ética do olhar que reconhece no outro o lugar onde o sentido se produz. O cuidado, a delicadeza e o saber tratar o outro configuram, em sua fala, uma prática de alteridade que rompe com a hegemonia do masculino como medida de racionalidade e poder. O feminino, aqui, é experiência de abertura, não se fecha em uma identidade, mas se inventa no encontro e na palavra que acolhe a diferença.

A interlocução entre as três entrevistadas permite inferir que o feminino não é um dado, mas uma repetição com diferença, nos termos de Butler (2019). A reiteração das normas, em suas falas, não conduz à fixação, mas à possibilidade de desvio. Tétis aprende “a ser mulher” ao ouvir outras mulheres; Eurínome encena a norma estética para ocupá-la com dignidade; Galateia redefine o feminino como gesto ético. Todas, em alguma medida, reinscrevem-se num tempo próprio, o tempo subjetivo do desejo, que escapa ao cronômetro social. Nesse horizonte, o feminino pode ser entendido como condição de abertura e de indizibilidade, aquilo que não se reduz à representação nem à forma. Como afirma Butler (2019, p. 75), “[...] pode-se situar o feminino como a condição indizível da representação, como aquilo que, de fato, não pode nunca ser simbolizado conforme os termos da filosofia propriamente dita, mas cuja exclusão dessa propriedade é sua condição capacitadora”. O feminino, portanto, não é o fora do simbólico, mas o que o excede: força que sustenta o movimento de dizer e de não poder dizer, onde o sujeito se refaz entre o silêncio e a palavra.

Do ponto de vista da escuta analítica, observa-se que o sujeito feminino se produz na contradição. A fala de Tétis evidencia esse entrelugar: ela é, ao mesmo tempo, herdeira de uma moral interiorana e professora universitária que convive com corpos dissidentes. Ao dizer que achava que ser mulher era ter a vagina, ela enuncia o desmonte de uma verdade aprendida e o nascimento de outra, mais porosa, mais política. A desnaturalização do corpo é, aqui, um gesto epistêmico: um ato de se reconhecer como sujeito atravessado pela linguagem, cuja identidade

não é essência, mas processo. Nesse gesto, Tétis reinscreve o próprio corpo no discurso, fazendo da palavra o lugar de sua reconstrução simbólica.

A fala de Galateia amplia o sentido da diferença. Quando diz que “O cuidado, a delicadeza” são o núcleo do feminino, ela reverte o que a cultura patriarcal tratou como fragilidade em potência ética. Aqui, o feminino é ética da escuta e da relação, não atributo biológico. Como lembra Pêcheux (1969), o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, e é nesse entre que o sujeito se significa. Assim, Galateia, ao falar do “[...] saber tratar o outro”, ocupa o espaço da alteridade, onde o sentido se desloca e o sujeito se faz. Nessa direção, Authier-Revuz (2004, p. 69) observa que “[...] todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos outros discursos e pelo discurso do Outro”. O que Galateia diz coincide com esse movimento: seu dizer é lugar de atravessamento e diferença, em que o feminino se torna abertura, não essência. O que ela afirma também dialoga com Butler (2019), para quem o corpo é sempre um lugar de significação política.

As vozes que se entrecruzam nas unidades discursivas podem ser escutadas como indicando que o feminino “além da norma” não é negação, mas reinvenção. O corpo, antes moldado pela moral e pela estética, torna-se território de criação e de palavra. Cada mulher, ao narrar-se, desorganiza o lugar que lhe foi destinado e o refaz à sua maneira: o ser-mulher deixa de ser forma e passa a ser travessia. Uma mulher pesquisadora, ao dizer “sou e estou sendo”, reconhece-se no movimento de vir-a-ser, onde o feminino se afirma como abertura, e não como falta. Nesse gesto, o corpo fala, não para repetir o que foi dito, mas para criar outros modos de existir. É nesse espaço entre o silêncio e o dizer que o sujeito feminino se inventa, ultrapassando o espelho e a norma para habitar a própria possibilidade de ser.

Mas o dizer não se esgota. O movimento da fala feminina segue produzindo sentidos que se desdobram e se reinventam. Outras passagens emergem, revelando como o corpo, a palavra e o desejo continuam a tensionar os contornos da norma. Nessas novas unidades discursivas, o feminino aparece novamente em trânsito, ora como enfrentamento, ora como criação, afirmando-se nas brechas, nos gestos e nas sutilezas do cotidiano. A escuta analítica, ao acolher essas novas vozes, desloca o olhar e amplia o campo do possível, permitindo que o “além da norma” se revele não como ruptura definitiva, mas como contínuo trabalho de invenção de si. Novos fragmentos de fala se anunciam a seguir, prolongando o movimento de sentido que atravessa essas narrativas e ampliando a escuta sobre o feminino além da norma.

[...] eu comecei a pensar, **não existe uma única forma de ser mulher e de ser feminina**. [...] Eu só sei que sou, eu só sei que sou e que estou sendo, **eu não acho que tem um acabamento de ser mulher**, porque hoje eu estou me vendo que é ser mulher, menor pausada, que é ser melhor, que vai entrar na terceira idade, que cuidados eu tenho que ter com a minha saúde, minha vida profissional [...] **eu estou**

me reconstruindo ser mulher na terceira idade, ao mais, é um caminho (Tétis, 2025).

Me toca muito, sempre me tocou. Aliás, Rita Lee sempre me tocou. Porque ela expressa muito o que eu penso. [...] É bicho esquisito. **Tem horas que a gente é o sexo frágil mesmo, até por estratégia.** Não vou negar, não. Nem sempre a gente pode ser a durona. [...] **É a gata burralheira e é a princesa ao mesmo tempo.** [...] Eu é que nunca escolhi isso pra mim, mas tem muita gente que quer ser dondoca mesmo. [...] Às vezes dá vontade. Mas a gente se lembra do que a gente é, do que a gente conseguiu. No instante o desejo acaba (Eurínome, 2025).

Eu acho que essa capacidade de ler o outro, sim. Isso eu considero realmente importante. E acho que isso é aprendido. **Não acho que isso venha de fábrica, não. Acho que a maneira como a gente é criada tem a ver com isso.** [...] Eu acho que tem a criação, mas cada um tem uma experiência da vida. **A vida é única. Mesmo que nós fôssemos irmãs gêmeas, criadas juntas, nós não teríamos a mesma experiência de vida** (Galateia, 2025).

Na fala de Tétis, o tempo entra como operador do feminino: ela recusa um acabamento e aposta na processualidade do “estar sendo”. O corpo que envelhece, a saúde, a vida profissional, tudo comparece como matéria de elaboração. Do ponto de vista discursivo, há deslocamento do “ser” como substância para o “ser” como acontecimento de linguagem. A feminilidade aparece como percurso, não essência: um trajeto que se refaz à medida que novos significantes chegam (terceira idade, cuidados, profissão) e reordenam o lugar do sujeito.

Essa abertura ao tempo ressoa na escuta analítica como trabalho de subjetivação: Tétis reelabora identificações antigas, descola-se de um ideal de “mulher pronta” e reinscreve o desejo no presente. A posição enunciativa marca o “não-todo” sem precisar nomeá-lo: não há totalização possível do ser-mulher; há bordas, restos, um “ao mais” que a sustenta como quem caminha e não como quem conclui. O feminino, aqui, opera como bordadura do dizer: é no furo da garantia que se inventa caminho.

O que Tétis enuncia ecoa o que Kristeva (2013) vem nomeando como o tempo das mulheres, um tempo de recomeço, não de linearidade. Ao dizer que “[...] o tempo das mulheres é o tempo do recomeço” (2013), a autora propõe pensar o feminino como movimento, e não como destino. Nessa perspectiva, a feminilidade não se cumpre em etapas sucessivas, mas se refaz nas pausas, nos desvios e nos gestos cotidianos de reconstrução. Na mesma entrevista ao jornal “La Repubblica” (2013), Kristeva observa que “[...] um sistema de regras pré-fabricado que seja bom para todos é impensável”, indicando a necessidade de reconhecer “[...] a especificidade da vida interior de cada um”. Aponta ainda que nosso destino cultural, inserido nos moldes que compomos e atualizamos a cada dia, não se realiza sem a indagação sobre o limite, a autoridade e o desejo. A fala de Tétis encontra eco nesse pensamento: o feminino que se reinventa na terceira idade é também o feminino que se permite recomeçar, que não se

encerra na biologia nem no tempo cronológico, mas se faz no ritmo singular do desejo que ainda pulsa.

Em Eurínome, a cena desloca-se para o campo da estratégia e da identificação simbólica. Durante a entrevista, a letra da canção “Cor de Rosa Choque” (1982), de Rita Lee, foi apresentada como provocação, parte da pergunta dirigida à participante. É a partir desse enunciado que Eurínome tece sua resposta, retomando as figuras populares da música: a “gata burralheira”, a “princesa”, a “dondoca”, e reinscrevendo-as à sua maneira. Ao dialogar com essas imagens, ela não apenas comenta a letra, mas a utiliza como espelho, como linguagem para falar de si e de suas próprias tensões com o feminino. A música, nesse contexto, funciona como dispositivo de evocação simbólica: abre o campo do dizer e autoriza a encenação de papéis que a entrevistada reconhece, ironiza e transforma. Há, nesse gesto, consciência do teatro social da feminilidade, onde a mulher transita entre o desejo e a norma, entre o que mostra e o que recusa. O canto de Rita Lee, convocado na pergunta, torna-se, assim, matéria de elaboração subjetiva, um lugar onde Eurínome dramatiza a fragilidade e a força como faces de uma mesma máscara.

A oscilação confessada por Eurínome, entre ceder “por estratégia” e recordar o que a constitui, indica um conflito fecundo entre demanda e desejo. Ao reconhecer a força e o risco de sustentar sua imagem, ela se movimenta entre o que o olhar social lhe impõe e o que o desejo lhe autoriza a ser. Quando ela lembra “o que conseguiu”, reinscreve um ponto de ancoragem que não é pura imagem: é experiência, história, trabalho, esforço e laço social. Há, nesse gesto, um mascaramento que não denuncia submissão, mas inteligência simbólica, a arte de navegar em águas normativas sem naufragar nelas. O “sexo frágil”, quando transformado em estratégia, deixa de ser destino e torna-se ato: forma de existir na cena sem perder o fio do próprio desejo.

O movimento de Eurínome encontra eco na leitura clássica de Riviere (1925/2005), para quem a feminilidade pode operar como máscara, não como falsidade, mas como defesa simbólica diante da autoridade do olhar masculino. A autora observa que “A concepção da feminilidade como uma máscara, sob a qual o homem suspeita haver algum perigo oculto, joga um pouco de luz sobre esse enigma” (Riviere, 1925/2005, p. 22). Essa máscara não é apenas proteção, mas linguagem: modo de circulação e sobrevivência em um campo ainda regido pelo olhar do Outro. Em seu ensaio, Riviere (1925/2005) afirma que “A feminilidade podia ser assumida e usada como uma máscara, tanto para ocultar a posse da masculinidade como para evitar as represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a” (p. 16-17). A máscara, nesse sentido, é gesto de inteligência simbólica, estratégia que desloca a fragilidade para o terreno da performance. Em Eurínome, essa manobra reaparece como saber intuitivo: ela maneja o

semblante para permanecer no jogo, convertendo o “sexo frágil” em tática e o olhar do Outro em espelho reversível, que reflete e devolve poder ao mesmo tempo.

Galateia traz o eixo da relação. Para ela, o feminino está menos no visível e mais na competência de leitura do outro, uma capacidade aprendida na criação, modulada por histórias singulares. Mesmo gêmeas idênticas não viveriam o mesmo; logo, a feminilidade não procede de um “[...] de fábrica”, mas de percursos e encontros. Do ponto de vista da escuta analítica, isso recoloca a ética do cuidado como forma de significar o mundo, não como traço natural; e convoca a alteridade como lugar de constituição do sujeito.

Ao dizer que “[...] isso é aprendido”, Galateia desautoriza o essencialismo e devolve a feminilidade à trama do interdiscurso: memória, família, escolhas de sensibilidade, choques de experiência. Essa ênfase na aprendizagem não é behaviorista²⁴; é política e simbólica. Ela afirma que a posição feminina é cultivada na linguagem e no laço, o que a aproxima da ideia de que todo dizer se faz atravessado por outros dizeres, e que a singularidade emerge justamente na inflexão que cada sujeito dá a essa herança.

O que Galateia enuncia aproxima-se do que Lacan (1966/1998) situa como o campo do Outro: lugar da linguagem e do desejo onde o sujeito se constitui. A capacidade de “[...] ler o outro” é, nesse sentido, uma forma de inscrição simbólica, não dom natural, mas efeito da presença do Outro que funda o sujeito e o convoca à responsabilidade do dizer. A alteridade, aqui, não é ameaça, mas condição de existência. Cada gesto de cuidado, cada escuta, reinscreve o feminino como posição ética: estar diante do outro sem capturá-lo, sustentar a diferença sem reduzi-la à semelhança. É nesse espaço relacional, entre o eu e o outro, que a palavra se faz vínculo e o feminino se torna lugar de invenção de sentido.

Voltando a Tétis, a terceira idade aparece não como decadência, mas como ocasião de redefinir parâmetros de gozo e de cuidado, “[...] eu estou me reconstruindo ser mulher na terceira idade”. Há aqui uma torção interessante: aquilo que costuma ser lido como “perda” vira chance de recontar-se. Beauvoir (1990, p. 480) observa que “Ao envelhecer, tornamo-nos mais livres e menos livres. Somos mais livres em relação aos outros [...], mas somos menos livres em relação a nós mesmos”. Nessa ambiguidade, o sujeito reencontra o corpo como território de elaboração, não de resignação; “Pode, aliás, acontecer que se superem na última idade, graças a uma compreensão cada vez mais profunda das peças que interpretam” (Beauvoir, 1990, p. 476). O envelhecer, então, não é ruína, mas experiência de lucidez: um tempo em que o

²⁴ O termo *behaviorista* refere-se à corrente da psicologia comportamental desenvolvida por autores como John B. Watson e B. F. Skinner, que entende o comportamento humano como resposta a estímulos observáveis e mensuráveis, desconsiderando os processos inconscientes e simbólicos.

feminino se reinscreve como consciência e invenção. O corpo deixa de ser prisão do ideal e se torna superfície simbólica, espaço de escrita onde o sujeito continua, mesmo entre limites, a criar sentido para si.

Tomadas em conjunto, as vozes de Tétis, Eurínome e Galateia compõem um mesmo campo de forças: um feminino que se move entre o tempo, o semblante e o laço. Em Tétis, o envelhecer é tempo de recomeço, gesto de reinvenção que faz do corpo superfície de escrita, ecoando na aposta de que o feminino se refaz em cada travessia. Eurínome, ao trazer em sua fala a canção de Rita Lee, encena o jogo dos semblantes: ora máscara, ora desvio, transforma a fragilidade em performance e o olhar do Outro em cena de resistência. Galateia, por sua vez, funda o feminino na relação aprendida no campo do Outro, e revela o cuidado e a escuta como práticas éticas, não como dons naturais. O que as atravessa é o trabalho da diferença: dobrar a norma sem negá-la, fazer do limite um espaço de invenção. O feminino, “além da norma”, emerge assim como modo de existir entre tempos, semblantes e laços, uma escrita viva que insiste, mesmo quando o discurso tenta silenciá-la.

O que se desenha dessas falas não é uma conclusão, mas um sopro. Cada mulher reinscreve o feminino a partir de um ponto de desejo e invenção, onde o corpo deixa de ser superfície de obediência e se converte em lugar de criação. É nele que o sentido se dobra, que a palavra tateia o indizível e encontra passagem. O gesto de arrumar-se, o modo de escutar o outro, o tempo que acompanha o envelhecer, tudo se torna escrita de si, composta de fragmentos e coragem. O feminino “além da norma” não é o que se furta à linguagem, mas o que a expande: o intervalo em que o sujeito se autoriza a não saber, mas ainda assim continuar dizendo.

Nessa travessia, não há unidade possível, e talvez seja exatamente aí que resida a sua força. O “sou e estou sendo” de Tétis, o gesto de Eurínome e a delicadeza ética de Galateia entrelaçam-se como variações de um mesmo gesto: habitar o feminino sem pedir licença à norma. O que resta, é o eco desse dizer que se faz entre o silêncio e a palavra, um dizer que não busca um destino, mas o direito de seguir em movimento. Nesse mar movente, entre ventos e correntes de sentido, o sujeito feminino prossegue sua travessia: nem porto fixo, nem deriva, mas o ato contínuo de tornar-se mulher, ao mais.

Após o percurso da escuta do feminino em suas múltiplas reinvenções, o olhar volta-se agora para a universidade, espaço simbólico onde o sujeito feminino negocia pertencimentos, reposiciona identidades e reinscreve sua história. É nesse território de poder e de saber que o desejo de conhecer se entrelaça às marcas de gênero, tornando a produção acadêmica também um campo de disputas. O que antes se desenhava no corpo e na palavra passa agora a se inscrever nos corredores, nas bancas, nas salas de aula e nos gestos cotidianos de

reconhecimento e resistência. A universidade, longe de ser apenas instituição de ensino, é cenário de deslocamentos identitários: lugar em que uma mulher pesquisadora se vê convocada a inventar modos próprios de existir entre a norma e o possível.

5.1.4 A universidade como espaço de deslocamentos identitários

O espaço universitário não é neutro. Ele é tecido por relações de saber e poder que atravessam o sujeito, produzindo modos de ser e de significar-se. Quando uma mulher ocupa esse espaço, ela não apenas adentra uma instituição, ela se reinscreve em uma rede de discursos que a nomeiam, a silenciam e, paradoxalmente, lhe abrem a possibilidade de dizer-se. A universidade é, assim, um território de deslocamentos identitários, onde o sujeito se constitui na tensão entre o que é esperado e o que insiste em emergir como singular. É nesse entrelugar, entre o instituído e o porvir, que se inscrevem as vozes de Tétis, Eurínome e Galateia, cujas unidades discursivas apresentadas a seguir enunciam esse movimento de deslocamento.

Na universidade, eu sou, a gente muda muito ser mulher, né? [...] Eu acho que eu vivo o meu melhor momento de docente na universidade, eu acho que eu vivo o meu melhor momento de pesquisadora na universidade, porque eu já não tenho mais a pressa de provar nada, eu fico atenta ao processo (Tétis, 2025).

A universidade é instigante. Porque ela tem várias ações, várias áreas de conhecimento, cada professor com sua autonomia plena [...] Eu vejo que o processo de avaliação não como posição. A avaliação [...] vem ajudar a entender a universidade, porque ela me ajudou. Esse processo de avaliação me ajudou muito a casar com o planejamento (Eurínome, 2025).

A UNEB tem uma característica de ser uma universidade feminina, negra, voltada para a população mais pobre. [...] Esses marcadores fazem dessa universidade ser algo totalmente diferente. [...] É meio consequência das ações que a gente tomou para ser uma universidade diversa (Galateia, 2025).

As três falas se entrelaçam na experiência do deslocamento. Tétis anuncia uma mudança de lugar subjetivo: da mulher que luta para afirmar-se àquela que se autoriza a existir sem precisar provar nada. Eurínome faz emergir o embate entre a racionalidade administrativa e o sujeito que busca entender o funcionamento da instituição que o constitui. Galateia, por sua vez, amplia o campo para o coletivo, quando identifica na universidade uma inscrição de gênero, raça e classe que reposiciona a própria ideia de academia. São vozes que, juntas, desenham uma cartografia simbólica de passagem, um trânsito entre o pertencimento e o estranhamento, entre o ser convocada e o se autorizar.

É possível reconhecer em Tétis um gesto de deslocamento subjetivo que se opõe ao imperativo de produtividade que estrutura o discurso universitário. Quando ela afirma “[...] já não tenho mais a pressa de provar nada”, o que se anuncia é uma passagem do tempo da performance ao tempo da elaboração, o tempo próprio do inconsciente. Freud (2010), ao tratar

do trabalho de elaboração (*Durcharbeitung*)²⁵, afirma que o tempo e a paciência são os fatores decisivos no tratamento analítico. Essa temporalidade, distinta da urgência capitalista do produzir, é o tempo em que o sujeito pode ouvir o próprio dizer e deixar que o sentido emerja. Ao suspender a necessidade de provar-se, Tétis resiste à temporalidade fálica que rege o campo acadêmico, aquela que Lacan (1972-1973/1985) situa como tempo do gozo do Outro, o tempo do discurso do mestre. Sua escolha de “ficar atenta ao processo” enuncia, portanto, um gesto ético de escuta, uma escuta de si no e pelo discurso. Como observa Orlandi (1999, p. 42), “[...] o sujeito não domina o tempo do dizer; ele é atravessado por um tempo outro, o tempo da significação”. O discurso, ao dobrar-se sobre o sujeito, abre um intervalo: não o da transformação, mas o do movimento, onde o saber deixa de ser posse e se torna presença, uma forma de permanecer no espaço universitário sem se deixar capturar por ele.

Eurínome, ao descrever a universidade como instigante, traduz o desconcerto do sujeito diante da multiplicidade de discursos que o atravessam. A palavra “instigante” parece carregar a ambiguidade do desejo: inquieta e, ao mesmo tempo, convoca à criação. Ela reconhece a complexidade da instituição e, ao fazê-lo, se vê implicada na engrenagem que busca apreender. Há aqui uma passagem do olhar técnico, aquele que busca controlar, ao olhar implicado, que se permite ser afetado pelo real do discurso. Essa passagem ecoa o que Lacan (1955-1956/1988, p. 135) afirma ao dizer que “[...] o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”, evidenciando que o sujeito é falado antes de falar. Assim, uma mulher que antes planejava, agora se percebe atravessada pelo simbólico que a constitui. Nesse gesto de implicação, desloca-se do lugar do eu que domina para o sujeito dividido, atravessado pela linguagem. Como lembra Pêcheux (2009), é no equívoco, no lapso, no tropeço da linguagem que o sujeito se mostra. O movimento de Eurínome ecoa um ato de escuta do próprio atravessamento discursivo, onde a escuta se transforma em elaboração e o controle em disponibilidade para o acontecimento da linguagem.

Galateia introduz uma dimensão política do deslocamento ao nomear a universidade como “[...] feminina, negra, voltada para a população mais pobre”. Esse gesto discursivo reinscreve o feminino no campo do social e desloca a representação da universidade como bastião da neutralidade epistemológica. Sua fala rompe com a pretensão universalizante do saber e expõe que todo conhecimento é situado, corporificado e atravessado por relações de

²⁵ *Durcharbeitung*, termo alemão usado por Freud, é traduzido por “trabalho de elaboração”. Refere-se ao processo pelo qual o sujeito, em análise, retoma repetidamente um mesmo conteúdo inconsciente, até que ele possa ser simbolizado. Mais do que entender, trata-se de **elaborar** o que retorna, permitindo ao sujeito reinscrever o sentido no tempo próprio do inconsciente (Freud, 2010).

poder. Haraway (1995, p. 21) afirma que “A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”. Nessa perspectiva, a palavra de Galateia emerge de um lugar que é, ao mesmo tempo, singular e coletivo, um ponto de vista encarnado na experiência das mulheres negras e periféricas que compõem a universidade pública. O enunciado “[...] universidade feminina, negra e voltada para os pobres” não é uma constatação descritiva: é ato performativo, um dizer que faz existir o que nomeia, instaurando uma outra possibilidade de presença no discurso. O feminino, nesse contexto, não é substância nem identidade fixa; é movimento de reinscrição, gesto que produz sentido onde antes havia ausência e que, ao deslocar o centro, faz da diferença um lugar de enunciação.

Esses deslocamentos não se dão sem conflito, e não me são estranhos. Também em minha trajetória, percebo as dobras do dizer e os silêncios que se impõem como forma de permanência. O gesto de Tétis, ao converter o embate em silêncio, não é recuo: é elaboração. Há momentos em que o calar se torna uma estratégia ética, o intervalo necessário para sustentar a própria palavra. Em Eurínome, o deslocamento se dá pela via da racionalidade que se humaniza. Quando afirma que o processo de avaliação a ajudou a entender a universidade, deixa entrever uma subjetividade que se deixa ensinar pela experiência. O saber se desloca da lógica do controle para a do encontro. Essa passagem do domínio ao aprendizado espelha o movimento psicanalítico de despossuir-se de um saber para poder escutar. Uma mulher, que antes avaliava, agora é atravessada pela própria avaliação. O espelho institucional devolve-lhe um reflexo que não é apenas técnico, mas simbólico.

Galateia, por sua vez, reinscreve a universidade a partir de um corpo coletivo, feminino, negro, periférico, que reivindica lugar de pertencimento e autoria. Ao falar da universidade diversa, opera o deslocamento do lugar de exceção para o de pertencimento. Ela reconhece que essa diversidade é “[...] meio consequência das ações que a gente tomou”, o que denota uma historicidade do gesto. Há, nesse dizer, a inscrição de uma genealogia feminina e negra na produção do saber. A universidade, nesse enunciado, não é apenas um espaço de acesso, mas de inscrição simbólica. O “a gente” de Galateia é uma coletividade que se reconhece autora da mudança. O deslocamento, assim, ganha contorno político e ético: é um tornar-se sujeito de sua própria história.

Nessas três vozes, revejo as tensões que me atravessam como pesquisadora: a exigência de objetividade que tenta silenciar o afeto; a necessidade de afirmação num campo ainda regido pela lógica masculina; o desafio de habitar o saber sem ceder ao seu mandato de neutralidade. Falar desse lugar é assumir a incompletude como método e o deslocamento como ética: saber

que o conhecimento nasce do encontro entre o que se diz e o que resiste a ser dito. É nesse entrelugar, onde o corpo, a linguagem e o desejo se tocam, que reconheço a possibilidade de um saber outro, tecido por mulheres que, como eu, seguem escrevendo, mesmo quando o verbo ainda hesita em se fazer som.

Ao entrecruzar essas vozes, emerge um sentido comum: a universidade é simultaneamente espaço de pertença e de desestabilização. Cada uma das mulheres vive a instituição como território de passagem, de identidades que se deslocam, se refazem e se confrontam com o que a norma tenta fixar. O feminino, na universidade, não se acomoda: ele tensiona, amplia, cria frestas no edifício do saber. É nesse entrelugar que o sujeito se inventa, onde o saber deixa de ser só epistemológico e torna-se experiência de si.

No atravessamento das falas, o corpo discursivo da universidade aparece como um campo de forças, lugar em que o saber e o poder se entrelaçam. O sujeito é convocado a ocupar um espaço que nunca é inteiramente seu, pois a instituição o antecede e o atravessa. Foucault (1999) observa que o poder não se possui como algo que se possa ter, mas sim como um exercício praticado pelos indivíduos de acordo com suas possibilidades materiais e intelectuais, que seriam, por sua vez, instrumentos para o exercício de poder, e é justamente nessas relações que o sujeito se move, buscando brechas para existir de outro modo.

As mulheres entrevistadas indicam, sem nomear, esse jogo de forças: elas não recusam a universidade, mas a reinscrevem. Fazem do espaço normativo um território de invenção, transformando o poder em campo de elaboração, o trabalho em emancipação e o cotidiano em saber. Nessa perspectiva, o deslocamento é o modo de habitar o simbólico sem ser por ele inteiramente capturada, um movimento ético de resistência que se produz no limite entre o que é imposto e o que o sujeito ousa dizer. Orlandi (2003, p. 32) lembra que “[...] o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”; é nesse fazer e desfazer que o feminino se inscreve na universidade, não como forma acabada, mas como gesto de reinvenção.

Nesse processo, o saber passa a operar como forma de cuidado e implicação, não como posse. O olhar que se volta para a universidade é também o olhar que se volta para dentro de si. Quando Tétis diz “[...] fico atenta ao processo”, enuncia uma ética da escuta: escutar o outro, escutar o próprio fazer, escutar o que ainda não pôde ser dito. Eurínome, ao entender o sistema, parece também se escuta. Galateia, ao falar da universidade como corpo feminino e negro, reinscreve o próprio corpo como território de saber. O deslocamento identitário é, portanto, uma forma de atravessar o Outro sem perder o contorno de si.

O espaço universitário opera como um mosaico de reflexos: nele, o sujeito se reconhece e se estranha, vê-se e se desfaz. Uma mulher pesquisadora, ao ocupar esse espaço, faz dele um laboratório simbólico de si mesma. A universidade, longe de ser um cenário neutro, torna-se um campo de travessia em que o sujeito feminino se experimenta entre o desejo e a norma, entre o dito e o não dito, entre o pertencimento e a invenção. Essa travessia se inscreve no funcionamento do Discurso Universitário (DU), cuja estrutura Lacan formaliza da seguinte maneira: $S_2 \rightarrow a // S_1 \rightarrow \$$.

Nessa configuração, o saber (S_2) se apresenta como agente, operando sobre um Outro reduzido a objeto (a), enquanto o significante-mestre (S_1) permanece oculto como verdade, deixando emergir o sujeito barrado ($\$$) como resto da operação discursiva. Lacan indica que essa lógica se articula a “[...] uma espécie de equivalência — cuja existência acabamos de postular ao menos no plano da pergunta — entre a lei, o sintoma e inclusive o rechaço [...]” (Lacan, 1969–1970/1992, p. 42), evidenciando que o DU produz efeitos de normatização e exclusão sob a aparência de neutralidade. Assim, o deslocamento identitário que se desenha nas vozes de Tétis, Eurínome e Galateia não é apenas mudança de lugar, mas um modo de existir na linguagem. Ao habitar a universidade, essas mulheres habitam também a incompletude que as funda. No mar do discurso acadêmico, aprendem a navegar entre o reconhecimento e a falta, entre o saber e o não saber. E é nesse movimento, tenso, inacabado e criador que o feminino se reinscreve como força de pensamento e como gesto ético de permanência.

Ao prosseguir, novas unidades discursivas serão apresentadas, ampliando a escuta sobre como as mulheres se inscrevem e se deslocam no espaço universitário. O objetivo é seguir desdobrando os sentidos que emergem desses dizeres, não como repetições do já analisado, mas como reverberações que fazem vibrar outras camadas do mesmo campo discursivo. As falas que seguem permitem observar como o sujeito feminino continua a tensionar os lugares de poder, a reinventar modos de pertencimento e a reescrever, em sua experiência cotidiana, o que significa habitar a universidade. Cada enunciado traz o vestígio de uma travessia: o movimento entre o que é imposto e o que se torna possível, quando a mulher se autoriza a falar de si no interior da instituição que, ao mesmo tempo, a atravessa e a desloca. As falas de Tétis, Eurínome e Galateia continuam a desenhar o contorno de um sujeito feminino que habita o espaço acadêmico entre o trabalho, o desejo e a diferença. São vozes que não se contentam em apenas ocupar a universidade, mas a redesenham, movendo as fronteiras entre o pessoal e o institucional, o privado e o público, o saber e o cuidado, como visto a seguir:

Eu acho que o lugar do trabalho, que na minha família paterna e materna tem esse lugar de emancipação, de crescimento, eu acho que isso veio e eu acabei me envolvendo muito com o trabalho. [...] Fazer faculdade, ter esse percurso, procurar entender e me aperfeiçoar no trabalho era um sinônimo de empoderamento de mim mesma. Então, o lugar do trabalho, que antes era apenas o da sobrevivência, passou a ser o lugar da **emancipação** e da **reinvenção de quem eu sou na universidade** (Tétis, 2025).

Repare, se ela melhorar para a mulher, vai ter que melhorar para o homem. A gente não pode tratar diferente. [...] Que condições de trabalho a universidade poderia proporcionar? Uma creche? [...] Porque a mulher está muito ligada ao filho, à educação do filho. [...] É uma sobrecarga, é. Mas isso é peculiar da mulher. **A mulher sabe fazer isso. É uma diferença nossa.** Porque sabe que tem que cuidar do filho. Ou cuidar da família. Mesmo aquela que não tem filho, ela cuida da casa (Eurinome, 2025).

Eu acho que o principal desafio mesmo é a falta de dinheiro, que é o principal desafio de todo pesquisador. [...] Mas o desafio é enxergar isso, que nós somos diferentes. E que a gente precisa ter um tratamento que nos entenda como diferentes produtoras de conhecimento. [...] A produção, às vezes, é muito cartesiana. Eu vou financiar você e você tem que me dar isso, aquilo e tal. É muito de moedas de troca. **Na produção do conhecimento, às vezes, é preciso de tempo** (Galiteia, 2025).

Em Tétis, o trabalho parece assumir uma dimensão simbólica que ultrapassa a lógica da sobrevivência. Quando ela afirma que “o lugar do trabalho [...] passou a ser o lugar da emancipação e da reinvenção de quem eu sou na universidade”, marca uma inflexão no modo de se reconhecer como sujeito de saber. O fazer acadêmico, que poderia ser mera exigência de produtividade, torna-se espaço de constituição subjetiva. Essa passagem do trabalho como função para o trabalho como elaboração, encontra eco no que Freud (1914/1996) designa o trabalho de elaboração que permite ao sujeito superar resistências internas e transformar o que é repetição em possibilidade de simbolização, como afirma : “[...] deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la”(p.170). O trabalho, nessa perspectiva, não é apenas ação externa, mas exercício interno de elaboração, um processo de escuta e simbolização que permite ao sujeito sustentar-se diante de suas próprias resistências. Nesse sentido, o fazer acadêmico em Tétis não se reduz à função econômica ou institucional, mas se transforma em gesto de elaboração simbólica: um modo de produzir sentido e reinscrever-se como mulher e pesquisadora em um campo historicamente atravessado pelo discurso masculino.

Lacan (1966/1998), ao discutir o lugar da palavra na constituição do sujeito, afirma: “[...] se [...] decido-me a ser tão-somente aquilo que sou, como desvincular-me, aqui, da evidência de que sou nesse ato mesmo?”. O ato, aqui, não é gesto moral, mas gesto de inscrição, o instante em que o sujeito se funda no próprio dizer. Assim, o fazer, e neste caso, o trabalho universitário, não se reduz à função econômica, mas se apresenta como forma simbólica de existência, resposta singular ao desejo que move o sujeito. Em Tétis, o ato de trabalhar parece

adquirir esse estatuto ético: não é apenas desempenho, mas modo de sustentar-se como falante, de reinscrever-se no discurso do saber e de fazer do próprio fazer o lugar de sua existência.

Nessa direção, o dizer de Tétis ecoa nas demais entrevistas como um traço comum: a experiência universitária como espaço onde o sujeito se refaz ao mesmo tempo em que trabalha. Há uma inversão sutil de sentido, o que antes era “emprego”, “obrigação” ou “função” transforma-se em percurso de si. O lugar da universidade, então, é o lugar do atravessamento: nela, o feminino se reinscreve, ainda que sob o peso de estruturas hierárquicas e expectativas produtivistas. O discurso de Tétis desestabiliza a noção de sucesso acadêmico como medida de reconhecimento e propõe um saber que se faz no tempo da elaboração, no ritmo da experiência.

Eurínome traz à cena um dizer que possibilita tensionar a igualdade e a diferença. Ao afirmar “[...] se ela melhorar para a mulher, vai ter que melhorar para o homem”, enuncia uma ambiguidade típica dos discursos atravessados pela norma: a vontade de justiça universal e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de uma condição feminina marcada pela sobrecarga. Sua fala sugere uma mulher que busca o equilíbrio entre o reconhecimento da diferença e o desejo de não ser lida como exceção. Nessa tensão, deixa-se ver o impasse que tantas mulheres vivem na universidade, entre reivindicar políticas específicas e temer que isso seja tomado como privilégio.

Essa contradição ecoa o que Butler (2019) descreve ao afirmar que a norma de gênero produz a inteligibilidade cultural, mas também impõe os limites do que pode ser reconhecido como humano, mostrando que o desejo de igualdade, quando medido por parâmetros universais, pode reafirmar o lugar subordinado do feminino. No mesmo caminho, Beauvoir (2016, p. 9) já advertia que “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos [...]. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”, e é sob esse espelho invertido que a mulher precisa negociar o próprio reconhecimento. Irigaray (2017, p. 103) desloca o foco dessa oposição ao afirmar que “A questão não é elaborar uma nova teoria da qual a mulher seria o sujeito ou objeto, mas de entupir a própria maquinaria teórica [...] deixando em aberto a possibilidade de uma linguagem diferente.” O dizer de Eurínome inscreve-se justamente nesse espaço de abertura, ela não reivindica um novo lugar fixo, mas fala a partir das brechas, fazendo da linguagem o campo onde o feminino se elabora e se reinscreve.

No entanto, é possível reconhecer uma ironia discursiva que Eurínome parece intuir: quando diz que “A mulher sabe fazer isso”, referindo-se ao cuidado, ela reinscreve um estereótipo, mas o faz com consciência crítica. O que se apresenta como “natural” é, na verdade,

o efeito de uma história de exigências simbólicas que atravessam o feminino. Beauvoir (2016, p. 9) já advertia que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, revelando que a identidade feminina é produzida no campo da cultura, não da biologia. Freud (1930/2010, p. 44), ao afirmar que “As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da cultura tornou-se cada vez mais assunto dos homens [...] então a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura e adota uma atitude hostil frente a ela”, evidencia a historicidade desse lugar simbólico: o discurso científico de sua época não apenas descreve, mas também participa da naturalização dessa divisão entre razão e afeto, entre produção e cuidado. Ler Freud hoje é reconhecer, nesse enunciado, as marcas de um tempo que inscreveu a mulher como suporte da vida e limite da cultura.

Eurínome, parecer ironizar que “A mulher sabe fazer isso”, reatualiza e tensiona o mesmo discurso que historicamente confinou o feminino ao cuidado. Ela o cita, mas o desestabiliza. O “saber cuidar” de que fala não é essência, mas resultado de um longo processo de significação que naturalizou a desigualdade entre os gêneros. Nessa possível ironia, o feminino aparece como dobra discursiva: fala a partir do lugar que lhe foi atribuído, mas transforma esse lugar em possibilidade de elaboração. A mulher que “sabe cuidar” carrega o peso de um dever não dito, o de sustentar o outro, o lar, a harmonia, mesmo dentro da instituição que exige dela racionalidade e desempenho. Foucault (1999, p. 29) lembra que “[...] somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a descobri-la.” O “saber cuidar” pode, então, ser lido como essa verdade imposta, o imperativo de ser aquela que sustenta, mas que, na voz de Eurínome, ganha outra tonalidade: ela a repete com lucidez, transformando a coerção em enunciação crítica. É nesse entrelaçamento de poderes e discursos que o feminino continua a ser convocado a ocupar o lugar da contenção e do amparo. Ainda assim, ao enunciar esse saber com uma possível ironia, Eurínome reinscreve o poder no próprio dizer: faz do cuidado, antes imposição, um gesto de lucidez, o saber de quem reconhece o jogo e decide permanecer nele de outro modo.

Entre o dizer de Eurínome e o de Tétis, desenha-se uma linha de força: o trabalho e o cuidado como espaços de subjetivação. Ambas falam de lugares em que o feminino se inscreve por meio do fazer, um fazer que carrega o peso da história e, ao mesmo tempo, a potência de resignificação. Em Tétis, o trabalho é emancipação; em Eurínome, é responsabilidade ampliada. Em ambas, o gesto é ético: não se trata de resistir nem de ceder, mas de elaborar, de produzir sentido no intervalo entre o que a cultura impõe e o que o sujeito decide sustentar como seu.

Galateia amplia o campo da análise ao situar a questão do trabalho e da diferença no plano estrutural. Quando afirma que “[...] o desafio é enxergar isso, que nós somos diferentes [...] a produção, às vezes, é muito cartesiana”, ela não parece falar apenas de desigualdade, mas de uma epistemologia que desconsidera o tempo da vida. Seu dizer é uma possível denúncia ao modo como a lógica científica ainda opera sob o ideal da produtividade, onde o conhecimento se converte em moeda e o sujeito em ferramenta. Essa racionalidade, herdeira do pensamento cartesiano, funda-se na crença de que a verdade deve ser evidente, clara e distinta, como afirma Descartes (1996, p. 23): [...] nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; [...] não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida”. É justamente contra esse ideal de transparência e medida que o dizer de Galateia se insurge, introduzindo outro tempo, o da elaboração, o da escuta e do acontecimento. Ao romper com a linearidade da razão produtivista, ela faz emergir uma ética do saber que reconhece o limite, o intervalo e o gesto de pensar como modos de existência.

Nesse ponto, sua fala se encontra com a de Tétis, ambas parecem reivindicar o tempo como espaço ético do fazer acadêmico. Mas, em Galateia, essa possível reivindicação se expande: há um gesto político que não se separa do gesto de pensar. Ao nomear o trabalho científico como “[...] moedas de troca”, ela revela a materialidade do poder que atravessa o discurso acadêmico e o quanto essa lógica reduz o conhecimento à performance e o sujeito ao rendimento. Sua palavra desvela uma fratura: o saber, quando medido, perde o corpo e o desejo que o originam. Galateia devolve ao saber o tempo da experiência e o direito à incompletude, o tempo que não cabe no calendário das metas nem nas métricas da produtividade. O deslocamento, aqui, é mais que subjetivo; é estrutural, porque reconfigura as bordas do próprio sistema, introduzindo o imprevisto de uma mulher negra que interroga o modelo de produção e faz da diferença um modo de criação. Há, em seu dizer, uma insubmissão silenciosa: ela não rompe a estrutura, mas a faz ceder, abrindo nela o intervalo por onde o desejo volta a respirar.

No entrelaçamento dessas três vozes, desenha-se fios de travessia, todas falam, ainda que por mares distintos, da necessidade de elaborar um lugar próprio no interior de uma estrutura que as antecede e as atravessa. Em Tétis, o trabalho parece funcionar como uma forma de emancipação; Eurínome parece refletir sobre o cuidado e a sobrecarga; Galateia insinua a lógica cartesiana da produção e exige outros tempos para o saber. São vozes que se tocam no mesmo ponto: o de não caber completamente no discurso que as nomeia. Ao habitarem a universidade, elas também a deslocam, fazendo dela um espaço de ensaio e reinscrição. O

feminino, nesse gesto, deixa de ser categoria e torna-se movimento, modo de existir no dentro e no entre, onde se produz sentido mesmo quando se navega contra a corrente.

Nessas falas, reconheço um traço que também reverbera em mim: a tentativa de sustentar o desejo de pesquisar sem ceder à racionalidade excludente que marca o campo científico. Como pesquisadora, também me vejo nesse esforço de habitar o saber sem me descolar do corpo que o produz, de reconhecer a diferença sem reduzi-la a uma categoria. A escuta dessas mulheres me convoca a repensar o próprio gesto acadêmico, não como lugar de domínio, mas como território de elaboração compartilhada, onde o saber se faz na relação e na escuta.

O que se apresenta nas vozes de Tétis, Eurínome e Galateia é mais do que testemunho: é enunciação de uma ética. Cada uma, a seu modo, faz da universidade um lugar de passagem, um território de dizer, um espaço onde o feminino se reinscreve no tecido do discurso. O deslocamento, aqui, não é ruptura, mas modo de existir no atravessamento, onde o poder se converte em invenção e o saber se torna escuta. É nesse entrelugar, sempre inacabado, que o sujeito feminino se constitui, deixando na universidade as marcas de uma presença que não cessa de se elaborar, como quem escreve no movimento, e no movimento se reconhece.

(In)concluindo esta formação discursiva, percebo que o espaço universitário opera como um espelho fragmentado: nele, o sujeito se reconhece e se estranha, vê-se e se desfaz. Uma mulher pesquisadora, ao ocupar esse espaço, faz dele um laboratório simbólico de si mesma, um lugar onde a experiência de saber e de ser se refaz continuamente. Longe de ser cenário neutro, a universidade se revela como campo de travessia, onde o sujeito feminino se experimenta entre o desejo e a norma, entre o dito e o não dito, entre o pertencimento e a invenção.

Nesse contexto, o deslocamento identitário que se desenha nas vozes de Tétis, Eurínome e Galateia não é apenas mudança de lugar, mas modo de existir na linguagem. Ao habitar a universidade, essas mulheres habitam também a incompletude que as funda. No mar do discurso acadêmico, aprendem a navegar entre o reconhecimento e a falta, entre o saber e o não saber, e é nesse movimento, tenso, inacabado e criador, que o feminino se reinscreve como força de pensamento e como gesto ético de permanência. Nesse fluxo, entender é também continuar a navegar.

Ao atravessar as marés do espaço universitário, o sujeito feminino emerge fragmentado, mas não em ruínas, múltiplo. O mesmo corpo que navega entre saberes e discursos é também o que retorna às margens instáveis dos afetos, das demandas e dos limites da vida cotidiana. O deslocamento que antes se inscrevia na linguagem institucional agora se expande para o viver:

a pesquisadora, a mãe, a filha, uma mulher, todas coexistem no mesmo tempo e, muitas vezes, em conflito. A universidade, antes campo de travessia simbólica, encontra-se com o lar, com o corpo e com o desejo, revelando novas tensões entre o público e o privado, o pessoal e o acadêmico. É nessa dobra de caminhos, feita de sobreposições e respiros, que se abre a próxima formação discursiva: **a multiplicidade de papéis e as tensões entre vida pessoal e acadêmica.**

5.1.5 Multiplicidade de papéis e tensões entre vida pessoal e acadêmica

As vozes que ecoam nesta formação discursiva conduzem à percepção do quanto o sujeito feminino é atravessado por exigências que se entrelaçam no tempo e no corpo. As falas de Tétis, Eurínome e Galateia, nos faz refletir o quanto a universidade deixa de ser apenas o espaço da produção de saber e se torna também o território onde se encenam os conflitos entre o público e o íntimo, o trabalho e o cuidado, o desejo e a culpa. Ao dizerem de si, essas mulheres deixam transparecer o custo simbólico de sustentar tantos lugares, mãe, professora, pesquisadora, companheira, filha, e o esforço cotidiano de existir sem se desfazer. A multiplicidade de papéis não se apresenta como escolha livre, mas como efeito de uma estrutura que demanda presença total e, ao mesmo tempo, silencia o cansaço. Nesses enunciados, o sujeito feminino tenta conciliar o impossível: ser inteira em um mundo que a divide. É nesse ponto de tensão, onde o excesso se mistura ao desejo de permanecer, que esta formação discursiva encontra sua força, a de escutar o feminino em sua tentativa de continuar, mesmo quando tudo o convoca a parar, como vemos nas falas a seguir:

Eu tenho um parceirão dentro de casa, mas **fazer mestrado, doutorado, viajando, me deslocando de um lugar pra outro, com o filho pequeno**, [...], eu com a minha preocupação com o filho doente, muitas vezes **bate o lugar da culpa**, porque a maternagem, ou a maternidade, da nossa cultura [...] era o lugar da mulher. Então, muitas vezes, a culpa batia por eu estar envolvida, por ter que me deslocar, viajar pra estudar, e deixar os meninos. Hoje, com eles maiores, isso já está mais equilibrado, mas eu lembro o quanto **a ausência do corpo materno pesava**. Eu dizia pra mim mesma: eu preciso ir, mas, ao mesmo tempo, **sentia que faltava um pedaço** (Tétis2025).

A mulher ainda carrega muita coisa. Mesmo quando o marido ajuda, é ela quem organiza, quem lembra, quem pensa em tudo. [...] **A cabeça da gente não para.** É casa, trabalho, aluno, filho, tudo junto. E a universidade não para pra isso, não tem pausa pra mulher que tá cansada, que tá cuidando de alguém, que tem mil papéis. **É como se a gente tivesse que provar o tempo todo que dá conta, mesmo quando tá exausta** (Eurínome, 2025).

Então é isso que eu falo quando falo de mulher que tem filhos. Porque a criança também é dependente de você. [...] **Não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, não tem Natal, não tem dia dos pais, não tem dia das mães.** [...] Porque em muitas situações familiares eu não estava. Não estava presente porque eu estava cuidando dos bichos no laboratório. [...] **Era piada, motivo de piada da minha família [...] vai chegar que hora? No final da festa! [...] Mas desde aquela época eu também entendi que isso era uma etapa** (Galateia, 2025).

Em Tétis, a maternidade ganha contornos de dobra de sentidos: potência e culpa. O deslocamento geográfico e simbólico da mulher que se afasta do lar para estudar revela também um deslocamento interno, o cindir-se entre o desejo de saber e o mandato da presença materna. Esse conflito inscreve-se no que Scott (1995, p. 81) descreve como a marca social da “[...] divisão sexual do trabalho”, segundo a qual “[...] os arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização da família”. Ao dizer “[...] fazer mestrado, doutorado, viajando, me deslocando de um lugar pra outro, com o filho pequeno”, Tétis evidencia o atravessamento dessa estrutura cultural que associa o feminino ao cuidado e o faz viver o saber como culpa. No entanto, sua fala também ecoa o que Losada e Rocha-Coutinho (2007, p. 493) observam: “Se antes a maternidade definia a vida da mulher, agora [...] ela parece já não ser suficiente para sua plena satisfação pessoal.” Tétis revela esse deslocamento, ao fazer da ausência materna uma condição de elaboração de si. A universidade, nesse dizer, não é apenas o espaço de ascensão profissional, mas o campo simbólico em que o amor materno e o desejo de pesquisa se confrontam, lugar onde, como propõe Lacan (1966/1998), o sujeito se reconhece dividido na própria linguagem que o constitui.

Há em sua fala nuances de uma marca de elaboração: a culpa que “batia” transforma-se, no tempo, em consciência da falta e da escolha. Freud (1916-1915/1996, p. 3) observa que “O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre [...] para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos.” A fala de Tétis ressoa esse movimento: a perda do ideal da mãe sempre presente abre espaço para a mulher que escolhe. Ao dizer “Hoje [...] isso já está mais equilibrado”, ela nomeia o tempo da elaboração, em que o sofrimento se converte em saber sobre si. A ausência do corpo materno, antes sentida como falha, converte-se em gesto de autonomia, o preço e o prêmio de existir para além da função que lhe foi historicamente atribuída. Lacan (1959–1960/1998, p. 385) lembra que “[...] não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço do acesso ao desejo –, na medida em que esse desejo [...] é a metonímia de nosso ser.” Assim, o discurso de Tétis não é de renúncia, mas de elaboração: o ato de sustentar o próprio desejo como forma de permanecer viva em meio à falta.

Eurínome, por sua vez, dá voz a uma sobrecarga silenciosa que se repete na experiência de muitas mulheres. “A mulher ainda carrega muita coisa”, afirma, nomeando o peso que excede o físico: o de pensar por todos, lembrar por todos, sustentar o cotidiano visível e o invisível. A universidade, nesse enunciado, é o espelho de uma sociedade que exige

desempenho constante, mas não oferece tempo. Foucault (1987, p. 29) lembra que “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”, e é justamente nesse duplo movimento que o corpo feminino é capturado, convocado a produzir sem cessar, mesmo à custa de si. A frase “É como se a gente tivesse que provar o tempo todo que dá conta, mesmo quando tá exausta” possibilita pensar na armadilha de uma racionalidade produtiva que converte o saber em exigência e a competência em fardo. Beauvoir (2009, p. 125) afirma que “[...] no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social”, mas adverte que “[...] é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; foi, contudo, uma conquista singularmente árdua e lenta” (p. 149). A fala de Eurínome repercute essa contradição: o mesmo trabalho que emancipa também aprisiona, transformando o desejo em dever e o cansaço em prova de valor.

O cansaço de Eurínome parece ser um cansaço de um discurso que nunca se cala. Ela descreve uma cabeça que “não para”, um corpo tomado pelo imperativo de estar em todos os lugares, de manter tudo em movimento, de não deixar nada faltar. Permite inferir a existência de uma exigência quase impossível: ser total, ser completa, ser incansável. Mas sua palavra não é rendição, é fissura. Ao dizer-se exausta, Eurínome rompe o pacto do silêncio e transforma o limite em verdade. Seu corpo passa a dizer o que a instituição resiste em reconhecer: que a tentativa de eliminar a falta em nome da eficiência produz silêncios e impasses que se manifestam como cansaço e mal-estar.

Galateia amplia a cena, deslocando o foco para o tempo. “Não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado”, diz ela, nomeando a impossibilidade de pausa que atravessa uma mulher contemporânea. Sua fala revela o quanto o fazer acadêmico se estende para além do trabalho, infiltrando-se nas brechas da vida privada. O tempo linear da produtividade apaga o tempo do corpo, o tempo da ausência, o tempo de estar com o outro. Han (2017, p. 14) observa que “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos”. O possível cansaço de Galateia é o eco desse discurso: ela habita o tempo do desempenho, em que o trabalho invade o descanso e a presença se converte em produção. Sua fala revela o preço da permanência num mundo que, como afirma Han (2017, p. 37), gerou “[...] um cansaço e esgotamento excessivos [...] característicos de um mundo pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade”. Ao confessar “[...] em muitas situações familiares eu não estava”, Galateia dá corpo ao que Han (2017, p. 38) chama de “[...] cansaço solitário, que atua individualizando e

isolando”. Esse não estar é também o modo como ela se inscreve: presença dividida, marcada pela exigência simbólica do saber e pela solidão que o excesso de positividade produz.

O humor que aparece na fala de Galiteia, “Era piada, motivo de piada da minha família” carrega o peso de uma ironia dolorida. O riso familiar é o modo social de reduzir a tensão que a mulher vive: a ausência transformada em anedota, o sacrifício traduzido em brincadeira. Mas Galateia não fala de arrependimento; fala de aprendizado. “[...] desde aquela época eu entendi que isso era uma etapa.” Freud (1927/1996, p. 191) afirma que “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais.” Nesse gesto, o riso torna-se elaboração, não negação, mas travessia. Galateia parece transformar a dor em saber, o mal-estar em criação. Em seu dizer, há o reconhecimento do tempo subjetivo que se abre entre o que falta e o que deseja. Lacan (1964/1998) lembra que “No inconsciente há um saber que não é de modo algum a ser concebido como saber a ter acabamento, a se concluir” (p. 129), e que “[...] o inconsciente [...] é lacuna, corte, ruptura que se inscreve em certa falta” (p. 146). É nessa falta que o saber de Galateia se inscreve: um saber inacabado, mas vivo, aquele que se produz quando o sujeito escolhe permanecer, mesmo sem certezas.

O que une essas três vozes é o esforço de sustentar o impossível: em certa medida, estar inteira nos lugares, responder aos chamados, ser suficiente onde a linguagem sempre falta. Em Tétis, o corpo dividido entre a mãe e a pesquisadora; em Eurínome, a mente que não cessa de organizar o mundo; em Galateia, o tempo que não se detém. As três falam de uma multiplicidade que não é dom, mas demanda; um modo de existência em que o feminino é constantemente convocado a conciliar o inconciliável. São mulheres que parecem resistir à fragmentação sem negar a dor que ela causa, que reconhecem o cansaço, mas não o confundem com desistência. O que as aproxima não é o ideal de completude, mas a coragem de permanecer incompletas, de habitar o intervalo entre o que se espera e o que se pode ser. Nessa travessia, o fazer acadêmico se torna também gesto de sobrevivência simbólica: escrever, ensinar, pesquisar, tudo isso se transforma em modos de dizer “eu ainda estou aqui”, mesmo quando o tempo, o corpo e o mundo parecem pedir o contrário.

Essas falas também se entrelaçam em um ponto de elaboração: a consciência de que o feminino, nesse contexto, não é essência, mas trabalho. É esforço de linguagem, gesto de criação, insistência em existir onde antes havia silêncio. Cada uma, à sua maneira, transforma o cotidiano em campo de invenção, não porque romantiza o cansaço, mas porque faz dele matéria simbólica, material de pensamento. A maternidade, o cuidado, o excesso, todos se tornam, em suas vozes, lugares de reflexão e resistência. O que poderia ser apenas sobrecarga,

torna-se elaboração de um modo singular de habitar o mundo. Essas mulheres não apenas vivem as tensões: elas as nomeiam, as traduzem, as atravessam com palavras que se fazem corpo. E nesse movimento, produzem-se como sujeito, não aquele que domina, mas aquele que se sustenta na falta, que trabalha a dor como possibilidade de dizer. No interstício entre o que as oprime e o que as move, elas encontram uma forma de permanência, a de continuar criando sentido onde o discurso tenta calar.

Ao escutá-las, reconheço o movimento de retorno que a própria pesquisa me impõe. Não é possível falar dessas mulheres sem me deixar afetar pelo que dizem. Suas palavras tocam lugares que a teoria não alcança e convocam em mim o exercício de sustentar a escuta como experiência viva, não como método. Cada relato devolve uma parte de mim mesma, fragmentos que insistem, silêncios que se repetem, perguntas que ainda não sei responder. Ser mulher pesquisadora é, também, um modo de sobrevivência simbólica: sustentar o desejo no meio da falta, fazer do cotidiano um espaço de escrita, encontrar no limite uma forma de continuar. Talvez seja isso o que o saber, em sua dimensão inconsciente, ensina: que escutar o outro é também se perder um pouco, deixar que algo se mova e se reescreva em nós. A pesquisa, então, deixa de ser apenas análise e torna-se travessia, uma escuta que devolve sentido ao que antes parecia cansaço, uma escrita que se faz, ao mesmo tempo, ferida e invenção.

O que se desenha nesses enunciados não é apenas o retrato da mulher universitária, mas o mapa de uma condição humana em seu limite de resistência. Tétis, Eurínome e Galateia não pedem soluções; enunciam processos. Elas não querem resolver o impossível, apenas habitá-lo com alguma dignidade. Mostram que a multiplicidade é também é percurso: um modo de existir no entre, entre a vida e o trabalho, entre o cuidar e o pensar, entre o esgotamento e o desejo. Cada uma, à sua maneira, sustenta o fio da continuidade, mesmo quando o tempo parece se esgotar. Em essência, o que dizem é simples e profundo: continuamos, mesmo cansadas, porque há algo em nós que insiste, o desejo de permanecer vivas no que fazemos. É esse desejo que impede o colapso completo, que transforma o cotidiano em território simbólico e a falta em força de criação. No movimento de resistir, essas mulheres nos lembram que a pesquisa também é uma forma de respiração: uma pausa entre o excesso e o silêncio, um modo discreto de dizer: sigo existindo, enquanto houver palavra.

A escuta prossegue. O dizer sobre a multiplicidade ainda habita, abrindo novas camadas de sentido nas falas que seguem. Se antes a ênfase recaía sobre o esforço de sustentar tantos papéis, agora o olhar se desloca para o modo como essa multiplicidade se traduz no cotidiano, no corpo, nas relações e no desejo. São vozes que retomam o mesmo tema, mas por outras frestas, ora mais íntimas, ora mais políticas, revelando o quanto viver entre tantos lugares é

também elaborar o próprio limite. Nas novas unidades discursivas, o que se evidencia não é apenas o acúmulo de funções, mas a complexidade de permanecer inteira num mundo que exige desdobramentos constantes, como observamos a seguir:

Eu precisava dar conta de tudo. Do trabalho, do estudo, da casa, do filho, da escola, e ainda ter um tempo pra mim. [...] Às vezes eu achava que estava conseguindo, mas vinha uma culpa, uma cobrança interna muito grande. **É como se sempre faltasse alguma coisa.** Hoje eu entendo que a gente não dá conta de tudo, e que tentar dar conta de tudo é o que mais adocece a mulher. Mas na época eu não sabia. **Eu queria ser boa em tudo: mãe, esposa, professora, pesquisadora** (Tétis2025).

É uma batalha que nós temos dois ou três trabalhos concomitantes. Ser mulher, ser casa, família e tal. E ser a profissional. Se for pesquisadora, pesquisadora. [...] Eu acho que a gente vive um tempo de muito acúmulo, e às vezes não se dá conta de que tá carregando o mundo nas costas. **Mas é isso: a gente vai e faz** (Eurinome, 2025).

Às vezes, eu não tenho tempo pra mim. É tudo ao mesmo tempo: o trabalho, a pesquisa, as tarefas de casa. **A cabeça não desliga.** Eu tô em casa pensando no que ficou pendente, e quando estou na universidade, penso no que deixei de fazer em casa. [...] É uma divisão que nunca fecha, parece que tô sempre devendo em algum lado (Galateia, 2025).

Em Tétis, o dizer parece nascer do cansaço e da necessidade de sustentar o impossível. “Eu precisava dar conta de tudo” não é apenas uma frase, mas um modo de existir moldado por exigências que ultrapassam o corpo e a vontade. Uma mulher que fala, carrega no verbo precisar o peso de uma obrigação que não se escolhe, a de responder ao ideal de completude que atravessa o discurso social e familiar. Freud (1930 [1929]/2010, p. 84) lembra que “[...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação [...] de instintos poderosos”. Essa renúncia estrutura a própria cultura, mas nela se produz também o sofrimento: o mal-estar que nasce da impossibilidade de corresponder aos ideais de perfeição.

É nesse ponto que Tétis parece se situar, no limite entre o desejo e a culpa. Lacan (1958–59/2016, p. 116) recorda que “O sujeito sempre aliena seu desejo num signo [...] em algo que comporte, como tal, uma perda possível”, e que, portanto, o desejo está inevitavelmente ligado à falta. Ao tentar “[...] dar conta de tudo”, Tétis se vê aprisionada nesse signo do impossível²⁶, buscando na performance o lugar do amor e do reconhecimento. O preço é a perda de si. Contudo, quando se escuta e reconhece o esgotamento, ela toca algo essencial: a falta-a-ser que a constitui. Lacan (1958–59/2016, p. 460-461) afirma que “No desejo, com efeito, exprime-se o ser do sujeito no ponto de sua perda [...] o sujeito já não pode se apreender no desejo, ele já não é, ele falta-a-ser [manque à être].” Nesse instante de reconhecimento, Tétis não fracassa:

²⁶ Em Lacan, o “impossível” designa o ponto em que o sujeito confronta o real, aquilo que não pode ser plenamente satisfeito pelos ideais ou pelo simbólico. Trata-se do impossível de ser “toda”, de atender à demanda de completude que atravessa o discurso social e familiar. É o que Lacan formula como aquilo que “[...] não cessa de não se escrever[...]” (Lacan, 1972–1973/1985), indicando que nenhum sujeito pode corresponder inteiramente ao ideal que o convoca.

ela se descobre. O que antes era culpa torna-se saber sobre o limite, um modo de existir sem a fantasia de ser inteira.

A confissão de Tétis é também elaboração. Quando afirma que “[...] tentar dar conta de tudo é o que mais adoce a mulher”, ela transforma a dor em lucidez. Não se trata de resignação, mas de um gesto de desinvestimento: o momento em que o sujeito abandona a fantasia de ser inteira e se autoriza a existir em fragmentos. É um deslocamento sutil, mas radical, da culpa para o limite, do dever para o desejo. O corpo cansado encontra palavras para dizer o que antes era silêncio: que o excesso não é prova de amor, mas armadilha simbólica. Sua fala aponta, um cansaço que já não é apenas físico; é o cansaço de quem sustentou por muito tempo o impossível de ser tudo para todos. E, ao reconhecer isso, Tétis faz algo que a cultura raramente permite: ela se desobriga.

Reconhecer o próprio limite, aqui, não é fracassar; é recuperar o direito de existir sem se justificar. O amor, o trabalho e a maternidade deixam de ser funções acumuladas e passam a ser experiências atravessadas pela falta, pelo tempo, pela escolha. Uma mulher que antes queria ser boa em tudo descobre a liberdade de não precisar sê-lo. Sua lucidez é subversiva porque desmonta o mito da mulher que tudo suporta, que tudo administra, que tudo concilia. Ao dizer não dou conta, Tétis restitui à linguagem uma verdade simples e poderosa: a de que o humano se sustenta na imperfeição. Nesse dizer, há uma ética, não a da renúncia, mas a da escuta; não a da força, mas a da honestidade diante do próprio cansaço. O saber que emerge de sua fala não é o da performance, mas o da vida: o saber de quem se permite, enfim, existir sem precisar provar.

Eurínome fala a partir de outro lugar, mas toca o mesmo ponto. Quando diz que “É uma batalha que nós temos dois ou três trabalhos concomitantes”, revela a guerra íntima que se trava no cotidiano. Sua fala carrega o tom de quem sabe o que é estar dividida e, ainda assim, seguir. Há, no “[...] a gente vai e faz”, um misto de resignação e coragem: o impulso de continuar mesmo sem saber se é possível. Freud (1920/2016, p. 46) observa que “Restam coisas suficientes para justificar a hipótese da compulsão à repetição, e esta nos parece mais originária, mais elementar e mais determinada pelos impulsos do que o princípio de prazer, que ela desloca para o lado.” Esse movimento se inscreve na experiência de Eurínome: o fazer que se repete, não por escolha, mas por necessidade de sustentação. O sujeito repete o gesto de continuar para não colapsar, como se o fazer fosse a única forma de existir. Lacan (1972–1973/1985, p. 13) dirá que “[...] o saber é o gozo do Outro”, e é a esse gozo que Eurínome responde: o gozo institucional que exige dela presença, produtividade e perfeição. Ser casa, ser trabalho, ser família, ser pesquisadora: papéis que se sucedem sem pausa, sem fronteira, sem tempo. Nesse

encadeamento sem fôlego, a mulher se vê prisioneira de um saber que a consome, mas também, paradoxalmente, é nele que ela resiste.

A força de Eurínome está no modo como ela reconhece o excesso sem romantizá-lo. Não há heroísmo em sua fala, há sobrevivência. Carregar o mundo nas costas é a imagem mais precisa da sobrecarga simbólica que recai sobre a mulher contemporânea, um fardo que não é apenas material, mas também discursivo, construído por séculos de expectativas que naturalizam o sacrifício feminino. Seu dizer é o de quem aprendeu a funcionar na exaustão: seguir fazendo para não desabar. Há, nesse gesto, uma lucidez dura, a de quem sabe que parar é luxo e, mesmo assim, sonha com o momento em que o corpo possa descansar sem culpa.

Ainda assim, entre as linhas, há um resto de desejo, a esperança silenciosa de que o “[...] vai e faz” possa, em algum momento, ceder espaço ao poder parar. Eurínome não pede alívio, pede legitimidade: o direito de existir sem precisar justificar o cansaço, de sentir sem ser cobrada, de pausar sem ser acusada de fragilidade. O que atravessa sua fala é uma crítica que vai além do individual, uma recusa ética ao ideal de mulher infalível que o discurso social insiste em perpetuar. Ao transformar o cansaço em palavra, ela rompe o pacto do silêncio e inscreve o limite como forma de resistência. Há coragem em sua fadiga: coragem de dizer o que tantas vezes se cala, coragem de existir no intervalo entre o excesso e o desejo, coragem de sustentar a falta como marca do que ainda pode vir a ser.

Galateia traz outro contorno para o mesmo mal-estar. Quando diz que “A cabeça não desliga”, conduz a possibilidade de pensar sobre o aprisionamento mental da mulher que vive em estado de alerta contínuo. A sobreposição entre casa e universidade apaga as fronteiras entre o público e o íntimo: o tempo do trabalho invade o tempo da vida. Han (2016, p. 25) observa que “A aceleração fragmenta o tempo em uma sucessão de momentos pontuais e desarticulados. Falta-lhe o repouso que cria duração.” É nesse tempo sem repouso que Galateia se move, um tempo onde a pausa se torna impossível e o corpo pensa antes mesmo de sentir. Ela vive o paradoxo de ser produtiva e, ao mesmo tempo, exaurida de continuar fazendo, mesmo quando tudo em si pede por um instante de silêncio.

O “[...] parece que tô sempre devendo em algum lado” de Galateia sintetiza o drama de muitas mulheres: a culpa como marca de pertencimento. O feminino aparece como o lugar da dívida, não apenas financeira ou material, mas existencial. Freud (1930 [1929]/2010, p. 67) afirma que “Como a cultura obedece a um impulso erótico interno, que a faz unir os homens em uma massa intimamente ligada, só pode alcançar esse fim mediante um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa [...] consequência do inato conflito ambivalente, da eterna disputa entre amor e busca da morte.” Essa formulação traduz a herança simbólica que ainda

pesa sobre o corpo feminino, historicamente convocado a sustentar o outro, mesmo à custa de si. Lacan (1959–60/1988, p. 382) complementa: “Proponho que a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo.” Entre o amor e o dever, entre a renúncia e o desejo, é aí que Galateia se move: dividida entre papéis que não se conciliam e aprendendo a viver nesse descompasso. Nessa lógica, o descanso é quase uma transgressão. Ainda assim, sua fala não é rendição, é resistência. Ao reconhecer a culpa e nomear a dívida, ela desloca o peso da submissão para o campo da consciência, transformando a frustração em uma forma de continuar presente.

Entre as três vozes, há uma partilha do excesso. Tétis fala da culpa que adoece, Eurínome do esforço que se repete, Galateia da mente que não desliga. Todas descrevem o mesmo impasse: o de viver em um tempo que exige tudo e devolve pouco. A multiplicidade, nesse contexto, não é liberdade, mas sobreposição, uma soma que não se fecha, um cotidiano onde o descanso é sempre adiado. Elas vivem no entre: entre o fazer e o pensar, o cuidar e o ser cuidadas, o corpo e a palavra.

Mas é justamente nesse *entre* que algo se produz. São mulheres que sustentam o que falta, que fazem da falta um modo de permanecer. Criam sentido no meio do caos, tecem pensamento em meio à fadiga, insistem mesmo quando o corpo já pede trégua. O que se revela em suas falas não é apenas a dor de viver sob o imperativo do desempenho, mas a potência silenciosa de continuar significando, mesmo quando o sentido parece escapar. Elas transformam o cotidiano em campo de elaboração, não por romantismo, mas por necessidade de existir. E é nesse gesto, ético e mínimo, que o feminino se reinscreve: não como resposta ao ideal de completude, mas como modo singular de habitar o inacabado.

Há também, nessas falas, um gesto tênue de resistência. Mesmo quando exaustas, elas seguem produzindo, pensando, cuidando, amando. Não por conformismo, mas porque encontram no fazer uma forma de permanecer. Há algo de profundamente ético em continuar mesmo sem garantias, em sustentar o desejo no meio da escassez, em seguir escrevendo o próprio nome no espaço que tantas vezes tenta apagá-lo. A resistência que se desenha aqui não é barulhenta; é silenciosa, cotidiana, feita de pequenas decisões que mantêm o desejo em movimento.

Essas mulheres não se vitimizam nem se idealizam: elas se contam. E, ao se contarem, fazem do relato uma forma de invenção. Narram o impossível e, ao narrar, o reinscrevem no campo do possível. Sua força não está no resultado, mas no gesto, o gesto de continuar. É nesse gesto que o feminino se afirma como ética e presença: não a presença que se impõe, mas a que

insiste; não a força que domina, mas a que persiste. São mulheres que não desistem de dizer, e nesse dizer cotidiano, transformam a resistência em modo de existência.

Ao escutá-las, percebo que o cansaço é também uma forma de linguagem. O corpo que dói fala, o pensamento acelerado fala, o silêncio entre uma tarefa e outra também fala. O mal-estar não é apenas sintoma, mas enunciação, uma tentativa do sujeito de dizer o indizível. A mulher que afirma “não dou conta” está, de certo modo, dizendo “eu existo”. É o corpo que, diante da exigência de perfeição, produz falha como resposta simbólica. O reconhecimento do limite não é desistência; é ato político. Dizer “não dou conta” é afirmar que o impossível não é incompetência, mas marca de humanidade. Nesse gesto, o sujeito sai da lógica da culpa e reinscreve o desejo como medida do possível.

O que parece atravessar Tétis, Eurínome e Galateia é a tentativa de conciliar mundos inconciliáveis. Cada uma, à sua maneira, constrói uma forma de se manter à tona, entre o excesso e a criação. Elas falam do trabalho, dos filhos, da casa, do desejo, e de como tudo isso se mistura e se confunde. Falam de culpa, mas também de aprendizagem; de cansaço, mas também de lucidez. O que as conecta é o mesmo movimento: o de continuar, não por obediência, mas por desejo. Nesse movimento, imperfeito, fragmentado e corajoso, o feminino se reinscreve no espaço universitário como força viva de pensamento e de criação. Elas não apenas resistem: elas criam. Criam linguagem onde havia silêncio, criam espaço onde havia falta, criam presença onde se esperava ausência. E, ao fazerem isso, ensinam que o saber, para existir, precisa respirar, precisa, como elas, aprender o tempo do limite.

(In)concluir a análise das cinco formações discursivas é reconhecer que nenhuma escuta se fecha por completo. O que se produziu neste percurso não foi a revelação de uma verdade, mas o desenho de um campo de forças: um espaço onde o feminino se diz, se dobra, se refaz. Cada formação abriu uma fresta, **deslegitimação, silenciamento, feminilidade, deslocamento e multiplicidade** e, nelas, o sujeito se mostrou em fragmentos, entre o dito e o não dito, entre o desejo e o interdito. A análise não buscou responder, mas sustentar o enigma; porque o que se ouve, quando uma mulher fala de si na universidade, é sempre algo que excede o discurso institucional: é o murmúrio do inconsciente atravessando o saber.

Essas cinco formações revelam que a constituição da mulher pesquisadora é atravessada por contradições estruturais: o desejo de saber e o imperativo de calar, a produção e a culpa, a criação e a norma. Ao escutá-las, percebi que o feminino, longe de ser uma identidade fixa, é um campo de elaboração contínua, um modo de resistir à captura simbólica e, ao mesmo tempo, de se inscrever nela. O sujeito que emerge dessas vozes não é o da completude, mas o da falta; um sujeito que se sustenta no inacabado e faz da incompletude o próprio espaço de invenção.

A universidade, nesse cenário, aparece como território de passagem, lugar de enfrentamento e de criação, onde o saber e o poder se cruzam, mas onde também se inscrevem os gestos de resistência cotidiana.

O exercício analítico me devolveu o sentido ético da escuta: entender que a análise de discurso, quando atravessada pela psicanálise, não busca interpretar o outro, mas deixar-se afetar por ele. As entrevistas, mais do que dados, tornaram-se espelhos simbólicos onde vi refletidas as tensões de um tempo histórico e também as minhas. Ao acolher a palavra dessas mulheres, acolhi também a minha própria inquietação diante das fronteiras entre o pensar e o sentir, o público e o íntimo, o saber e o viver. O gesto de escuta, portanto, não se limitou à análise; tornou-se um modo de estar, uma ética que me ensinou que escutar é, antes de tudo, sustentar o não saber.

O percurso analítico não se encerra: ele se dobra sobre si, convidando à continuidade. As cinco formações significantes compõem ondas do mar de sentidos que não pretendem definir uma mulher pesquisadora, mas reconhecê-la em sua travessia, como corpo falante, sujeito dividido e presença política. O feminino que emergiu dessas falas não é essência nem ausência: é movimento. É o espaço entre o silêncio e a palavra, entre o desejo e o impossível, onde o saber se faz vivo e a escuta se torna forma de permanência. Aportar neste percurso é, portanto, abrir outro: o de seguir navegando nesse mar de vozes que, mesmo fragmentadas, continuam a dizer, porque ainda há muito por ouvir.

Após a escuta das palavras, o percurso analítico segue por outra via: a do traço, da cor e da forma. Se, nas entrevistas, o discurso se fez som, nos desenhos ele se faz gesto, uma escrita silenciosa em que o sujeito se inscreve para além da linguagem verbal. O desenho, enquanto dispositivo de pesquisa, não traduz o que foi dito: ele o desloca. É outra maneira de dizer, um dizer que nasce do corpo e se enuncia no espaço. A imagem emerge onde o verbo se interrompe, instaurando o lugar em que o inconsciente encontra a matéria do visível, linha, cor, contorno. Em cada traço, há algo do sujeito que se revela e se oculta, que retorna e se reinventa. É nessa deriva entre o visível e o indizível que se abrem novas possibilidades de leitura: o discurso que se desenha.

5.1.6 Derivas traçadas: o discurso que se revela nos desenhos

Navegando pela rota desta pesquisa, aportamos no momento de olhar para os desenhos produzidos pelas mulheres participantes como mais um dispositivo que pode dizer o que escapa ao enunciado verbal. Ao longo das entrevistas, o discurso se teceu entre o dito e o não dito; nos

desenhos, o indizível pôde inscrever-se em formas, contornos e cores, como marcas singulares das mulheres. Sobre o uso dos desenhos como dispositivo de pesquisa Trinca (2013) aponta que eles podem ser utilizados para explorar dimensões inconscientes por meio de narrativas visuais e livres associações, como diz: “[...] a individualidade, o estilo pessoal e as peculiaridades de a pessoa ser e de se expressar” (p. 28).

Cabe salientar que, embora ancorada na psicanálise, a análise dos desenhos não se inscreve em uma prática terapêutica nem faz uso de instrumentos projetivos de caráter diagnóstico. O olhar lançado sobre as produções visuais é clínico no sentido ético e interpretativo, orientado pela escuta do sujeito e pela atenção às formações simbólicas que se revelam na imagem.

A análise dos desenhos foi conduzida em duas etapas complementares. A primeira, denominada ‘leitura sensível’²⁷, consistiu em uma observação atenta dos traços, cores, formas e composições, buscando apreender o modo como o sujeito se inscreve na imagem e produz sentido por meio do gesto. A segunda, ‘análise expressivo-discursiva’²⁸, articulou o desenho às narrativas associadas, título e história, permitindo reconhecer as marcas simbólicas que atravessam o discurso visual. Ambas as etapas se orientam pelo método clínico psicanalítico adotado nesta tese, compreendendo o desenho não como representação da realidade, mas como produção de linguagem e forma de enunciação subjetiva.

O desenho e a narrativa, juntos, compõem um mesmo gesto enunciativo do dizer do sujeito. Ornellas (2008), nos diz que há uma tensão entre observar aquilo que se apresenta e evitar supor significado além do representado: “Decifrar o que vejo no desenho e foracluir o que não vejo” (Ornellas, 2008, p. 29). Respeitar o desenho como expressão singular, sem projeções indevidas.

No atravessamento desses dizeres, evidenciamos que esta análise, se revelou em uma relação direta entre o visível (o que se mostra o traço) e o dizível (o que se articula no título e história). Entretanto, compreende-se que há ainda o que submerge no indizível, uma dimensão que escapa tanto à representação gráfica quanto à elaboração verbal. Mesmo diante de uma leitura sensível e da análise expressivo-discursiva, algo sempre escapa, resta fora do alcance do

²⁷ Leitura sensível: termo criado para designar um procedimento de observação que ultrapassa a descrição formal do desenho e se inscreve na ética da escuta clínica. Implica olhar como quem escuta, atento às repetições, aos intervalos e à materialidade do gesto, compreendendo o traço como acontecimento de linguagem e não como simples dado visual.

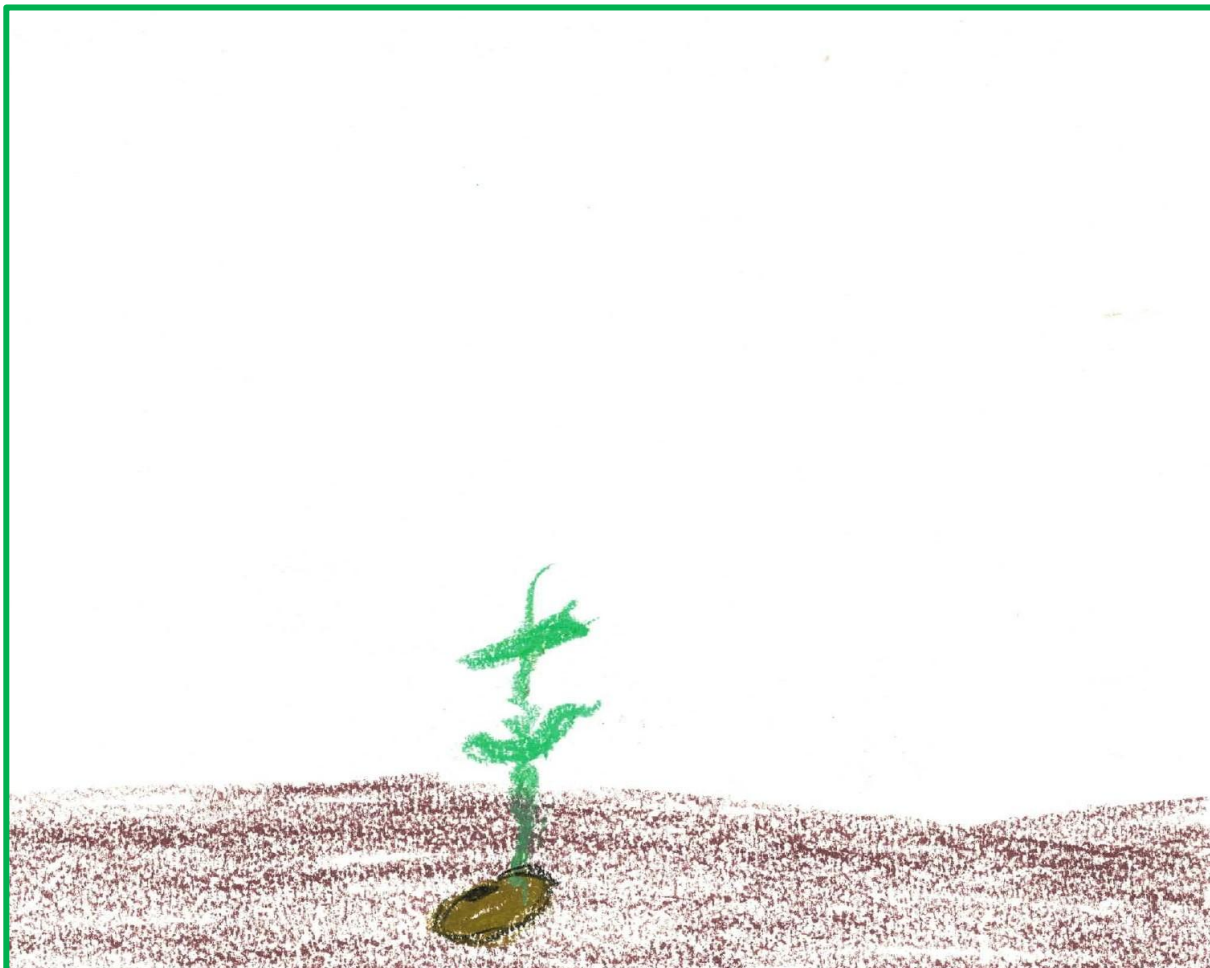
²⁸ Análise expressivo-discursiva: expressão utilizada para nomear a etapa interpretativa em que o desenho é articulado ao título e à narrativa produzida pelo sujeito. Busca-se, nessa leitura, escutar a imagem como discurso, apreendendo o modo como o sujeito reinscreve simbolicamente sua experiência no espaço visual. Não se trata de decifrar o desenho, mas de acompanhá-lo como processo de enunciação e de elaboração subjetiva.

olhar e da palavra. Essa impossibilidade de totalizar o sentido não é uma falha metodológica, mas a própria condição de existência do sujeito e de sua produção simbólica. Lacan (1964/1998, p. 130), em “O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, formula como o que não cessa de não se escrever. É o que se refere à incompletude constitutiva do sujeito, sustentado pela falta, para quem sempre haverá um resto.

Assim, ao proceder com esta leitura-escuta, acolhe-se o que se mostra, o que se diz e, sobretudo, o que se cala. É nesse entrelaçamento entre o visível, o dizível e o indizível que se fundamenta a leitura dos desenhos a seguir, os quais, mais do que simples representações, revelam em sua materialidade significativa, marcas da subjetividade feminina em sua constituição como pesquisadora nos tempos e espaços universitários. Os desenhos que se seguem não são ilustrações da fala, mas continuação dela, expressões que transbordam a palavra e permitem que o sujeito se diga por meio de outras formas de significação. Como na fala, o gesto gráfico também vacila, repete, interrompe e revela. Os desenhos a seguir percorrem esses movimentos, buscando analisar o que cada desenho enuncia, silencia e anuncia sobre o tornar-se mulher pesquisadora na universidade.

5.1.6.1 Sujeito da pesquisa -Tétis

Figura 2 - Fotografia do desenho elaborado por Tétis



Crescimento

Uma terra fértil, escura. Um horizonte vasto, largo, muitas vezes sem cor definida. A semente submersa insiste em brotar; em enfrentar o horizonte, germinar à despeito do incerto, inesperado. Mas, que segue rompendo caminhos e com certeza do caminhar, de que o caminhar é processo.

Uma semente que sabe que pode ser árvore e dar sombras, se quiser. Mas também sabe que não se preocupa com o resultado final. Ela só quer germinar e sair.

Fonte: Desenho, título e história elaborados por Tétis

O desenho apresenta uma composição marcada pela presença do espaço em branco, que está na maior parte da folha, sobre a qual se destaca, na parte inferior, uma faixa marrom que ocupa apenas uma pequena porção do espaço. Essa escolha visual cria uma divisão nítida entre a terra e o ar, entre o que é suporte e o que é suspensão. O olhar é imediatamente atraído para o contraste entre o chão escuro e o fundo branco, onde o broto verde se ergue como eixo de ligação entre os dois planos.

Os traços que formam o solo são curtos, repetidos e horizontais, produzindo uma textura densa e vibrante. A tonalidade marrom remete à materialidade da terra, mas sua irregularidade também sugere movimento e resistência. Não é um chão homogêneo, mas uma superfície viva, marcada por gestos insistentes, quase insistindo em existir. Há força e persistência no modo como o traço constrói o campo inferior, ele sustenta e, ao mesmo tempo, tensiona o crescimento que virá.

No centro da composição, um broto em verde intenso rompe o solo. Seu traço é vertical, ligeiramente irregular, e as folhas pequenas se voltam para o alto. O verde é o ponto de energia do desenho, cor associada à vida, à esperança e à continuidade. Aqui, ele aparece como sinal de um desejo de crescimento que se afirma mesmo diante da vastidão do espaço em branco que o cerca. O contraste entre o verde e o marrom faz emergir a ideia de passagem, do subterrâneo ao visível, do oculto ao manifesto.

A base do broto tem formato ovalado, preenchido por dois tons de marrom, configurando o que parece ser uma semente. Essa duplicidade de cor cria uma profundidade simbólica: há algo que guarda (a semente) e algo que rompe (o caule). O gesto de Tétis, ao traçar essa pequena forma, inscreve o instante em que o dentro se abre ao fora, em que o fechado se transforma em possibilidade. O desenho se organiza, portanto, em torno dessa tensão entre o contido e o expansivo.

A margem superior e as laterais do desenho permanecem totalmente em branco. Esse branco não é ausência; é espaço de respiro, campo de silêncio e de espera. Como lembra Orlandi (1992, p. 47-48), “[...] é nesse nível que funciona a forclusão²⁹ do sentido, o silêncio constitutivo [...] o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer.” O espaço em branco, então, não nega o sentido, mas o sustenta: é o intervalo onde o olhar encontra o que ainda não foi nomeado, onde o crescimento se faz possibilidade.

²⁹ Aqui, o termo é usado no campo da análise de discurso, não exatamente no sentido clínico da psicanálise. Significa que certos sentidos são “bloqueados” ou “excluídos” do campo do que pode ser dito, de forma que não chegam nem a se constituir como possibilidade de enunciação.

A disposição do broto, pequeno diante da imensidão da página produz um efeito de fragilidade e potência ao mesmo tempo. Há algo de inaugural no gesto: o nascimento de um sentido que ainda não se consolidou, mas que insiste em existir. O branco que o circunda parece tanto ameaçar quanto proteger, como se a imagem expressasse o instante da germinação o momento em que o sujeito emerge do silêncio e se lança ao campo do visível.

A economia de elementos visuais reforça o foco na ação simbólica do brotar. O olhar não se dispersa: há apenas terra, semente e broto. Essa simplicidade aparente confere ao desenho um caráter de enunciação direta, como se o gesto dissesse apenas o essencial. Na ausência de outros detalhes, céu, sol, horizonte, a figura da planta se converte em sujeito do próprio espaço, centro de uma narrativa que se escreve com poucos signos, mas múltiplos sentidos.

A cor verde, em sua verticalidade, cria uma linha de ascensão que atravessa o plano horizontal do solo. Essa tensão entre o eixo horizontal e o vertical pode ser entendida como metáfora visual da travessia entre o pertencimento e o deslocamento, entre o enraizar-se e o erguer-se. A mulher que desenha inscreve, assim, uma trajetória que começa na base a terra e se projeta para o alto, para o ainda não sabido.

O desenho de Tétis sugere silêncio, mas o silêncio aqui não é ausência de voz; é forma de dizer. O gesto contido, a ausência de figuras humanas, a amplidão do branco e a presença insistente do verde compõem um discurso visual de delicadeza e força. O olhar que se demora sobre o broto é convidado a escutar o tempo, o tempo de germinar, o tempo de elaborar, o tempo de tornar-se.

O conjunto visual se apresenta como uma síntese de movimento e de espera. A terra, o broto e o espaço vazio se equilibram num jogo de tensões que falam de origem, de persistência e de desejo. O traço de Tétis, firme e contido, faz do gesto gráfico um ato de existência: a semente que brota é, ao mesmo tempo, o sujeito que se faz.

O título “Crescimento” define o campo simbólico em que o desenho e a narrativa se inscrevem. A palavra aponta para um processo, não para um estado. É movimento, deslocamento, vir-a-ser. No dizer de Tétis, o crescimento não é destino, mas caminho: “a semente submersa insiste em brotar”. O verbo “insiste” carrega a força de uma subjetividade que não cede à imobilidade, a mesma insistência que atravessa a mulher que se constitui pesquisadora em meio às tensões e exigências da universidade.

A narrativa verbal acrescenta à imagem elementos ausentes no traço, a “terra fértil”, o “horizonte vasto”, o “incerto”, ampliando o campo de sentidos do desenho. O horizonte que não tem cor definida e a terra escura configuram o cenário simbólico de uma travessia. Há, no

dizer, uma consciência de que crescer implica enfrentar o desconhecido. O desenho e o texto se entrelaçam como camadas do mesmo discurso: um visualiza o que o outro anuncia.

O significante “semente” ocupa papel central nessa cena simbólica. A semente é promessa e trabalho, tempo e transformação. Freud (1933/1975), ao tratar da feminilidade, fala dos deslocamentos e substituições que atravessam a constituição subjetiva. No gesto de Tétis, essa dinâmica aparece como metáfora visual: a semente que se abre é também a mulher que se reinscreve no campo do saber, enfrentando o peso do solo e a vastidão do espaço que a cerca.

O broto, enquanto figura de passagem, sugere um sujeito que emerge, mas ainda se constrói. Lacan (1964/1998) lembra que é a falta que move o desejo. O broto, nessa perspectiva, não representa plenitude, mas a insistência do inacabado, o desejo que brota sem saber o que será, que busca crescer mesmo sem forma final. O desenho encarna, assim, o gesto de uma mulher que se constitui pesquisadora sustentando-se no próprio movimento de falta e de criação.

A terra se deixa entrever como símbolo ambivalente: é fonte de nutrição e, ao mesmo tempo, espaço de resistência. É o chão que sustenta e o limite que se precisa atravessar. Pode-se ouvir nela a voz da instituição, a universidade como campo simbólico que alimenta e tensiona, acolhe e controla. Nessa leitura, o desenho fala também de poder, de história e de memória discursiva, como lembra Schiebinger (2001) ao tratar das formas de exclusão e deslegitimação das mulheres no espaço acadêmico.

A narrativa enfatiza a fertilidade do solo, mas também o “horizonte vasto”, “muitas vezes sem cor definida”. Essa imprecisão cromática abre espaço para o imprevisto, o que escapa à ordem e ao controle, dimensão própria do desejo e da criação. Tétis parece dizer que o crescimento não se dá por garantia, mas por enfrentamento. Sua escrita visual e verbal se entrelaçam na afirmação de que o saber se faz em processo, e não em completude.

A imagem e o texto partilham uma temporalidade própria: o tempo do brotar. Esse tempo, diferente da produtividade linear da academia, é tempo de elaboração, de escuta e de maturação. A fala “Ela só quer germinar e sair” é enunciado de liberdade e, ao mesmo tempo, de ética: o desejo de ser sem precisar provar. Nesse gesto, Tétis recusa a lógica da pressa e reinscreve o feminino como ritmo outro no campo do saber.

A terra fértil e o horizonte indefinido são metáforas da universidade, espaço de possibilidade e de enfrentamento. A mulher que desenha fala de uma instituição que é, simultaneamente, chão³⁰ e desafio. Crescer, aqui, não é ascender, mas persistir. O movimento

³⁰ A expressão “Chão-da- Escola” é utilizada aqui com um sentido de metáfora, abrangendo as práticas pedagógicas, experiências e explorações no ambiente escolar e ainda, segundo Maria Teresa Leitão de Melo, é um

de germinação torna-se um modo de existir, e o desenho, uma forma de dizer o indizível: que a constituição da mulher pesquisadora se dá no entre, na travessia entre o limite e a invenção.

A imagem propõe uma ética do processo. Ao valorizar o ato de germinar mais do que o resultado, Tétis reposiciona o saber fora da lógica da conclusão. O crescimento é, em seu discurso, um acontecimento simbólico: cada broto é um recomeço. Nessa perspectiva, o desenho torna-se uma metáfora da própria pesquisa, ato de semear perguntas e sustentar o tempo do vir-a-ser.

O conjunto visual e verbal produz, assim, uma tessitura simbólica que traduz a condição de quem se constitui no inacabado. A mulher que desenha e escreve afirma que o saber é movimento, que a vida acadêmica é travessia, e que crescer não é atingir o topo, mas continuar a brotar, mesmo diante da falta.

No gesto de Tétis, vejo mais do que um broto: vejo o traço de uma mulher que se autoriza a existir entre o já e o ainda. Sua semente não é promessa de futuro, mas presença de um desejo que insiste. A terra é o lugar onde se misturam o esforço, a resistência e a possibilidade. O branco que ocupa quase toda a página é o espaço do que ainda pode ser dito, o campo de respiro que a pesquisa me ensina a sustentar. Como Tétis, aprendo que crescer na universidade é brotar no meio da dureza, continuar mesmo quando o solo parece árido, e reconhecer que o sentido nasce exatamente ali, onde o silêncio ainda germina, afinal, “A simplicidade é o mais alto grau de sofisticação” (Leonardo Da Vinci). A citação de Da Vinci, ilumina essa leitura: há na imagem de Tétis uma simplicidade que não é despojamento, mas força concentrada, um refinamento que pulsa naquilo que parece mínimo. É o tipo de singularidade que se revela sem anunciar-se, e cuja potência, sutil e firme, talvez só se deixe ver por quem se dispõe a escutar o que brota no intervalo.

“espaço de construção e afirmação da identidade dos trabalhadores em educação”, é neste lugar que o concerno. _In : MELO, M. T. L. O chão da escola. Construção e afirmação da identidade. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v3i5.31>.

5.1.6.2. Sujeito da Pesquisa - Eurinome

Figura 3 - Fotografia do desenho elaborado por Eurinome



A vontade da pesquisadora

Após a conclusão do mestrado acadêmico, surge a vontade de continuar os estudos sobre a instituição universitária. Vem o doutorado, continuando a abordagem sobre o funcionamento e estrutura dessa instituição que forma pessoa como cidadãos e profissionais.

Como continuar e pesquisar, é estimulante, entender as alterações, o crescimento da Universidade como objeto de possibilitar que esta alcance resultados no ensino, pesquisa e extensão, formando profissionais, estimulando pesquisas e cada vez mais próxima à sociedade. A Universidade deve ser pesquisadora e professora. É tão bom estar atuando!

Fonte: Desenho, título e história elaborados por Eurionome

O desenho apresenta uma figura feminina centralizada no espaço da folha, traçada com linhas simples, contínuas e suaves. O corpo é composto de formas básicas, triângulo para o vestido, círculos para cabeça e olhos, linhas retas para braços e pernas. Essa economia de traços

indica uma síntese que parece buscar comunicar mais pela posição e cor do que pelo detalhamento. O traçado, embora infantil na aparência, mostra firmeza: não há hesitação visível, os contornos são definidos, e o conjunto mantém uma proporção harmônica entre as partes. O gesto que constrói a imagem é contido, mas preciso, como se o desenho se sustentasse na força da simplicidade.

A escolha cromática é predominantemente quente e luminosa. O vestido azul-claro destaca-se sobre o fundo branco, indicando leveza, contraste e centralidade do corpo feminino. O rosto é delineado com linhas vermelhas e cabelos castanhos, conferindo vivacidade à figura. O uso do verde nos olhos introduz um ponto de vitalidade e atenção, enquanto o vermelho do objeto ao lado cria tensão visual, estabelecendo uma relação de energia e movimento entre o corpo e o elemento externo. O conjunto transmite equilíbrio entre suavidade e presença, revelando que o sujeito se inscreve na folha com clareza de forma e cor. Como observa Didi-Huberman (2002, p. 54), “[...] a cor é uma forma de pensamento sensível; ela faz o visível falar” e, nesse caso, o azul e o vermelho parecem dialogar como forças opostas e complementares: serenidade e pulsação.

A disposição espacial do desenho é centralizada, mas não simétrica. A figura ocupa o meio superior da folha, deixando uma ampla margem em branco na parte inferior. Essa disposição cria um campo visual de suspensão: o corpo não está apoiado sobre uma linha de base, parece flutuar, sustentado apenas pelo gesto do traço. O espaço em branco sob a personagem funciona como intervalo, uma zona de silêncio e respiro, que, ao mesmo tempo, distancia e destaca a figura. Essa margem vazia não é ausência, mas presença do não-dito: é o espaço que o olhar precisa atravessar para alcançar o corpo desenhado. A verticalidade da personagem, somada ao vazio que a sustenta, produz um efeito de leveza e, também, de desamparo como se o estar em pé exigisse esforço contínuo. Nessa composição, o sujeito não repousa sobre o chão: ele habita o entre o espaço em que a imagem se ergue e se mantém. Orlandi (1999, p. 84) lembra que “[...] o silêncio é parte constitutiva do discurso; ele significa”, e é justamente esse silêncio visual, a margem branca que dá sentido à presença do corpo no desenho.

O elemento ao lado direito, uma caixa vermelha com a inscrição “Lattes”, introduz um segundo plano de sentido na composição. Representado com dimensões semelhantes às do corpo, o objeto adquire destaque e equilíbrio visual, estabelecendo uma relação de proximidade e equivalência com a figura. O traçado firme e a cor intensa do vermelho contrastam com o azul-claro do vestido, criando um eixo visual entre o corpo e o objeto. A presença da palavra escrita insere o campo verbal dentro da imagem, convertendo o desenho em um território

híbrido entre o dizer e o mostrar. A inscrição “Lattes”, associada a um sistema de reconhecimento acadêmico, aparece como um elemento discursivo que ancora a figura em um contexto institucional. Deleuze (2005) aponta que o visível e o enunciável não são sempre facilmente detectáveis, localizando-se em uma zona de borramento: “[...] são até mesmo invisíveis enquanto permanecem nos objetos, nas coisas ou nas qualidades sensíveis, sem nos alcançarmos até a condição que as abre” (Deleuze, 2005, p. 66), e, nesse desenho, a palavra escrita participa da cena como extensão simbólica da voz, o nome que se escreve onde o corpo se inscreve.

O conjunto do desenho constitui-se como um discurso visual de síntese e clareza. A figura feminina está inteira, centrada, mas também em relação com algo fora de si. O traço seguro, o uso equilibrado das cores e o espaço vazio que circunda a imagem produzem uma sensação de estabilidade e de foco, ao mesmo tempo em que deixam entrever uma tensão entre o sujeito e o objeto representado. O gesto gráfico, portanto, inscreve o corpo como ponto de enunciação e o objeto como extensão de um fazer, um modo de existir no mundo pela via da criação e do trabalho. Nessa leitura sensível, o olhar escuta o traço: vê-se o gesto, mas também o intervalo que o sustenta. O desenho fala da mulher como presença, uma presença simples, direta e afirmada, que se faz ver antes mesmo de ser explicada.

O título “A vontade da pesquisadora” já anuncia um gesto de identificação: a mulher que desenha fala de si a partir de um nome simbólico, pesquisadora. Não é a vontade de uma mulher qualquer, mas de uma mulher que se constitui nesse lugar de enunciação, onde o saber é desejo e também destino. O termo “*vontade*” carrega a força motriz do discurso: não se trata apenas de querer estudar, mas de sustentar uma posição de sujeito desejante frente à instituição. Como observa Lacan (1958/1959/2016, p. 253), “[...] o desejo é aquilo que se manifesta na falta, e é nessa falta que o sujeito se constitui”. Nesse sentido, a vontade de Eurínome é expressão de um desejo que não busca preencher um vazio, mas habitá-lo, o movimento de permanecer em direção ao saber, mesmo sem garantia de completude.

A narrativa que acompanha o desenho constrói um enunciado de continuidade: “após a conclusão do mestrado [...] vem o doutorado”. Há, nessa sequência temporal, um traço de linearidade e perseverança, como se a trajetória acadêmica se configurasse como fio condutor da própria identidade. O uso reiterado de verbos de ação, *continuar*, *entender*, *pesquisar*, *formar*, marca a inscrição de um eu que se produz no movimento. Esse dizer revela a mulher que se reconhece na ação, na produção, no fazer, uma subjetividade que se afirma pela permanência e pela entrega ao trabalho universitário. O gesto de desenhar o corpo inteiro,

central e equilibrado, ecoa essa narrativa de inteireza: o sujeito que, mesmo cercado por demandas, tenta manter-se coeso na cena institucional.

O termo “[..] é estimulante” funciona como ponto de condensação afetiva. Ele reintroduz o corpo na narrativa, o prazer de estar na universidade, o gozo de pesquisar, o entusiasmo que convive com o cansaço. No discurso, esse prazer não é banal; ele é a energia que sustenta a permanência. Mas o entusiasmo de Eurínome também revela o peso de uma idealização: o sujeito que deseja entender a universidade como objeto e, ao mesmo tempo, ser por ela reconhecido. A inscrição da palavra “Lattes” no desenho ressoa aqui como metáfora visual dessa dupla posição: o corpo e o currículo, o sujeito e o nome, o desejo e o registro. O “Lattes” é, simultaneamente, espelho e moldura, o campo simbólico onde o sujeito se vê e é visto.

Eurínome ao dizer “A universidade deve ser pesquisadora e professora”, possibilita um pensamento sobre um ideal de totalidade: a instituição que pensa e ensina, que produz e forma. Mas, nessa formulação, também se entrelaça o próprio ideal da mulher que fala, aquela que quer ser inteira, que tenta unir pensamento e prática, saber e cuidado, ensino e pesquisa. É a mesma lógica que aparece no traço vertical da figura: uma busca de equilíbrio, de sustentação, de sentido. No entanto, sob essa inteireza, pulsa uma tensão: o desejo de permanecer nesse lugar de reconhecimento, mesmo quando ele exige renúncia. O verbo “deve”, no enunciado, denuncia essa exigência simbólica: há uma norma implícita, uma expectativa de ser conforme o ideal institucional.

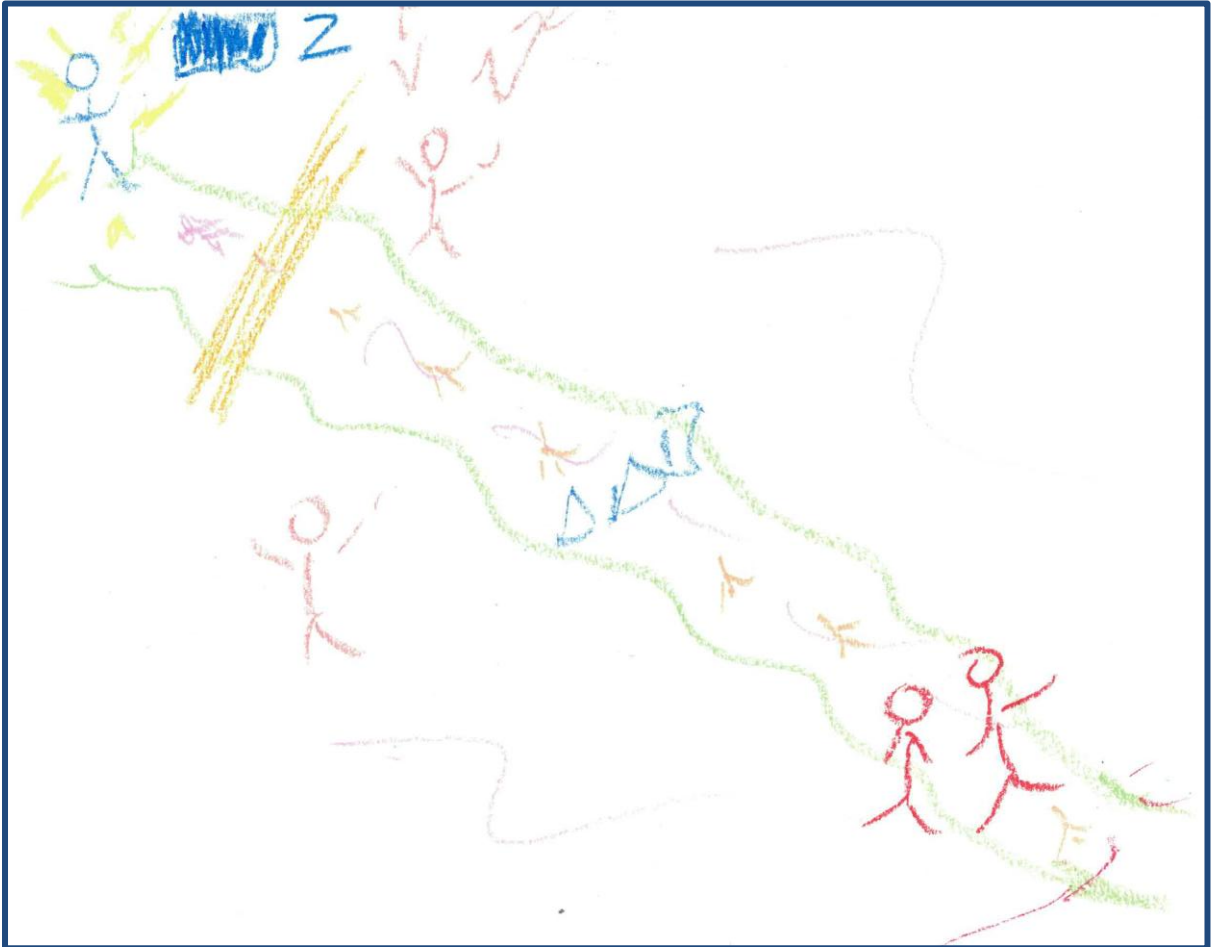
O discurso de Eurínome se deixa ler como uma metáfora da própria universidade. Uma mulher que narra o crescimento da instituição fala, também, de seu próprio processo de expansão, o crescimento como pesquisadora, o amadurecimento como sujeito. O desenho, com sua figura flutuante e o espaço em branco na base, espelha essa condição: a pesquisadora se sustenta num campo que não oferece solo firme, mas oferece sentido. Entre o corpo e o “Lattes”, entre o traço e a palavra, Eurínome reinscreve sua presença. Seu desenho, me parece ser a vontade em forma visível, vontade de continuar, e sobretudo, de existir na universidade não apenas como função, mas como sujeito.

No traço de Eurínome, reconheço o gesto de quem tenta se sustentar entre o ideal e o desejo. Sua figura ereta, apoiada apenas pelo branco que a envolve, parece habitar o mesmo vazio que marca a trajetória de tantas mulheres na universidade: o espaço entre o reconhecimento e a falta. A inscrição “Lattes” ao lado do corpo não é só um símbolo de pertencimento institucional, mas a lembrança de que o saber também se escreve no corpo, naquilo que se oferece ao olhar do Outro como presença e ausência. Eurínome desenha a

vontade de permanecer, mesmo quando o chão é instável; faz do próprio percurso um modo de existir. Em sua imagem, o desejo não se apaga na função acadêmica: ele insiste, silencioso e firme, como o traço que sustenta a pesquisadora em seu lugar de fala.

5.1.6.3 Sujeito da Pesquisa - Galateia

Figura 4 - Fotografia do desenho elaborado por Galateia



A trajetória

Em qualquer caminho haverá barreiras. Algumas mais fáceis, outras mais difíceis. Haverá apoiadores e haverá destratores. Mas o percurso poderá ser tão fácil quanto a energia que desejamos pôr na tarefa. O caminho estará lá para percorrermos, enquanto houver vida e vontade. Assim, não importa se vamos rápido ou lento. O importante é caminhar.

Fonte: Desenho, título e história elaborados por Galateia

O desenho de Galateia apresenta uma composição dinâmica, em que o movimento é o principal elemento de estruturação. A folha é atravessada por uma faixa sinuosa de cor verde-

clara, que se estende diagonalmente da parte superior esquerda até a inferior direita, configurando um caminho que conduz o olhar de um extremo ao outro. Essa linha, de traço irregular e contínuo, funciona como eixo da cena, o espaço onde se inscrevem as figuras humanas e os demais elementos simbólicos.

A cor verde-clara, predominante no traçado do caminho, associa-se ao movimento de vida e ao desejo de continuidade. Diferente do solo estável do desenho de Tétis, aqui o verde é caminho e passagem: um espaço que se percorre, não que se habita. Essa faixa sinuosa produz ritmo e leveza, sugerindo um percurso que se desdobra entre avanços e recuos, entre subidas e descidas. O desenho não fixa o olhar, convida-o a seguir o fluxo.

Distribuídas ao longo do caminho, pequenas figuras humanas são traçadas com cores distintas: vermelhas, rosas, azuis. Os corpos são representados de modo simples, com linhas e círculos, mas cada grupo parece expressar uma ação diferente: alguns caminham, outros gesticulam, outros se voltam para o alto. Essa variação cromática e gestual cria uma sensação de diversidade e movimento coletivo, como se o percurso fosse habitado por diferentes sujeitos e temporalidades.

No canto inferior direito, duas figuras vermelhas caminham lado a lado, orientadas para a parte central da folha. A cor intensa e o gesto de proximidade entre elas produzem um foco de calor e presença, indicando talvez o ponto de partida ou o início do deslocamento. No extremo oposto, na parte superior esquerda, há uma figura azul envolta por traços amarelos que irradiam, como se emanasse luz ou energia. A cor e a posição superior criam uma tensão visual com as figuras vermelhas do início, formando um eixo entre o começo e o ponto de chegada.

Entre essas duas extremidades, há um espaço intermediário onde aparecem pequenas formas triangulares em azul, figuras que evocam obstáculos. Esses triângulos, inseridos na linha verde do caminho, quebram a fluidez do traço e introduzem pausas visuais. O olhar precisa contorná-los, como quem desvia de uma barreira. Essa interrupção visual reforça o tema da trajetória, não como linha reta, mas como percurso que exige enfrentamento.

A amplitude do espaço branco ao redor do caminho reforça o sentido de movimento. O fundo vazio funciona como campo de expansão, destacando o percurso e as figuras. Não há limites rígidos ou molduras: o caminho se desenha em liberdade, sustentado apenas pelo traço que o define. O branco, aqui, opera como silêncio e como horizonte, o espaço simbólico que permite o deslocamento e a invenção do sentido.

A utilização de múltiplas cores confere ao desenho uma energia própria. As tonalidades quentes e frias se equilibram, sugerindo que o percurso envolve tensões e equilíbrios: o azul e o vermelho, o frio e o quente, o começo e o fim. Essa oposição cromática dá corpo à narrativa

visual, tornando a trajetória um campo de contrastes, onde o sujeito se constitui na alternância entre o impulso e a contenção.

Os gestos das figuras humanas são abertos, expansivos. Braços erguidos, corpos inclinados, posturas em movimento. Mesmo nas formas mais simples, há expressividade: o corpo é linguagem. O traço parece desenhar a passagem, mas também o afeto que acompanha o caminhar. O desenho, assim, não representa apenas o espaço percorrido, mas o corpo que o habita, corpo que age, sente e persiste.

O conjunto visual sugere uma composição em três tempos: o início (figuras vermelhas), o meio (triângulos e caminhantes), e o ápice luminoso (figura azul). Essa estrutura temporal confere ao desenho uma narrativa implícita, quase uma parábola. O percurso, como a vida, é feito de passagens e travessias. A trajetória, para Galateia, parece ser movimento e encontro, o ato de permanecer em deslocamento.

O equilíbrio entre o traço livre e o controle da forma dá ao desenho uma estética de espontaneidade consciente. O gesto parece não ser aleatório: sugere haver uma intenção na direção do caminho, nas distâncias entre as figuras, no modo como o olhar é guiado. O desenho faz refletir sobre uma metáfora visual da existência, o caminho que se percorre não para chegar, mas para seguir.

O título “A trajetória” introduz a ideia de percurso como constituição. Galateia possibilita pensar em um caminho que não é dado, mas que se faz ao caminhar. O uso do artigo definido *a* transforma a experiência singular em forma simbólica: não uma trajetória qualquer, mas a trajetória. Essa escolha lexical indica um reconhecimento de si no processo, a afirmação de um sujeito que se constrói enquanto caminha.

Na narrativa verbal, o enunciado “Haverá apoiadores e haverá detratores” inscreve o discurso da luta e da alteridade. A trajetória, aqui, não é apenas avanço, mas campo de forças. Freud (1930/2010) observa que a cultura é construída sobre renúncias e conflitos; no caminho de Galateia, essa ambivalência se faz visível. O caminhar se produz na tensão entre o desejo e a norma, entre a energia própria e as barreiras externas.

A afirmação “[...] o percurso poderá ser tão fácil quanto a energia que desejamos pôr na tarefa” permite inferir sobre a ética do desejo que atravessa o discurso, em uma convocação à responsabilidade subjetiva: o caminho não é imposto, é construído pela energia que o sujeito investe. Lacan (1958/1959/2016) lembra que o desejo se manifesta na falta e é nela que o sujeito se constitui, é justamente essa falta que mantém o percurso em movimento.

A oposição entre “rápido” e “lento” dissolve a lógica binária da produtividade. O importante, diz Galateia, “[...] é caminhar”. Essa frase, simples e enfática, é o ponto de

condensação simbólica do desenho: o caminhar como metáfora do existir, como gesto ético de sustentação. O traço sinuoso e as figuras dispersas ilustram essa afirmação: não há hierarquia no movimento, há fluxo.

As figuras coloridas que se distribuem pelo caminho podem ser lidas como representações das múltiplas posições subjetivas que a mulher ocupa na universidade, pesquisadora, professora, orientanda, colega, gestora. O percurso, nesse sentido, é também percurso identitário. As cores marcam a pluralidade do feminino, que não se unifica, mas se articula em diferenças.

A figura azul no alto da composição, irradiando luz, pode simbolizar o lugar do saber institucionalizado, o ponto de chegada, o reconhecimento. Mas esse ponto não é fixo: ele emana e se dispersa. O saber, como o caminho, é movimento. Orlandi (1999, p. 32) lembra que “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.” Assim, o brilho azul é também o limite do dizer, o ponto onde o sentido se escapa e se reinventa.

A faixa verde que atravessa a página, sinuosa e viva, pode ser lida como o espaço simbólico do saber, não uma estrada linear, mas um território de invenção. A mulher que caminha, no discurso de Galateia, reconhece-se nesse percurso: às vezes guiada, às vezes perdida, mas sempre implicada. É o mesmo gesto de quem, na universidade, precisa caminhar entre o rigor e o desejo, entre o saber instituído e o saber que se cria.

A presença de outras figuras no caminho reforça a ideia de coexistência: ninguém caminha sozinha. Há apoiadores e opositores, encontros e desencontros. A mulher pesquisadora se constitui nessa teia de relações, onde o reconhecimento e a resistência se entrelaçam. A trajetória, então, é coletiva e singular: cada sujeito a percorre, mas o caminho é comum.

O espaço branco que envolve a cena sugere um horizonte de possibilidades. Assim como em Tétis, o branco é condição de sentido. O caminho sugere não se esgotar na imagem, ele continua fora da folha, como o saber que não se encerra no diploma, mas se prolonga na experiência. O branco é o espaço do porvir, o que resta aberto ao desejo.

O desenho e o texto, juntos, constroem uma metáfora do percurso da mulher na universidade: o caminhar como ato de resistência e de criação. Galateia desenha não um destino, mas uma ética, o compromisso de continuar, mesmo quando o caminho é incerto. Seu traço é insistência, sua cor é presença, e sua trajetória é, antes de tudo, o lugar onde o feminino se reinscreve como força de movimento.

Na trajetória de Galateia, vejo o espelho de tantas de nós: mulheres que caminham, mesmo sem mapa, sustentando o desejo como bússola. Seu desenho me lembra que o caminho

não se mede em distâncias, mas em insistências e que cada passo é também uma forma de dizer “eu permaneço”. No meio das cores e dos vazios, há algo que pulsa: a vontade de seguir, de transformar o percurso em criação. Talvez seja isso o que a universidade, em sua melhor face, nos ensine: que o saber não é ponto de chegada, mas estrada aberta, onde o sujeito se refaz a cada passo.

5.2 CARTOGRAFIA DAS MARÉS: TRAÇOS, SENTIDOS E MARCAÇÕES

O percurso analítico chega agora ao ponto em que as vozes e os traços se encontram. As palavras ditas nas entrevistas e os gestos inscritos nos desenhos formam um mesmo campo simbólico, o de mulheres que se constroem pesquisadoras no movimento entre o dito e o indizível. Esta cartografia não busca delimitar territórios, mas acompanhar as correntes que se formam quando o discurso se faz corpo, cor, traço. Como nas marés, o sentido se move, avança e recua, ora sussurra, ora silencia. O que aqui se apresenta é a tentativa de ler esse movimento, de reconhecer nas marés do dizer e do desenhar, as forças que sustentam o desejo de permanecer na universidade e de fazer dela um espaço de reinvenção.

Nos discursos das entrevistas, as mulheres revelaram o peso e a potência de ocupar um lugar historicamente tensionado. Nos desenhos, o mesmo movimento se faz visível na forma do gesto. Tétis, com sua semente que brota, Eurínome, com o corpo que se sustenta diante do Lattes, e Galateia, com o caminho que serpenteia, traduzem em imagem o que disseram em palavras: o esforço contínuo de existir e de criar em meio às forças que ora acolhem, ora restringem. O mar das vozes encontra o mar dos traços; ambos se movem pelo mesmo vento, o desejo de permanecer.

Em Tétis, o broto verde que rasga a terra se conecta ao discurso de uma mulher que aprendeu a resistir ao imperativo da pressa. A imagem de germinação traduz o tempo do inconsciente, o tempo do processo, o tempo de elaborar-se. O gesto do traço repete o gesto da palavra: insistir, brotar, continuar. A terra é o contexto institucional que tanto nutre quanto limita, e o espaço branco é o campo do possível, o que ainda não se nomeou, mas pulsa. Sua voz e seu desenho se espelham no mesmo ponto: o de quem cresce mesmo quando o solo é árido.

Eurínome, ao desenhar o corpo ereto diante da inscrição “Lattes”, refaz em imagem o que disse com palavras: a tensão entre o reconhecimento e o cansaço, entre o desejo de saber e a exigência de provar-se. O corpo que se mantém de pé, cercado pelo branco, fala da solidão que habita a trajetória acadêmica, mas também da persistência que a sustenta. O vermelho e o

azul, o corpo e o nome, o gesto e o símbolo, tudo nela aponta para a tentativa de equilibrar o que é da ordem do desejo e o que é da ordem do dever. Sua imagem é um espelho onde o sujeito se vê e se perde, mas insiste em permanecer.

Galateia, por sua vez, transforma o percurso em paisagem. Em seu desenho, o caminho se dobra, as cores se alternam, e as figuras se multiplicam. É a imagem da multiplicidade que marcou também sua fala: a mulher pesquisadora, que se reconhece nas diferenças e nelas encontra o lugar de pertencimento. O traço sinuoso de sua trajetória ecoa o dizer sobre o movimento coletivo, sobre as barreiras e os apoios, sobre a vontade de continuar caminhando mesmo quando o chão é incerto. Sua imagem é travessia; seu discurso, maré viva.

Entre as três, há um eixo que as une: o tempo do processo, o gesto de resistência e a invenção do lugar. Tétis fala do broto que rompe a terra; Eurínome, do corpo que se ergue diante do símbolo; Galateia, do caminho que se desenha no próprio movimento. Inscrevem o feminino como força que se faz no entre, entre o visível e o invisível, o dito e o traçado, o possível e o ainda-não. Suas vozes e imagens se tocam, não por semelhança, mas por ressonância. Cada uma oferece ao olhar e à escuta uma forma de dizer o mesmo: que ser mulher na universidade é aprender a respirar entre as ondas.

Nas falas e nas imagens, a universidade aparece como espaço de germinação e de luta, mas também de solidão e cansaço. A terra, o corpo e o caminho são formas simbólicas de um mesmo cenário: o campo de forças onde o sujeito tenta se inscrever sem perder o contorno de si. A cartografia dessas marés mostra que o saber, para elas, não é posse, mas travessia. A mulher pesquisadora não domina o mar; aprende a navegar nele, mesmo quando o vento é contrário. O traço, como a palavra, é gesto de permanência, o registro de que algo existe, mesmo quando o reconhecimento demora.

As cores dos desenhos, o verde de Tétis, o azul e o vermelho de Eurínome, o arco multicolorido de Galateia, falam da vitalidade que atravessa o feminino. São cores que resistem à neutralidade acadêmica e introduzem o afeto no campo do saber. Na composição dessas imagens, o corpo aparece não como objeto, mas como lugar de enunciação: corpo que planta, corpo que se sustenta, corpo que caminha. O mesmo corpo que, nas entrevistas, falou de exaustão e desejo, de culpa e criação. O gesto gráfico, como o gesto discursivo, é sempre um modo de habitar o simbólico.

Essas mulheres não apenas desenharam ou falaram; elas se inscreveram. O traço é a escrita de uma presença que não pede autorização para existir. Em cada broto, em cada linha, em cada cor, há um modo de resistir à normatividade e de afirmar o direito de elaborar-se. Suas vozes não buscam consenso, e seus desenhos não pretendem beleza: ambos buscam existência. O que

as une é o movimento de fazer-se sujeito no e pelo trabalho, gesto ético que recusa o silenciamento e transforma o cotidiano em elaboração simbólica.

O olhar que percorre essas produções percebe que o feminino se constitui na alternância entre o recolhimento e o surgimento. As marés oscilam: há momentos de retraimento, em que o silêncio domina, e momentos de força, em que o sentido se ergue. A cartografia dessas marés é o mapa de uma subjetividade em processo, que se expande e se recolhe, mas nunca se extingue. No encontro entre vozes e traços, a mulher pesquisadora se afirma como sujeito desejante, capaz de transformar o cansaço em criação e o limite em passagem.

Como se pode observar no mapa a seguir, essas marés se organizam em torno de eixos simbólicos que entrelaçam o dizer e o traçar, revelando o movimento contínuo de elaboração que atravessa cada sujeito.

Quadro 4 - Mapa das Marés de Sentido

Participante	Imagem simbólica (desenho)	Movimento discursivo (entrevista)	Eixos de sentido (vozes e traços)
Tétis	Semente que brota e broto verde que rompe a terra	Resistência ao tempo produtivista; valorização do processo; ética da escuta	Germinar, elaborar, resistir, existir no tempo da falta
Eurínome	Corpo ereto diante da palavra “Lattes”	Reconhecimento, cansaço, racionalidade implicada	Sustentar-se, afirmar-se, manter-se em pé entre desejo e dever
Galateia	Caminho sinuoso com figuras coloridas	Multiplicidade, diferença, pertença e luta coletiva	Caminhar, coexistir, transformar diferença em autoria

Fonte: Elaborado pela autora

As imagens e as vozes, reunidas neste mapa, revelam um mesmo ritmo: o do movimento. Tétis fala e desenha a germinação; Eurínome, o equilíbrio tenso entre corpo e instituição; Galateia, a travessia coletiva. A correspondência entre os gestos e as falas não é linear, mas pulsante, cada uma delas cria o seu modo de permanecer no fluxo das marés. O desenho funciona como espelho invertido da entrevista: o que a palavra contém, o traço libera;

o que o discurso afirma, a imagem suspende. É nesse diálogo silencioso que se tece a subjetividade dessas mulheres.

O mapa das marés não fixa os sentidos, mas os deixa fluir. Ele mostra que as forças que movem o dizer e o desenhar são as mesmas que sustentam o desejo de existir como mulher pesquisadora: a persistência, a incompletude e o amor ao processo. A mulher que fala é a mesma que traça; ambas são atravessadas pelo desejo de escutar-se. Suas produções não são ilustrações, mas modos de elaboração, de fazer do simbólico um lugar de morada possível.

O que se percebe, ao acompanhar essas marés, é que o saber não se produz fora do corpo. Cada gesto, cada cor, cada palavra é corpo que se escreve, corpo que se move, corpo que sente. O feminino aparece como fluxo que resiste à fixação, que transforma o limite em potência. As vozes e os traços são fragmentos do mesmo sujeito, que se reconhece e se perde na travessia, mas segue navegando. A universidade, nesse contexto, é mar e porto: espaço de risco e de abrigo, lugar onde o sujeito se expõe e se reencontra.

O diálogo entre entrevistas e desenhos revela que a subjetividade não se expressa apenas em palavras; ele se insinua nos espaços em branco, nas cores escolhidas, nos contornos hesitantes. A leitura das imagens revela o que o discurso mantinha latente: o tempo da espera, o cansaço, o desejo, o prazer de criar. O dizer e o traço se tornam, assim, dois modos de escutar o mesmo sujeito, aquele que se constitui na falta e que, por isso mesmo, continua a desejar.

Essas mulheres ensinam que o trabalho acadêmico pode ser também lugar de escuta e de invenção. Que o saber não precisa ser frio para ser rigoroso, nem neutro para ser verdadeiro. A cartografia das marés mostra que é possível produzir conhecimento sem apagar o corpo, o afeto, a história. Que a pesquisa pode ser travessia e não destino. Que o gesto de permanecer é, em si, uma forma de criação.

Ao reunir vozes e traços, percebo que a mulher pesquisadora se desenha a si mesma. Ela é a semente que brota, o corpo que se ergue, o caminho que serpenteia. Sua constituição não é estática, mas movimento de elaboração. O feminino, nesse percurso, aparece como força de continuidade, o que sustenta a pesquisa mesmo quando o vento é contrário. Suas produções não respondem a perguntas: elas as abrem, como marés que retornam sempre diferentes.

Nesta cartografia em movimento, resta o gesto do retorno: o ponto em que as marés recuam e deixam à mostra o que estava submerso. Entre as vozes e os traços, permanece o resto, o que não se diz, o que resiste à interpretação, o que continua a pulsar. É a partir desse resto que a análise prossegue. O que vem a seguir são as perguntas que não pedem resposta, ecos do percurso que permanece em aberto, vestígios do desejo que faz da pesquisa, como da vida, uma travessia infinitamente desejante.

5.3 RESTO DO DIZER: PERGUNTAS QUE NÃO PEDEM RESPOSTA

Ao final das entrevistas, um gesto se repetiu em silêncio: o de deixar uma pergunta suspensa. Não se tratava de buscar resposta, mas de permanecer no campo da falta, esse espaço fértil onde o desejo encontra sentido. Solicitei a cada uma das mulheres que formulasse uma pergunta destinada a ficar sem resposta. O pedido não era metodológico, era ético: deixar emergir o resto do dizer, aquilo que resiste à explicação e continua a pulsar mesmo quando a fala cessa. Há sempre algo que escapa ou, como escreve Lacan (2001/2003, p. 449), “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve”. Esse “esquecido” de que fala Lacan não é falha ou omissão, mas o lugar em que o sujeito se sustenta como falta, onde o sentido não se esgota no dito. É aí que a escuta se desdobra: já não se volta apenas ao que foi dito, mas ao que insiste em ecoar, ao fragmento que permanece vibrando como resto.

As perguntas que seguem são fragmentos de desejo. Elas condensam o percurso de cada mulher e abrem frestas sobre o que não se pode concluir. São perguntas nascidas da experiência, atravessadas pela subjetividade e pelo lugar simbólico que cada uma ocupa. Elas não visam a solução, mas o movimento. Perguntar, aqui, é modo de existir, e deixar a pergunta sem resposta é modo de sustentar o inacabado que constitui o sujeito.

Em Tétis, a interrogação emerge como eco de uma trajetória em que o tempo da elaboração confronta o tempo da pressa. “Vale a pena?”, ela pergunta, e no duplo gesto de perguntar e insistir (“Vale? Bora...”) inscreve o desejo que resiste ao cansaço. Sua voz traz a dúvida e a afirmação num mesmo sopro. Não se trata de desistência, mas de reconhecimento do esforço de viver e permanecer. A pergunta se dirige ao Outro, mas retorna a si mesma, abrindo o espaço do pensar e do sentir. Tétis não pede uma resposta: pede a continuidade do gesto de perguntar.

Eurínome lança sua pergunta como quem se escuta pela primeira vez: “Como essa mulher se prepara para ser mulher?”. Não é uma pergunta sobre identidade, mas sobre processo, sobre o que antecede o gesto de tornar-se. Há, nesse dizer, uma consciência de que ser mulher nunca está dado, mas se constrói nos embates, nas pausas e nas invenções. Ao perguntar, Eurínome se desloca: não fala da mulher abstrata, mas da mulher que a habita, que tenta sustentar-se entre o cuidado e o desejo, entre o corpo e o saber. A pergunta se transforma em espelho, devolvendo-lhe a imagem de uma mulher em elaboração.

Galateia, por sua vez, formula uma pergunta em três tempos: “Como é que ela está fazendo, o que é que ela está fazendo para lidar com as frustrações? E o que é que ela pode fazer para vencer essas barreiras que impõem ela?”. A repetição de “fazer” revela a tentativa de

transformar o impasse em ação. Sua pergunta não é queixa, é travessia. Fala de um sujeito que reconhece os limites, mas busca o gesto possível dentro deles. Há, na insistência da interrogação, a marca de uma mulher que recusa a paralisia. Galateia pergunta como quem caminha: a dúvida é o combustível do percurso.

Essas perguntas, reunidas, formam uma tessitura de inquietações que não se anulam. Elas se cruzam e se afastam, como correntes que se encontram no mar aberto. “Vale a pena?”, “Como essa mulher se prepara para ser mulher?”, “O que ela pode fazer para vencer as barreiras?”, cada uma nomeia, à sua maneira, o mesmo campo de tensão: o de sustentar o desejo em meio às exigências e frustrações da vida acadêmica e social. São perguntas que não se encerram no sujeito que as formula; reverberam em todas as que escutam.

Perguntar é também um modo de resistência. É afirmar que o saber não se esgota na resposta, mas se renova na dúvida. Em “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud (1910/2006, p. 85) indica que “[...] a libido furta-se ao destino do recalque, sublimando-se desde o início em avidez de saber (*Wissbegierde*³¹)”. Ao deslocar a energia pulsional para o campo do pensamento, o sujeito transforma o desejo em investigação, é no próprio movimento de buscar que encontra sentido. Essas mulheres, ao final de suas falas, não buscaram conclusão, mas reabertura. O gesto de perguntar, nesse contexto, é gesto analítico: indica o ponto em que o sujeito se implica no próprio dizer. Perguntar sem responder é permanecer na travessia, reconhecer que o sentido se faz no movimento e não no fechamento.

Quadro 5- Derivas do dizer: perguntas que não pedem resposta

Participante	Pergunta
Tétis	“Vale a pena? É a pergunta de todos os espaços que eu ocupo pelo outro e por mim... vale a pena? Vale? Bora...”
Eurínome	“Como essa mulher se prepara para ser mulher?”
Galateia	“Como é que ela está fazendo, o que é que ela está fazendo para lidar com as frustrações? E o que é que ela pode fazer para vencer essas barreiras que impõem ela?”

Fonte: elaborado pela autora (2025)

³¹ *Wissbegierde*: substantivo feminino em alemão que significa “curiosidade; sede de conhecimento; curiosidade intelectual” (LINGUEE. *Dicionário Alemão-Português*. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/alemao-portugues/traducao/wissbegierde.html>. Acesso em: 13 out. 2025).

As perguntas reunidas neste quadro são mais que fragmentos discursivos; são enunciados de elaboração. Tétis interroga o valor do percurso, Eurínome questiona a constituição do ser mulher, e Galateia busca entender o modo de lidar com o impossível. Juntas, suas interrogações configuram uma ética da escuta, o reconhecimento de que o saber se faz nas lacunas. O quadro não organiza respostas, mas mapeia vazios. É nesse vazio, nesse intervalo entre o dizer e o escutar, que o sujeito se faz presença.

O conjunto dessas perguntas funciona como um espelho das formações discursivas analisadas. Cada uma delas condensa, em uma única frase, os movimentos de deslocamento, multiplicidade e resistência que atravessaram as vozes e os desenhos. O “vale a pena?” de Tétis é o eco do broto que insiste em crescer; a dúvida de Eurínome reflete o corpo que se sustenta entre o desejo e o dever; a inquietação de Galateia prolonga o caminho sinuoso de sua trajetória. O quadro é, portanto, uma síntese do percurso simbólico, um mapa das faltas que movem.

Essas perguntas não pretendem (in)concluírem. Permanecem abertas, como as marés que recuam e voltam, trazendo consigo fragmentos de outras experiências. Elas marcam o ponto de virada do processo analítico: quando o sujeito já não busca explicação, mas sentido. Uma mulher que pergunta é a mesma que, em suas falas e desenhos, se fez sujeito de desejo. Sua interrogação final é um gesto de autoria, ela não pede saber ao outro, mas devolve ao mundo a tarefa de escutá-la.

Como pesquisadora, ao escutá-las, percebo que essas perguntas também me atravessam. “Vale a pena?”, ainda não sei, talvez a resposta esteja sempre por vir. “Como se preparar para ser mulher?”, talvez o próprio percurso seja essa preparação infinita. “Como lidar com as frustrações?”, talvez apenas sustentando-as, sem querer vencê-las. O campo do não saber continua sendo o lugar onde o sentido germina.

Antes que esta travessia avance para as suas (in)conclusões, é preciso deixar ancorados os achados que emergiram da escuta e da análise. O que se recolhe das vozes, dos silêncios e dos gestos das mulheres pesquisadoras não encerra a pesquisa, mas compõe o mapa simbólico que sustenta este percurso. Esses achados não oferecem respostas fechadas; oferecem contornos, frestas, movimentos. São eles que permitem ver como certos sentidos se repetem, se deslocam ou se reinventam no espaço-tempo da universidade. O que segue, portanto, não é uma síntese, mas uma abertura: o registro das formações discursivas que se fizeram ouvir ao longo desta travessia.

Os achados desta pesquisa permitem apreender que as formações discursivas identificadas, deslegitimação epistêmica do saber feminino, relações de poder e silenciamento, feminilidade além da norma, universidade como espaço de deslocamentos identitários e

multiplicidade de papéis, revelam a forma como se materializam e se organizam as estruturas simbólicas que atravessam a mulher pesquisadora na universidade. Esses sentidos, produzidos nas bordas entre o dito e o não dito, desvelam práticas, expectativas e discursos que, no cotidiano, naturalizam desigualdades e sustentam modos de reconhecimento e desautorização que compõem o cenário acadêmico.

A deslegitimação epistêmica do saber feminino e o silenciamento que a acompanha emergem como elementos estruturantes, produzidos nas entrelinhas de avaliações, comentários e olhares que retiram valor da fala, do gesto e da produção intelectual das mulheres. Nesse estilo, a escuta a essas pesquisadoras precisou ser esculpida com delicadeza para que se fizessem ouvir as marcas de um lugar ainda disputado. O que se apresenta não é apenas a dificuldade institucional, mas o efeito de discursos normativos que insistem em regular quem pode aparecer como sujeito de saber e quem permanece às margens, enredada em expectativas históricas de submissão e contenção.

Ao lado disso, as análises evidenciam uma feminilidade além da norma, que rompe com o modelo de mulher docilizada e ajustada ao discurso histórico da delicadeza servil. Nas falas, surgem brechas de deslocamento, insubmissões discretas, hesitações que revelam o trabalho subjetivo de produzir uma existência que resiste ao que se espera dela. A universidade aparece, então, como espaço de deslocamentos identitários: é nela que essas mulheres se refazem, se estranham, se inventam e se reinscrevem como sujeitos atravessados por conflitos, mas também por potências. Nesse percurso, alguns atos foram encenados, o enfrentamento, o silêncio, o desvio, o desejo, e esses gestos enunciaram mais do que simples experiências individuais; revelaram processos coletivos de constituição subjetiva.

Por fim, a multiplicidade de papéis, mulher, mãe, filha, trabalhadora, intelectual, produz tensões entre vida pessoal e acadêmica que se anunciam entre falas bem-ditas e mal-ditas. São nesses interstícios que aparece o trabalho diário de conciliar mundos que não se fundem, mas que coexistem. A escuta mostrou que o significante “pesquisadora” precisa ser continuamente reinscrito para que o sujeito encontre um lugar possível de existência, desejo e autoria na universidade. Esses achados me fazem pensar o quanto esse significante não está dado: ele precisa ser construído, disputado e refeito para que a mulher possa habitar, no espaço acadêmico, não apenas a função que lhe é atribuída, mas a travessia singular que a constitui.

Essas mulheres não concluem, e eu também não. O gesto de deixar perguntas é o gesto de reconhecer que o sentido é movimento. As marés recuam, mas voltam. O que se recolhe aqui não é um fim, mas uma dobra: o tempo de deixar as vozes ecoarem e permitir que as respostas,

se vierem, sejam apenas mais uma forma de continuar. As perguntas que aportam neste porto são também as que anunciam o próximo: nelas, a pesquisa não se conclui, ela recomeça.

O percurso que começou com a escuta das palavras e seguiu pelos traços agora chega ao ponto em que o silêncio se torna linguagem. As perguntas sem resposta deixam à mostra o que resta da travessia: o desejo, o limite e a potência de continuar. O próximo porto não é um encerramento, mas uma deriva, o espaço onde o inacabado se assume como forma de saber. No mar aberto da pesquisa, cada pergunta é também um convite: seguir navegando, mesmo quando o horizonte ainda é ausência.

PORTO VI: (IN)CONCLUSÕES: O QUE ACASO SE DESTINA?

Há viagens que não terminam, apenas mudam de vento.
O corpo ancora, mas o desejo ainda navega
(Rita Carvalho, 2025).

A partir da releitura e reescrita do projeto inicial, e da escolha do objeto “Mulher pesquisadora subjetivada na universidade” como tema de investigação, analiso que esta pesquisa se fez e se refez em mim. Não apenas como uma construção acadêmica, mas como um modo de existir e resistir. O percurso foi, desde o início, uma travessia que misturou escrita, corpo e desejo. O tema não se limitou ao campo teórico, tornou-se carne e experiência. Falar da mulher pesquisadora é também falar de mim e das tantas mulheres que habitam o mesmo território simbólico: o de quem insiste em permanecer mesmo quando o mar é de incertezas.

Nesta travessia, analiso que escrever é um modo de se escutar. A cada linha, algo de mim se dizia sem que eu pedisse permissão. As palavras, quando surgiam, traziam consigo memórias, ausências e afetos que o tempo acadêmico tenta ocultar. Descobri que a tese não é uma construção apenas racional, mas uma costura entre lembrança e elaboração. A escrita se tornou um gesto de reconhecimento de uma mulher professora pesquisadora que precisou abrir espaço dentro da linguagem para caber nela mesma.

Houve dias em que a palavra parecia me faltar, e o silêncio pesava como um oceano. Mas foi nesse espaço vazio que a pesquisa ganhava corpo. Percebi que o silêncio não era ausência de fala, mas presença de escuta. Era nesse intervalo que o saber se aproximava da vida, que o rigor se tornava afeto, que a teoria ganhava cheiro, textura e tempo. Uma mulher pesquisadora, ali, não era personagem: era carne e respiração. E ao escrever sobre ela, eu também me escrevia.

O acaso, que no início parecia um conceito etéreo, revelou-se uma força de direção. Não se trata de sorte ou destino, mas do encontro entre o imprevisto e o que o sujeito é capaz de elaborar. O acaso me apresentou às pausas, aos desvios e aos silêncios. Foi nele que aprendi a confiar, quando o método já não dava conta de traduzir o que pulsava. O acaso é o espaço entre o controle e o abandono, entre o rigor e a escuta, onde o saber acontece não por cálculo, mas por atravessamento. Esta tese foi sendo escrita também pelo imprevisível, pelas marés que me arrastaram, pelos ventos que mudaram de direção, pelos portos que não estavam no mapa.

Aprender a deixar o acaso entrar foi, talvez, o gesto mais ético de todo o processo. A ele devo as descobertas que não estavam previstas, os sentidos que emergiram nas entrelinhas, as interpretações que se revelaram quando o olhar se desarmou. O acaso não me tirou do caminho:

ampliou-o. Ele ensinou que o rigor também pode ser sensível, e que a escrita, para ser verdadeira, precisa perder-se um pouco de si mesma. Foi no imprevisível que o método se humanizou, tornando-se uma escuta do que excede o planejamento e se aproxima do desejo.

Em cada desvio, encontrei uma nova possibilidade de sentido. As marés do acaso foram generosas e duras, como tudo o que é vivo. Elas me forçaram a desaprender a segurança e a confiar no gesto. Quando deixei de esperar que o texto obedecesse às minhas intenções, ele começou a respirar por conta própria. Percebi que a pesquisa não é algo que se controla, mas algo que se vive. E viver é, sempre, arriscar-se. O acaso, então, deixou de ser interrupção: tornou-se o próprio ritmo do mar que moveu esta escrita.

Ser mulher e pesquisadora é habitar um tempo que não coincide com o tempo do mundo. O corpo se cansa, mas o pensamento insiste. A mente tenta se proteger das cobranças, enquanto o desejo pede passagem. Há dias em que a escrita se torna um refúgio e outros em que ela pesa como uma âncora. Descobri, nesse processo, que o cansaço não é inimigo da criação, mas parte dela. O corpo que pesquisa também se esgota, mas é no esgotamento que às vezes o pensamento se dobra sobre si mesmo e encontra novas margens. O doutorado não é apenas uma conquista intelectual, é uma experiência de carne e de tempo. A mente cansa, o corpo fala, e o texto se faz no intervalo entre ambos.

Nesse intervalo, escutei que o corpo que escreve também é o corpo que duvida, hesita e deseja. Ele carrega a história das ausências e dos gestos interrompidos, das madrugadas em claro e das manhãs em silêncio. O cansaço não é só fadiga física; é o peso de sustentar uma voz em meio a tantos ruídos. Uma mulher que pesquisa carrega sobre os ombros não apenas o texto que precisa terminar, mas as expectativas do que esperam que ela seja. Ainda assim, há uma força que insiste, um pulso que não cede.

O tempo do corpo é outro, mais lento e mais sábio. É no descanso, no intervalo entre uma frase e outra, que o pensamento amadurece. Foi preciso aprender a respeitar esse tempo que não se mede por produtividade, mas por elaboração. Aprendi que o corpo e o pensamento não são opostos: são marés que se alternam, em altas e baixas. Quando o corpo para o pensamento escuta; quando o pensamento cansa, o corpo fala. Nesse diálogo silencioso, a escrita se tornou mais do que trabalho, tornou-se pulsão de vida.

Ao longo da minha trajetória, percebi que ser pesquisadora é mais do que produzir conhecimento. É manter-se implicada, mesmo quando as estruturas tentam te afastar do centro. É enfrentar o espelho da academia e ver nele refletidas as marcas de um sistema que ainda não aprendeu a lidar com a diferença. A universidade, tantas vezes apresentada como o lugar da razão e da liberdade, é também o lugar das repetições simbólicas que silenciam, classificam e

hierarquizam. Mas é também nela que germinam os gestos de resistência, os pequenos movimentos que deslocam, que reescrevem, que ressignificam o cotidiano em lugar de criação.

Esses gestos são quase imperceptíveis, mas é neles que mora a potência do feminino. Uma palavra dita com firmeza, um silêncio que se recusa a ser submissão, um olhar que não se baixa diante da autoridade, tudo isso se torna ato político. Em certa medida, as mulheres que habitam a universidade aprendem a se mover entre as brechas, a criar sentido onde o discurso dominante tenta apagar. São pequenas insubmissões cotidianas, quase invisíveis, mas capazes de alterar o curso de um mar inteiro. Eu as vi e me vi nelas: sustentando o que parecia impossível, afirmando o que o tempo ainda não reconheceu.

Ser pesquisadora é, também, um exercício de espelho e desencaixe. Há dias em que me sinto parte do sistema que em alguns momentos critico, e outros em que me descubro resistindo a ele por existir de outro modo. A universidade é uma casa onde nunca estamos totalmente em casa. É preciso constantemente reconquistá-la, redesenhá-la, fazê-la caber. E, nesse gesto, algo se desloca dentro de mim: aprendo que a pesquisa é uma forma de permanecer no mundo, mas também de reinscrevê-lo a partir do que se diz, do que se escreve e do que se ousa ser.

O acaso e o método se encontraram no mesmo mar. Por mais que eu tentasse estabelecer uma rota, a pesquisa sempre me devolvia ao movimento. Descobri que o rigor não exclui o imprevisto; pelo contrário, é ele que sustenta o risco de pensar. Em cada análise, em cada revisão, havia uma busca por sentido, mas também um respeito ao que não se deixa fixar. O método clínico, que sustentou a escuta, mostrou-se também um modo de me implicar. Porque pesquisar, quando se trata de subjetividade, é também escutar o próprio eco. E foi nesse eco que percebi que a tese não falava apenas delas, mas de mim e das tantas mulheres que se constituem pesquisadoras à medida que escrevem, pesquisam e resistem.

O método, quando vivo, é um corpo em movimento. Não serve para aprisionar o sentido, mas para acompanhá-lo. Descobri que a clínica e a pesquisa compartilham uma mesma ética: a de não violentar o que se mostra. Deixar que o discurso do outro se diga em seu próprio tempo foi o aprendizado mais importante deste percurso. O rigor, então, deixou de ser controle e se tornou cuidado. A pesquisa passou a ser um exercício de escuta do mundo, do outro e de mim mesma.

No mar da tese, o método foi bússola e correnteza. Houve momentos em que ele me guiou e outros em que precisei soltá-lo. Foi nesse balanço entre rigor e entrega que encontrei o sentido de uma escuta ética. O saber, percebi, não é aquilo que se possui, mas aquilo que se partilha. E, ao me implicar nas falas, nos traços e nos silêncios, entendi que o conhecimento não é resultado: é travessia.

As entrevistas foram espelhos e travessias. Cada mulher que escutei devolveu-me um fragmento de mim mesma. Houve momentos em que o discurso delas se misturou à minha própria voz, e eu já não sabia se estava escutando ou sendo escutada. Escutar foi um ato de entrega, uma forma de me deixar afetar. Em cada pausa, havia um tempo de elaboração; em cada silêncio, uma verdade ainda não dita. Aprendi que a escuta é, por si só, uma forma de pesquisa, porque nos coloca diante do que não controlamos, o Outro, o indizível, o que escapa. E é nesse escape que mora a verdade de uma investigação.

Houve falas que me atravessaram como ondas, deixando marcas que o tempo não apaga. Outras chegaram mansamente, como brisa, e me ensinaram a reconhecer o valor da sutileza. A escuta das entrevistadas não foi apenas colheita: foi convivência de presenças. Suas palavras traziam cansaço, alegria, ironia, dor e desejo. Havia nelas um saber do corpo e da vida que nenhum livro ensina. Escutá-las foi como abrir o próprio peito e deixar o mar entrar: às vezes calmo, às vezes tempestuoso.

Descobri, nesse processo, que escutar é também escutar-se. Cada vez que uma mulher narrava seu percurso, algo em mim se rearranjava. Percebi que o ato de pesquisa é menos sobre entender o outro e mais sobre se permitir ser tocada por ele. Escutar tornou-se um espelho simbólico: o som da voz das outras reverberava o eco da minha própria história. Essa experiência desfez a ilusão da neutralidade e me ensinou que toda escuta é também uma implicação, um modo de se reconhecer no meio do discurso alheio e se reconstruir a partir dele.

O percurso analítico tecido, fez emergir sentidos que se entrelaçam como correntes de um mesmo mar simbólico. O que se revela não são respostas, mas movimentos de enunciação que falam da mulher pesquisadora, de seus enfrentamentos e invenções, daquilo que se diz e do que insiste em permanecer à deriva. Ao acompanhar as formações discursivas que atravessam as falas de Tétis, Eurínome e Galateia, o texto se torna uma carta de navegação que indica os ventos da subjetivação e as marés de resistência que sustentam o feminino na universidade.

No que concerne à deslegitimação epistêmica do saber feminino, o discurso das entrevistadas trouxe à tona o modo como o campo acadêmico ainda se estrutura sob hierarquias de gênero. Escutou-se o eco de uma lógica que valoriza o masculino como medida do saber e relega à mulher o lugar do “menor”, do “menos científico”. Entretanto, ao nomear o riso que desautoriza e o olhar que subestima, as pesquisadoras reinscrevem sua presença como ato político. Elas denunciavam, mas também deslocam o discurso, mostrando que a legitimação do saber feminino não é uma concessão institucional, e sim uma conquista simbólica que se faz no corpo, na fala e na escrita.

Quando se revelaram as relações de poder e silenciamento, emergiu a complexidade de um cotidiano atravessado por interdições sutis, hierarquias naturalizadas e gestos que tentam domesticar a palavra feminina. O silêncio apareceu não apenas como efeito do poder, mas como estratégia e gesto ético: calar, às vezes, é sobreviver. Tétis, Eurínome e Galateia mostraram que o poder não está fora, mas circula entre nós, no olhar que regula, na norma que delimita, na docilidade esperada. E, ainda assim, nas frestas do dizer, escuta-se a resistência que se recusa a desaparecer.

O estilo da feminilidade além da norma, as vozes das participantes se tornaram terreno de invenção. Cada mulher reinscreve o feminino para além das fronteiras do ideal de delicadeza ou da exigência de fortaleza. As falas revelaram que o corpo é também lugar de saber, e que o desejo, tantas vezes interditado, é força criadora. Ao afirmar-se como mulher, como preta, como professora, como pesquisadora, cada uma traça um contorno singular do que significa existir entre o amor e a culpa, o prazer e o cansaço, a entrega e a recusa. O feminino, nesse mar, não é identidade fixa: é movimento.

O lugar acadêmico nomeado de universidade como espaço de deslocamentos identitários, o território acadêmico apareceu como porto e correnteza. As mulheres o habitam, mas também o reinventam. A universidade, lugar que acolhe e adocece, foi descrita como cenário de disputas simbólicas, onde o reconhecimento precisa ser refeito todos os dias. Nesse espaço de contradições, a mulher pesquisadora se constitui não pela aceitação, mas pela criação, inventa o próprio lugar, escreve-se onde antes não cabia, afirma-se no entre-lugar entre o instituído e o que deseja se instituir.

As angústias faladas sobre a multiplicidade de papéis e tensões entre vida pessoal e acadêmica, o tempo da pesquisa se misturou ao tempo da vida. A mulher que escreve também cozinha, cuida, ama, se cansa. E é nesse entrelaçamento que nasce um saber encarnado, atravessado por afetos e limites. As entrevistadas mostraram que a conciliação não é harmonia, é sobrevivência, um fazer diário de costuras entre o íntimo e o público, o trabalho e o desejo. Essa multiplicidade, longe de fragmentar, é o que sustenta a travessia: cada papel é uma vela que ajuda a seguir, mesmo em meio às tempestades.

O conjunto dessas formações discursivas delinea o mapa simbólico desta pesquisa: um mar de resistências e invenções, onde o feminino não busca um destino final, mas o direito de navegar com sua própria bússola. Cada discurso analisado revela que o movimento de subjetivação da mulher pesquisadora se faz entre ventos contraditórios, ora de enfrentamento, ora de delicadeza, mas sempre de coragem. Há, nesse mar, portos que se constroem no gesto de permanecer e ondas que anunciam novas possibilidades de ser. O saber feminino, nesse

horizonte, não se reduz à racionalidade que o quer conter: ele se move, desobedece, cria. E é nessa deriva criadora que a mulher pesquisadora se reconhece, não como quem chega, mas como quem continua traçando caminhos próprios entre o rigor e o desejo, entre o método e o acaso, entre o silêncio e a palavra que insiste em dizer-se.

Nos desenhos, encontrei outro tipo de linguagem. As cores, as formas e os espaços em branco falaram onde o discurso hesitava. O broto verde de Tétis, a figura ereta de Eurínome diante do “Lattes”, o caminho colorido de Galateia, cada imagem era um dizer. O traço se tornou palavra, o branco se fez silêncio e o conjunto revelou o que a palavra nem sempre alcança. O gesto plástico das participantes foi também o meu: desenhar com palavras os contornos daquilo que insiste em não se calar. As imagens falavam da vida que se faz entre o desejo e a falta, da mulher que germina mesmo quando a terra é árida, da insistência em permanecer ereta mesmo diante do peso das estruturas.

Essas imagens me ensinaram o que a escrita, às vezes, esquece: que o saber também se desenha. Há linhas que não explicam, mas expressam. O branco da folha não é vazio, é espera. E o traço, quando emerge, é como um suspiro que encontra forma. Os desenhos mostraram que o discurso da mulher pesquisadora não se limita à palavra, ele se espalha em cores, em gestos, em espaços não nomeáveis. O broto que rompe o solo, o corpo que se sustenta diante do símbolo institucional, o caminho que segue entre curvas e cores, tudo isso é enunciação.

A análise das imagens foi também um ato de escuta. Em cada desenho, percebi uma luta silenciosa entre o que é dito e o que é sentido. O traço firme revelava convicção; o branco, dúvida; a cor intensa, desejo. As mulheres desenharam o que talvez nunca pudessem dizer em voz alta. E, ao olhar para esses desenhos, percebi que a imagem é também um discurso de resistência: uma maneira de existir para além da lógica da razão. O traço, assim, tornou-se metáfora do próprio sujeito, frágil e forte, vulnerável e insistente, sempre em processo.

Os objetivos que tracei no início foram sendo cumpridos em certa medida, não como metas, mas como travessias. Investigar os desafios da mulher na construção de sua trajetória como pesquisadora exigiu mais do que um olhar analítico: exigiu presença, corpo e escuta. A cada narrativa, identifiquei barreiras que não estão apenas nos prédios ou nas normas, mas nos gestos cotidianos, nas relações atravessadas por poder e desejo. As entrevistadas mostraram que o enfrentamento dessas barreiras é também um ato de subjetivação, uma forma de inscrever-se num espaço que, historicamente, tentou apagá-las.

Percebi, ao revisitar essas falas, que responder a questão de pesquisa é menos sobre provar algo e mais sobre acompanhar um movimento. O que antes era possibilidade tornou-se experiência. Não foi uma coleta de dados, mas uma colheita de sentidos. As mulheres me

ensinaram que a luta pela visibilidade não se dá em grandes gestos, mas em pequenas permanências. Cada escolha, cada texto publicado, cada palavra dita em um espaço público é uma forma de inscrição simbólica, uma maneira de dizer “eu estou aqui”, mesmo quando o discurso dominante tenta nos calar.

Escutei também que a trajetória acadêmica não se constrói apenas no acúmulo de títulos, mas na insistência em não desistir. A cada obstáculo, emerge uma mulher reinventando-se. A universidade, tantas vezes rígida, tornava-se maleável sob o toque de quem a habita com desejo. Vi, nas vozes que escutei, a presença de uma força silenciosa, quase invisível, que move montanhas de dentro para fora. E percebi, em mim mesma, essa mesma força que sustenta, que insiste, que escreve mesmo cansada.

As relações de poder emergiram não apenas como opressão, mas como campo de disputa. A mulher pesquisadora vive o paradoxo de se mover dentro de um sistema que, ao mesmo tempo em que a constitui, tenta contê-la. A força do feminino, nesse contexto, não está em opor-se frontalmente, mas em criar fissuras. São brechas sutis, por onde passa o sopro da invenção. A cada obstáculo, uma estratégia; a cada silenciamento, uma nova forma de dizer. Assim, a universidade deixa de ser apenas cenário e se torna personagem: ora aliada, ora adversária, sempre parte da história que a mulher pesquisadora escreve com seu próprio corpo.

O poder, analisei, não é uma muralha, mas uma rede. Ele atravessa, sustenta e também adocece. As mulheres entrevistadas mostraram que é possível movimentar-se dentro dessa rede sem ser totalmente capturada por ela. Seus discursos não são de negação, mas de reconfiguração. Elas reocupam espaços, ressignificam funções, reescrevem o que lhes foi imposto. O poder, quando escutado com atenção, revela seus furos, e é por eles que o feminino passa, não para destruir, mas para deslocar. Esses furos são, talvez, a verdadeira política da resistência.

Apreendi que o enfrentamento nem sempre se faz por confronto; muitas vezes, ele se faz por permanência. Permanecer é também um ato revolucionário quando o sistema aposta no esgotamento. A mulher pesquisadora que insiste em estar, em produzir, em criar, realiza um gesto ético: o de não deixar que o mundo acadêmico se torne completamente surdo à diferença. A resistência, então, não é grito, mas respiração, uma respiração que mantém viva a possibilidade do novo.

Escutar como a universidade contribui na constituição da mulher pesquisadora foi reconhecer sua ambiguidade. Ela é espaço de produção e também de exclusão, de acolhimento e de hierarquia. É onde o saber se constrói, mas também onde o sujeito se cansa. É onde o desejo se elabora, mas também onde o prazer se adia. A mulher pesquisadora aprende a existir

nessa contradição, transformando a falta em potência, o limite em força criadora. O tempo universitário é o tempo do entre, entre o pessoal e o institucional, entre o privado e o público, entre o sonho e a norma.

Essa ambiguidade me ensinou a olhar a universidade como um espelho que reflete e distorce ao mesmo tempo. É um lugar de fecundidade, mas também de infertilidade simbólica, onde o novo nasce e morre no mesmo gesto. O desafio está em sustentar-se nesse entre, sem se perder de si. As mulheres que escutei mostram que isso é possível, não porque são imunes às forças que as atravessam, mas porque transformam o desconforto em matéria de criação. A universidade, nesse sentido, é menos instituição e mais travessia: um território em disputa constante.

Com o tempo da tese, percebi que o pertencimento não vem da aceitação, mas da invenção. A mulher pesquisadora se constitui não porque a universidade lhe dá espaço, mas porque ela o cria. É um espaço que nasce do gesto, da palavra, da persistência. E talvez seja justamente essa a contribuição mais profunda da universidade na constituição do sujeito feminino: ela não oferece o lugar, mas a possibilidade de reivindicá-lo.

Explorar as experiências subjetivas dessas mulheres foi um dos movimentos mais delicados e reveladores do percurso. O prazer e o desprazer, a culpa e o desejo, o amor e o cansaço se entrelaçam como fios de uma mesma trama. Não há neutralidade na produção de conhecimento, e isso é o que o discurso acadêmico muitas vezes tenta disfarçar. Cada texto produzido é também o testemunho de uma luta simbólica. As mulheres que escutei falam de culpa, mas também de alegria; de cansaço, mas também de desejo; de exaustão, mas também de sentido. E é nesse entrelaçamento que o saber se torna humano.

O humano, nesse contexto, é o que escapa às normas. É o gesto imperfeito, o erro, a pausa, o riso fora de hora. É a lágrima que cai sobre a página e o olhar que se perde no meio de uma frase. Ao explorar as subjetividades, encontrei um saber que não cabe nos relatórios, mas pulsa nas entrelinhas. Um saber que é feito de presença, de corpo, de história. É o saber que se escreve no cotidiano, nas relações, nos afetos. E é esse saber que dá à pesquisa o estatuto de experiência, uma experiência viva, situada, encarnada e em muitas situações, subjetivada.

Aprendi que subjetivar é também resistir. Cada mulher que se reconhece em sua própria incompletude rompe com a lógica da perfeição que o campo acadêmico exige. Assumir a falta é o gesto mais corajoso de quem escreve. As entrevistadas me mostraram que o saber não nasce da certeza, mas da dúvida; não da estabilidade, mas do movimento. E foi nelas que reconheci a força de continuar: porque pesquisar, afinal, é aprender a conviver com o que nunca se conclui.

Ao longo do percurso, refleti que o prazer de pesquisar não anula o cansaço; eles convivem. Há dias em que o desejo é o que move, e outros em que ele apenas sobrevive. Mas a persistência em continuar é o que ressignifica o cotidiano em campo de elaboração. A mulher pesquisadora, quando escreve, escreve também contra o tempo, contra a dispersão, contra o esquecimento. E nessa resistência silenciosa, há um gesto ético: o de sustentar o desejo de saber mesmo quando a maré está contra.

Nesse convívio entre prazer e exaustão, descobri que o desejo é, ao mesmo tempo, alimento e ferida. Ele move, mas também dói. O corpo responde com lentidão quando o pensamento se acelera demais. Há um descompasso entre o ritmo da vida e o da escrita, e é nesse intervalo que o sujeito se faz pesquisador. Aprendi a respeitar o próprio limite, a reconhecer o cansaço não como sinal de fracasso, mas como parte da travessia. O prazer, quando chega, não é explosão, é respiro. É o instante em que a palavra encontra um sentido, ainda que provisório, e o corpo, finalmente, se permite parar.

Entendi que o prazer da pesquisa não é euforia, é persistência. É o ato silencioso de voltar ao texto, reler uma frase, ajustar uma palavra, insistir em escutar o que ainda escapa. É um prazer que se constrói no intervalo entre o fazer e o pensar, entre o que se deseja dizer e o que se pode dizer. E talvez seja justamente essa incompletude que mantém o movimento. Porque o desejo de saber não se satisfaz, ele se renova, e é nesse movimento incessante que a mulher pesquisadora encontra o sentido de continuar.

A pesquisa não me deu respostas definitivas, mas me ensinou o valor das perguntas. Aprendi que a dúvida é o motor da travessia. O acaso se destina àquelas que não temem o movimento. O doutorado não me fez dona de um saber, mas guardiã de um percurso. E talvez seja isso que o “acaso” me quis ensinar: que o conhecimento é aquele que se escreve com o corpo inteiro, com o medo, com o cansaço, com perdas, com o desejo.

A pergunta me acompanhou como um farol distante. Houve momentos em que parecia me guiar; em outros, parecia confundir o caminho. Ao longo da travessia, percebi que o valor da pesquisa não está em encontrar respostas definitivas, mas em sustentar a escuta do que se desloca. A questão que orientou este percurso, em quais contextos a mulher se constitui como pesquisadora nos tempos e espaços universitários, e quais as implicações presentificadas na subjetivação de sua condição feminina, não se resolve, se amplia. Ela se reinventa nas vozes que emergem, nas faltas que insistem e nos sentidos que se reescrevem. O que permanece em aberto é o que mantém o desejo vivo. E talvez pesquisar seja isso: seguir navegando entre o que se sabe e o que ainda se busca, fazendo do inacabado e do imprevisível o próprio motor do saber.

O acaso, nesse percurso, tornou-se uma espécie de mestre silencioso. Ele ensinou a acolher as falhas, a rir dos desvios, a aceitar as pausas como parte do processo. Descobri que o saber não é linear, mas ondulatório, vem em fluxos, em refluxos, em respirações desiguais. E cada vez que eu acreditava ter chegado, a maré me mostrava que ainda havia mais a ser dito, mais a ser escutado. O acaso, afinal, é o outro nome do desejo.

Há, contudo, lacunas que precisam ser reconhecidas. Esta pesquisa acompanhou um grupo específico de mulheres, em um contexto institucional e temporal também específico. Outras experiências, atravessadas por marcadores sociais que constituem formas de subjetivação, certamente produziram deslocamentos e sentidos que aqui não puderam emergir. Reconhecer essas ausências não enfraquece o percurso apenas confirma que toda escuta é situada, limitada e, por isso mesmo, profundamente ética.

Também permaneceu fora do alcance desta tese uma análise mais ampla das estruturas institucionais, políticas e históricas que atravessam o trabalho acadêmico no Brasil. As formações discursivas que emergiram apontam para esses atravessamentos, mas não os esgotam. Há camadas que o método não alcança, zonas de silêncio que não puderam ser exploradas, tensões que pedem desdobramentos futuros. São lacunas que não invalidam o trabalho; pelo contrário, lembram que toda pesquisa é apenas um trecho do mar. E que o que resta por dizer é, muitas vezes, o que convoca a seguir adiante.

A devolutiva às participantes será um dos gestos mais éticos e simbólicos desta travessia. Pretendo que esse momento não se restrinja a um fechamento formal, mas que se configure como reencontro, uma escuta que retorna. A cada mulher professora pesquisadora, desejo oferecer o texto que ajudou a construir, não como confirmação, mas como espelho. Imagino que o retorno das palavras possa provocar reconhecimento, surpresa ou silêncio, o tempo que cada uma precisar para elaborar o que o discurso reflete.

Mais do que entregar achados, quero devolver presença. Que a devolutiva aconteça como partilha, no gesto, no olhar, na conversa simples que reafirma a humanidade do processo. Ao devolver o que foi escutado, também me devolvo: reconheço que a palavra colhida pertence a quem a pronunciou e que a pesquisa se torna ética quando sustenta vínculos e não objetos. O gesto devolutivo é, portanto, continuação da escuta, um modo de dizer obrigada sem encerrar a travessia, permitindo que o texto siga vivo nas mulheres professoras pesquisadoras que o inspiraram.

O futuro da pesquisa não é um ponto final, mas uma nova rota a seguir. Este trabalho pretende se desdobrar em outras marés: há projetos que emergem, leituras que ainda me esperam, e uma escuta que permanece viva em mim. O desejo é que as vozes aqui escutadas

sigam reverberando em outros espaços: congressos, publicações, rodas de conversa, salas de aula. Reacender a pesquisa em um pós-doutorado, devolver aos sujeitos esses achados, publicar em forma de livro impresso.

O pós-defesa se anuncia como um tempo de sedimentar o vivido, de revisitar o percurso e permitir que as perguntas ganhem novos contornos. Quero seguir navegando por esse tema, talvez ampliando o diálogo com outras mulheres, de outros contextos, que também reinventam o modo de existir no saber. A pesquisa continua porque a pergunta não se cala. E se a tese é um porto, o desejo é o vento que seguirá movendo este barco.

Para as feministas, tenho algo a dizer: esta pesquisa não teve como objeto escutá-las diretamente, nem se propôs a realizar uma análise dos movimentos feministas em sua pluralidade. Ainda assim, reconheço a importância incontornável de suas contribuições históricas na luta por igualdade de gênero, direitos e reconhecimento. O foco aqui se concentrou na escuta de mulheres pesquisadoras e nos modos como cada uma se constitui no espaço-tempo da universidade, mas isso não exclui, pelo contrário, convoca, a potência de diálogos futuros. Talvez, em um pós-doutorado, eu possa me debruçar sobre esse movimento amplo e diverso que segue tensionando estruturas, produzindo deslocamentos e ampliando as possibilidades de existência para nós.

Há uma solidão que acompanha quem pesquisa. É a solidão das madrugadas silenciosas, dos textos que parecem não avançar, das ideias que fogem. Mas também há uma solidão povoada, pelas vozes das mulheres que me acompanharam, pelas orientações que ecoaram, pelas leituras que me sustentaram. No meio dessa solidão, percebi que o escrever é uma forma de companhia: a palavra se torna abrigo, o texto se torna casa.

A escrita me ensinou que solidão e partilha não se excluem. Mesmo quando sozinha, eu sentia a presença das vozes que me atravessaram. As mulheres entrevistadas estavam comigo, mesmo em silêncio. A solidão da pesquisadora é povoada por ecos. O texto se torna lugar de encontro, de diálogo, de escuta. E talvez seja isso que a escrita faz de mais bonito: transforma o isolamento em comunhão, a dor em linguagem, o silêncio em sentido.

O corpo sente o peso da travessia. O tempo da tese é um tempo diferente do tempo da vida. Há dias em que o relógio parece girar em outra rotação, em que o mundo lá fora corre e o sujeito que escreve precisa parar. A escrita exige uma entrega que o cotidiano nem sempre permite. A família sente a ausência, o corpo sente o cansaço, e a mente tenta conciliar o impossível. Ainda assim, seguimos. Porque há algo que insiste, que empurra, que chama, o desejo de permanecer viva no que se faz.

A ausência, nesse processo, ganha uma dimensão simbólica. Estar ausente da família, dos afetos, das pequenas rotinas, é também um modo de estar presente de outro jeito. É ausência que fala, é amor que se desloca. A tese exige rigor, mas também devolve. Devolve o sentido do gesto, o reencontro com o próprio tempo, a reconciliação entre o fazer e o ser. O corpo da pesquisadora é o corpo da mulher que aprendeu a estar entre mundos, e a sobreviver neles sem deixar de desejar.

Esta mulher professora pesquisadora que escreve é feita de mar e de cansaço. Habita um corpo que sonha e que dói. Carrega livros, memórias e ausências. Sustenta palavras mesmo quando o fôlego falha. Esta mulher aprendeu que o saber não é refúgio, é travessia. Que o desejo não se cumpre, se renova. Que o acaso não é sorte, é encontro. E que toda pesquisa é, antes de tudo, um modo de permanecer viva, mesmo quando o mar se cala.

Há, em mim, um reconhecimento profundo de que esta escrita tem continuidade tal qual uma fita de Moebios. Ela continua em mim, nas outras, no que ainda virá. Esta mulher que escreve não é mais a mesma que começou. Ela aprendeu a habitar o entre, a fazer da falta uma morada, do cansaço uma forma de presença. O mar, que tantas vezes pareceu ameaça, agora é horizonte. E eu, que tantas vezes temi não dar conta, percebo que dar conta nunca foi o objetivo, o que importa é continuar.

E então ecoa Caetano: “Existirmos, a que será que se destina?”, pergunta que abre outra em mim: escrever, a que será que se destina? Ao lembrar que “A matéria vida era tão fina”, percebo o quanto esta tese também se fez dessa delicadeza: do que resta, do que quase se perde, do que insiste em brotar apesar das marés mais duras. Há algo da “[...] intacta retina”, essa capacidade de ainda vislumbrar um clarão mesmo quando a água turva, que me permite continuar a travessia.

Quando Caetano (1979) diz que “Tampouco turva-se a lágrima nordestina”, encontro a força silenciosa que me acompanha: mesmo quando a lágrima ameaça turvar, algo permanece vivo, um modo de continuar, de respirar fundo, de seguir. Há ainda uma claridade inesperada, como “A cajuína cristalina em Teresina”, que lembra que a vida, mesmo que em alguns momentos ferida, segue capaz de cintilar.

O mar não se encerra, apenas muda de nome. E eu sigo, com esta mulher que em mim navega, por outras águas que ainda não se deixaram nomear. A travessia continua, não como repetição, mas como recomeço. ***O que quer uma mulher?*** Talvez, apenas, seguir perguntando. Porque é na pergunta que o desejo respira, e é no inacabado que a vida, e a pesquisa, continuam a pulsar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alice. **Mulheres na ciência**. Revista Mulheres na Ciência, v. 2, p. 6, 2020. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/revista_mulheres_na_ciencia_-_edicao_no_2-fg.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Encontro com a loucura**: transicionalidade e ensino de psicopatologia. (Tese de Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo: 1999. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/pt-br.php>
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. **Vício e Loucura**: Estudo de representações sociais de escolares sobre doença mental através do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Boletim de Psicologia, 1991.
- AKHTAR, Salman. **Escuta psicanalítica**: métodos, limites e inovações [livro eletrônico]. Tradução de Giovanna Del Grande da Silva. São Paulo: Blucher; Karnac, 2018.
- ALMEIDA, M. (2020). **Mulheres na Academia**: Desafios e Conquistas. São Paulo: Editora XYZ.
- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo** – Coleção primeiros passos. Abril Cultural, 1985.
- ALVEZ, M.; BARBOSA, M. C.; LINDNER, E. L. **Mulheres na ciência**: a busca constante pela representatividade no cenário científico. In: Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - XII ENPEC. Natal-RN, 2019.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ANZIEU, Didier. **O eu-pele**. Tradução de Tânia Rivera. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BADINTER, E. **Um é o outro**: Relações entre Homens e Mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARROS, Manoel de . **A terceira infância**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLZANI, V. S. **Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas?** Ciência e Cultura, Campinas, v. 69, n. 4, São Paulo, 2017.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 92.937, de 17 de julho de 1986**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 jul. 1986. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-92937-17-julho-1986-442927-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRASIL. **CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Brasília: CAPES, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/capes>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BRASIL. **CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Brasília: CNPq, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BRANDAO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

BROCHADO, C. C. **A querelle des femmes e a política sexual da Idade Média**. Brathair: Maranhão, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françaoli. E-book. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Regulações de gênero**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CAPUTO, M. **Por que as meninas não querem fazer ciências exatas?** Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 08 mar. 2019. Disponível em: <https://www.abc.org.br>. Acesso em: 21 out. 2024.

CARVALHO NETO, A. M.; TANURE, B.; ANDRADE, J. **Executivas**: carreira, maternidade, amores e preconceito. *RAE Eletrônica*, v. 9, n. 1, art. 3, 2010.

CHASSOT, A. I. **A Ciência é masculina? É sim, senhora!** Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia Lisboa; PREHN, Denise (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 13-38.

COSTA, Sônia Giacomini. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-29, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/11901>. Acesso em: 2 nov. 2024.

COUTINHO, D.M.B., MATTOS, A. S., MONTEIRO, C.F.A., VIRGENS, P.A., & ALMEIDA-FILHO, N.M.. Ensino da Psicanálise na universidade brasileira: retorno à proposta freudiana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. 2013.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativo e misto. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

D'ARÁDIA, Helena. **Pés descalços no sagrado feminino**: uma breve linha do tempo do feminino na história. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Clássicos).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O homem que caminhava na cor**. Tradução de Nuno Portas e Paulo Catrica. Lisboa: Editorial Assírio & Alvim; Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto; [S.l.]: INCM, 2002.

DINIZ, Margareth. O método clínico e sua utilização na pesquisa. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 120, pp. 9-21, maio 2011. Edição especial de 10 anos. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13029/696> 5 Acesso em: 11 Jun. 2025.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. *Estud. Av.*, vol. 17, n. 49. São Paulo, 2003.

DUNKER, Christian Ingo Lenz et al. **Análise Psicanalítica de Discursos**: Perspectivas Lacanianas Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

ELSEVIER. **The researcher journey through a gender lens: a global examination of research participation, career progression and perceptions**. Amsterdam: Elsevier, 2020. Disponível em: <https://www.elsevier.com/connect/gender-report>. Acesso em: 8 nov. 2023.

- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- FERREIRA, Tânia. VORCARO, Angela (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FILHO, Rubens Pantano; AMARAL, Emília (orgs.). **O Renascimento em uma perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: FoxTablet, 2022. E-book.
- FOUCAULT, Michel. (1969). **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michael. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, Ago. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004> . Acesso em 10 jul. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD, Sigmund (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD, Sigmund. (1932). A feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, Vol. XXII**. Rio de Janeiro: Imago, 1988

FREUD, Sigmund (1926). A questão da análise leiga. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XX.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1915). A repressão. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XX.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XIX.* Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. VI.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1894). Primeiras Publicações Psicanálicas. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. VI.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Lembranças Encobridoras. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. III.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1916). **Luto e melancolia.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. 22.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund (1923). **O eu e o isso.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1915). O inconsciente. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, v. 12.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Seminário. Livro 3: As psicoses.** Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro 1988.

FREUD, Sigmund. **Projeto Para Uma Psicologia Científica.** *In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1920-1923). **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar** -Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, Sigmund (1892). Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos. Estudos sobre a histeria. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. III.*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund (1856-1939). **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre. RS: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1915) O Inconsciente. *In: História do movimento Psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. 1914. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, Sigmund (1912). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. *In Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia: (o caso Schreber): artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund (1926). **A questão da análise leiga. Diálogo com um interlocutor imparcial**. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas , vol. XVII* . São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

Freud, Sigmund (1900). A interpretação dos sonhos. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. IV, V*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREUD, Sigmund (1931) Sobre a sexualidade feminina. *In: Amor, sexualidade e feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica , 2018

FREUD, Sigmund (1933) A feminilidade. Novas Conferências Introdutórias XXXIII. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XXII*, 1996

Freud, Sigmund (1916). Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico. *In Obras incompletas de Sigmund Freud: Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica , 2015.

FREUD, Sigmund. Fragmento de uma análise de um caso de histeria (Caso "Dora"). *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. VI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. *In: Edição Standard. Brasileira das obras completas, vol. VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1995

Freud, Sigmund. (1886-1889). Carta 52. *In S. Freud. Edição Standard Brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976

Freud, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. (1906-1908). O esclarecimento sexual das crianças. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, v IX**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV

FREUD, Sigmund (1908). Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna. In: **FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976

FREUD, Sigmund (1927-1931). O futuro de uma ilusão. In: **O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, v. III**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1916-1915). Sobre a transitoriedade. In: **Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GARCIA, Denize Elena da Silva (Org.). **Práticas de análise do discurso**. Brasília: Editora Plano, 2003.

GARCIA, Cristina. **Para mulheres na ciência – 20ª edição**. L'Oréal Brasil News, Grupo L'Oréal, 2025. Disponível em: <https://www.loreal.com/pt-br/brazil/news/grupo/para-mulheres-na-ciencia-2025/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GATTI, Bernardete e ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Acesso em: 08 nov. 2023.

GAY, P. Freud: **Uma Vida Para Nosso Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **ERA - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONZAGUINHA. **Caminhos do coração**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- HERRMANN, Fábio. **Clínica psicanalítica: a arte da interpretação**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. Tradução de Camila Prada. São Paulo: Editora Senac, 2017.
- KEHL, M. R . **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo.2016.
- KRAMER, Peter D. **Freud: criador da mente moderna**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução a semánlise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Debates semiótica).
- KRISTEVA, Julia. **O tempo das mulheres é o tempo do recomeço**. Entrevista concedida a Simonetta Fiori. Tradução e publicação em: HORENSTEIN, Mariano (org.). Mariano Horenstein – Psicanálise e Cultura. 2013. Disponível em: <https://marianohorenstein.com/pt/julia-kristeva-2/>. Acesso em: 21 out. 2025.
- KUPFER, M.C.M. et al . **A produção brasileira no campo das articulações entre psicanálise e educação a partir de 1980**. Estilos da Clínica, 2010.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 4. ed. São Paulo, SP: Escuta, 2013.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LACAN, Jacques (1953-54). **O Seminário**, livro 1, os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques (1959-1960). **O Seminário**, Livro 7, A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques (1949). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. (1962-1963). **O Seminário**, livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1975-1976). **O Seminário**, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques (1957-1958). **A dialética do desejo e da demanda na clínica e no tratamento das neuroses**. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques (1966). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1964). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1969-1970). **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação (1958-1959)**. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques (2001a) Prefácio a: O despertar da primavera. **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques (2001b) **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques (1955-1956). **O Seminário, Livro 3: As psicoses**. Tradução de Aluísio Quaresma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988

LACAN, Jacques (1960–1961). **O Seminário, livro 8: A transferência**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. (1972-1973) **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LACAN, Jacques (1974). **O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens: a (Psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LINGUEE. **Dicionário Alemão–Português**. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/alemao-portugues/traducao/wissbegierde.html>. Acesso em: 13 out. 2025

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias**. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 3, p. 493–502, dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/ZBDqV7jGF96jpfPpHxrwr9R/?format=html>>. Acesso em: 11 out. 2025.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. 2005. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina:eduel, 2003.

MESSEDER, S. A.. **A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disso nos estudos de sexualidades e gênero**. In: Bruna Andrade Irineu. (Org.). *Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça*. 01ed.Tocantins: EDUFT, 2016, v. 01, p. 06-17.

MELO, M. T. L. O chão da escola. Construção e afirmação da identidade. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009

MILLER, Jacques-Alain et alli. **La pareja e el amor: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010

- MORAES, Deodato. **Psicanálise e Educação**. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado e Cia, 1927
- MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- NASIO, J.-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- NASIO, J.D. **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NÓVOA, António.(coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote,1995.
- ORLANDI, E. P. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Seminário de estudos em análise de discurso**, 1, 2003. Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. Disponível em: http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/conf_04/eniorlandi.pdf acesso 22/10/2025
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A leitura e os leitores possíveis**. In: ORLANDI (Org.) *A Leitura e os Leitores*. Campinas: Pontes. 1998.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos** [online]. 6th ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Recortar ou segmentar? In: **Linguística: Questões e Controvérsias**. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.
- ORNELLAS, MLS. Decifrar o que vejo no desenho e foracluir o que não vejo. In: ORNELLAS, MLS. RADEL, D., et al. collabs. **Ficar na escola: um furo no afeto**. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 29-31.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **(Entre)vista: a escuta (re)vela**. Salvador: Edufba, 2011.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Professor sujeito: uma escuta psicanalítica**. In: FORNARI, Liege Maria Sitja; ORNELLAS, Maria de Lourdes S. *Entre-linhas: educação, psicanálise e escuta*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Psicanalise e Educação: o que falta em um está no outro?.** Salvador: EDUFBA, 2019.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Afetos: que queres de mim?** Porto Alegre: Paco & Littera, 2018.
- PACHECO, A. L. P. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. 2ª ed. São Paulo: Agente publicações, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso** (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PRIORE, Del Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

RIVIERE, Joan. **A feminilidade como máscara**. [1929]. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30716902>. Acesso em: 21 out. 2025.

ROMANOWSKY, J. P., & Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte". **Diálogos Educacionais**, 6(6), 37-50.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi: ensaios sobre o assujeitamento e a resistência no Brasil contemporâneo**. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

ROSA, Miriam Debieux. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Acesso em: 17 out. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **As epistemologias do Sul**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. - São Paulo : Cortez, 2008.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1975

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: Edusc, 2001.

SCHIENBINGER, Clément e Kristeva. **O Feminismo mudou a Ciência?**. EDUSC, Bauru, SP, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOARES, C. M. **As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Afro-Ásia, Salvador, n.17, 1996.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. **O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise**. Boletim de Psicologia, v. 61, n. 135, p. 207-215, 2011. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432011000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 09 nov. 2024.

SERRALHA, Conceição Aparecida e COMIN, Fabio Scorsolini. **.Psicanálise e universidade: um encontro na pesquisa**. Curitiba: CRV, 2013.

SILVA, Fabiane F.; RIBEIRO, Paula R. C. **Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”**. Ciência e educação. Bauru. Vol. 20, n. 2, P. 449- 466, 2014.

SILVA, T. **A Dupla Jornada das Mulheres Pesquisadoras: Impactos na Carreira Acadêmica**. Belo Horizonte: Editora GHI, 2021.

SIRCILLI, F. **A argumentação de Arthur Ramos a favor da Psicanálise na Educação: análise retórica de um livro-argumento (Dissertação de Mestrado)**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1820-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Rachel. Formas de violência, relações de gênero e feminismo. **Niterói: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 2, n. 2, p. 7-26, 1º sem. 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TABAK, F. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia Salvador**: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 39-49.

TRINCA, W. (Org.) **Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias**. São Paulo: Vetor, 2020.

TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: Formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. São Paulo: Vetor, 2013

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB). Pró-reitoria de gestão de Pessoas 2025. Salvador: PGDP/UNEB, 2022/2025.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual e outros ensaios**. Tradução de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WOLLSTONECRAFT, Mary, 1759-1797 . **Reivindicação dos direitos da mulher** / Mary Wollstonecraft ; tradução Ivania Pocinho Motta. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre : Penso, 2016.

ZIMERMANN, David E. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA/DESENHO TEMPO MÁXIMO ESTIMADO 2H

Seção 1: Percurso Acadêmico

1. É possível contar sobre sua trajetória acadêmica e como você se tornou pesquisadora?
3. Conte sobre a escolha do seu objeto de pesquisa?

Seção 2: Experiências como Mulher Pesquisadora e Feminilidade

1. De que maneira você percebe a representação ou produção do conhecimento de mulheres na pesquisa?
3. Você acha que há uma diferença no tratamento dado às mulheres pesquisadoras em relação aos homens?
4. O que é ser mulher, e ser mulher feminina para você?
5. A mulher vem tomando espaço nas universidades em relação ao homem?

Seção 3: Universidade, Desafios e Oportunidades

1. Quais cargos ou serviços da universidade você acha que são mais úteis para mulheres pesquisadoras?
2. Você acha que a universidade pode melhorar as condições de trabalho às mulheres pesquisadoras?
3. Você conhece alguma iniciativa ou programa que promova a igualdade de gênero na academia?
4. Quais são os principais desafios que você enfrenta como mulher pesquisadora na universidade?
5. O que você diz sobre questões subjetivas com relação a ser mulher atravessada pela universidade?

Seção 4: Estereótipos, Preconceitos, Emoções e Vulnerabilidade

1. Você já enfrentou estereótipos ou preconceitos por ser mulher na academia?
2. Como você lida com comentários ou piadas sexistas?
3. Você sente que precisa trabalhar mais para provar sua competência?
4. Você sente que sua carreira de pesquisadora afeta sua vida pessoal? Como você equilibra as duas dimensões?
5. A letra da canção Cor-de-rosa choque (Rita Lee), fala da mulher. O que você tem a dizer sobre essa letra e se tem a ver com o que estamos falando até agora?

“Nas duas faces de Eva

A bela e a fera

Um certo sorriso de quem nada quer

Sexo frágil

Não foge à luta

E nem só de cama vive a mulher

Por isso não provoque

É cor de rosa choque
Mulher é bicho esquisito
Todo mês sangra
Um sexto sentido maior que a razão
Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie em extinção
Por isso não provoque
É cor de rosa choque”

Seção 5: Futuro e Legado

1. Qual o seu imaginário sobre a pesquisa realizada por mulheres? Você entende que nossas pesquisas são valorizadas em relação as pesquisas realizadas por homens?
2. Você acha que sua pesquisa pode impactar a sociedade? Como? Poderia falar dela?
3. O que você diria para as mulheres que desejam seguir carreira na pesquisa?
4. Faça uma pergunta sobre o tema. Essa pergunta não terá resposta.

Conclusão

- Agradecimento pela participação
- Pergunta se há algo mais que o entrevistado gostaria de adicionar
- Fechamento da entrevista

APÊNDICE 2 - Desenho-Título- História

Observe que já conversamos através da entrevista sobre o meu objeto de pesquisa, **“mulher pesquisadora subjetivada na universidade”**. Nesse momento você vai realizar um desenho em uma folha de papel a partir da consigna: **“Desafios postos a mulher na construção da produção científica na universidade, os enfrentamos, lutas, conquistas e como as relações de poder atravessam a sua porção feminina”**.

Após o desenho você vai construir uma história sobre ele e escolher um título para a história. Sinta-se a vontade, não será exigido perfeição. O que importa é você representar o objeto em forma de desenho.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE _____ CAMPUS _____
COLEGIADO DE _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
Data de Nascimento: ____/____/____
Endereço: _____ Complemento: _____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
Telefone: (____) _____/(____) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

- 1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:.....
2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: (orientador no caso de projetos de tcc)
Cargo/Função:.....

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa:
“TITULO” _____, de responsabilidade da pesquisadora
docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo

.... A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios(EXPLICAR OS BENEFÍCIOS DA
PESQUISA MESMO QUE POTENCIAIS OU INDIRETOS)Caso aceite o Senhor(a) será ... (PROCEDIMENTO ADOTADO PARA
A COLETA DE DADOS - EX: ENTREVISTADO E ESTA ENTREVISTA SERA GRAVADA EM VÍDEO /ÁUDIO.. RESPONDERÁ A UM QUESTIONÁRIO, TERÁ
SEU PRONTUÁRIO AVALIADO.)...-pela alunado curso de graduação em
.....Devido a coleta de informações o senhor poderáESPECIFICAR OS
RISCOS (EX: CONSTANGIDO, SENTIR DOR DEVIDO A RETIRADA DA AMOSTRA DE SANGUE, INCOMODADO OU MEMO LEMBRAR MOMENTOS DE
TRISTEZA DE SUA VIDA). Sua participação é voluntário e não haverá nenhum gasto ou
remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto
o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir
de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação
com a

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da

Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : http

http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil

pesquisadora ou com a instituição.. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:..... (orientador no caso de projetos de tcc)

Endereço: **Telefone:** .(...)....., **E-mail:**.....

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

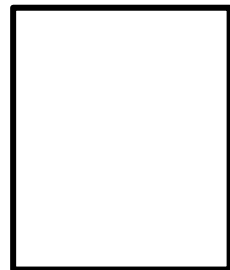
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa _____ “**TÍTULO**”_____, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

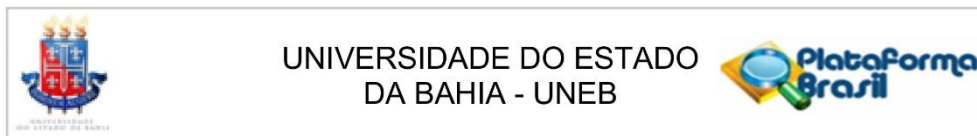
Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente

Assinatura do professor responsável

ANEXO 2



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O que quer uma mulher?: tempos e espaços do feminino na constituição da pesquisa no cenário da Universidade

Pesquisador: RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71112423.7.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.182.191

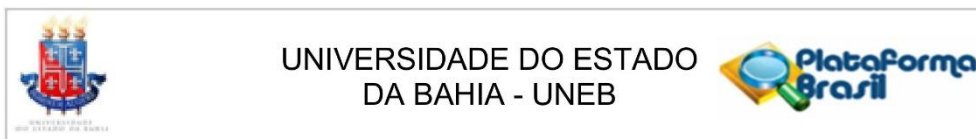
Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB de Salvador.

Desenho elaborado pela autora:

"O desenvolvimento profissional é um processo complexo, especialmente para as mulheres, marcado pelos discursos elaborados por vários interlocutores que se situam nos diferentes contextos sociais e históricos da sua caminhada. A vida, no seu inacabamento, convoca-nos a buscar princípios e entendimentos, para compreender como a história de formação de cada um vai se constituindo na sua integralidade. Nesse contexto, a presente pesquisa objetiva investigar em que estilo a mulher constrói pesquisa em psicanálise e educação na universidade e de que maneira as relações de poder atravessam a sua porção feminina. Trata-se, em suma, de saber se é possível, com um saber faltoso (o da castração), fazer emergir a verdade de um ser que se julga encarnar essa própria falta. . Para tanto, utilizaremos como base epistemológica a Psicanálise Lacaniana e Freudiana com enlace na educação, entrevista semiestruturada, conversação e desenhos-estórias temático. Como resultados esperamos identificar os efeitos das relações de poder na pesquisa em psicanálise e educação na Universidade na trama do prazer e desprazer, evidenciando as dificuldades na trajetória das pesquisadoras, relacionadas ao domínio masculino,

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.182.191

contribuindo para o registro e a denúncia de algumas condições e para o anúncio da necessidade de que meninas sejam educadas para a ciência, sem resistência para o conhecimento, a partir de um pensamento feminista. Analisar de que modo a universidade contribui na constituição da mulher pesquisadora e os impactos do feminino nas pesquisas e as contribuições para sua libertação. Buscamos aqui, principalmente, refletir a importância do sujeito mulher, que não mais seja visto em compartimentos estanques, mas, um ser uníssono: afeto, emoção, corpo e subjetividade".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar em que estilo a mulher constrói pesquisa na universidade e de que maneira as relações de poder atravessam a sua porção feminina.

Objetivo Secundário:

Identificar os efeitos das relações de poder para a mulher pesquisadora na Universidade, considerando a trama do prazer e desprazer;

Analisar de que modo a universidade contribui na constituição da mulher pesquisadora; Escutar os impactos do feminino nas pesquisas e as contribuições para sua libertação).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12 e a eticidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível.

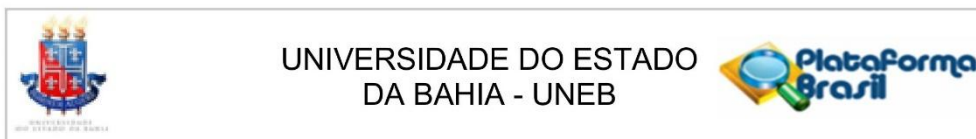
A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Dispensada devido a Reitora assinar a folha de rosto e autorizar o estudo - sem exclusão da adesão ou não das unidades da UNEB;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – TCLE: Em conformidade;
- 7 - Termo de Concessão: Dispensado por não acessar arquivos não publicados;
- 8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Dispensado;

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.182.191

9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

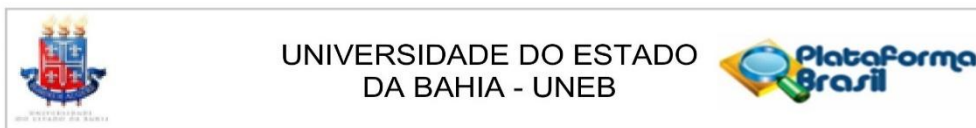
Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.71112423.7.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2115994.pdf	06/07/2023 08:31:38		Aceito
Outros	TermodeConfidencialidade.pdf	06/07/2023 08:29:36	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
Declaração de concordância	Declaracaodeconcordancia.pdf	06/07/2023 08:27:51	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromissodoPesquisador.pdf	05/07/2023 10:30:07	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
Declaração de	TermodeAutorizacaoInstitucional.pdf	05/07/2023	RITA DE CASSIA	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.182.191

Instituição e Infraestrutura	TermodeAutorizacaoInstitucional.pdf	10:28:50	CHAGAS CARVALHO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	05/07/2023 10:25:07	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido.pdf	05/07/2023 10:24:49	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	05/07/2023 10:23:25	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_brochura.pdf	05/07/2023 10:21:16	RITA DE CASSIA CHAGAS CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 14 de Julho de 2023

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br